

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

RENATA FLEURY CURADO RORIZ



**COMUNIDADES TRADICIONAIS E O TURISMO DE EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS
- ALCANCES E DESAFIOS: VILA DE SÃO JORGE, CHAPADA DOS VEADEIROS
(GO)**

**Uberlândia/MG
2019**

RENATA FLEURY CURADO RORIZ

**COMUNIDADES TRADICIONAIS E O TURISMO DE EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS
- ALCANCES E DESAFIOS: VILA DE SÃO JORGE, CHAPADA DOS VEADEIROS
(GO)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Área de concentração: Geografia e gestão do território.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Ribeiro Filho.

UBERLÂNDIA-MG

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R787 2019	<p>Roriz, Renata Fleury Curado, 1974- COMUNIDADES TRADICIONAIS E O TURISMO DE EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS - ALCANCES E DESAFIOS [recurso eletrônico] : VILA DE SÃO JORGE, CHAPADA DOS VEADEIROS (GO) / Renata Fleury Curado Roriz. - 2019.</p> <p>Orientador: Vitor Ribeiro Filho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2042 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Geografia. I. Ribeiro Filho, Vitor, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Geografia. III. Título. CDU: 910.1</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

RENATA FLEURY CURADO RORIZ

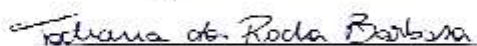
“COMUNIDADES TRADICIONAIS E O TURISMO DE
EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS – ALCANCES E DESAFIOS: na Vila de
São Jorge, Chapada dos Veadeiros (GO)”



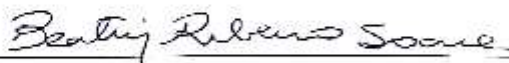
Professor Doutor Vitor Ribeiro Filho (Orientador) - UFU



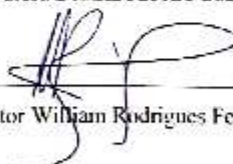
Professor Doutor Fernando Luiz Araújo Sobrinho - UNB - DF



Professora Doutora Tatiana da Rocha Barbosa - UEA - AM



Professora Doutora Beatriz Ribeiro Soares - UFU



Professor Doutor William Rodrigues Ferreira - UFU

Data: 02 / 07 de 2019

Resultado: Aprovado

Dedico

A Deus, à minha família, alunos, à comunidade da Vila de São Jorge - Chapada dos Veadeiros, aos amigos e a todos que acreditam que a vida é movimento, mas que sabem aproveitar e agradecer a oportunidade do encontro.

AGRADECIMENTOS

Pesquisar, (re)pensar e escrever sobre experiências, pessoas e lugares durante tanto tempo me conduziu ao caminho das próprias experiências. O tempo: a corrida contra ele, junto dele e em favor dele me oportunizou a degustação de diversos sabores - ora amargos, ora estimulantes, ora doces. Sabores que me fizeram suspirar, respirar fundo, voltar a degustar e agora sentir o aroma. Foram fases de adaptações, reflexões, crescimento, conquistas e descobertas, oportunidades únicas para guardar na memória e no coração e, ainda, compartilhar como forma de gratidão e de esperança. A tese ajudou na vida e a vida ajudou na tese! Experiências de vida e com a tese se fundiram em um trabalho cujo produto se deu pela compreensão de tudo isso.

Agradeço a Deus por todas as experiências de fé, amor, sabedoria e gratidão.

Aos meus antepassados, pelas primeiras sementes plantadas.

Aos meus pais, José Mota e Ivete, pela formação para a vida, toda honra e gratidão. Mãe, eu não esqueci: “é se soltar, é só saber que a vida vem num vento pra você”.

Aos meus irmãos, Leonardo e Leandro, pelo apoio e irmandade.

Ao meu companheiro Robespierre, meu todo, amor incalculável!

Ao meu filho Arnaldo, meu espelho, pela conexão, compreensão e força.

À minha filha Andreza, minha flor do pequizeiro, pelo sorriso incansável e restaurador e pela companhia.

Aos meus padrinhos, Laerte e Lúcia; tios, primos, compadres e afilhados, pela torcida.

Aos meus sogros, Divino e Dête, cunhados e sobrinhos, como é bom ter família grande!

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), a todos da sua direção, dos departamentos de áreas acadêmicas e da Coordenação de Turismo e Hospitalidade que faço parte pelo apoio, respeito e confiança.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e à Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos do IFG pelo trabalho realizado e pelo apoio que têm dado aos docentes no âmbito da pesquisa e da capacitação.

À professora Jussanã Milograna, coordenadora operacional do Dinter IFG/UFU pela dedicação e apoio.

Aos meus alunos, fontes de inspiração, pelo incentivo;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), à coordenadora Marlene Colesanti e aos demais servidores, em especial Izabel Borges e João Silva, pela acolhida, pelos ensinamentos, pela dedicação e apoio nessa jornada;

Aos amigos do Programa Dinter IFG/UFU, a inesquecível turma do Dinter de Goiânia, pelos momentos de partilha e confraternização;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa de doutorado fundamental para a realização das etapas da pesquisa;

Ao meu orientador, Professor Vitor Ribeiro Filho, pela acolhida, ensinamentos, oportunidade, orientações e pela confiança na realização deste trabalho. Muito obrigada!

Aos professores Wiliam Rodrigues e Beatriz Ribeiro Soares pelas contribuições na análise do projeto e no exame de qualificação;

Ao colega Josimar Souza pela elaboração dos mapas;

Aos amigos professores Carlos Shiley Domiciano e Wagner Alceu Dias pelas contribuições acadêmicas e pelo incentivo à pesquisa;

Às amigas Valdeci, Poliana, Regina, Lindalva e Yara pela energia, motivação e pela ajuda em todos os momentos que precisei;

Aos anfitriões da Vila de São Jorge pela acolhida, pelos ensinamentos e apoio para a realização do trabalho de campo... Eterna Gratidão!

Aos pesquisadores da Chapada dos Veadeiros, em especial ao amigo José Carlos Silva, pela socialização do conhecimento científico construído nas diversas áreas que esse campo de estudo tem nos permitido;

À equipe do Hotel Sanare pela hospitalidade durante as minhas estadas em Uberlândia (MG);

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista muito obrigada!

“Todo conceito tem uma história, seus elementos e metamorfoses; tem interações entre seus componentes e com outros conceitos; tem um caráter processual e relacional num único movimento do pensamento, com superações; as mudanças significam ao mesmo tempo, continuidades, ou seja, descontinuidades (descontinuidade-continuidade-descontinuidade), num único movimento; o novo contém, pois o velho e este aquele” (SAQUET, 2007).

RESUMO

O turismo configura fenômeno de produção social e a estruturação de propostas como alternativa ao modelo convencional requer a construção de processos mais autônomos que passam pelo efetivo exercício do poder na esfera territorial para tomada de decisões e para a articulação das relações de confiança e cooperação; o que justifica sua relevância para que prevaleça o sentimento de comunidade com foco no bem estar social, nas questões ambientais e que oportunize a partilha em uma “experiência integrada” no espaço. Nessa perspectiva esta pesquisa objetivou analisar a Vila de São Jorge, localizada em Alto Paraíso de Goiás (GO), por meio do modo de vida de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação dos mesmos na prática da atividade turística advinda da criação do Parque Nacional (PARNA) da Chapada dos Veadeiros, compreendendo a condição da comunidade receptora frente à atividade turística em experiências criativas. Como percurso investigativo, utilizou-se de abordagem qualitativa, realização de entrevistas e aplicação de questionários bem como, elaboração de mapas mentais tendo como sujeitos os moradores da vila e turistas. Concluiu-se que o turismo na Vila passou por transformações ocorridas desde a sua estruturação que o distanciaram da proposta inicial de base comunitária comprometendo as tradições e atividades de subsistência dos moradores da Vila. O espaço da Vila encontra-se organizado para subsidiar o desenvolvimento da atividade turística e desta se resulta, mas ainda existe a necessidade de maior articulação da comunidade em prol de um projeto integrado, tendo em vista que por meio do turismo, seus moradores estabeleceram um novo modo de vida e tentam preservar a identidade local e as relações sociais e ambientais estabelecidas. Em meio a grande representatividade e diversidade da cultura local encontrada na comunidade, expressa em festas, encontros e em sua religiosidade, cabe utilizar-se das especificidades do lugar para incrementar o turismo, tendo como base o turismo criativo. Indo além da divulgação enquanto destino turístico que abriga o portão de entrada do PARNA e se fortalecendo por meio da reflexão acerca das singularidades que a Vila tem para oferecer ao turista. Percebemos que falta esse processo de agregação de valor, por meio da construção coletiva e seu acompanhamento, considerando existirem práticas criativas isoladas. Dessa forma foi elaborado um estudo preliminar, um esboço, do “Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular” partindo do resultado da análise dos mapas mentais elaborados pela comunidade com ações inovadoras e criativas que visam fortalecer a experiência dos visitantes.

Palavras-chave: PARNA Chapada dos Veadeiros, Vila de São Jorge, turismo criativo, práticas culturais, lugar.

ABSTRACT

Tourism is considered to be a social production phenomenon and structuring the proposals as an alternative to the conventional method requires a construction of processes which are more autonomous and that really go through the power into territorial field to make decisions and to articulate the confidence relationship what justifies its relevance so that the feeling of community is kept with the focus on the social well-being, on the environment matters and that it makes possible the sharing at an “integrated experience” in the place. With this view, this study had as its goal to analyse “São Jorge Village”, nestled in Alto Paraíso de Goiás, through its inhabitants’ way of life, its relationship with the place and the cultural and socioeconomic conditions in relation to their participation in tourism practice that comes after the creation of National Park (PARNA) of Chapada dos Veadeiros, understanding the condition of the receptive community toward the tourist activity in creative experiences. As an investigative course, it was used a qualitative approach, interviews techniques and questionnaires as well as mental maps preparation having the inhabitants and tourists as subjects. It was concluded that the tourism in the Village has gone through transformations since its structuring and that made it more distant to the initial proposal and affecting the sustainability development. The place of the Village is organized to support the development of tourist activity and it depends on that but there’s still a need of a bigger articulation from community on behalf of an integrated project once by tourism the locals establish a new way of life and try to preserve the local identity and the social and environmental relationships established. Among the big representation and diversity of local culture found at the community shown at parties, meetings and its religiosity, it is useful to use the places particularities to improve tourism having as an example the creative one. Going further than the diffusion as a touristic destination that holds the entrance of PARNA and also strengthen it by using reflexions that the singularities that the Village has got to offer the tourist we realized a lack in the process of value addition through collective construction considering that there are isolated creative actions. This way, it was made a preliminary study of “Creative Map: São Jorge Village and its particular way”- coming from the results of the analysis of the mental maps created by the community with new and creative actions which intend to strengthen the visitor’s experience.

Key words: PARNA Chapada dos Veadeiros, Vila de São Jorge, creative tourism, cultural practices, place.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Chapada dos Veadeiros (GO): PARNA da Chapada dos Veadeiros, Jardim de Maytreea (2017)	34
Fotos 2 e 3	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO): entrada do parque e mensagem deixada por visitante em mural da unidade de conservação (2018)	74
Fotos 4 e 5	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO): estacionamento e equipamento dos serviços de alimentação (2018)	82
Fotos 6 e 7	Vila de São Jorge (GO): Capela de São Jorge (2018)	94
Fotos 8 e 9	Vila de São Jorge (GO): meios de hospedagem - pousadas (2018)	100
Fotos 10 e 11	Vila de São Jorge (GO): meios de hospedagem - <i>camping</i> (2018)	101
Fotos 12 e 13	Vila de São Jorge (GO): café e bar/casa das pedras (2018)	102
Fotos 14 e 15	Vila de São Jorge (GO): restaurante em meio de hospedagem e taberna (2018)	102
Fotos 16 e 17	Vila de São Jorge (GO): mercearia e bar (2018 e 2017)	103
Fotos 18 e 19	Vila de São Jorge (GO): Praça do Encontro (2018) e Associação de Moradores da Vila de São Jorge - ASJOR (2017)	104
Fotos 20 e 21	Vila de São Jorge (GO): Unidade Básica de saúde e Horto Medicinal (2017)	105
Fotos 22 e 23	Vila de São Jorge (GO): Rua Pitanga e Rua Curiola (2018)	106
Fotos 24 e 25	Vila de São Jorge (GO): ruas e becos (2018)	107
Fotos 26 e 27	Vila de São Jorge (GO): entrada (2018)	108
Fotos 28 e 29	Vila de São Jorge (GO): quadra poliesportiva e Praça do Artesão (2018)	108
Foto 30	Vila de São Jorge (GO): posto dos Correios (2017)	109
Fotos 31 e 32	Vila de São Jorge (GO): jardins criados com plantas e cristais (2017)	111
Fotos 33 e 34	Vila de São Jorge (GO): Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (2018)	112
Fotos 35 e 36	Vila de São Jorge (GO): ASJOR e Cabana Turma Que Faz (2018)	117
Fotos 37 e 38	Vila de São Jorge (GO): Turismo e vida cotidiana - relações sociais estabelecidas (2018)	133
Fotos 39 e 40	Vila de São Jorge (GO): viver na Vila - vida cotidiana e conexões estabelecidas	147
Foto 41	Vila de São Jorge (GO): Festa de São Jorge (2017).	159
Foto 42	Vila de São Jorge (GO): Raízes (2017)	161
Foto 43	Vila de São Jorge (GO): Pinturas do artista Moacir na fachada e na pedra.	165
Fotos 44 e 45	Vila de São Jorge e Rancho do Waldomiro, Chapada dos Veadeiros: cachaça do ET feita com baru, doces e geleias (esquerda), Matula do Seu Waldomiro (direita)	167
Fotos 46 e 47	Vila de São Jorge (GO): Diversidade dos serviços de alimentação oferecidos	168

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Chapada dos Veadeiros (GO): Microrregião do IBGE Chapada dos Veadeiros	73
Mapa 2	Chapada dos Veadeiros (GO): Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e município de Alto Paraíso de Goiás (2017)	79
Mapa 3	Chapada dos Veadeiros (GO): atrativos turísticos do PARNA e entorno (2019)	85
Mapa 4	Estado de Goiás: Mapa Turístico - destinos e regiões turísticas (2017-2019)	87
Mapa 5	Vila de São Jorge (GO): pontos turísticos e estrutura de apoio ao turista (2019)	98
Mapas 6 e 7	Vila de São Jorge (GO): Lugares e seus significados para os moradores da Vila	129
Mapas 8 e 9	Vila de São Jorge (GO): Lugares representativos para os moradores da Vila	134
Mapas 10 e 11	Vila de São Jorge (GO): Parques e o cotidiano dos moradores da Vila	135
Mapas 12 e 13	Vila de São Jorge (GO): Transformações ocorridas a partir da atividade turística	138
Mapas 14 e 15	Vila de São Jorge (GO): desafios e soluções para o acesso e a acessibilidade na Vila	142
Mapas 16	Vila de São Jorge encontros e tradições	155
Mapa 17	Vila de São Jorge (GO): Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular (2019)	180

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cerrado	29
Figura 2	Sistema de Turismo (SISTUR) modelo referencial (BENI, 2007)	46
Figura 3	Vila de São Jorge: diversidade	51
Figura 4	Vila de São Jorge em dia de sol	71
Figura 5	Desenho elaborado por visitante da Vila de São Jorge	127

GRÁFICOS

Gráfico 1	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto ao local de residência)	118
Gráfico 2	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à faixa etária	118
Gráfico 3	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à área de atuação profissional	119
Gráfico 4	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à renda mensal individual	119
Gráfico 5	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à motivação da viagem	120
Gráfico 6	Chapada dos Veadeiros (GO): destinos visitados pelos turistas além da Vila de São Jorge	121
Gráfico 7	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à participação em eventos realizados	121
Gráfico 8	Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto aos acompanhantes da viagem	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Vila de São Jorge (GO), Pesquisa de campo, 2017-2018	24
Quadro 2	Bens e serviços turísticos	46
Quadro 3	Ceará, Rede TUCUM: pacote turístico contempla visita a cinco comunidades do litoral leste do Ceará em 7 dias e 6 noites	57
Quadro 4	PARNA da Chapada dos Veadeiros (GO): atrativos turísticos do entorno do parque	83
Quadro 5	Principais impactos da atividade ecoturismo	114
Quadro 6	Vila de São Jorge (GO): impactos do ecoturismo	114
Quadro 7	Perfil dos entrevistados	132
Quadro 8	Vila de São Jorge: o desenvolvimento idealizado para o turismo no final da década de 1990 e o que ocorreu	137
Quadro 9	Vila de São Jorge (GO): O que tem e o que é do lugar	148
Quadro 10	Vila de São Jorge (GO): Comida cotidiana e de festa	166
Quadro 11	Vila de São Jorge (GO): Comida cotidiana e de festa	171
Quadro 12	Vila de São Jorge (GO): Proposta de atividades criativas na Vila de São Jorge e entorno	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Vila de São Jorge (GO): Serviços e equipamentos turísticos (2019)	97
-----------------	---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACVCV	Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros
APA	Área de Proteção Ambiental
ASEJOR	Associação de Empresários da Vila de São Jorge
ASJOR	Associação Comunitária da Vila de São Jorge
CADASTUR	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CAT	Centro de Apoio ao Turista
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNGETUR	Fundo Geral do Turismo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPtur	Instituto de Pesquisas Turísticas de Goiás
ISA	Instituto Sócio Ambiental
Mtur	Ministério do Turismo
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PARNA	Parque Nacional
PNDR	Política Nacional de Desenvolvimento Regional
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
RIDE	Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECTUR	Secretaria de Turismo
SISTUR	Sistema de Turismo
UC	Unidade de Conservação
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWF-Brasil	Fundo Mundial para a Natureza-Brasil

SUMÁRIO

Introdução.....	29
Capítulo 1 Turismo e o desenvolvimento local: potencial de paisagens e lugares.....	29
1.1 A construção do espaço turístico pela diversidade conceitual e cognitiva de paisagens e lugares: uma perspectiva do turismo.....	30
1.2 Cultura e turismo: processo de produção e de socialização.....	39
1.3 Turismo e o desenvolvimento local: a importância do valor simbólico e dos sujeitos sociais.....	44
Capítulo 2 Diversidade cultural, turismo e a interface experiência: uma viagem pela contemporaneidade.....	51
2.1 O turismo como propulsor da cultura dos povos e as viagens como experiência.....	52
2.2 Experiências de comunidades receptoras locais: a criatividade presente no turismo brasileiro.....	53
2.3 A pluralidade do turismo criativo: experiências singulares vivenciadas pelo mundo.....	60
2.3.1 Os destinos criativos e sua produção local: experiências práticas.....	64
Capítulo 3 Cerrado, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge: lugares guardados, lugares turísticos.....	71
3.1 Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: novo espaço territorial: da garantia de alimento à garantia de recursos advindos da atividade turística.....	72
3.2 Função e forma da Vila de São Jorge: da gênese aos dias atuais.....	91
3.3 Impactos do turismo na Vila de São Jorge e o mosaico de ideias e aspectos.....	112
Capítulo 4 Tradições e valores da comunidade da Vila de São Jorge e o	127

	desenvolvimento da atividade turística, perspectivas para um novo contexto.....	
4.1	Trajetória, escolhas e meio de vida dos moradores da Vila de São Jorge.....	143
4.2	A comunidade e a busca pela identidade: práticas culturais como elementos singulares e a contribuição do turismo.....	153
4.3	Encontros e vivências culturais na Vila de São Jorge: comunidade, saberes e fazeres tradicionais e experiência.....	157
4.4	Contribuições para um novo contexto: turismo criativo na Vila de São Jorge, o papel dos sujeitos e os desafios.....	169
	Conclusão propositiva.....	175
	Referências.....	183
	Apêndices.....	192

Introdução

A Geografia Cultural e do Turismo se debruça sobre questões relacionadas à (re) produção do espaço; às relações que são criadas entre lugares, paisagens e sujeitos; aos impactos da atividade sobre o meio-ambiente e comunidades locais; aos aspectos políticos, culturais, ideológicos e econômicos ligados ao planejamento e demais abordagens relacionadas à sua complexidade. Assim, as reflexões acerca do Turismo transitam pelo mundo das ciências humanas, sociais, econômicas entre elas a Geografia, que oferece uma base para as discussões dos temas correlacionados ao turismo.

Contudo, o que o turismo pode oferecer para os agentes envolvidos? Para além do crescimento quantitativo, das demandas por produtos e destinos e das tendências do mercado, as reflexões acerca do fenômeno turismo deve se dar a partir do seu conceito, dos agentes envolvidos na atividade turística, das especificidades do espaço turístico e dos impactos sobre o meio ambiente e a sociedade. Entre os elementos que subsidiam essas reflexões, cabe destacar a indagação sobre o que pode ser feito tanto para minimizar os impactos negativos sobre as comunidades locais quanto para potencializar o que é bom, considerando o deslocamento de pessoas.

O turismo configura fenômeno de produção social, pois envolve indivíduos que realizam deslocamento espacial para destinos diferentes de seus locais de residência onde estabelecem relações de consumo, a lógica de consumo do espaço geográfico, condição básica do turismo e atividade de lazer. Assim, a base da produção turística não está na indústria produtora de bens e serviços turísticos para esses indivíduos, mas sim nas relações sociais e ambientais (LEMOS, 2005).

Cabe destacar que são várias as motivações que levam os turistas a se deslocarem para determinados lugares, como por exemplo, conhecer outras culturas, experienciar a interação com outros grupos sociais, com outros ambientes. Para Swarbrooke e Horner (2002), de acordo com a análise do comportamento dos consumidores em práticas turísticas, as motivações para o deslocamento estão relacionadas a fatores físicos, emocionais, pessoais, de desenvolvimento pessoal, por *status* ou a fatores culturais. Os mesmos autores agruparam e conectaram esses elementos em um modelo denominado *Leisure Motivation Scale*, a Escala Motivacional do Lazer, proposto por Mounir G. Ragheb e Jacob G. Beard, em 1983, e dividiram os fatores motivacionais nos componentes intelectual, social, domínio-competência, estímulo-escapismo, os quais determinam até que ponto os indivíduos buscam as atividades

de lazer para conhecimento, por razões sociais, para a prática de atividades físicas ou em busca de descanso e espairecimento.

Assim, a motivação do turista consiste em buscar determinada configuração do espaço geográfico e suas especificidades relacionadas aos fatores turísticos que atendam não apenas às suas necessidades físicas imediatas, mas também aos seus imaginários. O destaque para a cultura entre as principais motivações para os deslocamentos e, em consequência, como importante elemento para o planejamento da atividade do turismo tem se mostrado evidente, haja vista a necessidade premente de propostas e intervenções sustentáveis, respeitadoras dos valores ambientais, culturais e sociais dos destinos turísticos.

Desta forma, pensar o desenvolvimento local por meio do turismo é pensar oportunidades de inserção e integração da comunidade anfitriã na atividade turística para além das políticas ligadas às necessidades dos moradores, que representem para eles a valorização e preservação da cultura local: suas práticas culturais, seus saberes e fazeres como fomento à participação efetiva da comunidade nas etapas do desenvolvimento considerando todas as dimensões que permeiam a existência dessa comunidade nesse destino turístico.

Na atividade, resultante de diversas ações produtivas derivadas de diferentes setores sociais, as especificidades, as diferenças e as identidades devem ser consideradas quando se trata da formação da oferta turística de determinado destino, ou seja, da formação da personalidade dessa oferta local.

A oferta do ecoturismo, que envolve o contato com a natureza pelas práticas ao ar livre, ligadas a uma consciência ecológica, com visitas a Parques Nacionais (PARNA), reservas e centros ecológicos, propõe o exercício do conhecer para preservar, como também contempla a preocupação mundial para a conscientização e para a promoção de práticas sustentáveis por meio da mudança de comportamento. O espaço do ecoturismo parece então ser o ideal para a vivência e a reflexão acerca do fenômeno turismo, pelo fato de abrigar as implicações humanas, ecológicas e as questões culturais.

O Brasil possui 326 unidades de conservação, 9% do seu território, sendo 72 PARNA: localizados em todas as unidades da Federação com cerca de 26 milhões de hectares, criados para garantir a conservação e manutenção da biodiversidade e dos seus bens e serviços, preservando o patrimônio genético de espécies e permitindo atividades de pesquisa, educação ambiental e turismo (ICMBio, 2017).

Os PARNA da Chapada dos Veadeiros (GO), da Chapada dos Guimarães (MG) e do Iguaçu (PR) são cada vez mais procurados por turistas brasileiros e estrangeiros interessados no turismo de natureza e aventura que podem ser encontrados nas reservas. O PARNA da

Tijuca (RJ) foi o mais visitado em 2016. Dados estatísticos registraram números expressivos de visitas, que seguem em escala crescente há 10 anos. Juntas, as unidades de conservação brasileiras receberam mais de 10,7 milhões de visitantes em 2017 - um crescimento de 20% em relação a 2016 e o PARNA da Chapada dos Veadeiros, localizado na região de estudo desta pesquisa, recebeu 67.000 visitantes no mesmo ano e 70.000 visitantes em 2018 (ICMBio, 2017; Mtur, 2018). Ressaltamos que nesse caso, o número de visitantes triplicou quando comparado ao período de 2012 a 2014 em função da pavimentação asfáltica da GO-239.

Os turistas se sentem atraídos pelas amenidades físicas e sociais construídas no espaço escolhido para a visita e os Parques Nacionais apresentam tais aspectos. Desta forma, os recursos naturais, os constantes movimentos de origem produtiva temporal, assim como as manifestações culturais, são relevantes da oferta turística.

Além do ecoturismo, o turismo cultural também desperta o interesse e representa a possibilidade de exploração de todo o patrimônio de uma localidade, incluindo aqueles considerados imateriais que absorvem as tradições histórico/culturais locais. As populações dos espaços tornados turísticos esperam da atividade uma oportunidade para melhorar seu sustento, pelo fato de que estes espaços compreenderem o lugar desta comunidade.

Nesse contexto, os modos de vida das comunidades, os valores locais, o saber-fazer, os sentimentos e as relações com a natureza de um lugar podem ser considerados patrimônio cultural de um povo e envolve os processos socioespaciais. As festas populares, o artesanato, os produtos naturais, a gastronomia de um lugar e seus significados podem ser elementos passíveis de atração turística por estarem incluídos no âmbito do turismo cultural e cumprirem o papel de preservar os princípios da tipicidade e identidade das comunidades tradicionais, além de promover benefícios para todos os agentes envolvidos, visto que podem ser transformados em atividades que garantam renda. Daí a importância de incorporar as questões referentes à cultura tanto no planejamento da atividade quanto na elaboração de produtos turísticos, como por exemplo, propor atividades criativas a serem experienciadas pelos visitantes, como forma de resgatar as significações ainda contidas no espaço natural, social e também no espaço das memórias para imprimi-las como referência de apropriação pelo turismo.

Uma nova maneira de oferecer experiências aos turistas as quais permitam aprendizagem e desenvolvimento de seu potencial criativo em uma interação emocional e social com o ambiente visitado, com a comunidade anfitriã e seu cotidiano é apresentada no turismo criativo e pode se apresentar ao alcance das comunidades como possibilidade de

organização da comunidade para a utilização dos recursos existentes, conhecimentos e práticas tradicionais em prol do desenvolvimento sustentável.

O motivo da escolha da região da Chapada dos Veadeiros (GO) como objeto deste estudo, o qual teve como recorte espacial a Vila de São Jorge, e, especificamente a sua comunidade, localizada no município de Alto Paraíso de Goiás e que abriga o portão de entrada do PARNA da Chapada dos Veadeiros, se deu pelo fato de que a região é considerada pelos ambientalistas como um dos maiores paraísos ecológicos do Brasil Central: possui o Cerrado de altitude, peculiar na região, cujo potencial hídrico confere título de berço das águas do Brasil; alto grau de endemismo tanto na fauna como na flora e configura um dos principais e mais explorados atrativos turísticos do estado de Goiás, atraindo inclusive turistas internacionais.

Caracterizada como sendo uma das mais bem preservadas áreas do cerrado brasileiro, parte da microrregião da Chapada dos Veadeiros está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto, criada em 2001 com o objetivo de fomentar o desenvolvimento sustentável e preservar fauna e flora, as reservas hídricas e as paisagens da região.

Entretanto, a garimpagem na Chapada dos Veadeiros foi uma das atividades que garantiam o sustento das pessoas residentes na região, por meio do que tinha disponível na localidade, configurando, assim, um vínculo direto dessas pessoas com o ambiente onde viviam numa interação com o mesmo. O território dos garimpeiros na Chapada dos Veadeiros se constituiu no século XVIII, desde a descoberta do ouro na região seguida da fundação de arraiais e fazendo surgir a agricultura de subsistência para abastecimento de seus moradores.

Em 1961, posteriormente à fundação de Brasília, o processo de implantação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, unidade de conservação de proteção integral, cumpriu as atividades previstas para a preservação e conservação da área natural daquele território, ocasionando o fechamento das fronteiras do PARNA e, assim, a comunidade ficou privada de trabalhar a terra. Deste marco histórico decorreram conflitos e mudanças culturais e socioeconômicas e daí a necessidade de refletir sobre o território, considerando os recursos naturais. Vale destacar que a área do PARNA vem sofrendo alterações em suas dimensões, desde a sua implantação, motivadas por diversos interesses.

Na década de 1990, a região começou a receber maior quantidade de turistas motivados a conhecerem os atrativos do PARNA da Chapada dos Veadeiros e de seu entorno. Outras motivações relacionadas ao imaginário, criado a partir da possibilidade de ocorrer o “fim do mundo”, também levaram turistas para a região: com destaque para os anos de 1999, pelas previsões de Nostradamus e em 2012, de acordo com o Calendário Maia

(PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2017). O astral místico da região denominada “coração do planeta” pelos seus moradores, tende a ser atribuído pelo fato de que a cidade de Alto Paraíso, sede do município, é cortada pelo paralelo 14 e está assentada em uma placa de quartzo de 4.000m², cercada de rochas e paredões que conferem, segundo os esotéricos, proteção à região. Assim, considerando a motivação do turista a partir de suas necessidades emocionais, podem ser elencados fatores como escapismo e busca de alimento espiritual que justificam a busca pela região para as práticas turísticas. Outro ponto a ser destacado é que vários desses turistas permaneceram na região em busca de qualidade de vida e se tornaram moradores.

O Distrito de São Jorge surgiu da formação do acampamento Garimpão, na segunda metade do século XIX, localizado nos pés do Salto I do Rio Preto, atual PARNA da Chapada dos Veadeiros. O acampamento deu origem ao povoado designado pelo nome de Baixa e foi posteriormente renomeado para Vila de São Jorge, já na década de 1950. Apesar de ter sido elevado à categoria de distrito, o lugar continua sendo chamado de Vila pela comunidade local, originária de ex-garimpeiros e, portanto centenária.

Com a chegada dos turistas, a comunidade da Vila de São Jorge passou a se beneficiar diretamente deste território, principalmente devido à sua localização geográfica em relação ao PARNA, por meio de novos usos e apropriação, redefinindo a produção do espaço para essa atividade fim: o turismo, que nesse destino, assim como em outras localidades do país, requer adequações à sua oferta turística habitual, resultado de todas as atividades produtivas que servem à formação dos bens e serviços essenciais à satisfação da necessidade turística. Assim, vale ressaltar que a comunidade receptora pode contribuir para esse processo de maneira particular, por meio de sua tradição, de forma que eles se identifiquem e se reconheçam enquanto sujeitos no processo, estabeleçam relações de integração com os turistas sem, contudo, perder seu lugar.

No caso da Vila de São Jorge, com a crise de identidade da comunidade advinda do fim da atividade de garimpo e das transformações ocorridas desde a implantação do PARNA da Chapada dos Veadeiros, cabe a reflexão de como e em que medida a comunidade pode marcar como fator de identidade a cultura local, considerando a principal atividade econômica da vila, o turismo. Aliado a isso, pode ser destacada a falta de estudos direcionados para a reprodução econômica e social dessa comunidade, e, acerca do seu significado histórico e cultural que a relacionem com a atividade turística, o que justificou a relevância desta investigação.

Diante do exposto, houve a necessidade de estabelecer questões para o desenvolvimento da pesquisa. Como questão central temos: em que medida as práticas culturais e as relações sociais estabelecidas têm contribuído para o fortalecimento da identidade da Vila de São Jorge e a sustentabilidade da comunidade a partir das atividades do turismo? Por conseguinte, desdobra-se nas sub questões: o que a comunidade da Vila de São Jorge tem a oferecer ao turista? A comunidade tem conseguido agregar valor, por meio das práticas culturais, aos serviços e atividades desenvolvidas? Qual é a condição da comunidade da Vila frente à atividade turística em experiências criativas? A Vila oferece experiências aos turistas que permitem aprendizagem e desenvolvimento de seu potencial criativo em uma interação emocional e social com o ambiente e com sua comunidade? Até que ponto a Vila tem conseguido manter a tradição cultural evitando descaracterizações com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros?

Em face dessas questões expostas surge a hipótese: a comunidade da Vila de São Jorge tem se adaptado à atividade turística desde a implantação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como forma de garantir sua sobrevivência. Entretanto, ainda encontra dificuldade para se apropriar de iniciativas culturais como manter vivas as festas tradicionais, as quais podem ser consideradas reforços potenciais da identidade do lugar, configurando assim, um descaminho para o desenvolvimento local desse destino turístico.

Nessa perspectiva, foram delineados os objetivos para a realização da pesquisa. O objetivo geral visou analisar a Vila de São Jorge por meio do modo de vida de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação da comunidade na prática da atividade turística advinda da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Os objetivos específicos buscaram estabelecer um diálogo entre a Geografia e o Turismo no contexto do desenvolvimento local de destinos turísticos; compreender a condição de comunidades receptoras frente à atividade turística em experiências criativas contemporâneas; caracterizar o modo de vida da comunidade da Vila de São Jorge considerando seus aspectos socioeconômicos culturais e identificar as políticas públicas surgidas com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e identificar as transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade e o lugar, (co)relacionando os conhecimentos, as percepções e práticas e a construção de significados e sentidos presentes nos mapas mentais e relatos de moradores.

Procedimentos metodológicos

O estudo teve como objetivo geral analisar a Vila de São Jorge por meio do modo de vida de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação da comunidade na prática da atividade turística advinda da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Posto isso, para se atingir tal objetivo a pesquisa foi de cunho qualitativo para a interpretação do fenômeno em estudo e de suas inter-relações e para seu desenvolvimento optou-se pelas seguintes fontes de informação e procedimentos metodológicos:

a) Levantamento bibliográfico, documental e dados estatísticos

Pesquisa bibliográfica presente na construção do objeto de conhecimento, isto é, na problemática, nos questionamentos e na própria análise empírica, haja vista permitir ao investigador ampla cobertura de uma gama de fenômenos relacionados ao estudo, por meio das contribuições dos diversos autores, incluindo os dados históricos (GIL, 2002). Desta forma, foram considerados especialmente os seguintes conceitos e/ou temas: paisagem natural e cultural, lugar, região, regionalização e turismo, os quais nortearam a construção do referencial teórico para que se pudesse estabelecer um diálogo com a problemática do estudo, por meio de uma discussão que teve como base a Geografia Cultural e do Turismo.

Pesquisa documental, a qual recorre aos documentos, cujas fontes são diversificadas e dispersas, sendo documentos conservados e arquivados em órgão públicos e instituições privadas que ainda não receberam tratamento analítico além dos documentos que já foram analisados tais como relatórios diversos (GIL, 2002). Desta forma foram utilizados materiais de variadas procedências, como, por exemplo, documentos históricos, registros fotográficos, artigos e registros jornalísticos, assim como relatórios de pesquisa e dados estatísticos referentes à temática.

Na pesquisa de gabinete foi feito o levantamento de dados secundários em órgãos e entidades relacionados ao tema como prefeitura, associações, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Diretoria de Pesquisas Turísticas e Eventos do Estado de Goiás (IPTur), uma forma de oportunizar a comparação com as falas/relatos dos entrevistados.

Na pesquisa sobre a legislação foram acessadas legislações ambientais vigentes e legislações relacionadas às políticas públicas: Plano Estadual de Turismo, Plano Diretor Urbano, Rural e Ambiental de Alto Paraíso (GO), Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável Polo da Chapada dos Veadeiros, Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso e Plano de Manejo PARNA da Chapada dos Veadeiros, entre

outras legislações, para verificar como tem sido tratado o apoio ao desenvolvimento da atividade turística local.

b) Pesquisa de campo

O trabalho de campo foi escolhido pela sua característica de buscar o aprofundamento das questões propostas, o qual vai além da caracterização da população estudada segundo determinadas variáveis e pelo fato de apresentar flexibilidade em seu planejamento (GIL, 2002). Todo o trabalho de campo foi realizado por meio da imersão da pesquisadora nas circunstâncias e no contexto da pesquisa.

Para a coleta de dados optou-se pelas seguintes técnicas: observação direta, em campo, das atividades da comunidade estudada; utilização de entrevistas com os moradores e representantes de instituições/entidades públicas e privadas ligadas à atividade turística e aplicação de questionários (Apêndice A) junto aos visitantes da Vila de São Jorge. Além disso, foi utilizado o recurso mapas mentais feitos pelos moradores, os quais representaram graficamente a Vila, uma leitura que cada sujeito faz do lugar, como o percebe e como o concebe, para uma melhor compreensão da relação existente entre a comunidade e o lugar. Vale destacar que a pesquisa de campo foi realizada em etapas seguindo ordem cronológica (Quadro 1):

Quadro 1- Vila de São Jorge (GO), Pesquisa de campo, 2017-2018

Etapa	Ações
Etapa 1	No mês de março de 2017 foi feito um levantamento preliminar da área de estudo com vistas a estabelecer as bases de investigação para coleta de dados e informações de forma que abarcasse os temas e questões da pesquisa.
Etapa 2	A partir do mês de abril do mesmo ano foi feito um estudo de campo mais detalhado para a caracterização da Vila de São Jorge quanto à sua função e forma e a caracterização de eventos locais como a Festa de São Jorge.
Etapa 3	No mês de julho de 2018, na ocasião do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, foi feito contato com os sujeitos da pesquisa, a saber: os moradores da Vila de São Jorge, sendo eles trabalhadores e empresários do turismo, trabalhadores do comércio local, gestores públicos, representantes da comunidade e membros das associações e alguns representantes das instituições/entidades públicas e privadas ligadas à atividade turística.
Etapa 4	As entrevistas com esses atores sociais, neste estudo denominados sujeitos, com o intuito de captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (GIL, 2002) foram realizadas em duas etapas, sendo a primeira no mês de setembro e a segunda em novembro do ano de 2018. Já a aplicação de questionários junto aos visitantes da Vila de São Jorge se deu em duas etapas, sendo realizadas nos meses de novembro de 2018 e janeiro de 2019, períodos considerados de alta temporada devido aos feriados prolongados e férias escolares.

A observação direta em campo contribuiu para o conhecimento da localidade, a Vila de São Jorge, e a reflexão sobre esse lugar em estudo. Foram observadas além da sua infraestrutura local e equipamentos turísticos, as representações culturais: culinária, a utilização das plantas medicinais, os eventos locais incluindo seus participantes, entre outras. Além disso, foram observados os seguintes eventos locais: a Festa de São Jorge realizada em abril de 2017; o Raízes: Grande Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedadeiras e Pajés na Chapada dos Veadeiros, realizado em maio de 2017 e; o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, realizado em julho de 2018.

A entrevista proporciona a captação de informações sobre determinado assunto e contribui para a compreensão da realidade e, para Goldenberg (2000, p. 56), “a lembrança diz respeito ao passado, mas se atualiza sempre a partir de um ponto do presente. As lembranças não são falsas ou verdadeiras, simplesmente contam o passado através de quem o vivenciou”. Assim, a entrevista é uma técnica de interrogação que apresenta maior flexibilidade podendo assumir diversas formas, sendo mais ou menos estruturada e ainda direcionada por roteiro contendo pontos de interesse explorados pelo pesquisador (GIL, 2002). Neste estudo as entrevistas permitiram o contato direto com os sujeitos como instrumento identificador das percepções e conhecimentos dos moradores acerca do lugar e do olhar do turista, oportunizando uma reflexão sobre as transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade, o lugar e a atividade turística.

Ao todo foram realizadas 34 entrevistas com moradores, as quais foram baseadas em roteiros semiestruturados (Apêndice B), gravadas e, após, transcritas para análise. Foram realizadas de forma complementar cinco entrevistas com proprietários de atrativos residentes do entorno da Vila. A história oral, ou seja, os relatos de vida dos moradores da Vila de São Jorge foram de fundamental importância para a exploração das informações acerca da experiência de vida dos mesmos no lugar contribuindo também para uma melhor caracterização do lugar.

A amostragem utilizada para as entrevistas foi não probabilística e por cotas, por meio de seleção dos entrevistados que cobrissem essas cotas dentro de uma área específica (DENCKER, 2007), ou seja, a população alvo. Assim foram entrevistados tanto moradores nascidos na Chapada dos Veadeiros, ex-garimpeiros, filhos e netos de ex-garimpeiros, quanto os moradores que vieram de outros lugares e se instalaram na Vila de São Jorge; sendo, de forma geral, moradores ligados à atividade turística, os quais se dispuseram a participar da pesquisa.

Os diálogos roteirizados estabelecidos com os moradores puderam demonstrar seus conhecimentos acerca do lugar, suas práticas, experiências e as diversas relações estabelecidas com e no lugar. Já os diálogos com proprietários e colaboradores/prestadores de serviços de estabelecimentos comerciais e de serviços turísticos; com membros da Associação Comunitária da Vila de São Jorge (ASJOR) e da Associação de Empresários da Vila de São Jorge (ASEJOR), da equipe da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e da Associação Chapada dos Veadeiros, além das instituições públicas como a Secretaria de Turismo de Alto Paraíso (SECTUR) e o Centro de Apoio ao Turista (CAT), complementaram o levantamento de dados para uma reflexão quanto às condições socioeconômicas e culturais dos moradores frente à atividade turística advinda da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (Apêndices C, D e E).

Foram aplicados 62 questionários junto aos visitantes da Vila de São Jorge, nos períodos de 12 a 18 de novembro de 2018 e de 10 a 16 de janeiro de 2019, com o intuito de: conhecer o perfil socioeconômico dos visitantes; o principal motivo e o principal atrativo que os levaram a viajar para a Chapada dos Veadeiros; quais lugares foram visitados além da Vila de São Jorge; se os visitantes se hospedaram na Vila e por quanto tempo; com quem viajaram e se já haviam estado ali antes; se os mesmos participaram das festas tradicionais; o que encontraram, experimentaram e qual seria o destaque na Vila; se voltariam nesse destino e como avaliariam a infraestrutura e os serviços turísticos do lugar. Ao final do questionário foi colocada uma questão de natureza subjetiva, com o intuito de conhecer as experiências relevantes que os visitantes vivenciaram na Vila de São Jorge.

Os questionários foram aplicados aos visitantes, por meio da abordagem de conveniência (DENCKER, 2007). Foram pesquisados visitantes que usufruíam dos serviços de hospedagem, alimentação e do comércio local, abordados pela pesquisadora de acordo com oportunidade de aproximação. Assim como nas entrevistas, a amostragem utilizada para os questionários foi não probabilística e o tamanho das amostras seguiu critério da amostragem por saturação dos objetivos propostos para esse enfoque da pesquisa, quando os dados de um determinado grupo atingiram a saturação teórica (FLICK, 2009). A amostragem foi adequada e atendeu aos objetivos da pesquisa haja vista os dados coletados por meio da aplicação dos questionários terem oportunizado uma maior compreensão do contexto atual da Vila de São Jorge e da relação existente entre visitantes e comunidade anfitriã, podendo ser correlacionados com os demais dados da pesquisa.

Os registros fotográficos além de auxiliarem na compreensão do fenômeno pelo fato de também trazerem informações complementares foram uma forma de mostrar a veracidade e legitimidade das informações obtidas nas imersões no campo.

Os mapas mentais foram elaborados pelos moradores a partir da experiência de vida deles e da relação existencial com o lugar. Conforme tem mostrado:

trabalhos que pensam os mapas mentais como uma representação do espaço vivido, onde os valores individuais e sócio culturais estão timidamente representados através do destaque a uma igreja, a um monumento, a uma árvore, a um lago, a um rio, falando através destes símbolos representados, o que é o lugar (NOGUEIRA, 2014).

Esse instrumento, associados às entrevistas, auxiliaram na análise e compreensão de como a vila é percebida e concebida por eles, dos seus conhecimentos acerca do lugar, de suas experiências, das práticas culturais e turísticas e dos elementos utilizados para representação do lugar.

c) As dificuldades da pesquisa

Para o cumprimento das etapas da pesquisa encontramos algumas dificuldades inerentes às pesquisas científicas, mas, sobretudo destacamos aquelas relacionadas à realização do trabalho de campo considerando o deslocamento para a Vila de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros; o cumprimento do agendamento das entrevistas com moradores e envolvidos na atividade turística e da fase de aplicação dos questionários junto aos visitantes e da etapa de participação nos eventos relacionados. Além disso, a fase de transcrição das entrevistas exigiu tempo, dedicação e um esforço extra para sua conclusão.

d) Análise e sistematização dos dados e informações

Para a análise de conteúdo foram estabelecidas categorias empíricas de análise, pautadas nas narrativas dos entrevistados, no referencial teórico e tendo como base estudos realizados e que estejam relacionados à temática da pesquisa e nas observações em campo. Foram seguidas as etapas de pré-análise com a retomada do objeto e dos objetivos da pesquisa e a caracterização dos participantes; a exploração do material com a categorização, o agrupamento e reagrupamento de categorias; o tratamento dos dados e interpretação com o estabelecimento de quadros de resultados/esquemas gráficos e inferência qualitativa por meio de significações (SILVA E FOSSÁ, 2015). Já os mapas mentais elaborados pelos moradores foram analisados e associados aos seus relatos.

e) Discussão dos resultados

A discussão dos resultados se deu a partir do capítulo 3 que caracterizou a Vila de São Jorge, distrito do município de Alto Paraíso (GO), com a apresentação dos aspectos socioeconômicos culturais da comunidade. Além disso, o capítulo identificou e apresentou as políticas públicas surgidas com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e mostrou as consequências dessas ações sobre o modo de vida da comunidade que está localizada no portão de entrada dessa Unidade de Conservação. Assim, o PARNA foi apresentado com seus atrativos e propósitos, bem como os lugares turísticos do seu entorno.

No quarto capítulo foi apresentada a análise das dinâmicas sociais na Vila de São Jorge, seus lugares e a forma como a comunidade tem sobrevivido do turismo. Além disso, foi abordada a relação existente entre os moradores e o lugar por meio das tradições, valores e o desenvolvimento da atividade turística com destaque para as experiências vividas de moradores e as vivências culturais de turistas.

Dessa forma, um conjunto de particularidades que formam o lugar faz parte do cotidiano de seus moradores e pode ser experienciado pelo turista. E o que ainda pode ser certificado na Vila é o desejo de seus moradores de passar para as futuras gerações como forma de perpetuar, o ‘jeito são jorgino de ser’, ou seja, a ‘jorgialidade’ que valoriza o que é deles e justifica a luta por isso, afinal valoriza a eles próprios, o que precisa ser permanentemente reafirmado.

Para além dos eventos realizados na Vila, ainda existe a inconsistência de projetos voltados para o turismo cultural que inclua os aspectos místicos da região e pode ser constatado por meio dos relatos e mapas mentais elaborados pelos moradores as transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade e o lugar.

O estudo preliminar de um mapa criativo com sugestões de atividades criativas reuniu a leitura que os moradores fizeram dos lugares e que foram socializados nas suas falas e mapas mentais, por meio de suas percepções e concepções, que indicaram novos caminhos tendo como base a afirmação da identidade local, com vistas à prática do turismo criativo na Vila de São Jorge.

Turismo e o desenvolvimento local: potencial de paisagens e lugares

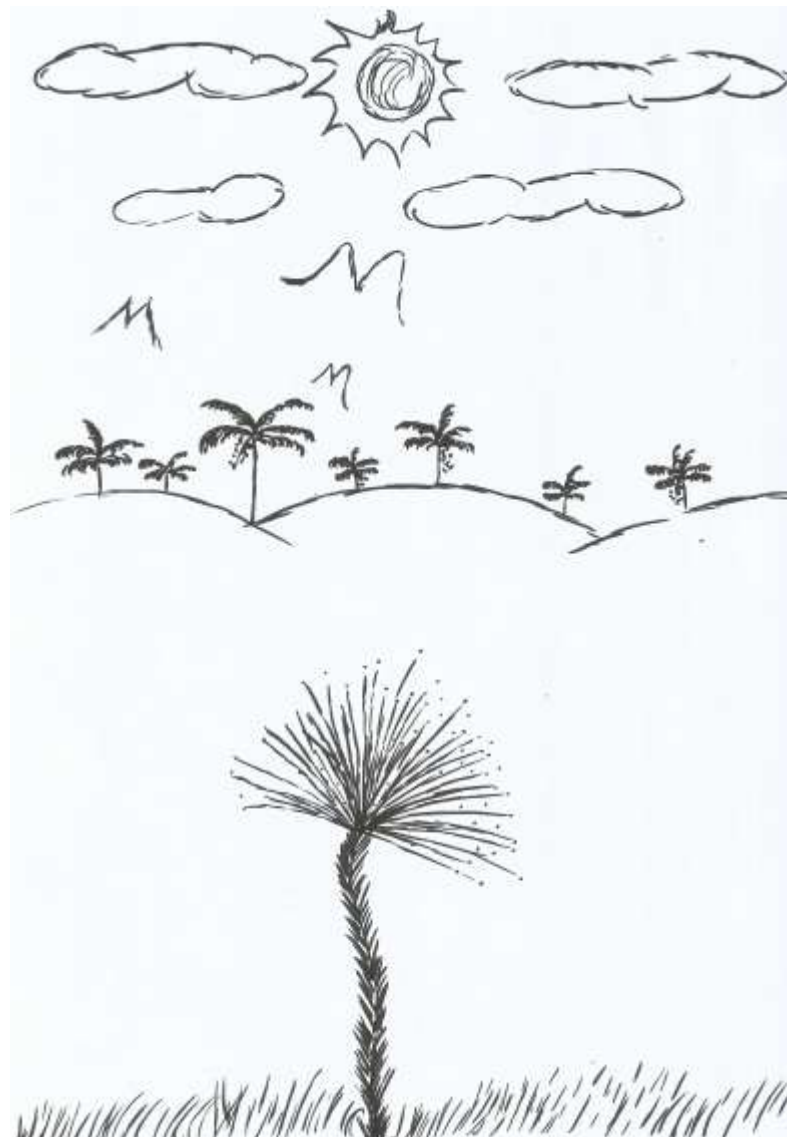


Figura 1 - Cerrado

Fonte: pesquisa de campo, exemplo de mapa mental da amostra pesquisada, Vila de São Jorge, Alto Paraíso (GO), 2018.

Nesse capítulo estabelecemos um diálogo entre a geografia e o turismo no contexto do desenvolvimento local, que preza a diversidade e preserva a essência do espaço turístico construído e partilhado pelos sujeitos sociais, a partir de suas paisagens culturais, de seus lugares, de suas regiões e como forma de estimular sua utilização criativa.

1.1 A construção do espaço turístico pela diversidade conceitual e cognitiva de paisagens e lugares: uma perspectiva do turismo

O espaço geográfico tem dimensão social, pois vai além da dinâmica do espaço físico e dessa forma, a compreensão desta categoria se dá pelo entendimento da articulação entre sociedade e natureza, reelaborada por meio do fazer humano e das interações existentes entre as partes de um todo: as características naturais, o modo de produção e as relações socioculturais e econômicas. Assim, segundo Santos (2001, p. 63) “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Nas dinâmicas de transformação do espaço ocorridas tem se observado a sobreposição das relações pelo capital nos processos de organização justificada pela celeridade demandada pela produção e pelo consumo que tende à desconstrução social do espaço, o qual “é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2001, p. 63). O espaço geográfico, para Corrêa (2014), é a morada do homem cujo infindável processo de organização estabeleceu um conjunto de práticas espaciais:

Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas, o espaço geográfico é multidimensional (CORRÊA, 2014, p. 44).

Compreender o espaço geográfico por meio de uma visão holística para a compreensão dos fenômenos na sua totalidade e globalidade contribui para a compreensão da produção, reformulação e consumo dos espaços. No caso do espaço público, GOMES (2012) diz que sua compreensão deve se dar pela referência concreta a uma área física e ao seu planejamento e a referência a um espaço abstrato, teórico, político, buscando razões que explicam as disposições das coisas no espaço e sobre as significações e consequências dessa ordem espacial. O autor complementa que de um ponto de vista geográfico, o espaço é

simultaneamente o substrato no qual são exercidas as práticas sociais e o quadro que as delimita e lhes dá sentido, portanto morfológico, comportamental e simbólico.

Enquanto fenômeno de produção social, o turismo envolve as relações e as interações entre sujeitos que realizam deslocamento espacial, resultante de motivações variadas, para destinos diferentes de seus locais de residência e os sujeitos desses núcleos receptores. É fato que o turismo como prática social: utiliza; interfere; transforma; produz o espaço e considerando o ecoturismo dentre as demais modalidades de turismo fica claro, portanto, a utilização controlada, com restrições de uso, do espaço natural delimitado e protegido para que o mesmo se configure.

Posto isto, temos a lógica de consumo do espaço geográfico, pois de acordo com Cruz (2001, p.167) “o turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço”, assim percebemos que nesse processo ficam estabelecidas também as relações de consumo. Entretanto, a base da produção turística não está na indústria produtora de bens e serviços turísticos para esses indivíduos, mas sim nas relações sociais e ambientais (LEMONS, 2005).

O turismo apresenta múltiplas dimensões: espacial, temporal, simbólica, psicológica, econômica entre outras. Portanto, as reflexões acerca desse fenômeno deve se dar pela complexidade que se estabelece a partir de sua definição, considerando os sujeitos envolvidos, as especificidades do espaço do turismo, bem como suas características naturais e as relações estabelecidas sobre este espaço pela sociedade a partir dos diversos olhares e interesses; as contradições e os conflitos existentes; além dos impactos negativos sobre o meio ambiente e a sociedade, assim como o que pode ser potencializado; as práticas sociais e os lugares, pois considerando que:

os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização, de fatores políticos, econômicos e, também, culturais, todo o espaço do planeta (e mesmo de outros planetas) pode ser considerado espaço do turismo (CRUZ, 2001, p. 12).

No caso do ecoturismo, quando aliado a outras modalidades do turismo, o espaço resultante, ou seja, o espaço considerado do turismo é também um espaço social e poderá ser compreendido como uma possibilidade para o desenvolvimento sustentável da atividade pelo fato desse desenvolvimento depender da gestão ambiental integrada com a gestão do desenvolvimento econômico e social das áreas de maior potencial turístico, cujas transformações necessárias no processo devem se dar pela gestão participativa do espaço, pela inclusão dos sujeitos, a fim de pensar, discutir, (re) construir esse espaço.

O espaço turístico, o qual de acordo com Beni (2007, p. 59) “é o resultado da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos” tem sua produção relacionada à essência

econômica e política da atividade, é o espaço vivido de seus habitantes e apresenta representações socioespaciais, abrigando as implicações humanas, ecológicas e questões culturais. Concebido inicialmente pelo turista em seu imaginário esse espaço é percebido por meio dos sentidos e experimentado na prática, pois o turista necessita ou tem o desejo de conhecer lugares e suas culturas associado à busca pela mudança de estado de espírito e, muitas vezes, a uma busca pelo autoconhecimento por meio de outras referências encontradas em vivências nesse espaço produzido socialmente e estruturado, isto é, transformado para o turismo. Assim, o turista tem a oportunidade de ampliar sua percepção no processo de imersão nesse ambiente.

Diante do dinamismo da atividade e para a compreensão do espaço do turismo e dos processos culturais e de organização devemos partir da reflexão acerca das práticas sociais vinculadas às interações sociais e experiências: diferentes maneiras por intermédio das quais se conhece, aprende a partir da própria vivência e constrói a realidade (Tuan, 2013), dos seres humanos inseridos nesse espaço e em seu contexto de movimento e contradições, dado que se estabelece uma nova estrutura socioespacial para o turismo.

A paisagem compõe-se pela relação dinâmica de elementos de origem natural e dos seres humanos, cuja compreensão também deve se dar por meio do contexto histórico, social e cultural dos grupos sociais que produzem e representam o espaço, para além da observação de sua condição estática, mas ampliando o alcance de seu significado por meio das lentes propostas por definições geográficas. As paisagens interessam aos grupos sociais, pois participam da história construída dos mesmos, têm significados e valor cultural:

A paisagem existe através de suas formas criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual (SANTOS, 2001, p. 104).

Na transformação do espaço para o turismo o homem, pelo trabalho, integra à paisagem traços próprios de sua produção. Assim, concebe novas formas e funções: ora relacionadas à demanda do consumo; ora voltadas para uma perspectiva mais humana, que podem agregar valor às suas várias interpretações e ressignificações - quer sejam dadas pelos turistas ou pela comunidade receptora, pelo fato da paisagem em constante transformação ser o resultado do modo de produção dos núcleos receptores.

Da mesma forma, o processo de transformação do valor turístico: de troca e de uso mediado pelo dinheiro, o qual requer que as relações sociais se organizem em um sistema, o sistema econômico do turismo, constituído de agentes. Assim, requer uma construção e

acompanhamento para que seja capaz de incluir esses indivíduos, pelo turismo, nesse processo de agregação de valor e não em um sistema de dominação social, por meio da vocação cultural da comunidade; considerando que a dinâmica mercantil instalada em um destino turístico tende a priorizar o acúmulo de capital em detrimento ao caráter socialmente coletivo da produção de valor turístico: seus atrativos e hospitalidade, processo que não contribui para uma evolução sustentável (LEMOS, 2005).

O espaço turístico, se concebido de forma integrada e equilibrada como sistema de produção, poderá contribuir não somente para manter sua atratividade e estimular o crescimento econômico, pois será também um espaço de representação tanto para a preservação da cultura local quanto para a inserção social, portanto vivo pelas ligações culturais.

Se para Santos (2001) paisagem caracteriza conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza e o espaço são essas formas mais a vida que as anima, Tuan (2013) acrescenta que o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado e que um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total. Assim sendo, o espaço concebido e apreendido em sua totalidade por meio dos sentidos nos oportuniza experiências a serem vividas, “constituídas de sentimento e pensamento”, sejam elas cotidianas ou excepcionais, as quais nos remetem à reflexão e compreensão do sentido de lugar pelo exercício de olhar de fora para dentro e de dentro para fora, de sentir e pensar a realidade e a própria experiência.

No turismo as paisagens compostas por atrativos naturais e culturais são configuradas como elementos essenciais para a experiência do deslocamento: quem consome precisa ir até o produto ao contrário do processo produtivo no qual as mercadorias chegam ao consumidor; e essas paisagens estão associadas à estrutura que dão suporte às viagens tendo, assim, caráter admissível no planejamento, gestão e divulgação dos destinos turísticos. O patrimônio: produções simbólicas, instrumentos e saberes dos diversos agrupamentos sociais representa influência na atratividade das localidades para o turismo e em especial para o ecoturismo, haja vista a atenção dada aos Sítios do Patrimônio Mundial Natural, áreas ricas em diversidade biológica e cultural, incluindo suas paisagens.

O Parque Nacional PARNA da Chapada dos Veadeiros é um desses sítios e está localizado na região configurada objeto desse estudo, o qual teve como recorte espacial a Vila de São Jorge, e, especificamente a sua comunidade, localizada no município de Alto Paraíso de Goiás (GO) e que abriga seu portão de entrada (Foto 1).

Foto 1 - Chapada dos Veadeiros (GO): PARNA da Chapada dos Veadeiros, Jardim de Maytrea (2017)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

Conforme artigo 216 da Constituição Federal (1998) o patrimônio cultural brasileiro é constituído por:

bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1998).

Entretanto, há a necessidade premente de preservar os ambientes tradicionais em associação com as formas de (re) produção social vinculadas à comunidade, ou seja, as paisagens culturais: “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009).

Os Sítios do Patrimônio Mundial são caracterizados por pertencerem a todos os povos e desta forma, mesmo que estejam localizados em determinados territórios, fazem parte do patrimônio comum da humanidade e, portanto tem-se ampliado o dever de cooperação com a proteção dos mesmos por parte de todos, daí possuírem valor universal.

Com a Convenção para proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972 - instrumento internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) - o incentivo à conservação e preservação desses bens com foco no valor universal e no interesse excepcional tem sido aliado a um chamado de atenção da humanidade

para os desafios contemporâneos: a discussão climática, o desenvolvimento socioeconômico, os desastres naturais entre outros. Além disso, dá ênfase ao papel das comunidades locais nesse processo (UNESCO, 2019). O que pode ser percebido por meio das discussões acerca da temática desde 1972 é um movimento de ampliação do reconhecimento para proteção do patrimônio cultural da humanidade.

A extensa lista de bens intitulados Patrimônio Mundial inclui tanto bens naturais quanto culturais que foram bem avaliados a partir das diretrizes operativas da Convenção: são 1007 sítios, sendo 161 Estados-parte, 197 representantes do Patrimônio Natural Mundial, 779 sítios do Patrimônio Cultural Mundial, e 31 mistos (UNESCO, 2019). Em 2001 o PARNA da Chapada dos Veadeiros foi declarado Patrimônio Mundial Natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), contudo, a manutenção do título só se deu pela ampliação da área ocorrida em 2017.

Dentre os Sítios do Patrimônio Nacional no Brasil estão: o Parque Nacional do Iguaçu, a Mata Atlântica - Reservas do Sudeste, a Costa do Descobrimento - Reservas da Mata Atlântica, as Áreas de Proteção - cerrado, a Área de Conservação do Pantanal, o Complexo de Conservação da Amazônia Central: Parque Nacional do Jaú, as Ilhas Atlânticas Brasileiras-Fernando de Noronha e Atol das Rocas.

Já a Cidade Histórica de Ouro Preto (MG), os Centros Históricos de Olinda (PE), Salvador (BA), São Luís do Maranhão (MA), da Cidade de Diamantina (MG), da Cidade de Goiás (GO); as Missões Jesuíticas Guarani, Ruínas de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul e Argentina; o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinho - Congonha do Campo (MG); o Plano Piloto de Brasília (DF); o Parque Nacional Serra da Capivara - São Raimundo Nonato (PI); a Praça de São Francisco - cidade de São Cristóvão (SE); o Conjunto Moderno da Pampulha (MG), Sítio Arqueológico Cais do Valongo (RJ) e a cidade do Rio de Janeiro intitolam-se Patrimônio Mundial no Brasil e ganham o cenário turístico internacional.

Há menos de uma década, a paisagem urbana entre o relevo e o mar da cidade do Rio de Janeiro, passou a ser a primeira área urbana no mundo a ter reconhecido seu valor universal excepcional, passo importante para consolidar as ações de proteção e preservação dessa peculiar interação entre a cultura e a natureza, em uma metrópole densamente ocupada. Tal paisagem cultural, caracterizada pela harmonia entre a paisagem natural e a intervenção do homem, incluindo o uso de práticas em seu espaço e suas manifestações culturais-representa exemplo excepcional dos desafios, das contradições e da criatividade do povo brasileiro (IPHAN, 2019); daí ser considerado destino turístico internacionalmente conhecido,

a julgar pela cidade do Rio de Janeiro apresentar paisagens marcadas pela cultura local que configuram sua inconfundível identidade.

A Chancela de Paisagem Cultural Brasileira: “novo instrumento de preservação do patrimônio cultural em territórios amplos, singularizados pelo dinamismo do patrimônio e pela interdependência entre natureza e cultura” (IPHAN, 2009) tem direcionado um caminho para tal preservação pelo fato de valorizar as produções simbólicas que retratam a sociedade e os momentos históricos e integrá-los no processo cultural, permitindo a interação dos bens materiais e imateriais. Daí dizer que a paisagem cultural ao ser inserida em um roteiro turístico, vai além da composição de cenário para fotografias; inspira sentimento.

E conforme Lemos (2005, p.89) “o processo de chancelamento do valor é a necessidade que esse valor tem de receber o aval das comunidades receptoras e dos turistas para se realizar como tal”, pois entende e reforça que o destino deve manter-se atrativo sem comprometer seus recursos naturais e incluindo os objetos da ação social do ser humano, os quais agregam valor quando elaborados para atrair e servir ao turismo, transformando em valor turístico.

O turista que valoriza todo o legado cultural de um destino turístico é o turista ‘consumidor’ de paisagens culturais, de conhecimento, de informação e não somente de atrações culturais. Ele quer levar como lembrança os momentos vividos, suas percepções e experiências pessoais resultantes da viagem e, nesse caso, o legado cultural constitui-se um atrativo turístico para o núcleo receptor e embora requeira planejamento para ser transformado em produto turístico, ao qual acrescentamos o adjetivo singular, foi apontado por Barreto (2000) como elemento que impulsiona a recuperação da memória e da identidade local.

Por isso, deve existir nesse processo de desenvolvimento do produto turístico uma preocupação com a descaracterização cultural em função do perfil desse turista consumidor: “a caricaturização do grupo visitado e de seus recursos tradicionais e o efeito demonstração”, conforme foi apresentado em estudo de Corbari, Bahl e Souza (2017), o qual reuniu pesquisas realizadas com comunidades indígenas brasileiras e apontou esse impacto negativo do desenvolvimento da atividade turística em alguns casos.

Se compreendermos a paisagem por meio de seu contexto local, considerando que a mesma está integrada à dinâmica cultural de um núcleo receptor, perceberemos sua potencialidade por meio de seu valor agregado ao território como bem patrimonial; ao lugar pelas relações socioespaciais que se manifestam; à comunidade pela referência e relação afetiva estabelecida e logo, agrega valor ao turismo conferindo visibilidade.

Em contrapartida, seguindo um caminho oposto à exploração dos recursos naturais e culturais de forma lucrativa - a qual visa atender a sociedade de consumo, gerando impactos negativos ao ambiente e às populações receptoras - o turismo, por sua vez, tem o desafio de contribuir para a preservação do patrimônio cultural de comunidades tradicionais por meio do processo de preservação dos saberes e fazeres tradicionais e da valorização das paisagens para a proteção e manutenção dessas comunidades em seus ambientes, tendo em conta as interações e relações afetivas estabelecidas e o legado cultural que deverá ser deixado para futuras gerações.

No exame que nos propusemos realizar, o sentido de lugar parece ser mais adequado para compreender os grupos sociais e suas interações, ou *sistema de ações* de Santos (1999). Já a paisagem, na qual está implícita a possibilidade de visualização, está identificada com o sistema de objetos, que é especializado de acordo com o processo histórico. Desta forma, a paisagem possibilita uma leitura do lugar e uma interpretação cultural, enquanto o lugar permite compreender a geografização de relações sociais específicas e diferenciadas, materializadas na paisagem (NÓR, 2013, p.126).

No entanto, ainda temos acompanhado o movimento do turismo que impulsiona a economia, se apropria do espaço, transforma paisagens, produz lugares e usa territórios trazendo-lhes transformações e descaracterizando-os, uma vez que muda a forma de uso do espaço e dos bens, fruto da alteração do processo produtivo. Assim, pode-se observar que em sua concepção comparecem diferentes categorias e por isso “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente na condição do social e do físico, um misto, um híbrido” (SANTOS, 2001, p. 86).

As repercussões do turismo afetam tanto o ambiente físico natural como social, sendo que é corrente em destinos turísticos emergentes e de pequeno porte que a ocupação turística se impõe à ocupação tradicional e ‘conquista território’, onde relações de valores subjetivos e históricos passam a valores de uso, produção e reprodução da lógica ou racionalidade capitalista, com o lucro se sobrepondo ao uso tradicional do espaço.

O estudo completo da geografia de acordo com Holzer (1999) demanda o estudo dos lugares, o qual envolve as relações intersubjetivas e que “deve enfatizar o relativo, o cultural, a experiência histórica da humanidade, em relação aos atributos físicos da área”. Para o autor o lugar tem uma personalidade e um sentido, por isso propõe:

que se defina o lugar sempre como um centro de significados, e por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra ‘lugar’ é no mínimo, inadequada (HOLZER, 1999, p. 76).

Assim, para pensar o espaço vivido, buscamos a concepção de Relph (1976) sobre esse espaço que contém o sagrado e o geográfico: centros de significado ou focos de

propósito. Espaço significativo de uma cultura particular, humanizado pela nomeação dos lugares, por suas qualidades para o homem e refeito para que sirva melhor às necessidades da humanidade. Daí dizermos que o lugar está ligado ao modo de vida da comunidade local e esta ligação indica as riquezas do mesmo.

O lugar para Tuan (1993) pode ser percebido como um espaço dotado de valor e significados dentro de uma cultura de experiências, dado que se constrói por meio da experiência e da identificação com o espaço. Já Fonteles (2004, p. 72) discute a noção de lugar e a importância estratégica que assume no processo de globalização, pois não é possível pensar o global a partir da interpretação equivocada da homogeneidade dos espaços territoriais sem considerar as especificidades locais: as particularidades históricas, culturais, regionais e nacionais. Assim sendo, é importante pensar as possibilidades do lugar se tornar turístico sem permitir que a comunidade deixe de ser e de se sentir parte dali, pois:

O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isto porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos de vida formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos (CARLOS, 2007, p. 14).

O turista contemporâneo utiliza os diversos recursos tecnológicos existentes para planejar suas viagens e compartilhar suas experiências. Os vídeos captados em 360 graus aplicados à realidade virtual para explorar destinos turísticos, apresentam uma forma de experiência prévia de viagem, contudo, esse mesmo turista ainda deseja o contato físico com os lugares e as pessoas, pois se interessa por novas descobertas e atrativos que incorporam formas variadas de cultura. Esse novo perfil de turista pode contribuir para a construção de um turismo sustentável quando compartilha de forma responsável suas experiências de viagem com destaque para as práticas locais, uma forma de respeitar, reconhecer e valorizar também o ser humano.

Sobre a perspectiva experiencial, Tuan (2013), diz que a experiência:

implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 2013, p. 18).

Voltando ao turista contemporâneo podemos ampliar a importância do compartilhamento de suas experiências com o lugar quando essas se caracterizam essenciais, pois os lugares onde encontramos a nossa própria identidade e onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção, segundo Tuan (2013), são ‘os lugares

íntimos'. O turista busca aconchego, tranquilidade, segurança e conforto, quer ser acolhido e se sentir em casa, após as atividades do dia, 'na pausa do movimento' como o mesmo autor nos diz: "Lugar é uma pausa no movimento. [...] a pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor" (Tuan, 2013, p. 169).

Experiências com os lugares quando são reconhecidas, valorizadas e compartilhadas pelo turista, geralmente, falam das emoções. Aqui, chamamos a atenção para essa circunstância, pois conforme o mesmo autor explica a dificuldade de expressão inerente ao ser humano, entretanto, destacamos a importância dessa partilha para a valorização e conservação do sabor da hospitalidade presente em vários relatos de experiências de viagens e ainda como oportunidade de trocas entre as pessoas. E, Tuan (2013) complementa sobre a oportunidade de refletirmos sobre nossas experiências vividas, pois é por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidos do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham certa permanência.

O lugar como experiência se caracteriza pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente e o turismo, como atividade que integra povos, costumes e crenças. Segundo Fonteles, (2004, p. 39) "o debate sobre espaços construídos para o turismo em Unidades de Conservação - Ucs, especialmente, exige a discussão do ambientalismo, abordando questões relevantes para a compreensão do fenômeno em nível local e global".

Assim, essas relações além de contribuir com a perspectiva experiencial, podem contribuir para o desenvolvimento sustentável dos destinos tendo em vista as vivências oportunizarem: a aproximação dos turistas com as comunidades receptoras e o fortalecimento de suas identidades e; principalmente uma visão crítica acerca dos impactos ambientais e seus reflexos na qualidade de vida da população mundial.

1.2 Cultura e turismo: processo de produção e de socialização

Os processos que permitiram ao homem transformar os elementos naturais em busca de seu sustento, ocorridos desde a pré-história, os quais faziam com que esse homem produzisse conhecimento pelo fazer, pelo cultivar a terra, foram, posteriormente, ampliados para além do domínio da natureza, levando em consideração as experiências para a produção de conhecimento humano. Com a expansão colonial europeia, o acúmulo do saber, pelo trabalho intelectual, passa a ser valorizado em detrimento do fazer para o sustento. E, com os

processos de produção humana em resposta às necessidades ou desejos simbólicos individuais ou coletivos, o conceito de cultura foi se cercando de abordagens e teve seu significado ampliado, abrangendo a noção de processo, por meio das práticas culturais e os seus meios de expressão (GASTAL, 1998).

A cultura “é o que nos faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente. Trata-se de forma autêntica e local de cada povo se constituir e resistir à força globalizante que busca homogeneizar as diferenças” (FURTADO et al., 2014, p. 107). De acordo com Fonteles (2004) todas as sociedades convivem de forma diferenciada com o fenômeno da globalização, tendo em vista ser um processo irreversível onde se globaliza a cultura, os hábitos de consumo, produtos e serviços, o lazer e o turismo. Entretanto, como a cultura representa ideias, conceitos e valores que normatizam coletivamente e individualmente as relações sociais, transmitidos no processo de socialização:

[...] na cultura quilombola, os conteúdos simbólico-afetivos emergem dentro de maneira distinta para cada indivíduo a partir de experiências sociais e pessoais sendo carregado de valor e afeto. Os significados construídos socialmente, e por serem simbólicos se constituem enquanto elementos culturais (FURTADO et al., 2014, p. 113).

Assim, na concepção atual de patrimônio cultural está inserido todo o legado cultural de um povo, seus costumes, crenças, manifestações artísticas, lendas, festas e todos os elementos essenciais para o registro da memória da comunidade local e que contribuem para a formação do sentimento de pertença dessa comunidade e o turismo pode se apropriar desse patrimônio como principal atrativo. Em tempo, Gastal (1998) sugere a reflexão acerca do turismo e sua interface com a cultura:

A cultura apropriada pelo Turismo é a cultura que gera produtos e manifestações concretas, sejam elas eruditas ou populares. E, infelizmente, o elemento cultural ainda tem sido minimizado nas propostas e reflexões turísticas, nas quais são valorizadas, numa ponta, as grandes manifestações da arquitetura histórica e, na outra, as muitas vezes estereotipadas manifestações folclóricas (GASTAL, 1998, p. 104).

A importância do turismo orientado pelos valores culturais reflete o conhecimento de um lugar, de uma época, ou de um estilo de vida pelo valor simbólico e representativo de uma coletividade; assim como a importância das manifestações e das artes populares (XAVIER, 2007). As festas, crenças, danças, religiosidade, expressões populares do povo atraem a atenção dos visitantes que desejam conhecer mais sobre o lugar, sobre os costumes locais e, muitas vezes, despertam o interesse desses visitantes de vivenciar, experienciar esse legado cultural juntamente com a própria comunidade. Todavia, é preciso apreender a maneira singular e viva dos saberes e fazeres praticados no cotidiano e agregados de valores

simbólicos pela comunidade e perceber que não se tratam de produtos prontos para o consumo condenados a não atender às expectativas dos visitantes.

De acordo com Nicolau (2002), o turismo cultural apresenta diversas possibilidades no âmbito da oferta alternativa: configura um recurso em si mesmo não sendo uma adição pontual aos vazios deixados pelas demais modalidades de turismo e, assim, deve ser pensado a partir da compreensão da cultura, um todo holístico e do conhecimento profundo do potencial cultural daquele núcleo receptor.

O mesmo autor discute o turismo cultural a partir da concepção de um turismo humano; instrumento facilitador do respeito, da conservação e da revitalização das práticas culturais e das áreas receptora, da interação entre os povos, cujas trocas são constantes; promotor de relações no mesmo plano, as quais agregam conhecimento e enriquecimento mútuo; o qual propicia a substituição das práticas de consumo inconsciente que geralmente levam às relações embasadas no poder e na indiferença (NICOLAU, 2002).

A cultura incorpora a noção de aglutinadora da vida em sociedade e pode ser considerada como um dos principais elementos ao fazer no turismo, sendo por meio das ações e dos bens culturais, simbólicos, que visitantes e visitados constituirão suas trocas e será veículo de socialização, quando for processo vivo de um fazer de uma determinada comunidade e não a forma minimizada do processo cultural (GASTAL, 1998).

Assim sendo, o desenvolvimento sustentável do turismo requer processos personalizados, harmonizados e humanizados que oportunizem a inserção e integração de cada comunidade em particular, na atividade turística por meio de política ligada às necessidades dos moradores que seja: regulada ao respeito, valorização e preservação da cultura local, de suas práticas culturais, de seus saberes e fazeres como forma de estímulo à autonomia dessa população; da qualificação e atuação profissional com vistas ao empreendedorismo e à melhoria da qualidade dos empregos e, sobretudo, à participação efetiva da comunidade na definição dos objetivos de desenvolvimento que atenda aos seus anseios.

Tendo em conta que “os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das ‘reações culturais’, desenvolvidas sob o estímulo das necessidades básicas” (CANDIDO, 2003), os saberes populares, suas técnicas e tradições constituem elementos que auxiliam na identificação das práticas tradicionais e na sua significação social e cultural além de favorecer a compreensão de suas relações com o modo de vida da comunidade e das relações de produção. Dessa forma citamos a produção, o

consumo e a comercialização dos produtos tradicionais da região na perspectiva da preservação do patrimônio cultural e de geração de renda para a comunidade local.

Essas comunidades tradicionais têm também uma representação simbólica desse espaço que lhes fornece os meios de subsistência, os meios de trabalho e produção e os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, isto é, os que compõem a estrutura de uma sociedade (DIEGUES, 2008).

Os aspectos importantes, de um modo de vida em comunidade formado por conhecimentos e tradições, podem compor os atrativos do lugar. O turismo não pode diminuir ou desconhecer a importância da cultura da comunidade local, pois pode descaracterizar o atrativo. Daí a necessidade de conhecer os meios de vida das comunidades tradicionais como forma de compreender a importância da cultura e dos cuidados para que elas não desapareçam. Assim, torna-se necessário estabelecer, *a priori*, um diálogo com a categoria geográfica território, discutindo esse espaço recriado pautado em relações de poder e conflito.

Esse espaço recriado, aos poucos, se aproxima da categoria de análise geográfica lugar pensando na relação da integração da comunidade com esse espaço. O lugar só se estabelece e permanece se as pessoas continuarem em condições de defenderem as suas territorialidades e pelas suas práticas puderem não se sentir ameaçadas pelo novo, no caso, o turismo.

Como podemos ver na Chapada dos Veadeiros, com a criação do PARNA, a comunidade da Vila de São Jorge, originária de um acampamento de garimpo, passou a se beneficiar diretamente do território, principalmente devido à localização geográfica em relação à unidade de conservação, por meio de novos usos e apropriação, redefinindo a produção do espaço para o turismo. Assim, a transformação do produto turístico em mercadoria não pode destituir a comunidade do seu território.

[...] o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. **Aí o homem se reconhece porque aí vive** (CARLOS, 2007, p. 67). Grifos nossos.

O lugar para o desenvolvimento da atividade turística deve estar respaldado por meio de políticas públicas apropriadas para não haver um embate entre a comunidade e o turista. Como o turismo representa as atividades desenvolvidas pelas pessoas fora do seu local de origem por um período consecutivo inferior a um ano por motivos de lazer, negócios entre outros (Organização Mundial do Turismo, OMT-1994), muitas vezes, essas pessoas que visitam o lugar se consideram com o poder sobre o mesmo devido ao fato do pagamento pelo produto adquirido.

O turismo, portanto, apresenta-se como um fenômeno de produção: do espaço, social e de valor turístico de grande relevância para a contemporaneidade. Sua base de produção se encontra nas relações sociais e ambientais, sendo que dentre os elementos observados encontramos as pessoas que realizam o ato de viajar e consomem, temporariamente, bens e serviços turísticos em outras localidades e as pessoas que habitam a localidade receptora com sua cultura, hábitos e costumes, características sociais, seu relacionamento com os visitantes e os benefícios econômicos obtidos dentre outros elementos (LEMOS, 2005). Ademais, estudos apontam a importância do turismo para a troca de experiências, para o contato com as paisagens, pessoas e culturas diferentes, sendo alternativa econômica e de desenvolvimento social. Posto isto, Moesch (2002) define o turismo:

uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2002, p. 9).

O produto turístico é composto por recursos naturais e culturais. Entretanto, anteriormente, turismo e cultura não dialogavam pelo fato de o primeiro estar inserido em uma lógica capitalista considerada, por estudiosos, prejudicial ao patrimônio cultural por não valorizar seu verdadeiro significado e muitas vezes levar à perda de autenticidade. Swarbrooke (2002) exemplifica tal situação com a internacionalização da cozinha tradicional, para se tornar aceitável ao paladar dos turistas.

De acordo com a OMT (2015), o turismo cultural engloba os movimentos de pessoas que obedecem às motivações essencialmente culturais, em que se podem incluir modalidades diversas. Esse tipo de turismo é motivado pela busca de informações, de novos conhecimentos, de interação com outras pessoas, comunidades e lugares, da curiosidade cultural, dos costumes, da tradição e da identidade cultural. Barroco (2008) acrescenta que: “este segmento da atividade turística tem como fundamento o elo entre o passado e o presente, o contato com o legado cultural, com tradições que dialogam com a modernidade, com as formas que expressam e revelam o ser e fazer de cada comunidade”. Desta maneira, tem contribuído para a descoberta e/ou a recuperação dos valores culturais de muitas comunidades e, geralmente, promove melhoria na infraestrutura local e gera postos de trabalho.

Mas o turismo com base no legado cultural permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período do tempo, que deu origem a essa comunidade. Permite que a comunidade, de alguma forma engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez

consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época (BARRETO, 2000, p.49).

Sendo assim, a importância do lugar para a atividade turística, condutora de desenvolvimento econômico e social e meio de viabilização de projetos de conservação e preservação do patrimônio histórico, artístico, natural e cultural, se estabelece pela nova forma de turismo, o alternativo, local, com a valorização das experiências de viagem que propiciam relações de intercâmbio e o consequente enriquecimento cultural. Como complemento, quando o turista experiencia a localidade, estabelece contato com os residentes e com as atividades da vida cotidiana da comunidade, fenômeno que tende a valorizar a manutenção da identidade local, possibilitando a sustentabilidade do turismo quando comparado ao turismo convencional. Cabe considerar a importância da participação comunitária residente no processo de recuperação e fortalecimento da identidade local e dos vínculos existentes entre a comunidade e o lugar.

1.3 Turismo e o desenvolvimento local: a importância do valor simbólico e dos sujeitos sociais

Atividade de benefícios econômicos, a qual promove interação social e troca cultural entre os indivíduos, o turismo, tem contribuído desde a década de 1990 para a promoção de valores ambientais e culturais dos núcleos receptores pela valorização para a preservação do patrimônio natural e cultural. No Brasil, o segmento turismo cultural tem sido aperfeiçoado a partir da compreensão de que novos produtos turísticos culturais estimulam novas percepções acerca dos bens culturais para além dos monumentos e das festas tradicionais. Acrescenta que valorizar e promover as culturas locais, preservar o patrimônio histórico e cultural e gerar oportunidades de negócios, desde que respeitados os valores que fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade são ações que favorecem o desenvolvimento sustentável da própria atividade (BRASIL, 2010).

Entretanto, é perceptível que o turismo cultural, assim como o ecoturismo tem contribuído para a valoração: que determina a qualidade, o valor de bens e serviços ambientais e dos seus serviços turísticos relacionados às atividades de lazer e recreação - base do setor turístico, quando refletimos acerca da importância do meio ambiente, seus custos e benefícios no planejamento para o desenvolvimento. Dado que o turismo, cumprindo a função

de receber os visitantes por meio de seus equipamentos e fornecimento dos serviços, se propõe a atender as necessidades do turista, ora tido como componente econômico.

Cabe ressaltar que, segundo Lemos (2005, p. 127) “o processo de agregação de valor turístico passa a ser entendido de modo celular a partir das relações dos cidadãos, que assumem papel de núcleo da produção turística como origem do valor turístico”. Daí o autor considerar que, no coletivo, a sinergia entre os elementos: culturais, sociopolíticos, ambientais, de produção, estruturais e de governança; confere maior valor quando comparado ao simples somatório das partes.

Os bens e serviços turísticos, portanto bens e serviços ambientais se configuram como elementos objetivos e subjetivos dispostos para uso, passíveis de valoração sendo esta ampliada para a valoração econômica considerando, assim, a necessidade de redução dos impactos ambientais locais e da região, da necessidade de conservação e a contribuição para o bem-estar humano pela integração natureza e sociedade.

Seu funcionamento enquanto atividade resultante da dinâmica das inter-relações dos recursos naturais, culturais, sociais e econômicos tem sido estudado por pesquisadores na perspectiva de (re) formular teorias e modelos. Desta forma, Beni (2007) propôs um estudo sistêmico e crítico do fenômeno turismo baseado na Teoria dos Sistemas de Ludwig Bertalanffy (1968), o qual identifica seus elementos e atributos e as relações de causa e efeito em uma significação que amplia a preocupação restrita à infraestrutura hoteleira dos destinos turísticos.

Assim sendo, segundo o mesmo autor o turismo se configura como:

um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. (BENI, 2007, p. 37).

O Sistema de Turismo (SISTUR) é caracterizado pelas relações ambientais, a relação entre o turismo e o meio ambiente; as ações operacionais, relações entre oferta e demanda e a organização estrutural incluindo a infraestrutura e as políticas e diretrizes que regulam o desenvolvimento da atividade, conforme representado no modelo referencial (Figura 2):

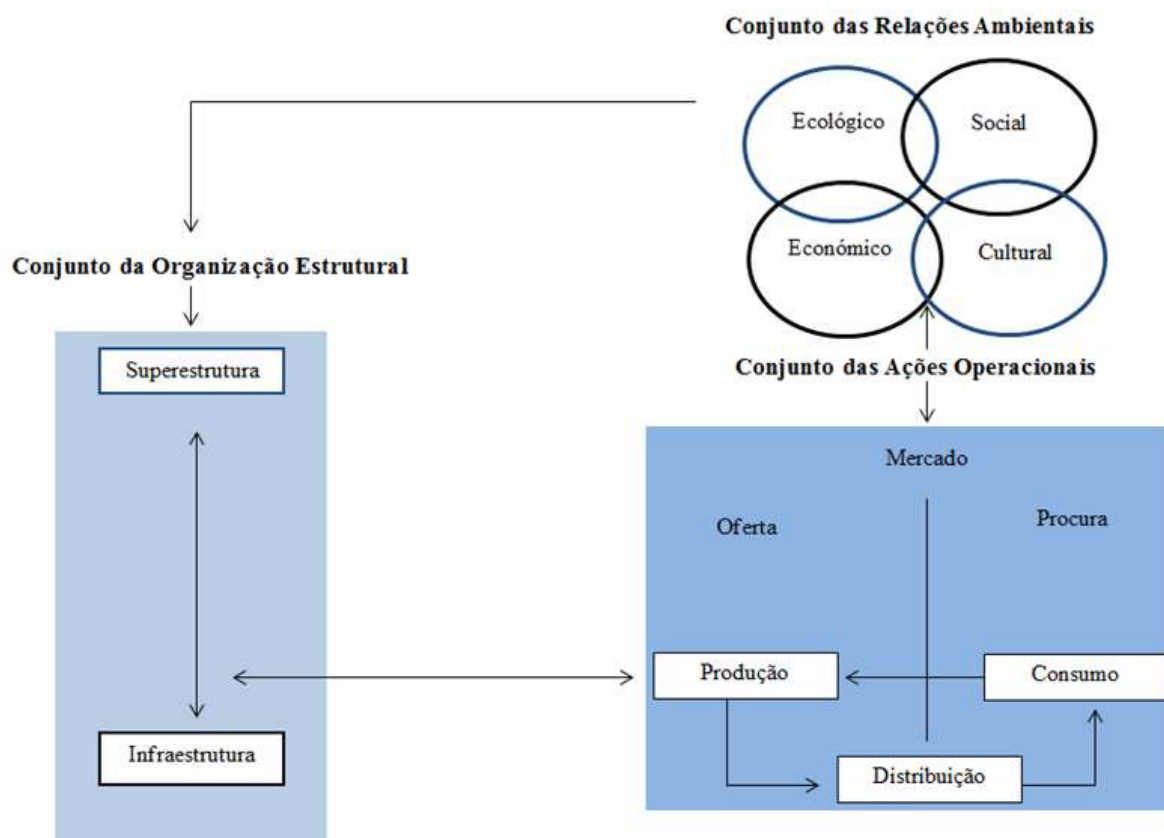


Figura 2 - Sistema de Turismo (SISTUR) modelo referencial (BENI, 2007, p. 50).

Tanto a oferta quanto a demanda são denominadas elementos básicos do turismo-compostos também pelos serviços, transportes, infraestrutura, poder de decisão e de informação, sistema de promoção e de comercialização - os quais se encontram em constante interação e devem ser compreendidos na sua totalidade.

Beni (2007) classifica e exemplifica bens turísticos e serviços turísticos, destinados à satisfação das motivações, necessidades e preferências do turista; aos quais é possível atribuir valor econômico (Quadro 2):

Quadro 2 - Bens e serviços turísticos

Bens turísticos		Serviços turísticos	
Materiais	Monumentos, museus, galerias de arte, praias e outros	Receptivos	Atividades hoteleiras e extra-hoteleiras
Imateriais	Clima, paisagem, fauna, flora e outros	De alimentação	Restaurantes, cafeterias, bares e similares
Imóveis	Terrenos, casas, hotéis, museus, galerias e outros	De transporte (transportadoras turísticas e locadoras de veículos)	Da residência à destinação turística e no centro receptor
Móveis	Produtos artísticos, gastronômicos, artesanais e culturais	Públicos	Administração turística, pontos de informação e outros
Duráveis ou perecíveis	Produtos gastronômicos e artesanais	De recreação e entretenimento na área receptora	Equipamentos de entretenimento e lazer e de animação turística, atrações, espetáculos, shows

De consumo	Bens que satisfazem diretamente as necessidades dos turistas	Agenciamento	Agências de turismo
De capital	Bens utilizados para a produção de outros bens	Auxiliares	Comércio local, Correios, segurança, atendimento hospitalar
Básicos, complementares e interdependentes	Bens que não podem ser consumidos sem a presença de outro bem		
Naturais ou artificiais	Atrativos turísticos		

Fonte: Adaptado de BENI, 2007.

Assim, o SISTUR representa um importante instrumento para a compreensão do setor em uma perspectiva holística e interdisciplinar contribuindo para o planejamento e adequação de políticas para o processo de desenvolvimento que integre sociedade, ambiente, economia e política. Contudo, Lemos (2005, p. 124) reforça que “a totalidade é a interação entre a comunidade receptora e os turistas, ambiente no qual o processo de agregação se manifesta configurando os elementos que constituem o valor turístico”. Portanto, para o mesmo autor, na perspectiva sustentável o valor é gerado na totalidade do espaço e da relação social, onde a comunidade produz um sistema organizado de força de atração e hospitalidade (LEMONS, 2005).

O desenvolvimento participativo de destinos é uma estratégia de desenvolvimento do turismo enquanto fenômeno social e se apresenta coerente com o perfil contemporâneo do turista. É na busca de experiências autênticas que se baseia o desejo pelo consumo responsável de bens e serviços, por meio de práticas sustentáveis, que sejam democráticas e solidárias e considerem a comunidade receptora autora de benefícios para seu próprio desfrute e que oportunizam um novo valor percebido e significado para os visitantes, como em uma simbiose. Portanto, “forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão dos recursos patrimoniais comunitários [...] com vista a fomentar encontros interculturais de qualidade com os visitantes” (RIBEIRO, 2009, p. 108).

Além de propiciar ressignificação do patrimônio material e imaterial pelo fato de representar modalidade de turismo dinâmica, que proporciona relacionamento, envolvimento e aprendizagem, estabelece vínculos emocionais entre visitantes, visitados e o espaço em que ocorre essa inter-relação, e, faz com que se amplie o valor percebido nos elementos não estáticos, construídos, por meio da singularidade como atratividade dos destinos de base local.

Desta forma, o desenvolvimento tende a regularizar a atividade turística conforme os interesses da comunidade, a qual deve ter autonomia para definir suas prioridades e os caminhos a seguir para que a experiência turística oportunize vivência voltada para a realidade do lugar, da sua população, do seu cotidiano, de seus significados. Reside aí a essência do turismo comunitário, prático da visita intencional à “alma” do lugar e das

peças que o habitam (SANTOS, 2010) considerando-se a defesa, por Yázigi (2001, p. 281), da ideia de que “a reconstrução do lugar deve ser vertebrada por seu habitante e, eventualmente, convertida em lugar turístico”. Em outras palavras, significa dizer que o turismo deve ser pensado a partir da responsabilidade para com esse lugar, percebendo e respeitando as diferentes manifestações do ser humano, sua sociedade e necessidades, cultura e natureza, de forma a resgatar os seus valores e suas particularidades culturais e territoriais, os quais o poderão caracterizar como destino turístico.

Santos (1996) afirma que o espaço, em si mesmo, é social em função das atividades aí desenvolvidas e nos conduz a compreender o território não como o território em si, mas como o território usado: o chão mais a identidade, sentimento de pertencer àquilo que nos pertence; o fundamento do trabalho; o lugar da residência; das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (2002). Portanto, o espaço ocupado onde o indivíduo ou grupo vive sua realidade concreta e cotidiana, o qual surge a partir de uma produção, da apropriação pelo trabalho, a partir do espaço que não pode ser dissociado do tempo e, Sposito (2004) corrobora quando afirma que:

Território é fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando focado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza (SPOSITO, 2004, p.112).

Os grupos configuram sua existência por meio da ocupação de um lugar, de um campo espacial próprio, onde as regras e normas são marcadas delimitando o acesso ao grupo e conferindo unidade e identidade a seus integrantes. Desta forma, a posse de um território confere identidade ao grupo e aos seus componentes - ter e ser no espaço (FREITAS, 1992). Os territórios apresentam dinamismo, estão sempre em mutação, pois sofrem alterações provocadas pelas ações humanas, conforme seus interesses. Assim, o espaço geográfico é construído pelo ser humano por meio do seu trabalho.

Para Castrogiovanni (2002), a significação das diferentes localizações geográficas está vinculada à construção de formas simbólicas inseridas em uma temporalidade e que pertence ao território usado, ocupado pelas sociedades, a partir de um contexto socioespacial, das relações que são criadas entre lugares, paisagens e sujeitos e dos impactos advindos da atividade. Desta forma, desperta para uma reflexão processual: seja nas relações materializadas ou não; nos diferentes lugares ou na formação socioespacial e, ainda, em qualquer intervenção necessária ao conjunto social não podemos descartar a visão desse todo,

por isso devemos considerar o turismo do ponto de vista da (re) produção do espaço e das questões territoriais e socioculturais.

O estudo do turismo como fenômeno social e socioespacial, portanto geográfico, dialoga com a questão da territorialidade, considerada, de forma abrangente, como questão pluridimensional, que engloba os grupos sociais e os componentes físicos da natureza, bem como toda a complexidade de relações que se estabelece entre eles. Conforme Haesbaert (2004, p.116), pela perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais, “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais concreto das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural”. Daí ser considerada a noção de território englobando o físico, o ecológico, o ético, o social, o comportamental e o conjunto de relações estabelecidas entre os grupos humanos e os lugares visitados, lugares esses que configuram também o mundo vivido daquelas pessoas que recebem os que vêm de fora.

Conforme afirma Xavier (2007), as populações desses espaços esperam do turismo e da recreação oportunidades para melhorar seu sustento e a qualidade de vida da comunidade. E isso pode se tornar viável por meio da utilização de tudo que valoriza as crenças e os sonhos desses indivíduos, os valores locais, o saber-fazer, sentimentos, relações com a natureza e com a cultura local. Todavia, o turismo como atividade construtora e modificadora dos espaços, pode produzir melhor qualidade de vida para as comunidades, mas pode gerar impactos, invadindo, destruindo, alterando ou produzindo novas territorialidades, as quais de acordo com Souza (2014), “significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmicas etc. [...] certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço”.

No turismo, essas territorialidades, resultantes da interação entre indivíduos disseminada pelo espaço são as relações sociais interligadas à localidade por meio das articulações de participação efetiva da comunidade na gestão compartilhada do turismo em substituição às estratégias de dominação e controle. Para o mesmo autor, a autonomia constitui a base do desenvolvimento, processo de auto-instituição da sociedade rumo a mais liberdade e menos desigualdade. Assim, o autor complementa:

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos (Souza, 2014, p. 106).

Na perspectiva da dimensão social do turismo temos o resgate da potencialidade dos recursos naturais e culturais de uma localidade e a contribuição para seu desenvolvimento em um processo harmônico que conecte: proteção dos elementos constituintes do espaço e a interação com a natureza; a valorização das paisagens também para a população local - devido à ligação existente entre eles e os lugares cheios de características e especificidades; além da valorização e reprodução das atividades humanas - os saberes e fazeres tradicionais - reforçando o sentimento de pertencimento e a identidade desses sujeitos; a preservação das relações socioespaciais e a inclusão social.

Alicerçado nesse possível contexto que preza a diversidade e preserva a essência do espaço turístico construído e partilhado pelos sujeitos sociais a partir de suas paisagens culturais, de seus lugares, de suas regiões e como forma de estimular sua utilização criativa o espaço terá seu valor agregado para além das tendências econômicas, de um turismo como atividade impactante desse espaço vivido dos indivíduos dos núcleos receptores, mas pelos valores que fazem parte da história, da cultura, dos sentidos e, portanto da identidade da comunidade local.

Diversidade cultural, turismo e a interface experiência: uma viagem pela contemporaneidade



Figura 3 - Vila de São Jorge: diversidade

Fonte: pesquisa de campo, exemplo de mapa mental da amostra pesquisada, Vila de São Jorge, Alto Paraíso (GO), 2018.

Nesse capítulo apresentamos a interface experiência a partir de exemplos de comunidades receptoras de destinos turísticos e o desenvolvimento do turismo local que nos faz refletir acerca do turismo criativo, sendo que os turistas exploradores dessas novas experiências são consumidores conscientes da importância da geração de benefícios pelo turismo e sua distribuição à comunidade, haja vista passarem a compreender os processos produtivos das comunidades e seus esforços para se manterem vivos e produtivos.

2.1 O turismo como propulsor da cultura dos povos e as viagens como experiência

A relação do homem com as viagens no transcorrer dos tempos seja pela busca do conhecimento, por satisfação ou prazer tem trazido à tona seus sentimentos, pelo fato de levá-lo ao autoconhecimento e ao conhecimento do outro e, de acordo com Trigo (2010, p. 35), “a viagem como experiência significativa precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de lugares e momentos que enriqueçam sua história”. O turismo de experiência vem ao encontro desta busca por novas descobertas e pretende atender aos novos anseios da sociedade, voltados para o envolvimento emocional, com o propósito de oportunizar ao turista uma experiência memorável que o marque, mediante a interação com o lugar visitado, de maneira única (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

O turismo de experiência tem como base as concepções da Economia da Experiência, cujo objetivo deixa de ser apenas a prestação de um serviço comum e passa a ofertar experiência significativa, que gera emoção e engajamento do consumidor (PINE E GILMORE, 1999) e da Sociedade dos Sonhos, precedida pela Sociedade da Informação e que valoriza a história, os sentimentos e busca envolvimento emocional que tenha propósito e faça sentido (JENSEN, 1999). Há de se considerar e destacar, no entanto, a importância das características próprias de cada destino turístico, o papel da comunidade na apropriação dos atrativos com agregação de seus saberes e fazeres desempenhado pelo exercício da coletividade e participação efetiva no processo, além das políticas públicas que contemplem as necessidades e interesses dessa comunidade.

Nessa perspectiva, estudos de Tonini (2009), Santos e Guzmán (2014), Pezzi e Vianna (2015) têm mostrado práticas que possibilitam a dinâmica do turismo de experiência por intermédio de novos produtos turísticos e serviços oferecidos em conjunto, criados e construídos com a participação da comunidade como alternativa para a valorização da cultura

local pelas histórias, aventuras e emoções oportunizadas pela visita aos vinhedos, cantinas e festivais na Região Uva e Vinho (RS); pelos passeios ecoturísticos e de aventura em Itacaré (BA) e pelas dimensões estéticas e a hospitalidade percebidas, além do entretenimento ofertado aos turistas em Gramado (RS).

Essas práticas não só agregam valor ao turista pela experiência particular vivida naquele lugar, como podem fortalecer a comunidade local e contribuir para a consolidação do destino. Entretanto, Dalnos, Yoná et al. (2015) destacaram no estudo do destino Gramado (RS), cuja consolidação se deu pela contribuição do evento Natal Luz, a importância de conjugar desejos do turista com a capacidade de organização e manutenção da vocação turística instituída pelas políticas públicas no destino.

Referências para o turismo de experiência tanto o ecoturismo praticado nas unidades de conservação localizadas em todo o mundo, por meio do contato com paisagens naturais conservadas e manifestações culturais do passado e do presente das comunidades tradicionais instaladas nessas regiões turísticas; quanto o turismo de aventura, pela prática de esportes radicais e a gastronomia do lugar merecem atenção, pois apresentam além de seus aspectos técnicos os aspectos simbólicos e subjetivos que integram e contribuem para a experiência do turista e representam possibilidade de inclusão para a comunidade local.

Assim, uma forma de (re)pensar o turismo, de modo independente de sua segmentação, com base na comunidade e para a comunidade e o entendendo como um conjunto de relações, sem deixar de considerar que o mesmo apresenta interações com os subsistemas ecológico, social, econômico e cultural e sua integração ao desenvolvimento, como nos mostra o Sistema de Turismo (SISTUR) apresentado no capítulo 1, seria associar estratégias de trabalho e de articulação comunitária, sejam elas formas de resistência ao turismo convencional, com o intuito de preservar a diversidade cultural dessas comunidades, sejam as diversas etnias indígenas, os grupos quilombolas, as comunidades remanescentes de garimpos, entre outras, as quais em seu cotidiano buscam a sobrevivência e a defesa de seus territórios por meio da cooperação e solidariedade.

2.2 Experiências de comunidades receptoras locais: a criatividade presente no turismo brasileiro

As comunidades receptoras, também referenciadas como anfitriãs, formadas por indivíduos das áreas destinadas ao turismo, imprimem a sua singularidade no espaço vivido, o qual tem sido experienciado, por meio de contato direto, pelos turistas na contemporaneidade,

como parte das relações produzidas em consequência das viagens e que contribuem para a conservação ambiental, a valorização da cultura e o desenvolvimento local.

Desta maneira, para que esse desenvolvimento local se efetive mediante transformações sustentáveis, para além de um desenvolvimento turístico desarticulado que tende a desconsiderar a importância da associação ambiente natural e comunidade, a população local deve estar integrada e participando desde o planejamento turístico. Para Tuan (2012), as visões do meio ambiente são diferentes, pois o turista se coloca distante do lugar enquanto que a comunidade local se encontra imersa na totalidade de seu ambiente. Assim, as comunidades receptoras podem contribuir na avaliação dos impactos positivos e negativos e no encaminhamento de soluções para os mesmos, bem como na avaliação das potencialidades do destino, haja vista a possibilidade de tais relações estabelecidas entre o lugar, os membros dessas comunidades receptoras e seus visitantes favorecerem o desenvolvimento do território e das pessoas que o habitam com vista à sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica.

À luz das discussões acerca do turismo comunitário, iniciamos com a caracterização de comunidade tradicional por Brandão (2010) que apresenta uma proposta de entendimento como sendo esta o lugar humano da vida, da escolha, onde grupos humanos se congregam sem coação e cuja identidade é singular pela forma de interação destes com a natureza, pela sua autonomia, suas memórias e histórias de lutas e a experiência partilhada de viver em territórios cercados e ameaçados pelas atuais formas de uso, ocupação e organização das sociedades atuais.

De acordo com o Decreto Lei n. 6.040/07, povos e comunidades tradicionais são definidos:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

No turismo comunitário, ao contrário do turismo convencional, as comunidades locais têm controle sobre a atividade para planejar, executar e ser beneficiário direto, uma vez que é concebido por meio de um processo no qual a comunidade discute o desenvolvimento tendo como base o que é local: a conservação do meio ambiente, as pessoas e os traços de sua identidade, suas necessidades e sua vontade.

Estabelecer essa singularidade de cada comunidade, ou seja, o que a diferencia na sociedade implica em definir os princípios, valores, normas e instituições que regem a forma

de organização e convivência de um determinado grupo humano e, assim, tem como finalidade assegurar o bem-estar comum e garantir a sobrevivência de seus membros, preservando sua identidade e cultura.

Como no caso da Vila de São Jorge, localizada em Alto Paraíso de Goiás-GO, recorte espacial do objeto deste estudo, a análise por meio do modo de vida de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação dos mesmos na prática da atividade turística advinda da criação do Parque Nacional (PARNA) da Chapada dos Veadeiros, configura forma de compreender a condição da comunidade receptora frente ao turismo.

Dessa forma, os ganhos tanto para as comunidades quanto para os turistas se efetivam com a prática de um turismo diferenciado pelas propostas que oportunizam o contato com ambientes preservados, valoriza as diversidades culturais, fortalece as atividades tradicionais como o artesanato, a pesca, a agricultura familiar, dinamiza a renda dentro da própria localidade, permite os encontros e os intercâmbios culturais, por isso experiências singulares.

Canoa Quebrada, núcleo urbano do município de Aracati-CE, apesar de receber turistas do segmento turístico de sol e praia apresenta destaque pela prática do turismo de resistência por parte de algumas comunidades, as quais lutam por melhorias na qualidade de vida dos moradores e pela minimização da degradação ambiental e da perda da cultura local, impactos negativos da atividade, caso da Vila do Estevão. Os moradores sugerem ações que visam preservar a identidade local e melhorar as condições socioeconômicas da comunidade com a valorização da cultura do labirinto- rendas e bordados em organdi feito pelas mulheres, com a criação de um centro de labirinteadas - as bordadeiras; a regulamentação da atuação dos bagueiros - condutores de *buggy* que circulam dentro da comunidade e a formação para o trabalho na atividade turística (Silva, 2013; Brandão, 2015; Dantas, 2003).

Verifica-se por parte da comunidade a preocupação com as atividades econômicas focadas na economia solidária e no desenvolvimento da escala humana mediante redução do custo de vida e a criação de projetos que permitam a inserção social por meio da educação ambiental e do trabalho, incluindo o trabalho com a terra, buscando atender as necessidades existentes e das próximas gerações.

Pereira (2015) em seu estudo realizado no município de Icapuí-CE discutiu a participação de comunidades tradicionais, remanescentes de pescadores de lagosta, no desenvolvimento do turismo sustentável pautado no desenvolvimento humano, cidadania, justiça social e bem-estar das comunidades e visitantes. Assim, cada comunidade a sua maneira se posiciona no processo de desenvolvimento com vistas a combater o turismo

convencional, preservar o território e a identidade do lugar e agregar valor tanto à atividade turística quanto à própria comunidade de forma integrada e por meio de práticas protagonistas dos sujeitos e pela educação ambiental.

Dentre as atividades criativas propostas aos turistas que visitam essas comunidades de Icapuí recebem destaque: a contemplação da natureza longe do agito noturno de outros destinos turísticos, caso da comunidade da Praia de Redonda; as iniciativas do turismo responsável, caso da comunidade da Praia da Requenguela e a pousada batizada com o nome da comunidade de Tremembé, marco do início das práticas do turismo comunitário no local. Apesar de se encontrarem sem apoio do poder público e, às vezes, contando com a ajuda de organizações não governamentais, a população de cada destino tem discutido propostas específicas para o desenvolvimento da atividade turística de forma a beneficiar e valorizar a comunidade local de cada núcleo receptor (PEREIRA, 2015).

Diante dos casos apresentados, vale destacar a distinção entre as realidades vividas pelo litoral cearense e seus núcleos receptores com base no turismo convencional alicerçado no consumo, assim como no turismo comunitário projetado nesse território, que tem sido articulado pelas redes de relações sociais e de relações entre a comunidade e o ambiente e tem possibilitado a ampliação de sua compreensão pela perspectiva da territorialidade, o modo de vida das comunidades, suas histórias de luta, resistência e suas experiências tradicionais passíveis de serem compartilhadas.

A Rede Tucum¹, articulação comunitária de serviços turísticos no litoral cearense, desde o ano de 2008 define princípios para o turismo comunitário local, relacionados com a luta pela defesa de seus territórios, preservação dos saberes e fazeres tradicionais e contra uma forma de turismo que poderia comprometer a tradição e a qualidade de vida da comunidade pelos impactos gerados. Com estrutura organizacional descentralizada, composta por 15 grupos de turismo do litoral cearense, vinculada a associações de moradores e de pescadores, propicia o fortalecimento dessas comunidades, tendo o Tucum² como símbolo de resistência

¹ Rede Tucum: Rede Cearense de Turismo Comunitário. Rede criada pelas comunidades- pesqueiras marítimas, indígenas, reservas extrativistas e assentamentos rurais da zona costeira - vinculadas a associações de moradores e pescadores organizados na luta pela defesa dos seus territórios como forma de manter os modos de vida das comunidades, resistir ao turismo convencional e aos seus impactos negativos e ofertar serviços turísticos na proposta de um turismo comunitário. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RedeTucumTurismoComunitario>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

² Tucum: *Bactrissetosa*, Araceae - palmeira encontrada tanto em matas fechadas, no sub-bosque quanto em campos - áreas alagadas ou úmidas, de médio a grande porte, seus caules são cobertos por espinhos, os frutos, folhas, sementes e o palmito são utilizados respectivamente para consumo humano, na produção de fibra-rede, extração de óleo alimentício e medicinal, além de outras preparações culinárias. Apesar de existir mais de uma espécie é popularmente conhecida como Palmeira Tucum, sendo o 'tucum' caracterizado como símbolo de resistência na luta por libertação-aliança com causas indígenas e populares. Disponível em:

na luta por libertação e a rede de tucum, objeto confeccionado a partir das fibras do Tucum, como símbolo do trabalho colaborativo de um coletivo de pessoas da comunidade.

A participação efetiva dessas comunidades, organizadas, articuladas pela atividade turística para o desenvolvimento local, nas atividades propostas pelo turismo comunitário, com destaque para a proposição de experiências e vivências culturais criativas, pode ser observada na oferta turística apresentada no Quadro 3, configurando iniciativas importantes para que as comunidades sobrevivam:

Quadro 3 - Ceará, Rede TUCUM: pacote turístico contempla visita a cinco comunidades do litoral leste do Ceará em 7 dias e 6 noites

Destino	Caracterização da comunidade	Atividades ofertadas
Córrego do Sal (CE)	Comunidade localizada em área de salinas atualmente vivem da pesca, destaque para a gastronomia local e participação das mulheres nas frentes comunitárias	Almoço orgânico-restaurant comunitário Visita à horta comunitária Caminhada até a Lagoa do Córrego do Sal Visita aos projetos de apicultura e criação de galinha
Icapuí (CE)	Comunidade engajada no desenvolvimento local por meio do turismo. Destaque para a pesca de lagostas	Visita à Estação Ambiental Mangue Pequeno-trabalho de recuperação e conservação do mangue com práticas ambientais Visita ao projeto Mulheres de corpo e algas-cultivo sustentável de algas marinhas (praia da Barrinha)
Vila da Volta (CE)	Comunidade constituída basicamente por pescadores mantém intensa relação com os ambientes naturais, luta em defesa dos manguezais, da terra e da cultura	Caminhada Passeio de barco no Rio Jaguaribe
Coqueirinho (CE)	Assentamento criado em 1995, tem no turismo uma alternativa de geração de renda além da agricultura familiar orgânica	Visita aos quintais produtivos e museu Almoço com produtos orgânicos Trilha na caatinga Jantar no Café com conversa com lideranças comunitárias
Praia de Batoque (CE)	Primeira reserva extrativista	Hospedagem na Pousada Tremembé -propõe turismo socialmente responsável Caminhada e banhos na lagoa e mar Almoço em barracas nativas à beira-mar
Jenipapo Kanindé(CE)	Comunidade indígena iniciou em 1980 luta pela legalização das terras e pelo seu reconhecimento	Jantar e conversa com a Cacique Pequena Trilha ecológica e visita aos equipamentos da comunidade Trilha no Morro do Urubu e apreciação do pôr do sol Jantar e apresentação de toré Visita ao museu indígena

Fonte: Adaptado de Rede Tucum (2018).

As comunidades inseridas no turismo comunitário, assim como aquelas inseridas nas demais modalidades, enfrentam desafios que vão desde a formação profissional de maneira contínua ao aperfeiçoamento dos serviços turísticos, além disso, algumas comunidades ainda

lutam pela melhoria dos serviços básicos de responsabilidade do poder público, por meio de políticas públicas, e a garantia de direito sobre os territórios.

No âmbito dos desafios ao desenvolvimento sustentável por meio do turismo comunitário, um estudo realizado por Lobo (2017) na Reserva Extrativista da Praia do Batoque em Aquiraz (CE) apontou que o distanciamento entre as ações previstas no planejamento e a prática local configura fragilidade na gestão e ainda não garante sustentabilidade ao processo, entretanto, representa avanços oriundos da proposta frente ao turismo convencional.

Os resultados mostram ainda que falta uma maior força da comunidade tanto na participação (por meio da associação de moradores que garanta a representatividade de seus membros e do diálogo entre os mesmos e com as esferas política e social) quanto na tomada de decisões, o que impede o cumprimento dos objetivos de geração e distribuição de renda equânime entre seus membros, da formação de arranjos produtivos e de uma melhor conservação ambiental local, apesar do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos moradores com apoio da Rede Tucum e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-ICMBio (LOBO, 2017).

Dessa forma, a atividade turística de cada destino como, por exemplo, Tremembé é planejada com a participação da comunidade local em todas as etapas, mediante o trabalho de grupos de turismo, alicerçada na valorização das culturas tradicionais, promoção do respeito à natureza, na ética, na economia solidária, no respeito entre gerações e entre comunidade e visitantes, e na colaboração entre grupos de turismo da Rede Tucum e demais parceiros.

Outras formas de turismo corroboram a ideia de turismo comunitário cuja proposta de resistência garante o direito sobre o território, conserva modos de vida de comunidades tradicionais e integra a atividade econômica à experiência vivenciada no local, caso do etnoturismo. O estudo de Araújo et al. (2017), discute o desenvolvimento local por meio desta forma de turismo, formado por experiências autênticas vivenciadas por turistas em contato com os Índios Pataxó, no sul da Bahia e os Potiguara, na Paraíba, suas identidades, territorialidades e conhecimentos tradicionais e reforça que a singularidade identitária e cultural e a autonomia de cada etnia indígena sobre seus territórios potencializa o desenvolvimento local por meio da atividade turística, mas que para se tornar sustentável faz se necessário o protagonismo da comunidade na busca pelo acesso a direitos e qualidade de vida.

Já a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, localizada no Estado do Amazonas, entre os rios Solimões e Japurá, configura Unidade de Conservação que abriga

comunidade de ribeirinhos e que sobrevive por meio de um sistema desenvolvido por eles a partir de seus conhecimentos tradicionais, adaptado ao ambiente e aperfeiçoado pelas técnicas de manejo, da exploração sustentável dos recursos naturais aliada às estratégias de gestão participativa para o desenvolvimento socioeconômico sustentável.

Esse modelo precursor de criação e gestão de unidades de conservação de uso sustentável garante a permanência e a qualidade de vida desta comunidade tradicional e promove a proteção e conservação da maior área protegida de várzea do mundo, cuja biodiversidade inclui espécies endêmicas e ameaçadas de extinção (QUEIROZ, 2005; SILVA et al., 2008; ISA, 2019).

A reserva promove aos turistas, por meio de roteiros orientados por especialistas da reserva, experiências de interação com a comunidade local, habitantes das margens dos rios que vivem da pesca e da agricultura familiar e o contato com a diversidade ambiental. Sua geomorfologia, diferentes tipos de espécies vegetais e animais, além da observação de seus comportamentos, sendo que nesta última experiência, o turista cujo interesse geralmente é voltado para a ciência, tem a oportunidade de entender os hábitos dos animais como é o caso do projeto de observação das onças-pintadas que buscam as copas das árvores para se abrigar na floresta alagada, no período que coincide com a baixa temporada local.

Dessa forma, a atividade turística em Mamirauá, incluindo o turismo de observação com foco na ciência, envolve a comunidade e gera renda. Os comunitários - como são conhecidos os sujeitos da comunidade - estão envolvidos tanto no apoio às atividades de pesquisa do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá quanto nas demais atividades turísticas mediante acolhida dos visitantes, participação nos programas de ecoturismo, no guiamento de passeios e expedições, na condução das embarcações, na produção de artesanato e na participação das tomadas de decisões (ISA, 2019).

Daí dizer que esse processo desperta o sentimento de pertencimento e a percepção ambiental das comunidades, incentivando o reconhecimento e a importância dos territórios em que vivem, pois para Brandão (2010) uma comunidade tradicional constitui-se como um grupo social local que desenvolve:

- a) Dinâmicas temporais de vinculação a um espaço físico que se torna território coletivo pela transformação da natureza por meio do trabalho de seus fundadores que nele se instalaram;
- b) Um saber peculiar, resultante das múltiplas formas de relações integradas à natureza, constituído por conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição ou pela interface com as dinâmicas da sociedade envolvente;

- c) Uma relativa autonomia para a reprodução de seus membros e da coletividade como uma totalidade social articulada com o “mundo de fora”, ainda que quase invisíveis;
- d) O reconhecimento de si como uma comunidade herdeira de nomes e tradições, lugares socializados, direitos de posse e proveito de um território ancestral;
- e) A atualização pela memória da historicidade de lutas e de resistências no passado e no presente para permanecerem no território ancestral;
- f) A experiência da vida de um território cercado e/ou ameaçado;
- g) Estratégias atuais de acesso a direitos, a mercados de bens menos periféricos e à conservação ambiental (BRANDÃO, 2010, p. 360-361).

Assim sendo, o turismo comunitário representa possibilidade para a (re)estruturação de territórios com vistas ao desenvolvimento, pois segundo Souza (2014):

a questão do desenvolvimento, mesmo quando balizada pela plena autonomia como horizonte essencial (e longínquo), se apresenta, sob a forma de pequenos e grandes desafios, quotidianamente e nas mais diferentes escalas (...). Em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação (SOUZA, 2014, p.109-110)

E, portanto, contribui para o processo auto reflexivo da comunidade acerca do potencial turístico-cultural adequado à realidade ambiental, à recuperação da memória e manutenção da identidade e seu protagonismo no processo.

2.3 A pluralidade do turismo criativo: experiências singulares vivenciadas pelo mundo

Os indivíduos buscam conhecimento pelas experiências vividas no âmbito cultural as quais, muitas vezes, se concretizam nas viagens pelos destinos dotados de recursos culturais e de patrimônio histórico. Assim, o turismo cultural “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006).

Conhecer outras culturas, experienciar a interação com outros grupos sociais, com outros ambientes são algumas das motivações que levam os turistas a se deslocarem para determinados lugares. Como prática social, o turismo envolve indivíduos que realizam deslocamento espacial para destinos diferentes de seu local de residência onde estabelecem relações de consumo: condição essencial do turismo e atividade de lazer seja pela lógica de

consumo do espaço, de imagens e seus significados, de sensações, do consumo como experiência.

Para Swarbrooke e Horner (2002), de acordo com a análise do comportamento desses consumidores, as motivações estão relacionadas a fatores físicos, emocionais, pessoais, de desenvolvimento pessoal, por *status* ou a fatores culturais. Assim, agruparam e conectaram tais elementos em um modelo denominado *Leisure Motivation Scale*, a Escala Motivacional do Lazer, proposto por Mounir G. Ragheb e Jacob G. Beard, em 1983, e dividiram os fatores motivacionais nos componentes: intelectual, social, domínio-competência, estímulo-escapismo.

Uma nova abordagem das motivações que levam os turistas ao deslocamento e que conduzem o comportamento durante a prática turística dos agentes e grupos sociais, sejam turistas, população receptora ou prestadores de serviço, foi apresentada por Urry (2001). Conforme o autor, para a compreensão dessa realidade, devemos considerar os grupos sociais com sua heterogeneidade, motivações e comportamentos e a subjetividade do “olhar do turista”.

No contexto da experiência turística se insere a expectativa que o turista tem de romper com o cotidiano como forma de se sentir “livre, natural e rejuvenescido”. Entretanto, existem formas diferenciadas de se vivenciar essa experiência e de consumir os produtos turísticos, sejam destinos turísticos e espaços privilegiados desses destinos - além da busca constante por *status*. Daí Urry (2001) conceituar o olhar do turista como categoria de análise da atividade turística, a subjetividade que intermedia a relação entre os diferentes turistas e os lugares visitados, além da interação e inter-relação desses agentes nos grupos sociais.

Dessa forma, a motivação do turista consiste em buscar determinada configuração do espaço geográfico e suas especificidades: paisagens e lugares, relacionados aos fatores turísticos que atendam as suas necessidades físicas imediatas, mas que também contemplem os seus imaginários.

Entretanto, motivados pela busca de novos conhecimentos para além da visitação a monumentos, os turistas na atualidade buscam experiências autênticas e devido ao acúmulo que trazem de outras experiências de viagem, muitas vezes, não abrem mão da personalização da experiência e se mostram incansáveis caçadores de experiências e por que não dizermos acumuladores de experiência?

Pode ser observada uma preocupação em entender e utilizar a cultura na elaboração de produtos turísticos e atividades culturais como elemento fundamental para o desenvolvimento local considerando os possíveis riscos advindos desse processo de produção: a massificação

da atividade, a turistificação de lugares, a degradação do meio ambiente, a decadência de museus, a degeneração urbana e o não cumprimento com a inserção social da comunidade no processo, ou seja, um caminho contrário à proposta de experiência por meio de interação com comunidades, seus costumes, tradição, identidade cultural e lugares.

Para prosseguirmos com a reflexão na tentativa de traçarmos caminhos praticáveis no âmbito de um turismo de possibilidades para todos, ou seja, um turismo que pudesse ser o lugar de todos, apresentamos o turismo criativo: aquele que convida o visitante a imergir na cultura local por meio de experiências de aprendizagem e de desenvolvimento de seu potencial criativo, sendo uma forma de criar vínculos, tendo em vista que “o turismo em que o viajante tem uma interação educativa, emocional, social e participativa com o lugar, sua cultura e seus residentes. Os turistas sentem estes destinos como cidadãos” (UNESCO, 2006).

Como base para a ponderação sobre essa interação do turista com o meio ambiente e as pessoas do lugar tomam o sentido da palavra “topofilia” por Tuan (2012):

um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo (TUAN, 2012, p. 135-136).

Quando Tuan (2012) nos fala de elos afetivos e de sentimentos dos seres humanos para com o lugar onde vivem, cheio de lembranças trazidas na memória e que tem representação para sua sobrevivência, destaca a experiência íntima com o lugar.

Contudo, existem diferenças entre as visões de visitantes e os sujeitos originários de um centro receptor de fluxo turístico. Para o mesmo autor, as visões do meio ambiente são diferentes, pois o turista se coloca distante do lugar enquanto que esses sujeitos se encontram imersos na totalidade de seu ambiente (TUAN, 2012). Esta nova perspectiva do turismo que propõe ao turista a criação de vínculo com o lugar, dando a ele a oportunidade de se colocar empático em relação às vidas e aos valores dos habitantes vai de encontro com a atitude de apenas contemplar o novo, o diferente, de forma superficial por meio de uma avaliação estética do meio ambiente.

O sujeito natural do lugar se expressa por meio de seu comportamento, tradição local, conhecimento e mito. Já o turista percebe no meio ambiente pontos a serem melhorados e que muitas vezes não são percebidos pela comunidade (TUAN, 2012), o que pode também ser

uma contribuição, pois sentir o destino como cidadão é querer fazer parte, interagir, querer cuidar, preservar, ter uma postura crítica, querer que outros também possam ter experiências marcantes ali, uma vez que acreditam na possibilidade de transformação pela experiência.

Podemos considerar como experiência valiosa da viagem, aquela que nos possibilita retornar para casa com algo a mais na bagagem: resultado do amadurecer de nossa percepção como turista, a princípio estética, mas que pôde ser transformada pelo exercício de “nos colocarmos no lugar”, conforme Tuan (2012) “empatia em relação às vidas e valores dos moradores locais”. E embora sejam pessoais, as experiências podem ser ampliadas por meio das trocas que agregam valor não apenas aos turistas, mas à comunidade receptora e ao lugar.

Com base na caracterização dos destinos criativos por Richards e Raymond (2000):

Para um destino ser criativo, precisa oferecer experiências autênticas, que contribuam para o desenvolvimento pessoal do visitante. É necessário que haja envolvimento, engajamento para que sejam criadas relações entre a comunidade local e o turista. O turismo criativo é um lugar para estar, seja para quem vive lá o tempo inteiro ou para o cidadão que permanece por um tempo (Richards e Raymond, 2000).

Por causa disso, reforçamos a necessidade da participação da comunidade receptora não somente no desenvolvimento de atividades autênticas e criativas que interessem aos turistas, mas na participação desses sujeitos no processo do desenvolvimento local por meio do reconhecimento dos valores locais pela própria comunidade, da hospitalidade inerente à mesma e, principalmente, da tomada de consciência do seu papel para a sustentabilidade nesse novo contexto (MOLINA, 2003).

A cultura comparece como elemento fundamental nesse processo produtivo pelo fato de estimular a constituição de estruturas de gestão participativa, por exemplo, por meio das redes de interações entre os agentes sociais: comunidade, iniciativa privada e poder público e como forma estratégica de articulação pela possibilidade do compartilhamento, das trocas de conhecimento, informações e das parcerias com vistas também ao protagonismo da comunidade pela criatividade e produção local.

O turismo criativo oportuniza a participação ativa do turista nessa produção, uma característica do destino e que imprime o jeito do lugar, ou seja, a “coautoria” oportunizada como forma de reforçar e legitimar o valor significativo agregado à experiência pelo desenvolvimento do seu potencial criativo e nesse momento de reflexão comparece o turista “criador de experiência” (RICHARDS & RAYMOND, 2000).

Assim sendo, e ainda levando em conta o desenvolvimento local, seria válido estendermos nossa reflexão para a produção local de destinos criativos proposta pelo turismo

facilitador da reciprocidade de relações culturais, das trocas recíprocas entre visitantes e visitados, das trocas de ideias e, além disso, promotor da coprodução.

Richards e Wilson (2005) na conceituação do turismo criativo compreendem que o mesmo apresenta formas de transformação do turismo cultural visando ofertas criativas que representem um diferencial para o destino por meio da autenticidade, personalização e singularização, as quais diferem das reproduções, imitações e das propostas meramente passivas; sendo essas formas: espetáculos criativos, espaços criativos e as atividades criativas coproduzidas pelos turistas. Por conseguinte, o processo como experiência se dá pela interação reflexiva do turista tendo a criatividade como atributo tanto da produção quanto do consumo em um cenário propício para o autoconhecimento, tendo em vista as motivações e os fatores motivacionais relacionados.

2.3.1 Os destinos criativos e sua produção local: experiências práticas

O turismo criativo se encontra inserido no contexto da economia criativa, a qual de acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento-UNCTAD “abrange os aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia, propriedade intelectual e os objetivos do turismo” (UNCTAD, 2008) e tem se apresentado como boa prática para a sustentabilidade da atividade turística pelos impactos positivos gerados: econômicos, socioculturais e ambientais, ou seja, as externalidades positivas do ponto de vista econômico e que contribuem para o desenvolvimento dos destinos turísticos.

Na Philadelphia observou-se entre a década de 1990 e o início dos anos 2000 um movimento voltado para o desenvolvimento econômico por meio da cultura envolvendo as comunidades através da construção do capital criativo, da revitalização de áreas abandonadas e da organização da sociedade para inserção nas frentes de atuação na cultura e na arte incluindo o planejamento.

A economia criativa no Brasil apresenta crescimento e destaca o intercâmbio cultural compreendendo inclusive trabalhos de coproduções com outras economias criativas de maior expressão no mundo, como o caso da indústria cinematográfica. Além disso, abarca diversos setores da indústria cultural, seus bens e serviços criativos como moda, *design*, artesanato, serviços audiovisuais, entre outros. As empresas criativas brasileiras, cerca de 320.000, empregam 5,5% dos brasileiros e são responsáveis por 2,6% do produto interno bruto (PIB) nacional (UNCTAD, 2018).

A UNESCO caracteriza o setor criativo em patrimônio cultural com seus produtos e serviços, em criatividade e mídias, incluindo performances de arte e festivais, audiovisual e mídia interativa, artes visuais, artesanato e literatura, e em criações funcionais como *design* e serviços criativos. No âmbito do desenvolvimento do turismo, a economia criativa vem ao encontro da busca pela sustentabilidade, assim, a UNESCO, em seu Programa de Patrimônio Mundial e Turismo Sustentável, propõe uma abordagem baseada no diálogo e na cooperação entre as partes interessadas e integra o planejamento para a atividade e a gestão do patrimônio em um nível de destino, por meio da valorização e proteção dos ativos naturais e culturais (UNESCO, 2013; UNESCO, 2019).

As indústrias criativas têm buscado desenvolver novos produtos turísticos culturais tendo como mote a preservação do patrimônio histórico e cultural, a valorização e a promoção da identidade coletiva de comunidades, a diversidade cultural e a distinção local face ao global pelo desenvolvimento dos ativos culturais e pelo desenvolvimento sustentável da atividade turística, baseado em valores patrimoniais, que seja social e inclusivo. As rotas do patrimônio reconhecido pela UNESCO e outras abordagens criativas, que vão além das típicas iniciativas, capazes de possibilitar experiências e de incluir a comunidade, adicionam valor turístico aos destinos pela sua promoção, pelo aumento de sua competitividade e atratividade e possíveis investimentos.

Dessa maneira, o turismo criativo no Brasil configura iniciativa de economia criativa e apresenta um rol de bens e serviços elaborados a partir da atuação da própria comunidade pela sua criatividade, conteúdo simbólico e essencial da produção, conhecimento, valores e tradições locais, os quais reforçam a cultura e a identidade interagindo cada vez mais com a tecnologia e que representa estímulo à inovação, à criação de empregos e à inclusão social além de contribuir para a preservação do patrimônio e representar ampliação da oferta e da atratividade turística do destino (IPEA, 2013).

Iniciativas relacionadas à regeneração urbana e ao desenvolvimento sustentável das cidades, independente do potencial que as mesmas possuem para receber visitantes, permeiam cultura e criatividade com foco nas pessoas, no respeito aos direitos humanos, no diálogo intercultural e na cooperação entre as esferas pública e privada de maneira a conceber soluções para os problemas contemporâneos. Assim, foi criada em 2004 a Rede de Cidades Criativas, composta por 180 cidades de 72 países, com o intuito de promover a cooperação entre elas, por meio de processos de aprendizagem pelas experiências, tendo em vista a criatividade e sua indústria cultural como base para esse desenvolvimento (UNESCO, 2019).

As cidades criativas brasileiras representam nossa diversidade cultural e recebem destaque em áreas temáticas propostas pela rede e que estão relacionadas com a atividade turística: João Pessoa (PB) - artesanato e artes folclóricas, Brasília (DF) e Curitiba (PR) - *design*, Santos (SP) - cinema integrado a outras áreas, Belém (PA), Florianópolis (SC) e Paraty (RJ) - gastronomia e Salvador (BA) - música (UNESCO, 2018). Dessa forma, observa-se a relação entre a proteção e promoção do patrimônio por meio de ações criativas, incluindo planos de desenvolvimento com base no bem-estar geral das populações e o turismo criativo, tanto como forma de turismo adotada pelo destino e adaptada ao contexto local, quanto como estratégia de fomentar outras formas de turismo, se configura como possibilidade de um caminho a seguir a partir do engajamento dos interessados.

E propondo uma pausa para além da reflexão passemos a experimentar, por meio de relatos, o movimento do turismo criativo na prática de cidades e destinos criativos. As experiências criativas vão desde a experiência no Convento Máximo de São Francisco de Quito-Ecuador, onde o visitante pode vivenciar o cotidiano da ordem religiosa e aprender com sua arte e com o processo de fabricação de cerveja, até conhecer Rotas pela Colina da Morávia, exemplo de histórias sobre a resiliência de Medellín-Colômbia, e aprender como a comunidade engajada pode transformar seu ambiente: o que era uma colina artificial gerada pelo acúmulo de lixo abriga atualmente um jardim de sete hectares.

Barcelona teve seu reconhecimento internacional pelo pioneirismo no desenvolvimento do turismo criativo sustentável e pelas suas boas práticas na atividade após ter sediado os Jogos Olímpicos, no ano de 1992 e, a partir daí, ter adotado um modelo de gestão da cidade, uma parceria pública e privada para torná-la um destino turístico mais atraente e competitivo, um dos principais destinos turísticos urbanos da Europa. O modelo imprimiu uma imagem diferenciada para a cidade por meio do desenvolvimento urbano e o incentivo à cultura local, oportunizando aos turistas experiências criativas na busca por vivenciar o cotidiano da cidade (Romeo, 2012 e Richards, 2013).

Além do pioneirismo nesse segmento de turismo, Barcelona impulsionou a criação da rede internacional pela promoção do turismo criativo *Creative Tourism Network*³ que foi premiada pelo seu código ético no setor de turismo criativo recebendo, em 2013, na sétima

³*Creative Tourism Network*. Rede de Turismo Criativo - organismo internacional para o desenvolvimento do turismo criativo em todo o mundo - criada em 2010, sem fins lucrativos, tem cunho acadêmico com pesquisas lideradas pelo professor Greg Richards, autor do conceito de turismo criativo- para promover destinos: cidades médias, metrópoles, ilhas, destinos localizados em áreas rurais, de todos os tipos que apostam no turismo criativo para atrair as novas gerações de viajantes, bem como para criar uma cadeia de valor para o território e promover as boas práticas. Disponível em: <<http://www.creativetourismnetwork.org/about/>>. Acesso em 29 ago. 2018.

conferência internacional de turismo responsável, o prêmio de melhor iniciativa de turismo responsável: *Best Initiative of Responsible Tourism*. A rede foi novamente premiada em 2014, sendo desta vez com o prêmio mundial de turismo responsável *World Responsible Tourism Awards*, na categoria melhor engajamento de pessoas e cultura *Best Engaging People & Culture*.

Já na Nova Zelândia, em 2003, nasceu a organização turismo criativo na perspectiva de um desenvolvimento do turismo cultural que atrai turistas pelas experiências memoráveis vistas e praticadas em *workshops* criativos com temáticas voltadas para arte, cultura, geografia, gastronomia.

Paris apresenta oferta considerável de atividades de turismo criativo com destaque para as atividades artísticas e de gastronomia: aula de culinária francesa, lições de como fazer pão francês ou *croissant* seguindo o método tradicional, aula de perfumaria e *workshops* de arte no Museu do Louvre e aulas de fotografia nas próprias ruas da cidade.

Ibiza oferece *workshops* de arte e grafite no estúdio do próprio artista, cursos de *bodyart*, aquarelas, fotografia subaquática, instrumentos musicais, focando o âmbito do turismo cultural. Já o turismo criativo na Áustria propõe experiência com ovelhas em território rural incluindo *workshops* de utilização da lã e preparação de pratos com a carne de cordeiro, oficinas de arte em madeira, além da visita guiada à loja de joias *Swarovski* e do safári fotográfico em Viena.

Na Tailândia as atividades relacionadas ao turismo criativo sugerem ao turista o exercício do autoconhecimento, por meio de atividades e terapias curativas que estimulam o equilíbrio corporal, a meditação, a concentração, o condicionamento físico e a relação com a natureza como treinos de *Muay Thai*, aulas de *Thai* massagem, aulas de cozinha tailandesa, visita às tribos *Hmong* e *Karen*, grupos étnicos migrantes de Myanmar no século XVIII, os quais preservam suas tradições em meio à natureza, no *Dói Inthanon National Park* com aulas sobre o cultivo do arroz e degustação de café com possibilidade de participação⁴ no processo de preparação, desde a torragem e moagem dos grãos de café Arábica e Robusta, colhidos manualmente pelos integrantes da tribo.

Estudo realizado por grupo multidisciplinar de pesquisadores sobre o turismo criativo na Tailândia como apoio às economias locais e à proteção das terras como forma de sobrevivência para as comunidades e por meio do turismo de rede levou à elaboração de 18 projetos com abordagens criativas e sustentáveis da atividade, caso do projeto de Nan,

⁴Parte de relato de experiência de turista que teve contato com as tribos fixadas no *Dói Inthanon National Park*. Disponível em: <<https://www.amelhorviagemdomundo.com.br>>. Acesso em 29 ago 2018.

província situada no norte, que contempla empresa social, fundada em 2016, para o cultivo e comércio de limão em Bangkok. A experiência singular vivenciada no Vietnã pela pesquisadora responsável com a comunidade produtora de batik (técnica de tingimento de tecido) e outros estudos, levaram ao desenvolvimento dessa proposta de planejamento e gerenciamento com vistas à obtenção de resultados sobre como o turismo criativo pode efetivamente beneficiar comunidades locais na Tailândia (HILTEN, 2017).

No Brasil, o movimento pelo turismo criativo iniciou em 2013, na cidade de Porto Alegre (RS)⁵, destino que oferece ao viajante a oportunidade de fazer uma imersão cultural através de atividades criativas voltadas para o tradicionalismo gaúcho por meio da gastronomia local, danças típicas e a arte de rua, sendo parte delas concentradas na programação do Acampamento Farroupilha⁶: caminhada guiada, oficina de rosquinha de polvilho, oficina de souvenirs com couro reciclado incluindo a tradicional cuia para chimarrão e outras atividades criativas⁷ espalhadas pela cidade como a Noite Gaúcha, com oficinas de churrasco e dança típica; visita ao Atelier Livre da prefeitura com artes visuais; oficina de produção de cerveja artesanal; oficina de cartões postais; *workshop* de marchetaria; arte em trânsito, com encontros casuais em Porto Alegre; oficina de aprendizagem do Mate Chimarrão no próprio aeroporto da cidade, entre outras.

Estudo de Hümmel (2016) sobre o turismo criativo pela experiência do turismo de galpão em Porto Alegre, organizado especificamente no Acampamento Farroupilha, ainda não representa experiência singular, mas dá início ao processo quando abre os piquetes para a visitação do turista oportunizando o contato com a tradição gaúcha. A pesquisa apontou também a necessidade de abertura de diálogo entre as partes interessadas no turismo de galpão, o qual tem por objetivo transformar o evento em uma celebração de qualidade tanto para os cidadãos que participam acampados quanto para os turistas que visitam o acampamento, entretanto mostrou que essa prática tem aprimorado a promoção de experiências aos participantes por meio de imersão na cultura local.

⁵ Turismo Criativo em Porto Alegre (RS). Porto Alegre inova no País com programa de turismo criativo. Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/porta_l_pmpa_novo/>. Acesso em 14 jan. 2019.

⁶ Acampamento Farroupilha. Evento nasceu junto com a criação do Parque da Harmonia em 1981, atualmente Parque Maurício Sirotsky Sobrinho para comemorar a Revolução Farroupilha-caracterizado pelos diversos aspectos da tradição campeira gaúcha, com churrasqueiras ao ar livre e galpão crioulo- e está inserido no contexto do projeto Turismo de Galpão desde 2013. É realizado no mês de setembro reúne aproximadamente 400 piquetes montados e organizados por grupos tradicionalistas, empresas e agremiações de Porto Alegre, sendo 90% delas de cunho cultural, recebe em média um milhão de visitantes. Disponível em: <<https://www2.portoalegre.rs.gov.br/acampamentofarroupilha>>. Acesso em 14 jan. 2019.

⁷ Atividades do Turismo Criativo. Disponível em: <<https://www.creativetourismnetwork.org.porto-alegre>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

No intuito de consolidar o destino Brasília e a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE), formada por 33 municípios e o Distrito Federal, como pólo de turismo cultural, de eventos gastronômicos, cívico, rural, ecológico e esportivo, o Plano de Turismo Criativo de Brasília, vigente desde o ano de 2016 apresenta proposta de vivências coletivas, por meio de rotas voltadas para o espaço urbano, cênico, patrimonial, espiritual, tátil, sensitivo, estilos de vida e linguagens artísticas. Assim, prevê intervenções criativas, projetos e estratégias de negócios inovadores voltados para as experiências sendo algumas delas: roteiros de turismo rural, a criação do Museu do Rock e do Museu de arte a céu aberto, a implantação da *Legoland* Brasília e do *Spa* do Cerrado (BRASIL, 2016).

O processo de formulação do plano se deu pela orientação dos órgãos gestores ligados ao turismo e contou com parceiros e consultores em uma construção coletiva entre Estado e sociedade por meio do diálogo contínuo (oportunizado nos encontros e oficinas de trabalho) e cujo resultado foi apresentado no formato de mapas mentais em seminários, debates e eventos sobre temáticas relacionadas, tendo como base o compromisso com a cultura e a criatividade e como premissas as ações para o desenvolvimento urbano, sustentável e inclusivo. Assim, como está posto na conceituação do turismo criativo, o resultado desse trabalho coletivo apresentou propostas de atividades dinâmicas e flexíveis, livres e criativas, adaptadas a cada localidade, por meio do reconhecimento por parte dos interessados das potencialidades e vulnerabilidades locais e pela busca de um caminho para esse desenvolvimento.

Em 2017, Brasília foi incluída na Rede de Cidades Criativas da UNESCO, passou a disponibilizar guias práticos para turistas em trânsito indicando lugares com destaque no *design*, teve sua promoção turística ampliada, participando e servindo de sede para eventos promotores de intercâmbio de experiências entre destinos (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2018).

Em Goiás, o programa Experiências na Natureza foi criado por meio de pesquisa com turistas a fim de propor roteiros integrados e trilhas de longa distância como é o caso do Caminho de Cora Coralina: inspirado no Caminho de Santiago de Compostela com o intuito de apresentar paisagens e lugares descritos pela poetisa e contista brasileira nascida na Cidade de Goiás, em 1889. Os 300 km de travessia cruzam os parques estaduais da Serra dos Pirineus, da Serra de Jaraguá e da Serra Dourada, passa por cidades históricas e povoados e recebeu destaque em 2018 como sendo nova opção de lazer aliada ao ecoturismo.

O percurso pode ser feito a cavalo, a pé ou de bicicleta, sai de Corumbá de Goiás em direção à Cidade de Goiás ou ao contrário, com duas opções de rotas, sendo uma mais completa ampliando a experiência do turista pelo fato de contemplar a passagem por mais lugares. O caminho, incluindo as áreas de descanso e pontos de apoio, foi idealizado com o

intuito de agregar valor ao turismo local por meio da cultura, da inserção da comunidade, como é o caso dos atrativos alternativos para banho e dos serviços de alimentação e hospedagem nos povoados, acessibilidade para turistas e interação entre a cultura e a natureza.

Na Vila de São Jorge, localizada em Alto Paraíso de Goiás (GO), nosso local de estudo, a comunidade redefiniu a produção do espaço para o turismo após o fim da atividade de garimpo com a implantação do PARNA da Chapada dos Veadeiros. Nos capítulos 3 e 4 apresentaremos a oferta turística desse destino e a comunidade receptora, por meio de sua inserção no processo produtivo.

E voltando a refletir acerca do turismo criativo vale ressaltar que os turistas exploradores dessas experiências criativas, aprendedores, experimentais, não institucionalizados, provocam impactos diferentes nos núcleos receptores, pois procuram um contato autêntico e íntimo com a população local, respeitam o modo de vida e são consumidores conscientes da importância da geração de benefícios pelo turismo e sua distribuição à comunidade, haja vista passarem a compreender os processos produtivos das comunidades e seus esforços para se manterem vivos e produtivos. Eles também buscam qualidade de vida e minimização dos impactos gerados pela visitação.

Cabe ainda destacar que a estruturação de propostas de turismo, alternativas ao modelo convencional requer a construção de processos mais autônomos que passam pelo efetivo exercício do poder na esfera territorial para tomada de decisões e articulação, das relações de confiança e cooperação - onde prevaleça o sentimento de comunidade com foco no bem estar social, nas questões ambientais e que oportunize a partilha e em uma “experiência integrada” do espaço, a qual para Haesbaert (2004) é possível somente se estivermos articulados (em redes) através de múltiplas escalas, se estendendo muitas vezes do local ao global, haja vista termos o domínio dos “territórios-rede”: descontínuos, mas conectados e articulados entre si.

Cerrado, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge: lugares guardados, lugares turísticos



Figura 4 - Vila de São Jorge em dia de sol

Fonte: pesquisa de campo, exemplo mapa mental da amostra pesquisada Vila de São Jorge, Alto Paraíso (GO), 2018.

O presente capítulo caracterizará a Vila de São Jorge, distrito do município de Alto Paraíso (GO), com a apresentação dos aspectos socioeconômicos culturais da comunidade. Além disso, o capítulo identificou as políticas públicas surgidas com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e as consequências dessas ações sobre o modo de vida da comunidade que está localizada no portão de entrada do parque. Assim, o PARNA foi apresentado com seus atrativos e propósitos, bem como os lugares turísticos do seu entorno.

3.1 Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, novo espaço territorial: da garantia de alimento à garantia de recursos advindos da atividade turística

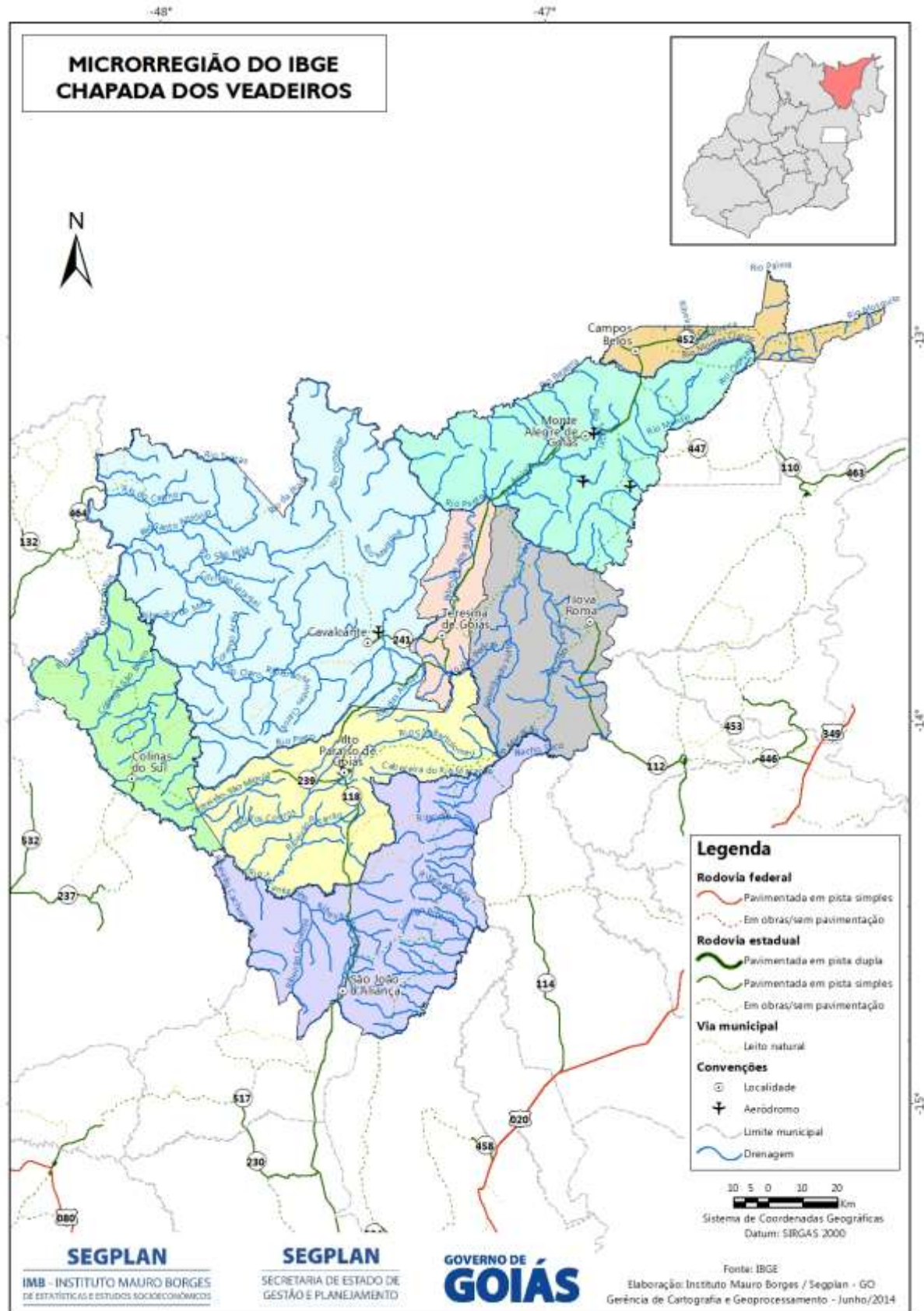
O bioma cerrado ainda apresenta riscos ao desequilíbrio ecológico apesar de suas áreas protegidas e do trabalho de conscientização que vem sendo feito por meio da apresentação de resultados de estudos sobre os ecossistemas, da ampla divulgação da beleza de suas paisagens e das riquezas naturais e culturais ameaçadas. Diante do cenário da economia global e padronização da cultura capitalista, homogênea e massificada, a valorização desse bioma, por meio de práticas sustentáveis, alternativas e menos impactantes no ambiente como o ecoturismo e, sobretudo, a disseminação dos costumes das populações instaladas nessas localidades, merece atenção por representar o único meio de oportunizar o conhecimento para a conscientização acerca da conservação e consequente preservação, necessidade premente do planeta.

De acordo com Chaveiro e Castilho (2007), o ímpeto transformador deixou rastros no território cerrado, o qual hoje é visto como um patrimônio integrado de vida em que participam as classes de vegetação, bacias hidrográficas, relevo, solo, seu espaço, sua cultura, seus símbolos, sua gente, sua arte e os diferentes modos de vida que aqui se construiu. Por isso:

o cerrado é um arquivo vivo e dinâmico de cores, sabores, sons, espessuras, cantos e relevos. Esses elementos o transformam num ambiente que se apresenta diversificado. E hoje se apresenta solapado (...). Desse modo, o cerrado precisa de uma defesa nacional porque é um patrimônio da nação. E necessita também da ação empenhada dos educadores pesquisadores, das instituições políticas e sociais. E requer que o compreenda na sua variação, na sua multiplicidade e sob diferentes enfoques (CHAVEIRO E CASTILHO, 2007, p. 2-3).

A microrregião da Chapada dos Veadeiros, conforme mostra o Mapa 1, localizada no nordeste do Estado de Goiás, está inserida em uma zona de transição entre os domínios dos climas da região amazônica e dos semiáridos da caatinga do nordeste brasileiro.

Mapa 1- Chapada dos Veadeiros (GO): Microrregião do IBGE Chapada dos Veadeiros

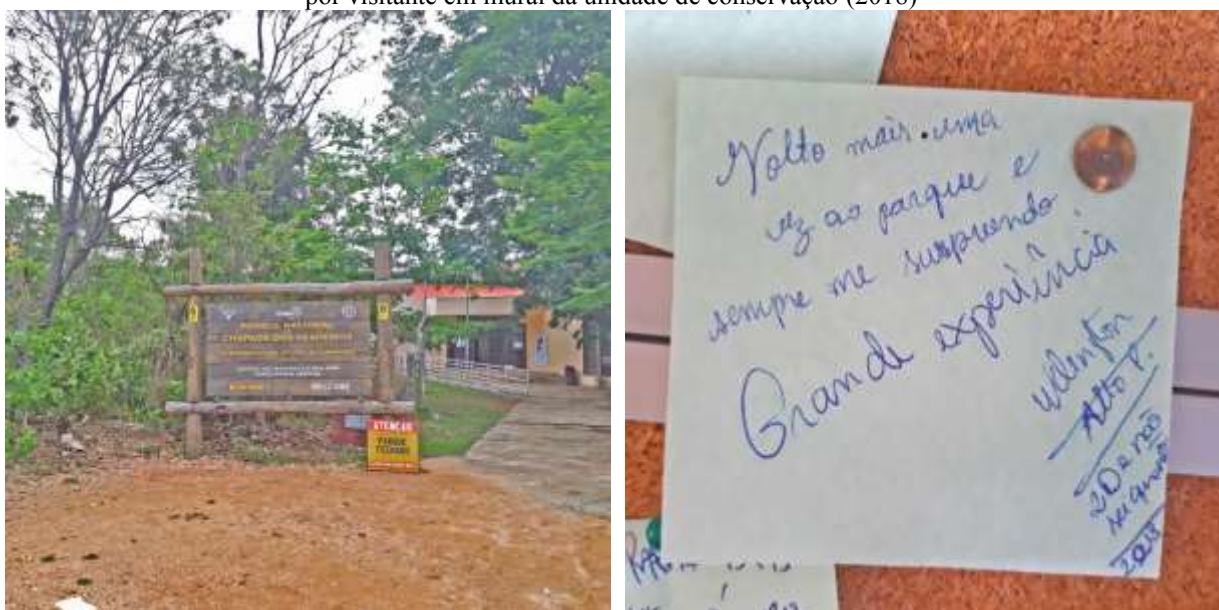


Fonte: SEGPLAN, IMB (2014).

O clima é tropical de altitude, sendo seco e frio no inverno e ameno e úmido no verão e no período de junho a agosto, as chuvas, geralmente, não ocorrem causando alterações nas feições da paisagem. As temperaturas médias mensais estão entre 21° e 25°C de junho a setembro e entre 18° e 22°C nos demais meses do ano. A microrregião protege as formações florestais Cerradão e Matas de Galeria, associadas a formações savânicas predominantes, possui estrutura geológica de planalto com rochas formadas a mais de um bilhão de anos e solo rico em minérios onde está localizado o ponto mais alto do Estado de Goiás, denominado Pouso Alto, com 1.676m (BRASIL, 2009). Apesar das belezas cênicas e riquezas peculiares, é considerada uma das regiões mais pobres do Estado, o nordeste goiano. Sua área de 21.337.541 Km² está distribuída em oito municípios com população, estimada em 2012, de 54.508 habitantes (IBGE, 2017), entre eles Alto Paraíso de Goiás, cuja sede está situada a 425 km de Goiânia (GO) e a 221 km de Brasília (DF) e recebe destaque no cenário nacional pela atividade turística.

Segundo dados quali-quantitativos da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Alto Paraíso - SECTUR (2019), coletados por meio de entrevista por *e-mail* com Secretário Turismo e Desenvolvimento Econômico de Alto Paraíso (GO) em fevereiro de 2019, a Chapada dos Veadeiros recebe visitação média anual de 65.000 turistas, os quais buscam conhecer de maneira prioritária o Parque Nacional (PARNA) da Chapada dos Veadeiros (Fotos 2 e 3), o Vale da Lua e as cachoeiras do atrativo São Bento.

Fotos 2 e 3 - Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO): entrada do parque e mensagem deixada por visitante em mural da unidade de conservação (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Ainda segundo os dados da SECTUR, quanto às experiências vivenciadas nos núcleos receptores da região, em especial na Vila de São Jorge, os turistas relatam “encanto com as belezas naturais, a riqueza da gastronomia e a qualidade das habitações”, sendo que neste último aspecto pode estar relacionado o serviço *online* para anúncio e reserva de acomodações como *Airbnb*, empresa global privada que opera um mercado *online* e serviço de hospitalidade acessível por meio de *sites* e aplicativos móveis. Nos últimos dez anos esse serviço tem aumentado também na região configurando nova oportunidade para os proprietários de imóveis de veraneio localizados nesses núcleos receptores e mais uma alternativa de hospedagem para os visitantes. Destacamos que essa tendência tem difundido a ideia de que o compartilhamento de casas e acomodações proporciona experiências autênticas para os hóspedes e ao mesmo tempo beneficia pessoas, lugares e comunidades locais, entretanto, serão necessários estudos ao longo do tempo para confirmar esses resultados.

Essa microrregião é configurada como sendo do tipo dinâmica, de acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), tem no setor de serviço a maior representação no PIB, seguido dos setores indústria e agropecuária com plantações de soja e milho e pastagem para gado, além da maior oferta de empregos sendo esta concentrada (52,9%) em serviços turísticos, especificamente, hospedagem e alimentação, com baixos salários sendo 1,3 salários mínimos em média e alta rotatividade com duração média desemprego de 27,6 meses. Quanto aos Arranjos Produtivos Locais (APL), a microrregião possui apenas um, sediado no município de Alto Paraíso e cujo principal produto é o turismo (OBSERVATÓRIO DO MUNDO DO TRABALHO, 2014).

Além disso, a microrregião da Chapada dos Veadeiros é caracterizada como área do bioma Cerrado, o que faz com que seis de seus municípios, Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Colinas do Sul, Nova Roma, São João d’Aliança e Teresina de Goiás, estejam inseridos na Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto, com 872.000 hectares, porção representativa do ecossistema, criada por meio do Decreto nº 5.419, de sete de maio de 2001, do Governo do Estado de Goiás, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento sustentável e preservar a fauna, a flora, os mananciais e o paisagismo da região parte de cerrado mais alta do país que abriga o ponto culminante do Planalto Central. A área da microrregião da Chapada dos Veadeiros abarca além da APA de Pouso Alto, 22 Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPN), um Quilombo Kalunga e uma Unidade de Conservação (UC), o PARNA da Chapada dos Veadeiros.

Como unidade de proteção integral, o PARNA da Chapada dos Veadeiros foi criado com o intuito de conservar as paisagens, espécies peculiares e os recursos hídricos de parte do

seu território, circunstância que provocou conflitos com a comunidade local, impondo restrições quanto à utilização desse novo espaço territorial e dos recursos naturais, entre as décadas de 1960 e 1990, sendo esta última marcada pelo início da atividade turística na região.

Entre 1850 e 1950, a região da Chapada dos Veadeiros foi considerada uma das maiores regiões produtoras de trigo do país, exportando inclusive para a Europa. Esse êxito se deu devido ao clima favorável para o plantio e a decadência da exploração de ouro da região, o que levou a priorização da pecuária. Já as primeiras sementes de trigo introduzidas na região, por volta de 1780, teriam sido trazidas por ciganos *gypsos* que vieram da Bahia. Setenta anos depois, em Chicago (EUA), a variedade de trigo “Veadeiros” foi premiada, promovendo destaque internacional para a região.

Ao longo da história, a região da Chapada dos Veadeiros foi marcada pelo trabalho de cultivar a terra, plantar e colher; criar e cuidar do gado; e pela retirada de recursos da natureza. A atividade de garimpagem perdurou por 50 anos naquele lugar antes de ser transformado em Unidade de Conservação (UC). Algumas áreas de antigos garimpos estão preservadas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, como parte da história local.

No resgate da história da ocupação humana nessa região, comparecem como primeiros ocupantes as tribos indígenas Cayapós, Xavantes e Guayazes, seguidos dos bandeirantes, com o início do ciclo da mineração. A chegada dos primeiros colonizadores à localidade, por volta do ano de 1723, deu-se com uma tropa liderada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que veio em busca de ouro.

Em 1737 foi fundada a primeira cidade da região, Cavalcante, construída pelo explorador Francisco Albuquerque Cavalcante, o qual descobriu ali as primeiras minas de ouro da região. A formação de outro povoado, denominado Povoado de Veadeiros, atual Alto Paraíso de Goiás, foi fundada pelo fazendeiro Francisco de Almeida no ano de 1750, inicialmente voltado para agropecuária, com o cultivo do café e criação de gado. A introdução da pecuária na região da Chapada dos Veadeiros ocorreu na metade do século XVIII, na seca, época mais visada, pois com a queima dos campos o gado aproveitava a rebrota do capim, iniciando o povoamento da região. Assim, a agricultura e a pecuária surgiram para atender a demanda gerada pela descoberta do ouro.

O que pode ser observado na região são áreas do cerrado sendo modificadas pela expansão da agricultura e pecuária e consequente utilização de agrotóxicos e sua dependência e ocorrência de desmatamento para pastagens e plantações de soja. Diante desse cenário, tendo em vista o risco da destruição do bioma cerrado e seus impactos-comprometimento da

qualidade do ar, fertilidade do solo, disponibilidade de água para abastecimento, a população da Chapada dos Veadeiros se mostra atenta e tem se organizado para reivindicar a defesa do bioma cerrado.

Prova disso é a participação de moradores engajados na luta pela garantia de espaços de diálogo e a representação nesses espaços para mediação dos conflitos de interesses dos grupos de agricultores familiares, proprietários de terra, defensores do meio ambiente, comunidade científica com vistas à conciliação entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, promovendo a integração da UC à vida econômica e social das comunidades vizinhas, a partir da aprovação do Plano de Manejo da APA Pouso Alto⁸ cujas etapas de construção tem se dado desde 2016 e em outras ações positivas para a Chapada dos Veadeiros como a agricultura orgânica, a utilização e valorização das plantas medicinais e a coleta de sementes.

Além das ações positivas, nos últimos dois anos foi possível observar a importância da união da comunidade em defesa de seu território como ocorreu no combate ao incêndio do PARNA da Chapada dos Veadeiros em outubro de 2017 que destruiu 64.000 hectares da UC, segundo ICMBio (2017). Faz-se necessário destacar que o incêndio culminou com o período de estiagem, motivo que dificultou de forma considerável a contenção do fogo:

As queimadas são consequência do avanço das monoculturas na região, o desmatamento altera as estações chuvosas diminuindo cada ano a quantidade de chuvas, a destruição da flora nativa altera as temperaturas e aumenta a força dos ventos fazendo com que o fogo seja facilmente propagado (PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2017).

Outra demonstração de união da comunidade ocorreu no processo de criação e campanha de exibição do filme *Ser Tão Velho Cerrado*, dirigido por André D'Elia e lançado em 2018, ganhador do Prêmio do Público Melhor Filme na 7ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental no mesmo ano. O filme foi bem avaliado pela crítica recebendo destaque por se apresentar como filme denúncia, provocando incômodo na plateia - pelo fato de instigar o pensar de cada espectador acerca da vida e dos valores humanos - sociais, éticos, um estudo didático sobre os impactos ecológicos da Chapada dos Veadeiros, sobre sua fauna, flora, os moradores locais e seus saberes e fazeres.

⁸ Plano de Manejo da APA Pouso Alto. Encarte 1. Contextualização da UC. Centro Tecnológico de Engenharia. – Contextualização da UC. Centro Tecnológico de Engenharia. – Goiânia, GO: CTE, 2016. 62 p. Disponível em: <<https://www.altoparaíso.go.gov.br/Data/PDF/Noticiaspdf20150414171222.pdf>>. Acesso em 23 dez. 2019. O CTE foi contratado pela Secretaria de meio ambiente e dos recursos hídricos para a criação do Plano de Manejo da APA Pouso Alto, o que gerou reação por parte da comunidade local e de ambientalistas, as discussões acerca do assunto seguem sem consenso haja vista a permissão de atividades como pulverização de defensivos agrícolas, construção de Pequenas Centrais Hidroelétricas (PCHs) e mineração.

O PARNA, situado a noroeste da Região da Chapada dos Veadeiros, coordenadas geográficas 14° 10' S, 47° 30' O, a cerca de 250 km ao norte de Brasília (DF), e 470 km ao nordeste de Goiânia (GO), foi criado por meio do Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961, do Governo Federal, inicialmente denominado Parque Nacional do Tocantins. A área do parque assenta-se sobre o denominado Complexo Montanhoso Arai-Nova Roma-Veadeiros e apresenta as maiores altitudes do Estado de Goiás e altitude média de 1.200m (MARTINS, 2011).

As amenidades físicas da unidade de conservação (UC) atraem turistas de vários países, sendo que em torno de 60.000 pessoas visitaram o PARNA em 2016, segundo relatório de gestão do ICMBio (2017). No parque existem cerca de 500 nascentes de água e o mesmo tem papel fundamental na preservação desses mananciais e rios; atua como divisor de águas das bacias Amazônica (rios Tocantins e Maranhão) e Platina (rio Paranoá), e constitui importante centro dispersor de drenagem com rios que escavam vales, com destaque para os rios Preto, afluente do rio Tocantins, e, São Miguel responsável pelas formações rochosas que compõem o Vale da Lua e outros atrativos.

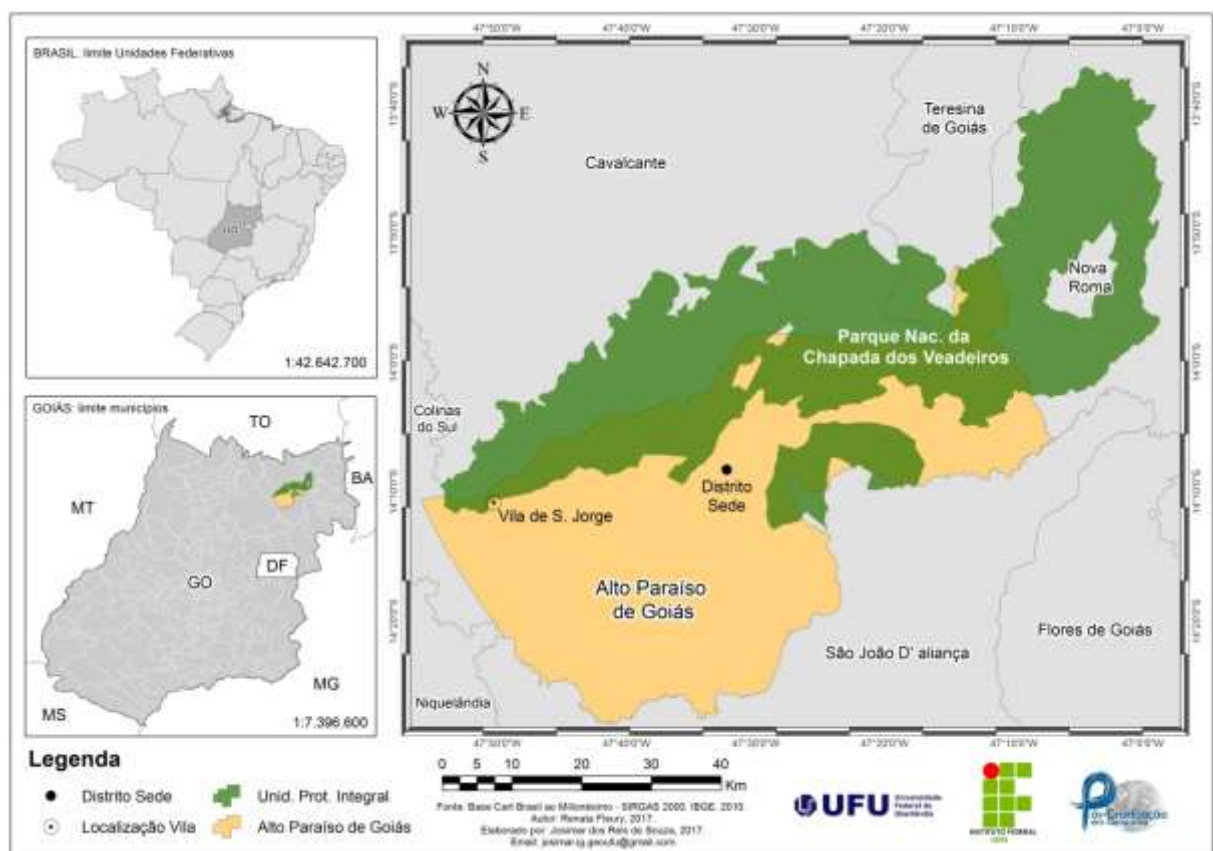
O PARNA da Chapada dos Veadeiros possui, de forma privilegiada, quando comparado a outras UC, as principais fitofisionomias do bioma Cerrado, aspectos agregados à justificativa de sua criação inicial, sendo o Cerrado *sensu strictu* e os Campos dominantes na região, o Cerradão encontrado em pequena porção e relativa representatividade de feição morfológica e do ecossistema de Cerrado de altitude. Tanto na fauna como na flora, o parque apresenta alto grau de endemismo, abriga cerca de 50 espécies ameaçadas de extinção, sendo 32 espécies da fauna; entre elas Pato mergulhão (*Mergus octosetaceus*), Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e Veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*); 17 espécies da flora, como é o caso da planta medicinal Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*); e ainda serve de refúgio para outras espécies. Ademais, o alto número de espécies ameaçadas o caracteriza como sendo a segunda UC com mais espécies ameaçadas registradas no Cerrado (ICMBio, 2017).

A área do parque, originalmente, ocupava 625.000 hectares, em 1972 teve seus limites reduzidos a 171.924 hectares e, em 1981, para 60.000 hectares, algo em torno de 10% de sua área original (BRASIL, 2009). Já em 1990, o Decreto nº 99.279, declarou a desapropriação das terras delimitadas na área da unidade, cuja ocupação e uso do solo ocorreram anteriormente de forma desordenada, se consideradas as discussões acerca da necessidade de preservação ambiental, em especial os recursos hídricos.

Por meio do decreto s/n, de 5 de junho de 2017, a área do parque foi ampliada para 240.611 hectares, apesar do impasse gerado entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a partir da proposta de ampliação em área contígua com o objetivo de evitar maior avanço sobre o mosaico de ecossistemas e o Governo do Estado de Goiás, pela alegação da necessidade do encerramento do processo de regularização fundiária e apresentação da contraproposta fragmentada, a qual não atenderia aos requisitos para a preservação.

Dessa forma, o território expandido passa a incidir nos municípios de Alto Paraíso (34,37%), Cavalcante (31,43%), Nova Roma (30,28%), São João d'Aliança (1%) e Teresina de Goiás (2,91%) (ISA, 2017) e passa a abranger, entre os atrativos turísticos, o Sertão Zen, o Morro da Baleia, a Chapada Alta e o Mirante da Janela, que estavam fora do perímetro da unidade. Em 2001 o PARNA da Chapada dos Veadeiros foi declarado Patrimônio Mundial Natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), contudo, a manutenção do título só se deu pela ampliação da área ocorrida em 2017 (Mapa 2).

Mapa 2 - Chapada dos Veadeiros (GO): Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e município de Alto Paraíso de Goiás (2017)



Com a ampliação do PARNA as expectativas do movimento ambiental se voltam para o aumento da representatividade de ambientes protegidos e a garantia da perenidade dos serviços ecossistêmicos, pois contribuirá para a estabilidade ambiental da região pelo combate ao desmatamento, à caça e à ocupação desordenada e, para a proteção dos seus atrativos turísticos com o desenvolvimento e ampliação de atividades de recreação em contato com a natureza e do turismo ecológico, mas nesse caso devem ser consideradas as territorialidades e suas questões referentes aos componentes físicos da natureza e os grupos sociais para além do território expandido.

As novas fronteiras do parque, além de garantir títulos passam a conceder o *status* de Parque Nacional para áreas significativas da Chapada dos Veadeiros, pois conforme a gestão do parque, mesmo antes da ampliação, já existiam visitas consolidadas nos atrativos localizados fora do parque, necessitando um trabalho de desenvolvimento do potencial turístico, pela ordenação dos novos atrativos e das visitas, capacitação dos condutores da região, caracterização do impacto, identificação de pontos críticos, sinalização e manejo das trilhas e atrativos e criação de novas trilhas de longa duração.

Juntamente com o Parque Estadual da Terra Ronca e o Parque Municipal de Itiquira, o PARNA, compõe a Reserva da Biosfera do Cerrado em sua zona-núcleo, cuja implementação na região foi garantida pelo Projeto Veadeiros, desenvolvido pelo Fundo Mundial para a Natureza-Brasil (WWF-Brasil), como ação para conservação e desenvolvimento da Chapada dos Veadeiros. Assim, é caracterizado como área de importância biológica extremamente alta para manejo e está localizado na ecorregião Cerrado, segunda maior região ecológica do Brasil, que tem apenas 3% de sua extensão territorial protegida.

Além disso, é uma das unidades de conservação envolvida na área de implantação do Corredor Ecológico do Cerrado Paraná - Pirineus (CECPP), uma das últimas áreas do bioma Cerrado em excelente estado de preservação e apontada pelo MMA como prioritária para conservação. Desta forma, além do compromisso da conservação ambiental está o compromisso de apoiar e incentivar o desenvolvimento de atividades econômica e ambientalmente sustentáveis e permitir a redução da pressão do entorno das áreas protegidas.

O Plano de Manejo aprovado em 2009 pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), gestor responsável das unidades de conservação federais, apresenta propostas de uso e preservação, focadas no desenvolvimento sustentável e na conservação da biodiversidade do bioma Cerrado na região (BRASIL, 2009). Se gerido pelos responsáveis legais, de forma adequada, por meio de uma visão holística do espaço geográfico, a visão de todos do todo, e, onde a conservação para a preservação passe a ser

consequência do processo, o mesmo documento cumprirá, na prática, sua função de orientar também as práticas para promoção da integração da UC à vida econômica e social das comunidades vizinhas, tendo em vista a necessidade de manter a identidade dessas comunidades e que grande parte de seus membros já reconhece o PARNA como um elemento integrante permanente à região.

Cabe ressaltar pontos relacionados à gestão do PARNA, atualmente com o número reduzido de colaboradores na equipe, a qual compreende cinco servidores de carreira, analistas ambientais, 23 terceirizados de apoio à manutenção e vigilância e 15 voluntários para desenvolver todo o trabalho de controle e apoio às visitas e às pesquisas que são desenvolvidas. Já no período de alta temporada, bombeiros militares somam-se à equipe da unidade, a qual conta com a conscientização dos visitantes quanto ao atendimento às normas de segurança estabelecidas para a unidade de conservação, mas sentem-se vulneráveis a esta situação haja vista a possibilidade de ocorrência de acidentes devido à lotação do PARNA e à falta de atenção às normas, motivos que levaram à ocorrência de acidentes fatais na última temporada de 2017 e no início de 2019.

Outro aspecto discutido no âmbito das políticas diz respeito à concessão de serviços de uso público no PARNA. Em 2016, foi iniciado o processo desse debate, apoiado pelos movimentos ligados à preservação do Cerrado no Estado de Goiás, por considerarem os benefícios para a UC que poderiam ser gerados por tal medida, tendo em vista os problemas financeiros para a contratação de pessoal efetivo, atualmente representando 10% da quantidade ideal, de forma a atender seu propósito de conservação e sustentabilidade.

Desde então serviços de cobrança de ingressos e o estacionamento começaram a vigorar. É fato que esses tendem a melhorar o atendimento ao público e geram recursos, a serem investidos na estruturação da UC, em pesquisas e na atração de novos visitantes. Entretanto, entre os anos de 2017 e 2018, assuntos referentes aos processos de licitação, como o caso da terceirização do estacionamento (Fotos 4 e 5) geraram discussões as quais apontavam preocupações referentes ao efetivo benefício que a concessão de serviços trará à comunidade.

Fotos 4 e 5 - Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO): estacionamento e equipamento dos serviços de alimentação (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

No final de 2018, seguindo experiências vivenciadas por outras unidades de conservação no País foi aberto edital para o PARNA da Chapada dos Veadeiros, conforme Lei nº 13.668/2018, para serviços de apoio aos visitantes a serem concessionados por 20 anos: operação de controle de acesso, recepção e venda de ingressos, alimentação, loja, espaço de campismo e transporte interno. As empresas vencedoras da licitação, em contrapartida, terão de investir em infraestrutura, manutenção e limpeza das estruturas, exposição permanente, adequação de vias de acesso internas, trilhas e sinalização, além da implementação e manutenção do plano de gestão de segurança e no apoio a projetos de capacitação e educação ambiental na região (MMA, 2018; PANROTAS, 2018).

Para além do cumprimento da oferta de serviço de qualidade que garanta acesso, mobilidade, segurança e conforto aos visitantes do destino turístico, a atenção deve se voltar para a inclusão da comunidade nos processos de serviços terceirizados, por meio de condições para que esses sujeitos seja exercendo função remunerada nesses novos postos de trabalho criados na UC, seja participando, tendo voz na gestão dos serviços pelo fato destes continuarem sob controle administrativo e territorial do governo. E, ainda, que membros da comunidade possam vir a concorrer a futuros editais como forma de garantir que os recursos advindos da atividade fiquem na região, contribuindo para o desenvolvimento local.

O PARNA da Chapada dos Veadeiros apresenta paisagem com destaque para os cânions e cachoeiras e sua área de visitação é composta por quatro trilhas com percursos de

níveis que variam de muito leve a pesado, duração estimada de quatro horas a dois dias, com pernoite e promove acessibilidade ao atrativo Corredeiras do Rio Preto para visitantes com deficiência e mobilidade reduzida, incluindo seus acompanhantes.

Na Trilha dos Saltos o percurso contempla a passagem pelo Garimpo de cristal de quartzo, desativado em 1961 e, conduz aos Saltos e Corredeiras do Rio Preto. A trilha dos Cânions leva os visitantes ao Cânion I, Cachoeira da Boa Sorte (Carioca) com duas quedas do Rio Preto e ao Cânion II, por onde se atravessa blocos de pedra até chegar ao poço para banho. A Trilha da Seriema conduz ao córrego Rodoviarinha, onde os banhos são permitidos, inclusive, na época das chuvas. Já a Travessia das Sete Quedas demanda dois dias para a sua realização e o percurso, restrito ao período de seca, contempla paisagem com diversas fitofisionomias do cerrado, a travessia do Rio Preto, a trilha histórica da época do garimpo, a Torre da Mata Funda e finaliza na rodovia GO-239.

Cerca de 40 atrativos compõem o conjunto de elementos do entorno do PARNA da Chapada dos Veadeiros, localizados especialmente em sua Zona de Amortecimento, em propriedades particulares, as quais ainda não estão regularizadas como Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) e que exploram cachoeiras e corredeiras como Vale da Lua, e Santuário Raizama, entre outros, auxiliando na atração de visitantes para a região pelo fato de compor o conjunto de atrativos da Chapada dos Veadeiros, destaque no cenário turístico nacional (Quadro 4).

Quadro 4 - PARNA da Chapada dos Veadeiros (GO): caracterização dos atrativos turísticos do entorno do parque

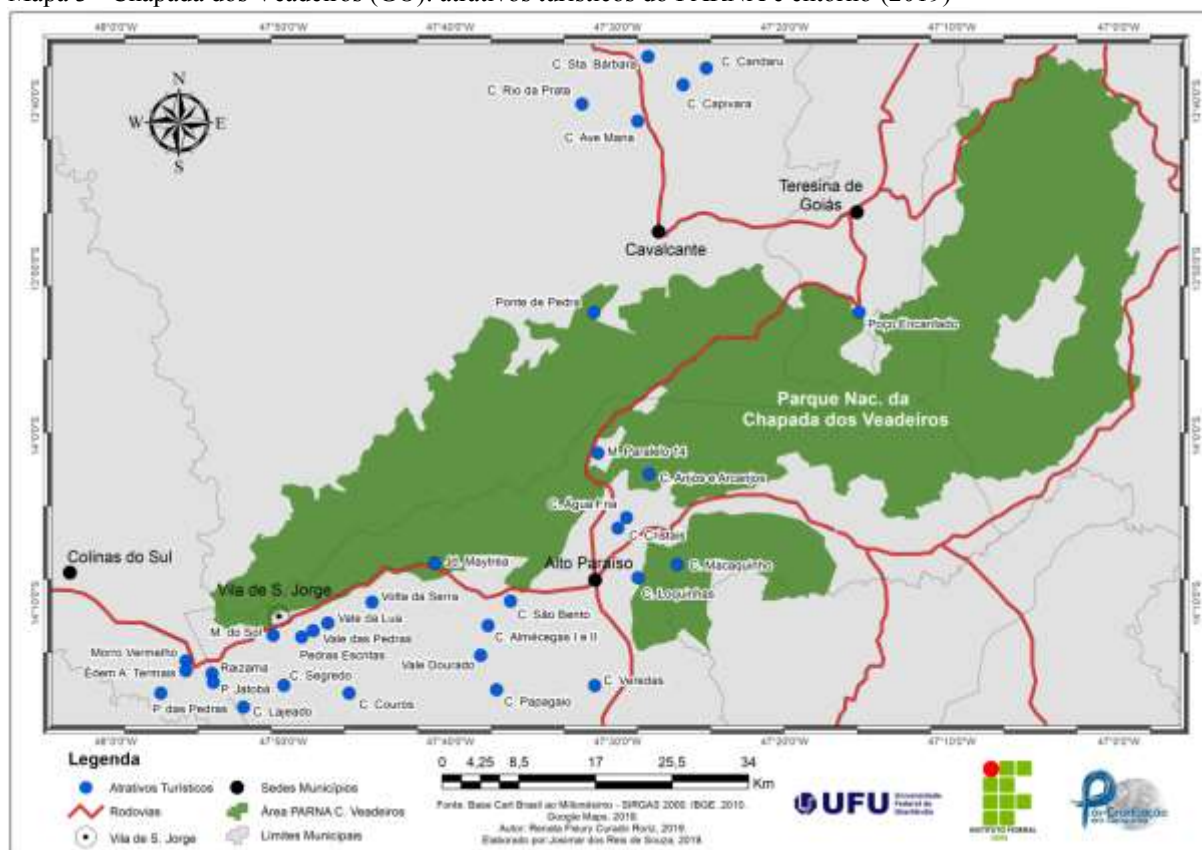
Atrativo do entorno do PARNA da Chapada dos Veadeiros	Distância da sede do município de Alto Paraíso de Goiás ao atrativo (km)	Trilha de acesso (m)
Cachoeira Loquinhas	4	800
Cachoeira dos Cristais	8	400
Cachoeira Água Fria	8	1.800
Cachoeira São Bento	10	200
Cachoeira Almécegas I e II	13	1.800
Cachoeiras Anjos e Arcanjos	14	1.500
Vale Dourado (inclui prática de Boia Cross)	20	600
Mirante do Jardim de Maytrea (GO-239)	20	20
Volta da Serra (Cordovil)	27	5.000
Mirante Paralelo 14	28	10
Vale da Lua	30	600
Cachoeira do Papagaio (Rio dos Couros)	32	500
Santuário Raizama	40	2.000
Vale das Pedras	41	600
Cachoeira do Segredo	41	8.000
Morada do Sol	42	2.000
Vale do Macaquinho (inclui Cachoeira do Banho Pelado)	42	4.000

Pedras Escritas	49	1.800
Águas Quentes Morro Vermelho	50	200
Éden Águas Termais	50	200
Cataratas dos Couros	50	3.000
Praia do Jatobá	52	400
Cachoeira Lajeado	55	300
Poço Encantado	57	300
Praia das Pedras	64	200
Cachoeira Veredas	96	3.000
Ponte de Pedra	100	7.000
Cachoeira Ave Maria	110	250
Cachoeira Candaru	120	4.000
Cachoeira Capivara	120	1.000
Cachoeira Santa Bárbara (Quilombo Kalunga)	120	4.000
Cachoeira Rio da Prata	150	7.000

Organização: Renata F. C. Roriz (2017).

Esses atrativos turísticos distribuídos no território da Chapada dos Veadeiros, conforme localizados no Mapa 3, são interligados por uma rede de caminhos e as vias de conexão entre eles compõem a oferta do destino turístico de mesmo nome Chapada dos Veadeiros. A cidade de Alto Paraíso, a Vila de São Jorge, bem como o município de Cavalcante, pela infraestrutura turística que apresentam, são responsáveis pelo apoio aos visitantes e oferecem atrativos culturais que complementam a oferta turística local.

Mapa 3 - Chapada dos Veadeiros (GO): atrativos turísticos do PARNA e entorno (2019)



Com a ampliação do PARNA, outros atrativos estão sendo projetados e o Mirante do Carrossel, concluído em 2018, já recebe visitação com acesso a um novo ponto de banho e trecho de trilha, além do mapeamento e caracterização de trilhas de longo curso, com duração de três dias incluindo dois pernoites, para serem abertas dentro da unidade de conservação que possibilitem travessias da Vila de São Jorge para Catingueiro em Cavalcante, onde seria aberto um novo portão do PARNA. Outros projetos estão sendo estudados e dizem respeito à ampliação de atividades como escalada, observação de pássaros em horários diferenciados e, observação do céu estrelado na estação seca.

A Vila de São Jorge, pelo fato de abrigar o portão de entrada do PARNA, conforme mostram os mapas 2 e 3, passou a receber cada vez mais ecoturistas e a partir de 1990 aumentou a intensidade do fluxo e a consequente construção de *campings* e pousadas. Atualmente, mantém sua expressão na atividade turística da Região da Chapada dos Veadeiros como centro de apoio aos visitantes e acolhendo eventos de prestígio nacional e internacional, como é o caso do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros cuja primeira edição foi realizada em 2001.

Da mesma forma, as características da área incluindo os atrativos e a infraestrutura turística composta pelo seu conjunto de bens e serviços, definem inicialmente o espaço turístico Chapada dos Veadeiros.

Assim o PNCV, o Distrito de São Jorge e suas imediações apresentam em si diversos valores em função dos bens e serviços ambientais que possuem e oferecem. Esses valores foram se transmutando ao longo do tempo e das atividades socioeconômicas que aí se desenvolveram, a partir do ponto de vista das várias pessoas que encontravam uma significação para o local, os garimpeiros, os agricultores, os extrativistas, os moradores em geral, os representantes das instituições, os condutores de visitantes, os donos de estabelecimentos, os turistas e outros mais (DOMICIANO, 2014, p. 174).

Esses atrativos naturais e culturais na perspectiva do turismo despertaram o desenvolvimento da atividade turística neste território, reunindo natureza e misticismo em lugares como Alto Paraíso, sede do município, e a Vila de São Jorge, onde se encontra uma população local que tem sido inserida no processo como prestadores de serviços turísticos, pois para Diegues (2008):

A criação de áreas naturais protegidas em territórios ocupados por sociedades pré-industriais ou tradicionais é vista por essas populações locais como uma usurpação de seus direitos sagrados à terra onde viveram seus antepassados, o espaço coletivo no qual se realiza seu modo de vida distinto do urbano-industrial. [...] Essa atitude é vista pelos moradores locais como um roubo de seu território que significa uma porção da natureza sobre o qual eles reivindicam direitos estáveis de acesso, controle ou uso da totalidade ou parte dos recursos aí existentes. (DIEGUES, 2008, p. 8).

O Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (PRT) proposto pelo Governo Federal considera que se o município pode contribuir para a atividade turística ou pode ser beneficiado pela mesma, pode contribuir para a cadeia produtiva do turismo e para o desenvolvimento regional sustentável, podendo então, participar de uma região turística. De forma descentralizada e regionalizada, por meio de planejamento coordenado e participativo, em busca de resultados socioeconômicos positivos, tal política pública tem por objetivo apoiar a gestão, estruturar e promover a diversificação da oferta turística do País (Mtur, 2017) e assim, municípios e regiões são categorizados.

Conforme o PRT, o Estado de Goiás está ordenado em dez regiões turísticas, consideradas com vocação para o turismo, ou seja, dotadas de potencialidade turística, as quais são compostas por 49 municípios. O Mapa Turístico do Estado de Goiás, instrumento de ordenamento que define o recorte territorial a ser trabalhado pelos governos Federal e Estadual no âmbito do turismo, apresenta as regiões turísticas e seus destinos (Mapa 4).

Mapa 4 - Estado de Goiás: Mapa Turístico - destinos e regiões turísticas (2017-2019)



Fonte: GOIÁS TURISMO (2017).

Entre estas regiões encontra-se a Região Chapada dos Veadeiros, cujo nome reforça o destino turístico mencionado anteriormente e é composta pelos municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, São João d'Aliança e Teresina de Goiás. Para a formalização da entrada ou permanência na penúltima versão do mapa (2013), atualizado pela Goiás Turismo, Órgão Oficial do Turismo de domínio estadual, os municípios tiveram de comprovar a existência de um órgão oficial de turismo, a Lei Orçamentária Anual (LOA) 2016 e o termo de adesão ao PRT.

De acordo com a categorização dos municípios das regiões turísticas do mapa do turismo brasileiro (BRASIL, 2017), na Região Chapada dos Veadeiros, o município de Alto Paraíso de Goiás concentra o fluxo de turistas domésticos e internacionais e apresenta melhor estrutura para receber os visitantes (categoria B)⁹, a alteração de categoria no ano de 2018 em relação a 2014 se deu pelas melhorias e formalização da atividade turística. Os demais municípios da região não possuem ainda expressivo fluxo turístico nacional e internacional,

⁹ Categoria B. Categoria B representa valor médio, não padronizado: empregos formais hospedagem (354), estabelecimentos formais hospedagem (33), estimativa de turistas internacionais (7.561), turistas domésticos (215.534). Ministério do Turismo. 2017-2018. Disponível em: <http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/imagens/pdf/Modelo_Cartilha_Categorizacao.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

entretanto possuem papel importante no fluxo turístico regional (categoria D)¹⁰ e precisam de maior investimento público e privado além de apoio para a geração e a formalização de empregos e estabelecimentos de hospedagens como é o caso de Cavalcante.

Ainda de acordo com o PRT, para que haja a participação desses destinos turísticos no programa faz-se necessária a promoção e fortalecimento das instâncias colegiadas, nos estados, regiões e municípios, cuja integração convergirá para a integração da Rede Nacional de regionalização. O Ministério do Turismo (Mtur) compreende que “tais agrupamentos de lugares”, as denominadas regiões turísticas, pelo programa configuram estratégias, no âmbito do poder público, para o desenvolvimento local pelo turismo e as mantém no rol do Plano Brasil + Turismo, lançado em 2017 para o fortalecimento do setor de viagens no País.

Contudo, Portuguese e Oliveira (2011) discutem a apropriação inadequada do termo região como objeto do PRT em substituição à escala municipal e, no caso do Estado de Minas Gerais, chamam a atenção para a falta de clareza nos critérios de regionalização; para o fato de que esse processo, como foi implantado, pode vir a reforçar desigualdades já existentes e, para a necessidade de se entender como os agentes locais interagem e como se percebem como elos integrantes de redes regionais de turismo (PORTUGUEZ; OLIVEIRA, 2011).

A regionalização do turismo é reconhecida como boa prática de gestão no setor público, pelo fato de ser considerada estratégia que busca a convergência entre as políticas prioritárias para a área do turismo apesar de existir estudos apontando que a construção de padrões sustentáveis à atividade turística ainda enfrenta desafios:

os maiores gargalos da regionalização e da gestão compartilhada identificados no Estado de Goiás dizem respeito à diminuição de destinos, ao formato fórum, à insuficiência de recursos, à falta de autonomia dessas instâncias, à pouca participação de representantes do poder público e à dificuldade de integração intra e inter-regional (INÁCIO, ANTUNES E CARVALHO, 2017).

Esse resultado mostra que os municípios goianos, incluindo os da Região da Chapada dos Veadeiros, enfrentam dificuldade de articulação para participação no processo de institucionalização das instâncias de governança para coordenar o PRT, como por exemplo, no formato de fórum, sendo que o fórum da Região da Chapada dos Veadeiros encontra-se em fase de retomada após período que ficou desativado.

¹⁰ Categoria D. Categoria D representa valor médio, não padronizado: empregos formais em hospedagem (9), estabelecimentos formais hospedagem (2), estimativa de turistas internacionais (116), turistas domésticos (9.764). Ministério do Turismo 2017-2018. Disponível em: <http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/imagens/pdf/Modelo_Cartilha_Categorizacao.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Com o intuito de ampliar a integração com municípios, o PRT + Integrado propõe aproximação dos gestores das regiões turísticas e os coordenadores das ações do Mtur por meio de atuação conjunta e troca de experiências. Entre as ações do Mtur para estruturação dos destinos estão o Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (CADASTUR)¹¹, o Prodetur + Turismo¹² e o Fundo Geral do Turismo (FUNGETUR)¹³.

Entretanto, desde o ano de 2015, a região conta com a Associação Veadeiros, criada com base na gestão compartilhada, com objetivo de desenvolver o destino turístico com responsabilidade, pautada em ações e projetos que visam sustentabilidade ambiental, social e econômica haja vista o circuito turístico Chapada dos Veadeiros estar inserido na APA de Pouso Alto e dispor de riquezas naturais que devem ser preservadas; a potencialidade da região para o desenvolvimento de projetos inovadores, sustentáveis e que permitem as ações articuladas em rede, além do empreendedorismo. As ações têm sido organizadas por meio dos Grupos de Trabalho (GT) consolidados “Rezas e Cantos do Nascer Brasileiro”, “Justiça e Inovação: Mediação Judicial” e o GT de Turismo, o qual passa por reestruturação.

No caso do distrito sede Alto Paraíso, é possível observar que os interesses se voltam para as atividades místicas e esotéricas aliadas à atividade turística, enquanto que na Vila de São Jorge existe a preocupação com as dificuldades enfrentadas na execução da atividade turística, na articulação da comunidade e no fortalecimento da identidade. Contudo, as demandas dos destinos turísticos da região estão relacionadas à prática da sustentabilidade, à qualificação profissional e empresarial e ao acesso ao mercado.

Segundo a SECTUR (2019), a estrutura administrativa responsável pelo turismo local funciona com um secretário de turismo, o qual responde também pela Secretaria de Cultura e conta com o apoio de um gerente de cultura; um administrador que fica na Vila de São Jorge; cinco atendentes no Centro de Atendimento ao Turista (CAT), sendo quatro em Alto Paraíso e um na Vila. A Secretaria de Cultura tem contribuído para o turismo local por meio da promoção de eventos que vão ao encontro dos interesses do turismo.

Questionados sobre a importância do papel do administrador da Vila de São Jorge: representante do prefeito junto às pessoas, às associações e à localidade, foi dito que devido

¹¹ CADASTUR. Cadastro dos prestadores de serviços turísticos que estejam legalmente constituídos e em operação. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em 25 jan. 2019.

¹² Prodetur + Turismo. Marca que identifica e qualifica as ações priorizadas, como indutoras do desenvolvimento do turismo nacional, estruturando destinos e fortalecendo produtos e equipamentos turísticos, sendo gerador de mais empregos, mais renda e mais inclusão social, de forma sustentável. Disponível em: <http://www.prodetur.turismo.gov.br>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

¹³ FUNGETUR. Fundo Geral do Turismo. Instrumento de política de investimento voltado para a melhoria e a infraestrutura turística, fornecendo a base para dinamizar a vocação turística das regiões. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/fungetur.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ao fato desse profissional ser “o elo” entre a comunidade e o prefeito, ocorre um “estreitamento de soluções para a comunidade” e, ainda, que a atividade turística representa a principal fonte de renda dos moradores da Vila de São Jorge: “pousadas, condutores de visitantes” e que tanto o Fórum Regional de Turismo quanto o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) estão em “plena atividade”. Entretanto, a SECTUR não conta com um fundo de turismo para o município.

Entre os pontos de pauta das reuniões do COMTUR vem sendo discutido a cobrança de taxa de turismo no município; o CADASTUR, incluindo o cadastramento de guias de turismo; a regularização de atrativos como é o caso da Catarata do rio dos Couros, cuja terra pertence ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); além da legislação dos atrativos turísticos da região. Desta maneira podemos destacar a importância do papel dos conselhos e fóruns regionais de turismo no efetivo desenvolvimento dos municípios por meio de programas e políticas públicas que beneficiem a população local.

O Projeto de Lei Complementar (PLC) 116/2018, criou o Funveadeiros, o qual prevê fontes de recursos junto às esferas pública e privada para fomentar a comercialização de produtos locais, capacitação de cooperados que desenvolvem produtos e/ou estão envolvidos nas atividades turísticas da região da Chapada dos Veadeiros, desenvolver pesquisas e fortalecer a cultura regional por meio do turismo. Vale destacar que o texto ainda terá de tramitar pelas instâncias superiores até aprovação.

Quanto à existência de um plano específico de turismo para o município de Alto Paraíso ou ações que se aproximem de uma política de turismo que venha do poder público municipal, foi informado que, recentemente, conseguiram um projeto para reformulação do plano municipal de turismo junto ao Mtur, o qual está em processo de licitação nesse início de gestão de novo governo e contemplará atividades voltadas para o Turismo Sustentável.

Em referência aos programas e/ou ações voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo e do comércio local foi informado que existem os créditos “facilitados” do Banco do Povo para desenvolvimento na área do turismo e comércio do município. Além disso, orientam os interessados em linhas de crédito a juros baixos, oportunidade para o crescimento dos empreendimentos, a se cadastrarem no CADASTUR.

Já em relação às ações de incentivo às artes, à cultura, às práticas esportivas e de proteção aos patrimônios culturais, históricos, artísticos e naturais do Município a SECTUR, tem participado “ativamente”, entretanto as mesmas não nos foram apresentadas.

No âmbito da capacitação profissional para a atividade turística, com objetivo de qualificar a mão de obra local como forma de geração de emprego e renda no município,

ocorreu reunião recente junto a Secretaria de Qualificação do Mtur, onde foram solicitadas ações do tipo qualificação de condutores de turismo e na área de hotelaria, as quais já se encontram em fase de análise com parceria de uma instituição federal de ensino.

O Governo Federal tem atuado na região desde a criação do PARNA da Chapada dos Veadeiros por meio de normas que regularizam a relação da sociedade com a natureza e intervindo no cotidiano dos locais por meio do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e do ICMBio entre as prioridades está a preparação da unidade para visitação. Cabe então aos governos estadual e municipal uma melhor efetivação das políticas públicas para o turismo como instrumento de desenvolvimento local que favoreçam a inclusão social por meio do reconhecimento e valorização do conhecimento tradicional das comunidades destas localidades.

Posto que, o desenvolvimento do território rico em biodiversidade pelo turismo deve considerar a preocupação em compatibilizar o crescimento da atividade com as condições sociais e ambientais, não pode desconsiderar as necessidades e desejos das comunidades locais. Para isso, é preciso refletir que o efetivo desenvolvimento local, o desenvolvimento qualitativo, não está condicionado somente às políticas públicas voltadas para o PARNA, faz-se necessária a articulação de todos os agentes envolvidos sejam eles empresários do turismo, administradores, gestores ambientais, turistas ou comunidade para a realização de um planejamento da atividade turística adequado às condições locais, às necessidades e aos desejos dos envolvidos.

Para a gestão eficaz dos recursos devem ser consideradas as especificidades no que tange ao conceito ampliado de território e as relações de poder e suas territorialidades pela gestão participativa do seu território. E, para a inserção nesse processo, a comunidade da Chapada dos Veadeiros deve estruturar ativamente seu desenvolvimento, haja vista a representatividade do PARNA para eles, contudo, esses sujeitos precisam se articular com todos os agentes sociais envolvidos e criar estratégias de articulação para ter condições de desenvolver atividades que os tornem partícipes de uma comunidade sustentável.

3.2 Função e forma da Vila de São Jorge: da gênese aos dias atuais

Localizada em um dos maiores paraísos ecológicos do Brasil Central, com destaque entre os principais e mais explorados atrativos turísticos do Estado de Goiás, a Vila de São Jorge, cuja constituição se deu pelo garimpo, passou a se beneficiar diretamente da atividade turística advinda da criação do PARNA da Chapada dos Veadeiros. Esse capítulo

caracterizará a Vila, com a apresentação dos aspectos socioeconômicos da comunidade, incluindo os impactos socioculturais do turismo e a diversidade de ideias e aspectos.

O município de Alto Paraíso de Goiás (GO) encontra-se a 425 km de Goiânia (GO) e a 221 km de Brasília (DF) com acesso pelas rodovias GO-060 e GO-118, sendo estas duas capitais potenciais emissores de turistas para o destino. O acesso via transporte aéreo se dá por meio do aeroporto de Brasília, embora existam aeródromos como o da cidade de Alto Paraíso para pousos privados na região e o acesso aos atrativos se dá por vias não pavimentadas em determinados trechos (Mapa 3).

Instalado em 12 de outubro de 1953, o município possui área de 2.593,905 km² e teve sua população registrada, conforme Censo de 2010, em 6.885 habitantes com densidade demográfica de 2,65 hab/km² sendo que, atualmente, sua população está estimada em 7.514 habitantes (IBGE, 2010; 2017).

Alto Paraíso de Goiás teve sua ocupação marcada pelas tribos indígenas e pelo ciclo da mineração, quando era denominado de Veadeiros, devido aos veados existentes na região e pertencia ao município de Cavalcante. Em 1953 ocorreu sua emancipação e posteriormente recebeu o nome de Alto Paraíso de Goiás, devido à Fazenda Paraíso localizada na região e à sua altitude. Em divisão territorial datada de 2011, o município está constituído de dois distritos, sendo seu distrito sede, a cidade de Alto Paraíso, e o distrito de São Jorge, conhecido como Vila de São Jorge (PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2017). Desta forma, tais distritos podem ser caracterizados como pontos de partida para o turista que pretende conhecer a Região da Chapada dos Veadeiros, a qual recebe destaque no cenário turístico nacional no segmento ecoturismo pelos atrativos naturais, paisagens e elementos singulares que apresenta, sendo a principal atração o PARNA da Chapada dos Veadeiros.

A cidade de Alto Paraíso, localizada no paralelo 14, está assentada em uma placa de quartzo de 4.000m² cercada de rochas e paredões que conferem, segundo os esotéricos, proteção à região e, além disso, são responsáveis pelo “clima zen”, no sentido de tranquilo, harmônico e que “recarrega as baterias da alma”, percebido pelos seus moradores e visitantes. Assim, a cidade e toda a região têm recebido turistas motivados também pela possibilidade de experiências voltadas para a espiritualidade e o autoconhecimento.

A cidade abriga espaços que compõem esta oferta e seguem a linha do movimento esotérico e espiritual iniciado na região com as fazendas escola Bona Espero (Esperantismo), em meados da década de 1950 e, a Cidade da Fraternidade (Kardecismo), em 1960, seguindo com o movimento Nova Era, entre as décadas de 1960 e 1970 e atualmente organizados em mais de 40 grupos místicos, filosóficos e religiosos. Estes espaços produzidos são centros

holísticos, templos, cúpulas, *spas* que oferecem serviços de saúde diversos como terapias naturais para desintoxicação do organismo, terapias de beleza e de bem-estar, meditação e relaxamento; além das ecovilas e fazendas orgânicas. Desde então, migrantes de outros estados do País e do exterior se instalaram na cidade também motivados pelo movimento, o qual contribuiu para compor a diversidade cultural local e a identidade turística do destino.

Atualmente, esforços têm sido feitos com vistas a tornar Alto Paraíso referência em sustentabilidade, por meio de acordos de cooperação técnica, sendo o acordo entre o Governo Estadual, o Governo municipal e *Awaken Love* – movimento de transformação coletiva para o despertar global do amor fundado pelo líder espiritual Sri Prem Baba, cujo projeto prevê implementação no município dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (17 ODS) definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), o qual está dividido em três partes, sendo o diagnóstico da situação atual, escuta da comunidade e definição de políticas públicas a serem implementadas até o ano de 2030. E, mais recente, o acordo de cooperação técnica entre o Governo municipal e o Instituto Espinhaço-Biodiversidade, Cultura e Desenvolvimento Socioambiental, que visa o desenvolvimento de estratégias, programas e ações que apoiem a implementação de metas e ações dos 17 ODS, bem como a implantação de propostas e ações alinhadas ao Programa MaB/UNESCO, no contexto da Reserva da Biosfera do Cerrado Goiás, no território (PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2017).

A Vila de São Jorge está localizada a 36 km da cidade de Alto Paraíso, sendo que o acesso se dá pela rodovia GO-239 que liga Alto Paraíso a Colinas do Sul. A Vila fica entre o vale do Rio Preto e o vale do São Miguel e abriga o portão de entrada do PARNA da Chapada dos Veadeiros, sua comunidade possui cerca de 700 habitantes e a localização oportuniza ao lugar o reconhecimento como um centro receptor do destino turístico Chapada dos Veadeiros.

Sua fundação data da segunda metade do século XIX, por meio das atividades de garimpo de cristal de quartzo, as quais sofreram incremento no início do século XX com a indústria bélica. O lugar se diferenciava em toda a Chapada dos Veadeiros por apresentar área plana e por isso era chamado de planada da baixa, além disso, pelo fato de ser ponto passagem de rebanhos de gado, o lugar também era conhecido como arrodador das éguas. Garimpeiros da Bahia e de Minas Gerais foram atraídos para a região e, segundo registros da Paróquia Nossa Senhora das Graças de Alto Paraíso, em 1912 o lugar teve sua história marcada a partir da formação do acampamento Garimpão, o qual deu origem ao povoado designado pelo nome de Baixa, haja vista ficar abaixo de Alto Paraíso, posteriormente renomeado para Vila de São Jorge, já na década de 1950, e elevado à categoria de Distrito de São Jorge em 1996.

A década de 1930 foi marcada pela exportação do cristal de quartzo. Já entre os anos

de 1952 e 1960, com a estagnação do garimpo, aqueles que permaneceram no local voltaram-se à agricultura de subsistência e ao extrativismo mineral e vegetal (BRANDÃO; BARRETO, 2009). Nesse período, cerca de 50 anos desde o início da ocupação pelos garimpeiros, além da mudança de nome e da nova configuração territorial, ocorreram outras transformações devido aos fluxos migratórios de sujeitos de vários lugares motivados pela riqueza que poderia provir da atividade de garimpo, quando da alta da cotação do cristal ou, ainda, pela busca de trabalho considerando a construção da capital federal, Brasília entre outras motivações.

Coincidindo com essas mudanças, a demanda e o valor do cristal de rocha voltam a subir por causa da Guerra da Coréia e a Baixa entra em ebulição, com novos e mais moradores, garimpeiros, tropeiros, comerciantes, jogadores de baralho e mulheres (...). Tal movimento logo obriga as famílias existentes no povoado a estabelecerem, dentro de uma moral sócio religiosa, um contraponto (PAULO JOSÉ, 2003).

É possível perceber que representado na atividade de garimpo e no cenário construído a partir de suas especificidades e a diversidade apresentada, surge a figura do santo guerreiro São Jorge, elemento responsável não somente pela mudança de nome do lugar, mas pela defesa, proteção do lugar e de seu povo, sentimentos dessa comunidade que passa a ser marcados pela religiosidade e pela religião ali instituídos.

E, apesar de existirem algumas versões para o relato da chegada da imagem de São Jorge no povoado de garimpeiros no ano de 1952, prevalece a versão de que a mesma foi trazida por “doutor Borges”, empreendedor do estado de São Paulo, o qual a ofereceu à igreja, atual Capela de São Jorge (Fotos 6 e 7) e ao povo dali, o que deu início à então tradição de homenagear o santo e comemorar o aniversário da Vila, no dia 23 de abril, data comemorativa do santo em todo o Brasil. São 16 Igrejas de São Jorge no território nacional (PAULO JOSÉ, 2003).

Fotos 6 e 7 - Vila de São Jorge (GO): Capela de São Jorge (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

A comunidade que vivia de certa forma isolada, submersa no mundo do garimpo, passa a vivenciar nova realidade, pois após a fundação de Brasília (DF) em 1960, ocorreu a criação do PARNA da Chapada dos Veadeiros em 1961. Marcada por conflito e contradições, a implantação da unidade de conservação ao mesmo tempo em que teve a responsabilidade de conter os avanços do projeto de modernização econômica da região, que representava perda significativa para o cerrado existente, acentuou conflitos relacionados à ocupação do território pela população tradicional da Chapada dos Veadeiros, cuja permanência nas áreas destinadas ao parque era considerada incompatível com a proposta, e, oportunizou a exploração da natureza pela atividade turística voltada para áreas naturais (SARAIVA, 2012).

Cabe ressaltar que a população local ficou alheia ao processo de implantação do parque, que já previa o limite e controle do acesso e a proibição de uso da terra, cuja desapropriação de terras foi oficializada no ano de 1990, gerando transformações socioeconômicas e socioculturais relacionadas à identidade da comunidade e à luta pela sobrevivência no novo território. Estudos realizados e o contato com moradores da Vila de São Jorge mostram como essa comunidade tem orgulho de sua história e em especial da época da garimpagem. Domiciano (2014) registra que:

O Parque ainda guarda em seu interior as marcas da atividade que faz parte da história da região da Chapada dos Veadeiros, intimamente ligada a sua origem. São as catas deixadas pela garimpagem - forma quase que exclusiva de sobrevivência das pessoas da localidade - e que atualmente são vestígios de uma época (DOMICIANO, 2014, p. 29).

Considerando os moradores descendentes de ex-garimpeiros, a chamada população local, encontramos aqueles com idade média de 60 anos, os quais anteriormente garimpavam em busca de lascas do cristal e também lidavam na roça. Ainda encontramos alguns representantes dos ex-garimpeiros, com idade média entre 80 e 90 anos, que garimpavam em busca de pedra, o cristal maior. Netos e bisnetos de ex-garimpeiros, os quais só ouvem as histórias da atividade de garimpo, vivenciam a nova dinâmica da Vila, o turismo. Ademais, conforme dados do IBGE (2010), a população residente no município de Alto Paraíso de Goiás tem faixas etárias representativas entre os jovens (10 a 14 anos) e adultos (30 a 24, seguido de 20 a 24 anos). Juntaram-se a esta comunidade local pessoas que vieram de outros estados, se identificaram com o lugar e resolveram ficar, entre eles comparecem os esotéricos, os alternativos, os que se instalaram pelo comércio ainda na época do garimpo e os que vieram empreender na atividade turística.

A economia deste município é caracterizada pelas atividades do setor agropecuário (23,65%) e setor de serviços (39,37%), setor com maior impacto na distribuição do PIB local totalizado em R\$ 47.817,00, em 2009, sendo as seguintes representações dos demais setores da economia: administração e serviço público (22,35%) e indústria (8,79%), além dos impostos (5,85%). O turismo representa 60% da arrecadação e influencia direta e indiretamente a empregabilidade municipal com o maior número de pessoas ocupadas no setor de serviços, somando 716 pessoas, seguido do setor da agricultura (254), comércio (152) e indústria (34) (IBGE, 2010; 2013).

Conforme já mencionado, o município de Alto Paraíso pertence à Microrregião da Chapada dos Veadeiros e está inserido na Região Chapada dos Veadeiros, de acordo com o Mapa Turístico do Estado de Goiás, abriga uma diversidade de atrativos, entre eles 120 cachoeiras catalogadas e atualmente oferta aproximadamente 3.500 leitos divididos entre hotéis, pousadas e *campings* (PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2018) e, conforme o relatório final do Inventário da oferta turística de Alto Paraíso (2012) são 52 estabelecimentos que oferecem serviços de alimentação, quatro estabelecimentos de agenciamento turístico, oito estabelecimentos de transporte, sete espaços para evento e 63 profissionais cadastrados para guiar e conduzir visitantes (IPTur, 2012). A demanda turística é regular e sofre picos de fluxo de turistas nos períodos de alta temporada. Já a permanência de turistas na região da Chapada dos Veadeiros se dá em torno de 2 a 4 dias para turistas regionais; 5 a 8 dias para turistas de outros estados do país e estrangeiros interessados nos atrativos naturais e culturais e de 4 a 30 dias para turistas que buscam os aspectos místicos da região por meio de vivências terapêuticas e espirituais.

A Vila de São Jorge experimentou um novo revigoramento no final da década de 1980 e após 1986, com a construção da rodovia GO-118, que liga Brasília a Arraias, município do atual estado do Tocantins, passando por Alto Paraíso de Goiás. Ocorrência que fez com que se desse a consolidação de seu crescimento e o consequente incremento turístico, principalmente pelo aumento da visitação de turistas oriundos de Brasília, interessados nos atrativos localizados no interior do PARNA e em seu entorno.

A ocupação turística contribuiu para alterar tanto o ambiente físico natural como social e promover alterações de infraestrutura, serviços e comércio. O espaço da Vila de São Jorge encontra-se organizado e caracterizado para subsidiar o desenvolvimento da atividade turística e desta se resulta. De acordo com dados da SECTUR, na alta temporada passam 4.700 turistas pela Vila, os quais utilizam da estrutura comercial ofertada e que inclui equipamentos específicos para o atendimento desses turistas (Tabela 1).

Tabela 1 - Vila de São Jorge (GO): Serviços e equipamentos turísticos (2019).

SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS	TIPO DE ESTABELECIMENTO	QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTO	%
Hospedagem	Pousada	35	33,98
	<i>Hostel</i>	3	2,91
	<i>Camping/chalés</i>	16	15,53
Alimentação	Restaurante, pizzeria e café	20	19,42
	Lanchonete	3	2,91
	Bar	2	1,94
Agenciamento	Agência de viagem ou operadora	2	1,94
Transporte	Transportes turísticos	1	0,97
Eventos	Espaço para eventos culturais	1	0,97
	Espaço para diversão noturna	2	1,94
Outros serviços e equipamentos turísticos	Lojas de artesanato, pedras, cristais e suvenires	8	7,79
	Armazém/mercado	1	0,97
	Mercearia e bar	1	0,97
	Drogaria	1	0,97
	Padaria	1	0,97
	Relicário, ateliê, galeria de arte e galeria de exposições	5	4,85
	<i>Herbanarium</i>	1	0,97
	TOTAL	103	100%

Fonte: Organização da autora, dados coletados na pesquisa de campo com base no Sistema de Informações Turísticas - SISTUR (BENI, 1990), 2019.

Como parte do trabalho de campo, foram aplicados 62 questionários junto aos turistas da Vila de São Jorge, nos períodos de 12 a 18 de novembro de 2018 e de 10 a 16 de janeiro de 2019, períodos considerados de alta temporada devido aos feriados prolongados e férias escolares. O intuito foi conhecer o perfil socioeconômico dos visitantes, além dos motivos da viagem; os lugares visitados por eles; se os mesmos se hospedaram na Vila e por quanto tempo; se participaram das festas tradicionais; se voltariam nesse destino e como avaliariam a infraestrutura e os serviços turísticos do lugar. Foi possível também conhecer as experiências relevantes que os visitantes vivenciaram na Vila de São Jorge e verificar que

Os questionários foram aplicados aos visitantes, por meio da abordagem de conveniência (DENCKER, 2007), ou seja, os visitantes que usufruíam dos serviços de hospedagem, alimentação e do comércio local, foram abordados pela pesquisadora de acordo com oportunidade de aproximação. A amostragem utilizada para os questionários foi não probabilística, por saturação dos objetivos propostos para esse enfoque da pesquisa, quando os dados de um determinado grupo atingiram a saturação teórica (FLICK, 2009). Essa etapa do trabalho de campo nos oportunizou uma maior compreensão do contexto atual da Vila de São Jorge e da relação existente entre visitantes e comunidade anfitriã.

Conforme dados levantados, a infraestrutura: limpeza urbana, segurança, sinalização turística, *internet* e os serviços turísticos ofertados: restaurantes, hospedagem, atrativos turísticos, diversão noturna, informações turísticas, preços praticados e serviço de guia de turismo foram bem avaliados (41%), sendo que 15% dos turistas os consideraram como muito bons e 4% como ruins com queixas relacionadas aos serviços de *internet*.

Os principais pontos turísticos e a estrutura de apoio ao turista da Vila de São Jorge são apresentados no Mapa 5.

Mapa 5 - Vila de São Jorge (GO): pontos turísticos e estrutura de apoio ao turista (2019)



O guiamento e condução de visitantes complementa a oferta de serviços turísticos. Dos 95 profissionais atuantes na Chapada dos Veadeiros, 31 estão baseados na Vila. Aliado ao serviço de guia, ex-garimpeiro, raizeiro conhecido na região, agrega valor ao serviço de guia por meio de seu conhecimento sobre as plantas medicinais do cerrado. Ele conta como aprendeu o ofício e fala sobre sua relação com os parceiros raizeiros da região e a importância dessa partilha para a continuidade da prática.

Na época do garimpo, a maioria dos moradores da Vila garimpava, inclusive as mulheres, mas elas ainda sabiam utilizar e aproveitar as plantas do cerrado para vários fins. Eram parteiras, benzedeiras e raizeiras. Existiam também os que não garimpavam, mas

lidavam com a roça para a própria subsistência. Saraiva (2012) afirma que a cultura é entendida como registro das experiências de homens e mulheres em um contexto cultural em interação.

Dentre os ofícios tradicionais e as atividades econômicas desenvolvidos na Vila de São Jorge destacam-se as Raizeiras e Raizeiros do Cerrado, os quais atuam na identificação e coleta de plantas medicinais, no preparo e na indicação de remédios caseiros; o artesanato; a gastronomia e o turismo, especialmente o ecoturismo, que tem suas raízes na natureza e no turismo ao ar livre. As comunidades tradicionais conservam melhor o meio ambiente, pois é dele que vem o sustento bem como o remédio. Conforme Diegues (2008) ressalta, essas comunidades desenvolvem formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural. E, nesse contexto, se estabelece a comunidade da Vila de São Jorge.

O turismo receptivo na Vila articula passeios para atrativos do entorno e atividades de aventura por meio da atuação de guias e condutores, visitas guiadas no PARNA, traslados em veículos do tipo 4x4 ou *off road* e locação de bicicletas. A Vila possui Centro de Apoio ao Turista (CAT). Apesar da estrutura apresentada, a Vila carece de formação e preparo das pessoas envolvidas na atividade turística especialmente para esses condutores e guias de turismo e demais agentes envolvidos nas atividades de receptivo, pelo fato que os mesmos podem colaborar para a qualidade e a relevância da experiência turística.

A quantidade de meios de hospedagem instalados na Vila de São Jorge representa 52,42% da oferta de serviços e equipamentos turísticos, e estão distribuídos entre pousadas, *hostels* e *campings*. Alguns estabelecimentos apresentam estrutura voltada para oferecer luxo e conforto aos seus hóspedes e dispõem de estrutura de lazer completa, incluindo restaurante, café, loja, estacionamento; as suítes geralmente são distribuídas seguindo o estilo chalé ou bangalô, com suas próprias varandas.

Os materiais utilizados na construção desses estabelecimentos conferem ar de rusticidade: pedra, madeira, vidro e concreto. Objetos de arte ou decoração que valoriza o artesanato da região complementam o clima harmônico e agradável, além de plantas, árvores frutíferas, fontes e muita espada de São Jorge, planta herbácea de origem africana, conhecida pelo forte poder de proteção. Cristais de várias formas e tamanhos, espalhados por todos os lugares, harmonizam, relembram e homenageiam os garimpeiros dali.

Os mosaicos coloridos são comuns nas edificações, na Capela de São Jorge homenageiam Divino Espírito Santo e São Jorge e assim como as fachadas e as esquadrias, conferem cor à Vila. Ressaltamos que estas últimas, bem como os telhados, não seguem

padrão de forma ou de materiais e que entre as edificações existentes estão sobrados e edificações térreas, sendo que a maioria apresenta jardins e quintais em seus projetos.

As opções de hospedagem na Vila de São Jorge (Fotos 8 e 9) vão de simples e econômicas até as que conseguem oferecer sofisticação aos visitantes, são pousadas que conferem charme e conseguem entregar os serviços procurados pelos hóspedes. Existem também as pousadas que oferecem terapias alternativas e alimentação saudável.

Fotos 8 e 9 - Vila de São Jorge (GO): meios de hospedagem - pousadas (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Os *campings* compõem a oferta de hospedagem e possuem estrutura específica para montagem das barracas; espaço de convivência, onde geralmente são feitas as fogueiras, cozinha coletiva, banheiros com água aquecida e estacionamento. Alguns *campings* também oferecem outras opções de acomodação como suítes e chalés e estruturas de serviços de alimentação: lanchonete e restaurante. Para a comodidade dos hóspedes, um *camping* criou a alternativa barraca equipada, a prova de chuva, com colchão e roupa de cama. No mesmo meio de hospedagem não é permitido o consumo de bebidas alcoólicas e prevalece o respeito ao silêncio (Fotos 10 e 11). Chalés e *hostels* configuram também opções para hospedagem na Vila de São Jorge.

Fotos 10 e 11 - Vila de São Jorge (GO): meios de hospedagem - *camping* (2018)

Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

É comum ver expressões de arte nas ruas, grafites de artistas locais e de outros lugares do mundo colorem muros e fachadas de estabelecimentos da Vila. As demais edificações residenciais e os estabelecimentos como lojas, armazém, mercearia seguem o estilo simples e rústico e algumas apresentam varandas na fachada principal.

Na Vila de São Jorge estão instalados estabelecimentos tradicionais, estruturados há 30 anos, em média, caso do *Camping* do Pedú, do Bar do Pelé, Restaurante da Nenzinha e Restaurante da Teia. Os restaurantes e estabelecimentos que comercializam alimentos e bebidas (Fotos 12 e 13) estão concentrados nas ruas principais: a Rua 6, rua da Praça de São Jorge e a Rua 7, onde se localiza a capela sendo a rua que dá acesso ao PARNA.

Ainda não foi realizado estudo da capacidade de carga para esses estabelecimentos, os quais somam 25,24% da oferta de serviços e equipamentos turísticos. O que se pode observar é que a concentração de pessoas tem se dado em horários específicos: o início da manhã, quando as pessoas se preparam para os passeios, trilhas e atividades de aventura e; quando o PARNA encerra suas atividades diárias e os visitantes buscam uma refeição substancial, apelidada na Vila como “almojanta”. Mais tarde os estabelecimentos voltam a ser procurados como opções de lazer noturno.

Fotos 12 e 13 - Vila de São Jorge (GO): café e bar/casa das pedras (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Esses estabelecimentos apresentam variedade de oferta de produtos, contudo, como em outros destinos turísticos, requer contínua capacitação profissional voltada para as boas práticas nos serviços de alimentação. A culinária local, enquanto prática cultural será abordada no capítulo 4, entretanto vale destacar a oferta, segundo os visitantes, de comida caseira e saborosa; alimentos frescos; opções para vegetarianos ou adeptos da alimentação saudável; hortaliças orgânicas e sucos de frutos do cerrado. Nos cardápios pode ser observado que os nomes dos pratos homenageiam os atrativos locais, uma forma de valorização e promoção do que é do lugar (Fotos 14 e 15).

Fotos 14 e 15 - Vila de São Jorge (GO): restaurante em meio de hospedagem e taberna (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

O comércio da Vila foi marcado pela Mercearia Machado Alves, uma espécie de armazém cuja instalação data da época do garimpo e que comercializava desde alimentos, bebidas, materiais de construção até artigos de perfumaria e papelaria. Em março de 2018, o proprietário Seu Claro Machado deixou a Vila e um legado de realizações ideias e bons exemplos e sua vida virou livro¹⁴, escrito por Fabí Gonçalves e Paulo José. No lançamento do livro, em novembro de 2018, a Vila parou para lembrar as histórias e homenagear um dos pioneiros do lugar, a varanda do bar continua sendo um dos *points* da Vila, agora administrado e cuidado por seus familiares (Fotos 16 e 17).

Fotos 16 e 17 - Vila de São Jorge (GO): mercearia e bar (2018 e 2017)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

Lojas de artesanato comercializam peças de vários lugares da Chapada dos Veadeiros, com destaque para as luminárias; estandartes e oratórios de São Jorge. Já na Praça do Artesão e em suas imediações concentram artesãos de outras localidades com peças diversas, as quais não diferem do artesanato apresentado em todo o Estado. Esses artesãos se instalam temporariamente na Vila, como ambulantes, ocupando espaços públicos e ocasionando problemas como poluição sonora e visual e dificultando o fluxo de pedestres e veículos. Já nas feiras que ocorrem nos eventos realizados na Vila, a saber, Encontro de Culturas Tradicionais da Chapa dos Veadeiros, Encontro Raízes entre outros é possível encontrar produtos típicos, produzidos pelos povos da região como arte indígena e produtos Kalunga: farinha, licores, conservas, garrafadas de plantas medicinais e artesanato (Fotos 18 e 19).

¹⁴ Livro. Livro intitulado “Claro Machado, um ícone da Chapada dos Veadeiros”, escrito por Fabí Gonçalves e Paulo José, publicado em 2018.

Fotos 18 e 19 - Vila de São Jorge (GO): Praça do Encontro (2018) e Associação de Moradores da Vila de São Jorge - ASJOR (2017)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

Quanto à infraestrutura geral e aos serviços básicos, a Vila de São Jorge possui um posto de polícia, mas não existe uma rotina de trabalho dos policiais. Segundo os moradores, os plantões se dão duas vezes na semana e às vezes passa até um mês sem policiais para realizar o trabalho. Entretanto, a Vila, assim como outros destinos da Chapada dos Veadeiros, conta com operações especiais das polícias Civil e Militar e do Corpo de Bombeiros para períodos de estiagem, alta temporada, feriados e períodos de festas.

Além das queimadas na Chapada dos Veadeiros, outras discussões atuais perpassam as questões ambientais e influenciam a atividade turística. No município de Alto Paraíso de Goiás, por exemplo, a crise hídrica de 2017 se deu pela seca do córrego Pontezinha e como solução para o problema foi perfurado um poço com capacidade para abastecimento de 1.600.000 L/dia de água. Daí a importância de trabalhar de maneira articulada e conjunta ações sustentáveis com o intuito de minimizar impactos de ordem ambiental social e econômica, evitando conflitos de interesses e garantido a aplicação das políticas públicas.

A Vila conta com uma Unidade Básica de Saúde para atendimento da comunidade e visitantes e não dispõe de atendimento médico móvel do tipo SAMU nem programa de qualificação para atendimento turístico o que reflete em aumento de demanda para as cidades de Alto Paraíso e São João d'Aliança (Fotos 20 e 21). Os médicos que atuam na unidade não residem na Vila de São Jorge e revezam entre si em plantões que ocorrem em três dias da semana, nos demais dias a população conta com o atendimento de uma enfermeira e de um técnico em enfermagem.

Fotos 20 e 21 - Vila de São Jorge (GO): Unidade Básica de saúde e Horto Medicinal (2017)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

As ruas da Vila de São Jorge não são pavimentadas, entretanto, existe um projeto de calçamento e drenagem urbana- parcialmente executado- com vistas a conter pequenos alagamentos eventuais, assim como existe projeto para a implantação de rede elétrica subterrânea. No caso do calçamento das ruas a história vem sendo contada há 20 anos desde o debate inicial- no Projeto Veadeiros- e a solicitação de apoio junto ao governo por parte dos moradores, passando pela implantação de uma fábrica de bloquetes de cimento que foi fechada deixando esse material abandonado servindo de abrigo para insetos etc. até o sumiço dos mesmos, discursos políticos e propaganda, o trabalho iniciado e logo interrompido de instalação de galerias fluviais, o impacto ambiental gerado por esse processo com o comprometimento do Rio Preguiça pelo acúmulo de cascalho e areia, as estações secas e chuvosas, as altas e as baixas temporadas.

Após a retomada, em 2018, com a realização da terraplanagem e instalação de meios-fios e sarjetas, o processo foi novamente interrompido deixando apenas uma amostra de como ficariam as ruas calçadas da Vila de São Jorge, a certeza do descaso e uma única opção à comunidade: continuar a luta por qualidade de vida por meio do diálogo e da cobrança junto às instâncias responsáveis (Fotos 22 e 23).

Fotos 22 e 23 - Vila de São Jorge (GO): Rua Pitanga e Rua Curiola (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

A iluminação pública do município como um todo requer melhorias na sua estabilidade de cobertura, o problema se agrava nos períodos em que ocorrem os grandes eventos. Além disso, a Vila apresenta agravamento da circulação de veículos na alta temporada e em feriados prolongados. A sinalização é precária nas ruas principais, as quais concentram o comércio e a via que leva ao PARNA, o que ocasiona congestionamento pelo fato de não existir obrigatoriedade para que os carros fiquem estacionados na área estruturada para estacionamento, localizada na entrada da Vila, em períodos de aumento do fluxo turístico (Fotos 24 e 25). Contudo, os becos da Vila chamam atenção pela tranquilidade que inspiram.

Fotos 24 e 25 - Vila de São Jorge (GO): ruas e becos (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

O acesso à Vila de São Jorge se dá pela Estrada-parque denominada Prefeito Divaldo Rinco (GO-239), a qual liga Alto Paraíso a Colinas do Sul, em um percurso de experiências pelas sensações causadas pela paisagem. É possível acessar a Vila por duas entradas, sendo a primeira pela Rua Umbu e a segunda pela Rua 1. Por enquanto seguem discussões acerca de qual das duas deveria ser fechada e se a Vila não merecia ter um portal que marcasse a sua entrada, as opiniões de moradores serão apresentadas no capítulo 4.

A primeira entrada é marcada por placas que contrastam com a natureza, configurando poluição visual. Placas diversas estão concentradas nas esquinas, ora sinalizam, ora confundem pelo excesso de informações, colorem, são customizadas com adesivos, improvisam um banco e até servem para marcar pontos de venda de cristais e artesanatos pelos ambulantes (Fotos 26 e 27).

Fotos 26 e 27 - Vila de São Jorge (GO): entrada (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Como estrutura de lazer para a comunidade a Vila apresenta as praças: São Jorge, Praça do Artesão, Praça do Encontro, quadra poliesportiva e centro comunitário, além de um campo de futebol de terra, onde ocorrem campeonatos entre times da região (Fotos 28 e 29).

Fotos 28 e 29 - Vila de São Jorge (GO): quadra poliesportiva e Praça do Artesão (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

A infraestrutura dos sistemas de comunicação tem atendido às necessidades da população e atual demanda turística e conta com posto dos Correios (Foto 30), embora a Vila não disponha da Rede de Banco 24 Horas e lotéricas, sendo o ponto de autoatendimento mais

próximo localizado na cidade de Alto Paraíso. Esse fato já foi um problema para a operação da atividade turística, entretanto, foi solucionado por meio da utilização dos sistemas de cobrança por cartões de débito e crédito no comércio local e com a facilidade de acesso a Alto Paraíso pela estrada pavimentada. Dessa forma, fica atendido o desejo da comunidade, preocupada com a insegurança que poderia resultar da instalação e manutenção de caixas eletrônicos na Vila.

Foto 30 - Vila de São Jorge (GO): posto dos Correios (2017)



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

A Vila de São Jorge possui duas escolas municipais com oferta de educação infantil e ensino fundamental, conforme legislação municipal, contudo essa oferta reduzida gera demanda reprimida, fato que contribui para a migração dos jovens da comunidade em busca da continuidade da escolarização em outros centros regionais, tendo as escolas da cidade de Alto Paraíso como primeira opção para cursar o ensino médio.

Diante do reordenamento proporcionado pela atividade turística nesse pequeno centro, a Vila de São Jorge, conforme já mencionado, pode ser caracterizada como ponto de partida para os atrativos naturais da região e apresenta estrutura de apoio, compreendendo inclusive equipamentos que complementam opções de lazer noturnas para os turistas e contribuem para a permanência dos mesmos.

Seus atrativos culturais estão concentrados na própria comunidade tradicional de garimpeiros. A representatividade da cultura na Vila de São Jorge parece estar no misticismo, na religiosidade, na figura de São Jorge, o santo padroeiro e nas festas, mesmo aquelas, as quais promovem o encontro de povos de vários lugares da Chapada dos Veadeiros, kalungas, indígenas, parteiras, raizeiros.

O santo guerreiro transita pela Igreja Católica e nas religiões de matriz africana Umbanda e Candomblé e representa para seus devotos justiça, salvação, verdade e prontidão. Cultuado por várias pessoas em vários lugares, é referência de luta contra o mal:

Portugal, Inglaterra, Etiópia, Malta, (...), escoteiros, soldados, ciganos, corinthianos. Essa é só uma lista parcial de lugares e pessoas que têm São Jorge como padroeiro. Num culto que teve seu auge na Idade Média, ele é um dos santos mais populares do mundo. Afinal, Jorge deu a vida em nome do cristianismo (...) Montado em seu cavalo branco, tornou-se exemplo de coragem, fê, resistência e, principalmente, das virtudes da cavalaria (YARAK, 2017).

Na Vila de São Jorge são encontrados raizeiros, parteiras, rezadeiras, tem ladainha, ofícios tradicionais, saberes e fazeres que remetem à descendência africana do povo brasileiro, ao nordestino, ao mineiro, ao garimpeiro. Em todos os lugares da Vila podem ser encontradas referências a São Jorge, pousadas, *campings*, restaurantes, lojas que levam o nome do santo ou dos elementos que contam a sua história: a lua, seu cavalo branco, a espada, a lança, sua região. Entretanto, não foram encontradas na Vila referências a Ogum, o que leva à reflexão de que na Vila de São Jorge, a qual não é a Vila de Ogum, tem estampada na frente a figura do cavaleiro, do guerreiro e na parte posterior estão as coisas dos negros, dos raizeiros, dos rezadores.

Essas relações levam a crer que o fortalecimento da identidade da Vila está baseado nas práticas de misticismo, nas festas populares e festas religiosas dadas à influência do catolicismo e o sincretismo entre as culturas europeias, indígenas e africanas. Está nas pessoas fortes, muitas vezes não compreendidas; está nas noites de lua cheia, no imaginário que leva a crer no próprio São Jorge iluminando a Vila e abençoando os seus devotos como em outrora, quando o senhor feudal, por trás de sua muralha, protegia os seus servos.

A permanência da comunidade também parece se estabelecer pela religião, festas e pelo misticismo do lugar. O fato do nascimento da Vila ter se dado no contexto do garimpo de cristal de rocha, o Quartzo transparente, elemento fonte de energia, símbolo de pureza, que balanceia os estímulos positivos e negativos e os harmonizam, simboliza a liberdade e a pureza da fé na igreja e faz com que o lugar seja percebido, também pelos moradores, como iluminado. Para os japoneses esse elemento é símbolo da infinidade do espaço, da paciência e da perseverança, o que vem ao encontro com o sentido da permanência no lugar (Fotos 31 e 32).

Fotos 31 e 32 - Vila de São Jorge (GO): jardins criados com plantas e cristais



Autora: Renata F. C. Roriz (2017).

Ainda sobre a questão da permanência do sujeito no seu lugar de origem ou onde ele escolheu para viver está a sobrevivência, pois se não existe o que comer não há como permanecer ali. Desde a época do garimpo os sujeitos do lugar buscaram seu sustento na terra e, no momento atual, o sustento tem sido “extraído” dali. Mudou-se a forma de obtenção do mesmo, o processo de (re) produção do espaço também foi alterado; os sujeitos, moradores ex-garimpeiros e seus descendentes, na sua maioria, têm permanecido ali; e o lugar não vai deixar de existir. Todavia, esse lugar que é, sobretudo, da comunidade, deve ser valorizado e reconhecido em suas especificidades e em seus interesses coletivos.

Para tanto, entre as ações da Prefeitura promovidas em parceria com o governo estadual está a oferta de cursos de capacitação profissional, na sede de Alto Paraíso: formação de recepcionista em meios de hospedagem; auxiliar administrativo; assistente de contabilidade; músico e artesão de biojoias, com conhecimento introdução ao estudo de plantas bioativas e estudo de sua aplicação.

Espera-se que essas ofertas representem oportunidade para todos, sejam eles jovens ou adultos, estudantes, atuantes na área, gestores, possíveis empreendedores para que possam conhecer e aperfeiçoar seus conhecimentos. Além disso, estudos de demanda junto às partes interessadas contribuem para avaliar a necessidade de novas ofertas de cursos considerando as especificidades dos serviços na área de turismo e hospitalidade: camareira, boas práticas nos serviços de alimentação, agência, idioma, recepcionista de eventos, eventos, atendente de restaurante, informática.

Quanto aos atrativos culturais, existem em São Jorge os eventos programados, dentre eles destaca-se o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, hoje na sua décima sétima edição, e que tem como sede a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (Fotos 33 e 34), Organização Não Governamental (ONG) sediada na Vila de São Jorge, a qual contempla todo tipo de manifestação cultural de populações tradicionais: kalungas, indígenas, caipiras; além de oficinas, cursos e rodas de poesia que fazem do evento um encontro de culturas. Atualmente recebe apoio do Governo de Goiás, do Ministério da Cultura, Ministério do Meio Ambiente, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Prefeitura de Alto Paraíso, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Governo da França e do México.

Fotos 33 e 34 - Vila de São Jorge (GO): Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (2018)



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Assim sendo, o momento atual é de abrir espaço para novas soluções que contribuam para a sustentação da Vila, por meio da interação com o patrimônio natural do destino Chapada dos Veadeiros, para que possa ser reconhecida como além do lugar que abriga o portão de entrada do PARNA e que serve de passagem para outros lugares. A Vila de São Jorge tem um padroeiro, tem festa, gastronomia, plantas medicinais, um clima harmônico, tem história e tem gente.

3.3 Impactos do turismo na Vila de São Jorge e o mosaico de ideias e aspectos

Considerando o processo de implantação do turismo na região da Chapada dos Veadeiros a partir da criação do PARNA da Chapada dos Veadeiros, em 1961, e a consequente privação de trabalhar a terra, já no final de 1980, a comunidade da Vila de São

Jorge vivenciou uma série de transformações no seu modo de vida, pois os costumes locais para a obtenção do sustento, extraídos da própria natureza, foram influenciados pelo novo contexto. A Vila começou a se beneficiar do Turismo, em 1988, quando os visitantes do parque encomendavam almoço e queriam andar com as pessoas de lá, atividades que contribuíam para a sobrevivência da comunidade. Entretanto, com a intensificação da atividade turística na década de 1990, ocorreram mudanças no modo de vida da comunidade advindas do contato com turistas e novos moradores e da expansão territorial.

Enquanto alguns moradores entenderam o movimento do turismo ou somente se adaptaram e buscaram a inserção na atividade com vias de sobrevivência, outros apresentaram formas variadas de entendimento do novo momento e reagiram às suas maneiras, conforme relata o jornalista Paulo José (2003):

Na expressão de um informante, “aí, o turismo encostou”. E a maioria dos garimpeiros, contrariada, será obrigada, por questão de sobrevivência, a tornar-se condutor de visitante. Com um lento e contínuo crescimento, os turistas e a atividade turística vão iniciar mudanças radicais no povoado e na convivência entre os nativos. Vi ocorrer, então, uma separação entre aqueles que primeiro negociam, depois aceitam e, por último, praticam e perpetuam a “nova realidade” e aqueles que não assimilam, entendem os que aceitam, mas não negociam (PAULO JOSÉ, 2003).

Domingos Soares Faria, nascido em Paracatu (MG), garimpeiro que “bamburrou”, foi embora, perdeu tudo e voltou para a Vila de São Jorge, onde permaneceu até o final da sua vida, relata sua percepção sobre o turista da Vila. Para ele, no início da atividade turística na Vila, o turista ia para lá em busca de um lugar de descanso, mas fazia tudo errado:

O pessoal não sabe onde vai, onde fica. Muito praqui, muito pracolá e aqui não serve, vou pra tal lugar, aqui não dá certo, é indo e voltando, é desse jeito. [...] Aquela cabeça, no sol, na chuva, tudo escorrendo água [...]. Mas depois foi existindo muitos escândalo, o caboco não vestir mais e andar pelado no meio de gente, usar coisas que não podem, coisas proibidas. Aí, não tem vergonha duma pessoa mais velha [...]. E cadê? Não tem mais lugar aqui, isso fica igual ao peixe quando o rio tá secando [...] (FARIAS, 2009, p. 27-28).

Santana (2009) trata os impactos do ecoturismo como o rastro deixado pelo turismo, pelo turista e por suas infraestruturas associadas ao meio ambiente transformado em destino e os divide em três grandes grupos:

- a) Impactos físicos: alteração no território, na fauna e na flora;
- b) Impactos socioeconômicos: custos e benefícios provenientes do desenvolvimento e do uso de bens e serviços turísticos, bem como os efeitos destes na estrutura social;
- c) Impactos socioculturais: mudanças nos modos de vida, padrões de resposta a conflitos e comportamentos, traços culturais e cultura material, percepção de si mesmo e dos outros, que afetam todos os envolvidos na atividade turística (SANTANA, 2009).

Assim, tais impactos do turismo são tratados como impactos sobre o meio ambiente natural, impactos econômicos, sociais e culturais. Bueno et al. (2011), estabeleceram os principais impactos do ecoturismo em nível local e regional, conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 - Principais impactos da atividade ecoturismo

Impactos sobre o meio ambiente natural	Impactos econômicos	Impactos sociais	Impactos culturais
Poluição atmosférica, aquática, do solo e sonora Erosão do solo Destruição da paisagem natural, da fauna e da flora Alterações da biota Coleta ou depredação de elementos naturais	Custos de investimentos no setor turístico Instabilidade da demanda turística Inflação e especulação imobiliária Sazonalidade da demanda turística	Estímulo de hábitos de consumo desconhecidos ou inacessíveis para a comunidade local Alteração na moralidade da comunidade local Disseminação de doenças Perda de valores culturais tradicionais Conflitos, migração de pessoas em busca de emprego	Descaracterização do artesanato Vulgarização das manifestações culturais Banalização das crenças religiosas Destruição do patrimônio histórico causado pelo fácil acesso e ações depredatórias dos turistas

Fonte: Adaptado de Bueno et al., 2011.

Fica claro que o ecoturismo pode gerar avanços, mas também constitui uma ameaça à natureza, à sociedade, às culturas, e, portanto é preciso buscar o equilíbrio entre a atividade, os interesses e necessidades da sociedade, levando em conta os parâmetros ambientais que garantam a manutenção da vida e do território. Desta forma, os impactos podem ser positivos ou negativos, e podem apresentar natureza, magnitude e intensidade diversas e ainda oferecer ou não possibilidade de reversão.

De acordo com Barreto e Brandão (2009), em estudos realizados em 2000, foram constatados impactos positivos e negativos na Vila, conforme mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Vila de São Jorge (GO): impactos do ecoturismo

Impactos positivos	Impactos negativos
Correto entendimento sobre o ecoturismo O ecoturismo como grande indutor e distribuidor de renda dentro da Vila Aumento de emprego e renda Melhoria da imagem da Vila	Aumento do lixo; Desabastecimento de água e tratamento de esgoto; Especulação fundiária e imobiliária; Perda de identidade cultural; Dependência do ecoturismo; Comportamento inadequado de turistas (uso de drogas e bebidas alcoólicas); Aumento de poluição hídrica; Falta de integração entre empreendedores e comunidade; Insegurança dos turistas devido à baixa qualificação dos guias.

Fonte: Adaptado de Barreto e Brandão, 2009.

Em 2004, outro levantamento realizado pelos mesmos autores, identificou que no meio natural, a população local apontou como efeitos positivos a implementação de

programas de preservação ambiental e os investimentos em educação e conscientização ambiental para a população e os visitantes. Como negativos, o aumento da poluição do ar, da água e sonora, como também o acúmulo de lixo, a destruição de trilhas e vegetação, erosão e compactação do solo, bem como a perturbação à fauna nativa.

Quanto aos impactos sociais e culturais, foram considerados positivos a melhoria da qualidade de vida da população local, a construção e revitalização de espaços centrais, os investimentos públicos e privados em infraestrutura social e treinamento de pessoal. Entre os impactos negativos, destacam-se a desvalorização da cultura local frente à cultura do turista, descaracterização do artesanato e da alimentação, a degradação de áreas públicas, a exclusão da população nativa ao crescimento econômico, além da desapropriação e da segregação de espaços públicos e da urbanização acelerada e desordenada.

Finalmente, os impactos econômicos positivos, incluíram a expansão e a dinamização do setor terciário e a geração de empregos. Os impactos negativos foram: a intensificação da especulação imobiliária, a concentração de renda e a elevação do custo de vida.

Domiciano e Oliveira (2012) apontam como impactos negativos do ecoturismo na Vila de São Jorge a escavação das ruas sem pavimentação, gerando erosão naquelas mais declivosas, a expansão urbana em direção à área do PARNA, o acúmulo de lixo e entulho, poluição visual pelo excesso de placas informativas, poluição sonora, a especulação imobiliária, que provoca a supervalorização das terras, retirando dos moradores tradicionais o acesso à moradia e meio de vida.

Percebe-se, portanto, que na medida em que o ecoturismo ganha força e importância, os impactos também ganham dimensão, agora não só os impactos causados pelo aumento de carga turística, mas também aqueles gerados pelo capital que busca concentrar a posse de áreas nobres da Vila e acumulação dos recursos, trazendo empresas e consequente aumento de renda, porém restringindo o espaço próprio da população já expropriada pela construção do PARNA da Chapada dos Veadeiros.

No ano de 2014, alterou-se significativamente a forma de acesso à Vila de São Jorge, foram pavimentados os 13 km restantes da GO-239, que liga o Distrito à sede do município e contempla também uma ciclovia, que foram entregues ao uso público e configurou, apesar da divergência de interesses de alguns grupos, um incentivo ao turismo por meio de novas possibilidades de mobilidade, fluxos e logística, além de maior segurança e fluidez não só para o turista, mas também para a comunidade local. Todavia, estudo de Domiciano et al. (2017) mostra que a GO-239 ainda requer condições que a caracterizem como estrada-parque e que a criação e implantação de um plano de manejo faz-se necessário e urgente, tendo em

vista enaltecer o potencial turístico da via de acesso aos principais atrativos da região com vistas às questões socioambientais.

Em levantamento feito no ano de 2015, por meio de conversas informais com moradores, empresários e visitantes; durante uma visita técnica que fizemos com alunos, constatou-se uma mudança significativa do perfil turístico e também da carga turística da Vila acarretando, segundo os entrevistados, maior poluição sonora, consumo excessivo de bebida alcoólica por parte de visitantes, poluição do ar, depredação do patrimônio natural e aumento do lixo na Vila. Foi possível constatar na pesquisa de campo, realizada em 2018, que esses problemas apontados são recorrentes.

Quanto aos aspectos positivos, foi possível observar o aumento da renda da população e novas possibilidades de negócios e empregos. Entretanto, cabe reflexão acerca do poder de compra da comunidade pelo fato da Vila ser um destino turístico, geralmente relacionado ao aumento do custo de vida nestas localidades. Relatos de moradores destacam a relação de troca no comércio local da Vila na época do garimpo e preços abusivos na nova dinâmica local, prática responsável por privar o consumo de moradores e motivo que levou Seu Domingos a não comer mais paçoquinha:

(...) Vivo independente, não devo nada a ninguém. Eu tenho meu crédito. Mas o comércio aqui agora é um absurdo, os preços e tal. Eu não compro porque eles querem fazer fortuna, compram uma coisa de cinco centavos e querem fazer dois mil reais com aquilo. Numa lata de paçoquinha eles querem fazer mil reais! Então eu não como paçoquinha nem paçocona (FARIAS, 2009, p. 36).

De certa maneira, a população local criou mecanismos de resistência, tanto que foram incorporados no processo turístico por meio da capacitação de guias de turismo e da constituição de associações como forma de auxílio na promoção do empoderamento de seus membros e na busca pela identidade da comunidade local. Dentre as associações estão: a Associação de Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACVCV) e a Associação de Moradores da Vila de São Jorge (ASJOR), a qual apoia e abriga o Projeto Turma Que Faz, trabalho social desenvolvido com crianças e adolescentes. Atualmente, a Vila tem um vereador; o administrador local é escolhido por indicação do prefeito e existem relatos de que houve uma tentativa sem sucesso de criar um conselho comunitário e complementam que embora possuam representação no Grupo e no Conselho de Turismo do município ainda não se sentem representados e atribuem à falta de comprometimento, à vaidade e à não defesa dos interesses da comunidade (Fotos 35 e 36).

Fotos 35 e 36 - Vila de São Jorge (GO): ASJOR e Cabana Turma Que Faz (2018)

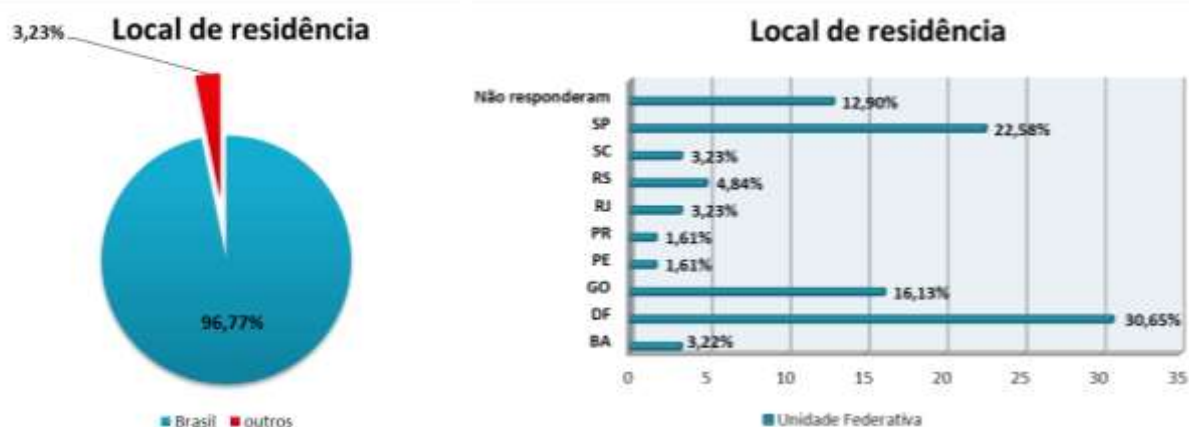


Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Assim, chamam a atenção para a importância do papel da organização social comunitária, haja vista as experiências anteriores, de uma Vila que se transformou por meio da mobilização e do trabalho comunitário, eles receberam abastecimento de água, energia elétrica, outros serviços. Todavia, para eles, o despertar tem de ser da comunidade e gostariam de fazer o turista se apaixonar pela história deles.

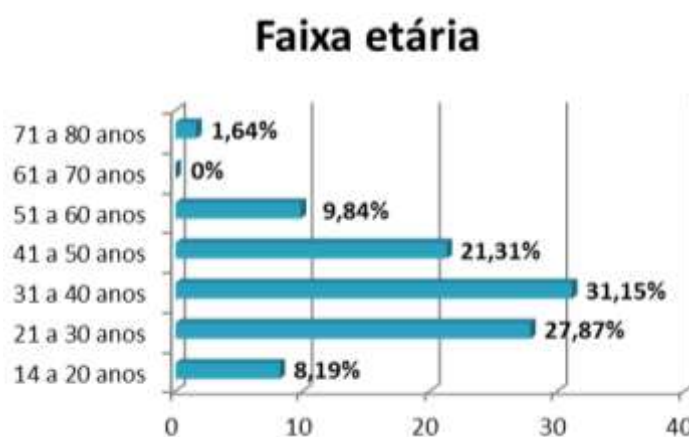
Atualmente, os turistas estão mais exigentes, pois planejam com antecedência suas viagens; estão dispostos a pagar pelo que é cobrado desde que a estrutura atenda plenamente suas necessidades e nem sempre permanecem, ou seja, pernoitam na Vila de São Jorge, considerando a facilidade de acesso. Na pesquisa de campo realizada com turistas, nos períodos de 12 a 18 de novembro de 2018 e de 10 a 16 de janeiro de 2019, foi possível conhecer o perfil socioeconômico dos visitantes, suas motivações e experiências.

Dos 62 turistas pesquisados, 96,77% são brasileiros, vindos do Distrito Federal (30,65%), do Estado de São Paulo (22,58%) e de Goiás (16,13%). Sabe-se que a Vila de São Jorge é bem frequentada por turistas estrangeiros, devido ao fato de abrigar a entrada do PARNA da Chapada dos Veadeiros, contudo, o período de maior fluxo desses visitantes se dá entre os meses de agosto e setembro, o qual não foi contemplado nesta etapa da pesquisa (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto ao local de residência

Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas, 2018.

A faixa etária da maioria dos participantes da pesquisa variou de 21 a 60 anos, sendo que os turistas com idade entre 21 a 30 anos representaram 27,87% e aqueles com idade entre 41 a 50 anos representaram 21,31%. Já a maior parte dos pesquisados (31,15%) possuem de 31 a 40 anos (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à faixa etária

Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

A área de atuação profissional dos turistas pesquisados é variada com destaque para administração (12,9%) e serviço público (9,68%), resultado que provavelmente está relacionado ao público que reside em Brasília. Artes também recebeu destaque com 8,06% e as áreas de arquitetura, engenharia, jornalismo e direito obtiveram o mesmo resultado, sendo 4,84% cada uma. Da mesma forma, biologia e educação obtiveram resposta semelhante, 3,22% cada. Observamos que 24,17% dos turistas atuam em áreas relacionadas à cultura e natureza e que os estudantes representaram 8,06% dos pesquisados (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à área de atuação profissional

Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Quanto à renda mensal individual dos turistas, 41,93% dos turistas estão na faixa de 1 a 5 salários mínimos e 38,71% recebem de 6 a 10 salários mínimos. Na Vila de São Jorge encontramos turistas com rendimento acima de 10 salários mínimos (16,13%), sendo que 3,23% dos participantes não quiseram responder como mostra a Gráfico 4.

Gráfico 4 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à renda mensal individual

Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Na pesquisa foi possível compreender que vários motivos levam os turistas à Vila de São Jorge (Gráfico 5). Entretanto, o lazer (66,13%) tem sido o principal e que pode estar aliado a outras motivações como saúde, religião e cultura, somando 9,67% dessas como um todo. Os dados confirmam que os destinos da região da Chapada dos Veadeiros, incluindo a Vila de São Jorge, são procurados para o desenvolvimento de estudos sendo que em todas as

visitas para o trabalho de campo encontramos grupos de alunos e professores de instituições de ensino.

Gráfico 5 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à motivação da viagem



Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Quanto aos atrativos que motivaram os turistas a escolherem o destino recebe destaque a natureza e as possíveis atividades relacionadas ao ecoturismo (67,74%): parques, cachoeiras e trilhas, atividades ao ar livre, excursões e passeios. Os atrativos culturais: arte, música, gastronomia, artesanato e vivências culturais, somaram 6,45% das respostas. Confirmando a prática de aliar o lazer a outras motivações, os resultados mostraram que 19,35% dos respondentes elencaram dois ou mais atrativos em suas respostas: espaços holísticos, esportes, atrativos culturais, natureza, diversão noturna e/ou outros. Fato este que nos faz refletir acerca do turista que busca aproveitar o tempo para conhecer diversos lugares e fazer várias atividades e aqueles cujo foco está em vivenciar experiências singulares que correspondam às suas reais necessidades.

Os turistas permanecem, em média, na Vila de São Jorge, de um a três dias (51,6%), sendo que 30,6% dos respondentes ficam de quatro a seis dias hospedados e 14,5% se hospedam por um período de mais de seis dias. Com relação aos destinos da Chapada dos Veadeiros visitados pelos turistas que encontramos na Vila: o distrito sede de Alto Paraíso foi visitado por 28% dos turistas e Cavalcante foi visitado por 13% dos respondentes. Constatou-se que 22% dos turistas visitaram, além da Vila, os destinos Cavalcante e Alto Paraíso, sendo que este último configura ponto de parada para quem vai para a Vila de São Jorge pela GO-118. Muitos turistas que se hospedam na Vila vão à Alto Paraíso para fazerem transações bancárias, abastecer seus automóveis, fazer compras, passear, fruir das atividades noturnas ou

visitar atrativos próximos durante sua estada na Chapada dos Veadeiros. O município Teresina de Goiás foi citado por 2% dos visitantes; 13% dos turistas já visitaram três ou mais destinos da Chapada dos Veadeiros e 3% dos turistas conhecem todos eles. (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Chapada dos Veadeiros (GO): destinos visitados pelos turistas além da Vila de São Jorge



Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Dos respondentes, 51,6% já haviam estado na Vila, sendo que deste resultado 10% já haviam estado por duas vezes e 56,7% por mais de duas vezes. Outro dado levantado foi de que 38,9% dos turistas afirmaram já terem participado de festas tradicionais e dos encontros culturais durante suas estadas na Vila (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto à participação em eventos realizados



Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Os turistas da Vila de São Jorge viajam em família, sendo casais sem filhos (11,29%); casais com filhos (6,44%) e outras pessoas do grupo familiar (6,44%) obtiveram o mesmo resultado (6,44% cada), o que mostra a mudança ocorrida no perfil do turista quando comparado ao turista que frequentava a Vila de São Jorge antes da chegada da pavimentação asfáltica. Entretanto, a maioria dos turistas (48,39%) viaja com amigos, além disso, encontramos turistas viajando sozinhos (9,68%) (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Vila de São Jorge (GO): perfil do turista quanto aos acompanhantes da viagem



Fonte: pesquisa de campo, questionários aplicados com turistas (n=62), 2018.

Na Vila de São Jorge recebem destaque de acordo com o olhar dos turistas: *a energia da cidade; a comunidade; o estilo de casas e pousadas; a história da região e de seus moradores; a hospitalidade e simplicidade do povo da região; a paz do lugar; o parque; as cachoeiras, os amigos e a vida noturna; a organização das pousadas e da cidade; a simplicidade de viver em um vilarejo próximo à natureza; a tranquilidade do local, natureza e o misticismo que transcende as barreiras que geralmente existem entre as pessoas; as pessoas ficam mais soltas umas para com as outras; alegria e irreverência, me sinto relaxada aqui; comunidade, leveza e arte (Turistas pesquisados).*

Os turistas questionados (97%) pretendem voltar na Vila de São Jorge por vários motivos, todavia esses estão relacionados ao bem-estar sentido por eles e às experiências diversas que tiveram no lugar e, ainda, devido à diversidade encontrada deixam transparecer a sensação de que ainda existem lugares a serem explorados e experiências a serem vividas; alguns deles fizeram amigos e outro gostaria de alugar uma casa para ficar o tempo que quiser ali.

A pesquisa também teve o intuito de conhecer as experiências relevantes que os visitantes vivenciaram na Vila de São Jorge, podemos citar algumas:

- *Achei as pessoas hospitaleiras, o café da manhã delicioso e uma paz indescritível no lugar (Turista 4);*
- *Considero relevante a possibilidade de visitar tantos lugares com cachoeiras limpas, e contato com a exuberante vegetação do Cerrado brasileiro (Turista 8).*
- *Caminhar pela manhã contemplando a natureza, conhecer os frutos do cerrado como o Barú, e descansar a mente (Turista 6).*
- *Conectar com a minha essência. Natureza e espiritualidade (Turista 12).*

Observamos que aliado ao novo perfil de turista, à chegada de novos empresários investidores e com o processo de desobrigatoriedade atual de condução turística no PARNA esse sujeito descendente de ex-garimpeiros novamente busca, do seu modo, recriar suas práticas, conhecimentos e técnicas culturais em função desse ambiente, de forma a tornar viável a sua sobrevivência, como podemos observar nos seguintes relatos de turistas:

- *Senti São Jorge como um lugar de nativos muito simples e de bom coração. Natureza ao redor fantástica, mas com a cultura local sendo esvaziada pelo turismo por parte de pessoas que veem esse local como forma de investimento (Turista 9);*
- *São Jorge oferece uma ótima e completa estadia para o turista, seja a lazer ou a trabalho. Acolhimento da população e a infraestrutura são diferenciados. A história regional e a grandeza da região foram os maiores atrativos para mim (Turista 5);*
- *Há boas pousadas. Algumas com custo alto, outras com pouca estrutura, mas ótimas opções. Gastronomia típica, Bar do Pelé, bares de rua, lojas de artesanato típico. A energia do local e as melhores atrações naturais (Turista 10);*
- *A comunidade local me encantou. Conversei com os nativos e apaixonei pelo lugar. Visitei o artista Moacir para trocar ideias e perceber sua percepção, mesmo psicótica com a arte. A natureza é uma energia que invade o corpo e a mente. Um lugar que indicarei para amigos e com certeza voltarei (Turista 1).*

Um movimento migratório de sujeitos místicos e alternativos proporcionado pelo PARNA da Chapada dos Veadeiros e seus atrativos naturais ampliou a diversidade cultural do lugar e a mistura de jeitos, ideias e crenças acabaram tornando-se exemplo de diversidade, assim como a sutileza encontrada nos mosaicos coloridos das edificações.

- *Caminhar vendo o chão de cristais, olhar o abismo, ver a chuva, ver a seca, ver o céu cheio de estrelas até o chão. Ouvir Mateus Aleluia cantar e tocar dentro da oca. Conhecer pessoas interessantes (Turista 7);*

- A maioria das vezes que vim a São Jorge foi para visitar amigos e ficar na Toca do Guará, lugar que considero muito especial. Considero o Encontro de Culturas um dos grandes eventos da região. As cachoeiras e o parque também são lugares que proporcionam experiências maravilhosas (Turista 3);

- Foi maravilhoso! É como se tivesse encontrado todas as minhas energias físicas e espirituais com a natureza. As pessoas são bem receptivas e a Vila de São Jorge tem uma energia mágica (Turista 14);

- Interação com pessoas de diversas culturas (Turista 15).

O modo de vida da comunidade pode vir ao encontro com os atrativos do PARNA e o misticismo local enriquecendo e promovendo uma existência de sujeitos do lugar, os quais podem ser fundamentais para o desenvolvimento do turismo. Nesta condição, a ideia do PARNA como atrativo turístico pode ser expandida e aceitar a inclusão da comunidade a partir de seus conteúdos sociais e culturais por meio das relações estabelecidas, do respeito à diversidade e às diferenças e a harmonia com a natureza, conforme relatado pelo Turista 2.

- A experiência dos encontros que se dão nos atos da vida cotidiana, como ir a uma padaria, venda e ver a vida urbana de forma mais simplificada e integrada à natureza que a cerca (Turista 2);

- Todas experiências foram muito boas. Gosto muito de andar pela Vila, observar lojas e restaurantes, conversar com moradores. A dona da pousada foi muito solícita, sempre nos ajudando a encontrar caronas e arranjar passeios (Turista 11);

- Passeio a pé, à noite, com jantar a luz de velas com ótimas músicas e comidas. Passeio na vila (Turista 12).

- Gosto de São Jorge com pouco movimento, sem tanta agitação. Me atrai a proximidade do Parque, o cerrado preservado, os animais e comida local (temperinho goiano), as águas limpas (Turista 13).

Em meio à diversidade encontrada na Vila de São Jorge cabe utilizar-se das especificidades do lugar para incrementar o turismo da Vila, tendo como base o turismo criativo apresentado no capítulo 2, não somente para a sua divulgação enquanto destino turístico que abriga o portão de entrada do PARNA da Chapada dos Veadeiros, mas como reflexão acerca do que a Vila tem para oferecer ao turista incluindo a maneira como os filhos de São Jorge vivem nesse lugar e recebem seus visitantes. Domiciano (2014) apresenta a visão de valorização do turista e do morador da Vila de São Jorge acerca do lugar e seu conjunto de bens naturais e culturais:

Tais pessoas traziam consigo uma visão de valorização dos bens e serviços que um sítio natural possui. A chegada desses visitantes ao Distrito de São Jorge constituiu em um elemento para também transformar a visão acerca do ambiente dos moradores da localidade, que por sua vez, passaram a valorizar aquele local, não só como o meio de garantir a sua subsistência, mas para atuarem na defesa e na preservação ambiental (DOMICIANO, 2014, p. 174).

Afinal, a comunidade da Vila de São Jorge, tradicional de garimpeiros, vivenciou o apogeu do cristal de rocha em um lugar onde tinha trabalho e tinha lazer, conforme relatos de como eram os encontros na fogueira, no forró, os banhos de cachoeira. O trabalho se dava ora no garimpo, ora na roça como subsistência, portanto, dava para se alimentar naquela época. Com a implantação do PARNA, o espaço sofreu transformações. No entanto, é preciso que o lugar esteja para seu povo assim como o povo o tenha na sua memória, de forma a relacionar os bens culturais com o uso dos bens naturais e que se consiga perpetuar no tempo promovendo bem-estar e qualidade de vida.

Tendo em vista as experiências já vivenciadas pela comunidade da Vila de São Jorge, como no caso dos guias locais e em outros assuntos, destacamos a importância da opinião da população e da sua participação efetiva no planejamento de atividades e projetos voltados para o turismo. É fato que somente a amenidade não faz o turismo de um destino, as pessoas são fundamentais no processo e as relações estabelecidas entre o lugar, as comunidades receptoras e seus visitantes favorece o desenvolvimento do território e das pessoas que o habitam com vista à sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica.

Entretanto, a dificuldade encontrada na Vila de São Jorge está na inconsistência de uma proposta alternativa que esteja afinada com o ecoturismo e auxilie no incremento do turismo local, construída no coletivo a partir do que observamos durante a pesquisa:

- as potencialidades do destino e as experiências vivenciadas pelos turistas: relacionadas à interação educativa, emocional, social e participativa deles com o lugar, a cultura local e seus moradores e que foram relatadas neste capítulo;
- o potencial criativo da comunidade: incluindo os aspectos místicos da região; a hospitalidade e a capacidade de concentração e aglutinação de pessoas percebida no lugar, em especial nas festas e encontros; o qual representa uma forma de criar vínculos com seus visitantes e será apresentado no capítulo 4.

Diante do exposto, cabem também reflexão e mobilização local no intuito de garantir que as políticas públicas voltadas para o turismo no Estado e, em especial no município de Alto Paraíso, cheguem até a Vila de São Jorge de forma a contemplar os interesses coletivos

de sua comunidade e para a inserção plena na atividade de forma a promover condições que contribuem para o bem físico e espiritual de seus membros em sociedade.

Tradições e valores da comunidade da Vila de São Jorge e o desenvolvimento da atividade turística, perspectivas para um novo contexto



Figura 5 - Desenho elaborado por visitante da Vila de São Jorge
Fonte: pesquisa de campo, Vila de São Jorge, Alto Paraíso (GO), 2018.

A presente pesquisa, com abordagem qualitativa, delimitou como objeto de estudo a Vila de São Jorge, localizada no município de Alto Paraíso de Goiás e que abriga o portão de entrada do PARNA da Chapada dos Veadeiros e teve como objetivo analisá-la por meio da vivência de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação da comunidade na prática da atividade turística.

O nosso intuito durante a pesquisa foi ouvir as vozes dos moradores, por isso optamos pelas entrevistas gravadas, as quais foram transcritas e posteriormente procedemos a interpretação dos depoimentos buscando compreendê-los à luz do campo teórico abordado e da correlação com as questões e objetivos, as observações de campo e dados levantados. Foram definidos grupos de perfis diferentes pela diversidade de sujeitos encontrada na comunidade e, assim, para que tivéssemos a oportunidade de compreender as transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade e o lugar advindas da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, além de identificar os conhecimentos, as percepções e práticas, o que a comunidade tem oferecido aos turistas, se as relações sociais estabelecidas têm contribuído para o fortalecimento da identidade e até que ponto tem conseguido manter sua tradição cultural.

Cabe ressaltar que o trabalho de campo oportunizou diálogos, por meio das entrevistas, com membros da Associação Comunitária da Vila de São Jorge (ASJOR) e da Associação de Empresários da Vila de São Jorge (ASEJOR), da Associação de Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACVVCV), da equipe da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e da Associação Chapada dos Veadeiros, além de representantes da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Alto Paraíso e proprietários de atrativos turísticos, não residentes da Vila de São Jorge. Essas entrevistas foram importantes pelo fato de acrescentarem informações ao levantamento de dados, contribuindo para uma melhor reflexão quanto às condições socioeconômicas e culturais dos moradores frente à atividade turística advinda da criação do PARNA da Chapada dos Veadeiros.

Os roteiros que orientaram as entrevistas foram semiestruturados, pautados nas teorias estudadas e com o objetivo de extrair o máximo de elementos possíveis de acordo com as respostas e comportamento de cada sujeito (Apêndice B). Dessa forma, as informações coletada, as histórias, experiências relatadas nos levaram à reflexão a partir da realidade encontrada na investigação.

Os moradores entrevistados relataram sua trajetória e seu modo de vida na Vila de São Jorge, falaram sobre o lugar e suas percepções acerca do mesmo. Disseram o que tem na Vila e o que é de lá e como compreendem as relações estabelecidas pela comunidade com o

PARNA da Chapada dos Veadeiros e as pessoas que o representam, com os turistas e o turismo e, ainda, como tem se dado a interação entre eles na comunidade.

Ademais, os entrevistados expressaram suas opiniões sobre até que ponto o turismo tem contribuído para a afirmação da identidade cultural da comunidade e sobre o envolvimento de seus membros nas práticas culturais. Eles destacaram as principais transformações ocorridas ali desde a implantação do PARNA e o início da atividade turística e responderam como poderiam contribuir para uma vila mais criativa. Outro destaque dado pelos moradores foi o grau de envolvimento do poder público com as necessidades da comunidade e como tem se estabelecido esse diálogo.

Dessa forma, foi possível conhecer o significado da Vila para seus moradores, entender os desafios frente à realidade vivida por eles e compreender como cada entrevistado idealiza esse lugar. Os mapas mentais elaborados pelos moradores ao final das entrevistas complementaram a compreensão sobre os significados e sentidos, pois nesse processo a Vila de São Jorge foi traçada a partir de um exercício de buscar na memória aspectos e elementos do seu lugar de existência, de seu mundo vivido e assim mostraram como a Vila é percebida e concebida pelos seus moradores (Mapas 6 e 7).

Mapas 6 e 7 - Vila de São Jorge (GO): Lugares e seus significados para os moradores da Vila



Fonte: Pesquisa de campo, mapas mentais elaborados pelos moradores da Vila de São Jorge, 2018.

Enquanto traçavam a Vila, os moradores costumavam descrever e qualificar os lugares, assim, os moradores representaram seus conhecimentos, experiências e práticas culturais e turísticas, portanto, seu espaço vivido. E, conforme Nogueira (2014), os valores individuais e socioculturais estão representados por meio dos destaques sendo que nas descrições dos moradores conseguimos identificar a definição e o significado dos lugares da Vila para eles.

A pesquisa de campo seguiu os procedimentos metodológicos apresentados neste trabalho, sendo realizado em etapas. No mês de março de 2017 foi feito um levantamento preliminar da área de estudo com vistas a estabelecer as bases de investigação para coleta de dados e informações de forma que abarcasse os temas e questões da pesquisa. A partir do mês de abril do mesmo ano foi feito um estudo de campo mais detalhado para a caracterização da Vila de São Jorge quanto à sua função e forma e a caracterização de eventos locais como a Festa de São Jorge, o Encontro Raízes e o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e após essas etapas seguimos com as entrevistas. Assim, os diferentes momentos que estivemos na Vila de São Jorge foram importantes para o acompanhamento das festas e encontros realizados pela comunidade bem como para estabelecer contato com os possíveis entrevistados tendo como objetivo tendo em vista a realização das entrevistas.

Destacamos a relevância da interatividade que conseguimos estabelecer com a comunidade no processo de construção da pesquisa, enquanto trilhávamos os caminhos previamente estabelecidos e descobríamos sempre algo novo ao nos aproximar dos sujeitos, do seu cotidiano e do lugar onde vivem. Além da escuta sistematizada dos entrevistados e das conversas informais ocorridas consideramos que o tempo também foi importante para nossa reflexão e compreensão acerca das pessoas e da Vila de São Jorge, pois pudemos observar a Vila em movimento, acompanhando durante o período da pesquisa algumas transformações ocorridas como a ampliação do PARNA, o incêndio ocorrido, as discussões acerca das concessões e do calçamento, a despedida de antigos moradores, a chegada de novos moradores, entre outras.

No início do trabalho de campo não tínhamos um número exato estimado para a quantidade de entrevistados, pois seguimos o critério da amostragem por saturação dos objetivos propostos para esse enfoque da pesquisa, conforme Flick (2009), quando os dados de um determinado grupo atingem a saturação teórica e dessa forma finalizamos com 39 entrevistas.

Devido à dinâmica da Vila e à rotina de trabalho dos moradores, relacionada na maior parte dos casos à atividade turística, as entrevistas foram realizadas em duas etapas, sendo a primeira no mês de setembro e a segunda em novembro do ano de 2018, em períodos que antecederam os feriados, nos quais pôde se observar a preparação da Vila para a chegada de um número maior de turistas. A ordem utilizada para as entrevistas foi aleatória e de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, ou seja, não seguiu a ordem dos grupos e como forma de deixa-los a vontade para concedê-las foi dada a opção de escolha tanto do local quanto do melhor horário para a realização.

Assim, as entrevistas com moradores ocorreram nas varandas, cozinhas e quintais das casas dos entrevistados, nas sedes das associações, nas pousadas, áreas de camping, restaurantes e estabelecimentos comerciais e até nos bancos das praças às sombras das árvores, condição que consideramos positiva pela aproximação estabelecida com esses sujeitos e a oportunidade de vivenciar um pouco do cotidiano de cada um.

Considerando o perfil dos entrevistados, o primeiro grupo foi formado por moradores da Vila de São Jorge nascidos na Chapada dos Veadeiros e aqueles vindos de fora e o segundo grupo de sujeitos que não residem na Vila: os proprietários de atrativos turísticos, a presidente da Associação Veadeiros e o secretário de turismo, cujo depoimento foi interpretado e apresentado também no capítulo 3 deste trabalho.

Encontramos entre os moradores originários da Vila de São Jorge, os ex-garimpeiros, filhos e netos de ex-garimpeiros. Já os moradores vindos de fora, denominados pelos demais como ‘chegantes’ ou ‘de fora’, aqueles que se instalaram na Vila de São Jorge motivados pela busca de uma vida mais alternativa, desde o início dos anos de 1990 e os que continuam chegando à Vila, se identificam com o lugar e querem ficar por vislumbrarem uma oportunidade de negócio ou qualidade de vida.

Além das denominações já citadas, nos relatos de moradores e pelas caminhadas na Vila ouvimos moradores sendo denominados flutuantes: sujeitos que possuem casa de veraneio na Vila ou administram um negócio nos finais de semana e os transeuntes: sujeitos que passam uma temporada trabalhando para se custear na Vila. Nesse sentido, relatos de moradores caracteriza esse contexto da diversidade de pessoas e ideias e nos chama a atenção para as dificuldades encontradas, considerando a falta de continuidade e comprometimento das pessoas em projetos voltados para a melhoria da Vila para seus moradores e para o turismo local. Outro fato relacionado a esse movimento de chagadas e partidas na Vila está a dificuldade de mensurar a quantidade exata de moradores, entretanto dados não oficiais revelam que sua comunidade possui entre 700 e 900 habitantes, sendo 435 votantes conforme dados do Cartório Eleitoral de Alto Paraíso (GO).

- E vai crescer cada vez mais, as pessoas que vêm pra cá: vem aquela galera de São Paulo, adora aqui, aluga, depois aluga outra casa definitiva, pronto, aí chama a turma, vira um hostel informal, vira um coletivo. Então tem esse outro turista e esse outro morador que às vezes fica aqui três, quatro meses, contribui, faz uma coisa, mas se fosse estatística ia passar imperceptível (Morador 24).

Os entrevistados, de forma geral, são moradores da Vila e estão ligados à atividade turística: trabalhadores e empresários do turismo, trabalhadores do comércio local, agentes e

produtores culturais, artistas, educadores, gestores públicos, líderes e representantes da comunidade e membros das associações que estão sediadas na Vila e da Associação Veadeiros, a qual está situada no distrito sede de Alto Paraíso. Dentre os empresários entrevistados encontram-se proprietários de pousadas e áreas de camping, restaurantes, lojas e de atrativos turísticos localizados a 10 km, em média, da Vila de São Jorge. A síntese do perfil dos sujeitos entrevistados está apresentado no Quadro 7, já o Apêndice F apresenta detalhes desse perfil.

Quadro 7 - Vila de São Jorge (GO): síntese do perfil dos entrevistados

Grupo 1: Moradores da Vila de São Jorge (GO)			
Faixa etária	21 a 30 (6) 31 a 40 (6)	41 a 50 (5) 51 a 60 (7)	61 a 70 (7) 71 a 80 (2)
Gênero	Feminino (17)	Masculino (16)	-
Naturalidade	Bahia (4) Distrito Federal (7) Goiás (16)	Minas Gerais (1) Pernambuco (1) Santa Catarina (1)	São Paulo (4)
Atuação profissional (principal)	Agente cultural (2) Artista popular (1) Biólogo (a) (2) Educador (a) (1) Empresário (a) (13)	Guia de turismo (2) Jornalista (2) Servidor público (4) Produtor de alimento artesanal (1)	Produtor cultural (1) Trabalhador do comércio local (4) Recepcionista (1)
Grupo 2: Não residentes da Vila de São Jorge (GO)			
Faixa etária	21 a 30 (0) 31 a 40 (2)	41 a 50 (5) 51 a 60 (2)	61 a 70 (1) 71 a 80 (0)
Gênero	Feminino (17)	Masculino (16)	-
Naturalidade	Goiás (4)	Rio Grande do Sul (1)	-
Atuação profissional (principal)	Proprietário (a) de atrativo turístico (3)	Empresária (1)	Secretário de Turismo (1)

Fonte: Pesquisa de campo, Vila de São Jorge, 2018.

A escolha dos participantes dentro de um universo de moradores foi aleatória e a amostragem utilizada para as entrevistas foi não probabilística e por cotas, por meio de seleção dos entrevistados que cobrissem essas cotas dentro de uma área específica (DENCKER, 2007), ou seja, a população alvo. O resultado mostrou equilíbrio entre o perfil dos mesmos considerando a faixa etária, gênero, naturalidade e atuação profissional, não comprometendo a interpretação dos depoimentos. O perfil também apontou que a maioria dos entrevistados possui mais de uma ocupação, sendo uma que garante renda fixa e outra que oportuniza renda variável, relacionada à atividade turística que está suscetível à sazonalidade. Os relatos foram de suma importância para a conclusão da pesquisa e serão apresentados nesse capítulo.

O turismo enquanto fenômeno de produção social envolve as relações e as interações entre sujeitos que realizam deslocamento espacial para destinos diferentes de seus locais de

residência e os sujeitos desses núcleos receptores. As fotos 37 e 38 mostram as ruas da Vila de São Jorge, ocupadas por turistas e comunidade.

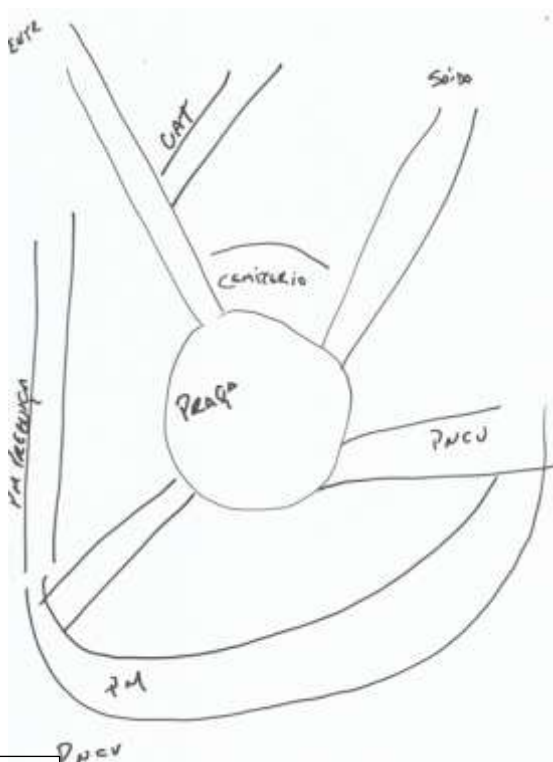
Fotos 37 e 38 - Vila de São Jorge (GO): Turismo e vida cotidiana - relações sociais estabelecidas



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Os mapas 6 e 7 são esquemáticos e apresentam a escola e a quadra destacadas. A cruz foi utilizada para representar a Capela de São Jorge e o cemitério, lugares representativos para os moradores. Pousadas, restaurante, loja e o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) também receberam destaque nesses mapas, mostrando a importância da atividade turística para a Vila e influência dessa atividade econômica no modo de vida dos moradores.

Mapas 10 e 11 - Vila de São Jorge (GO): Parques e o cotidiano dos moradores da Vila



10



11

Fonte. Pesquisa de campo, mapas mentais elaborados pelos moradores da Vila de São Jorge, 2018.

Os turistas que buscam conhecer unidades de conservação e suas comunidades vizinhas, geralmente, possuem consciência ambiental, contudo a pesquisa na Vila de São Jorge, considerada zona de amortecimento do PARNA da Chapada dos Veadeiros, nos mostrou que ainda tem muito a ser feito para que haja a transformação dessa consciência em ação, capaz de mobilizar sujeitos na busca de soluções para os problemas apontados pelos moradores. Faz-se necessário maior rigor na fiscalização acerca da higiene pública e funcionamento dos estabelecimentos comerciais como forma de garantir o que está posto no código municipal de posturas, além da busca de soluções criativas para que a Vila não passe a ser vista como um destino, conforme caracterização do morador 9, que “tem também turismo de mal-estar”.

Os relatos dos moradores 15 e 34 confirmam que falta conscientização também por parte dos próprios moradores e uma proposta criativa é apresentada como possível solução para a questão do lixo na Vila:

- Só falta a maioria das pessoas se organizar, tipo na coleta mesmo, né? Às vezes a gente passa na segunda e depois que a gente passa eles colocam o lixo na rua, cachorro rasga; catador de latinha e fica uma bagunça, mas a gente vai dando um jeitinho (Entrevistado 15).

- E quando vêm esses feriados é muito lixo gerado, é lixo daqui e lixo de fora que vem. Então a gente tem que ter preocupação com relação a isso não só por causa do amortecimento, qualquer lugar a gente tem que ter. A gente sofre um problema de gestão dos resíduos e estou tentando fortalecer isso. Acredito que com a compostagem dos recicláveis, a gente aos poucos vai mudando vai tentando, vai fazendo umas tentativas para chegar no ideal, e essa a minha missão aqui também. Eu sou ecóloga e quero estar atuando aqui nisso, tentando conscientizar as pessoas mexendo com educação ambiental e uma coisa ou outra, um movimento ou outro que a gente cria já faz uma diferença (Moradora 34).

Além dos problemas como a gestão dos resíduos e o barulho, existe a dificuldade de diálogo entre os próprios moradores, devido à disputa de território por vezes motivado pelo acúmulo do capital. Esses problemas de fato não ocorrem somente na Vila de São Jorge e por isso a necessidade de ampliar a discussão e de encará-los como desafios, considerando que a sociedade tem ainda muito que aprender: lidar com as pessoas e com a diversidade cultural; utilizar os aplicativos como forma de aperfeiçoar a comunicação em prol da comunidade; gerar o mínimo de lixo possível.

Não é possível pensar o turismo e sua produção sem pensar nos sujeitos envolvidos e nas especificidades locais, considerando assim as características naturais e as relações sociais e ambientais estabelecidas. No caso da organização do ecoturismo, o esperado é que essas relações sejam ampliadas para além dos limites e cercas das unidades de conservação e contemplem as comunidades do entorno com melhoria na qualidade de vida, na organização e controle das atividades de visitação, na educação ambiental, no diálogo e encaminhamento da resolução de problemas locais.

Portanto, faz-se necessário, um esforço para compreender as contradições e os conflitos existentes além de disposição, ou seja, a vontade para atuar na busca de um propósito comum: minimizar impactos negativos sobre o meio ambiente e a sociedade. Daí a importância das comunidades organizadas, articuladas pela atividade turística para o desenvolvimento local considerando as condições necessárias para o bem físico e espiritual de todos os indivíduos em sociedade.

No relato da moradora 22 o processo de aculturação enfraqueceu a comunidade local que teve sua origem no garimpo de cristal e mencionou que a atual falta de consenso tem se dado pelo conflito de interesses dos membros que compõem essa comunidade. Os sujeitos da comunidade devem ser incluídos por meio do turismo no processo de agregação de valor pela sua vocação cultural:

- O povo não se entende muito, a gente vê nos grupos sociais valores totalmente diferentes [...]. Muito difícil entrar num consenso. Eu acho que essa falta de consciência é essa falta de raiz cultural, de valores, o povo não, interesses diversos também. [...] Então o pessoal aqui sofreu um processo de aculturação e daqui a pouco esse povo vai se tornar muito pequeno diante da quantidade de fora que tá vindo pra cá com valores de cidade grande que é totalmente diferente, vai perdendo aquela coisa de vila, de pessoas andando na rua, cachorro, criança andando de bicicleta. (Moradora 22).

A Vila guarda uma história de luta e tem em suas lideranças, na Associação dos Moradores e no trabalho coletivo a referência do início da atividade turística, quando a comunidade começou a se organizar com o intuito de desenvolver a Vila. Eles reivindicavam seus direitos e chegaram a convencer os gestores públicos de levarem para a comunidade projetos de formação a ser agregada ao conhecimento que eles já traziam. Em contrapartida, a comunidade se organizou para receber os formadores por meio do apoio dos pousadeiros e moradores que forneceram hospedagem e alimentação, o que mostra um esforço da comunidade para que os programas do governo acontecessem na Vila, conforme relato da Moradora 29 sobre sua experiência à frente da organização comunitária:

- Fui bem ativa nesse processo da organização comunitária por entender que nós não podíamos ficar fora do processo, mas não era só eu que não podia eu entendia que nós tínhamos que trabalhar com o coletivo, que todas as pessoas que tivesse habilidade teria que ter condição de estar inserido, então eu presidi a Associação dos Moradores durante algum tempo e consegui fazer projetos, na época a gente teve o WWF, que foi uma instituição que nos ajudou bastante, eles nos apoiaram no projeto chamado turismo de base comunitária sustentável.

De acordo com a mesma moradora existe diferença entre a Vila de São Jorge idealizada por eles e o que encontramos hoje (Quadro 8).

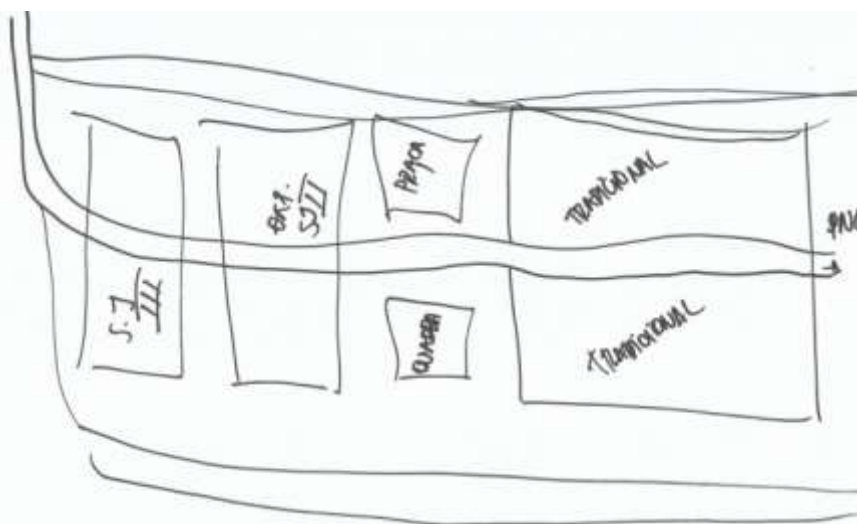
Quadro 8 - Vila de São Jorge (GO): o desenvolvimento idealizado para o turismo no final da década de 1990 e o que ocorreu

Vila de São Jorge pelo olhar do turismo de base comunitária	O que vemos na Vila de São Jorge em 2019
Lugar ambientalmente correto com coleta de lixo e fossas ecológicas e controle da ocupação do solo.	Problemas com a gestão dos resíduos e especulação imobiliária.
Participação da comunidade na educação ambiental; Entendimento de que São Jorge é zona de amortecimento da Unidade de Conservação com regras pra garantia do território preservado.	O turismo tem dado certo, tem inserido as pessoas e não existem pedintes na rua; Ainda podem avançar mais.
A comunidade já tinha o próprio conhecimento, mas precisava ter capacitação específica para a área do turismo.	Chegada de empresários de Brasília que tem mudado a proposta do turismo com instalação de novos conceitos de empreendimentos diferente da proposta dos moradores.

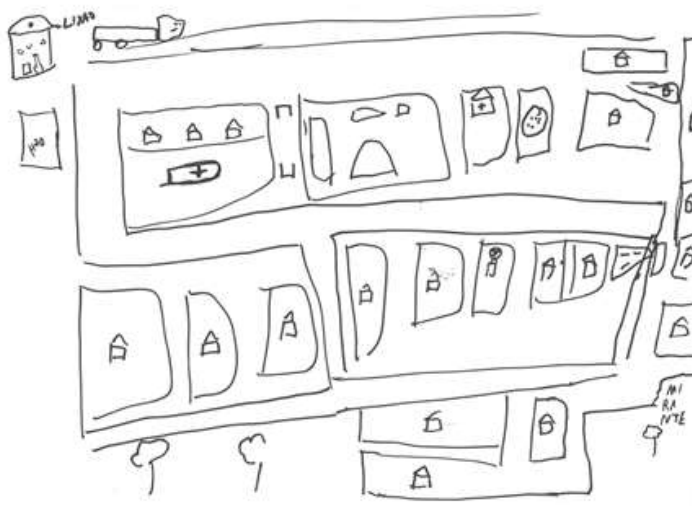
Fonte: Entrevista com a Moradora 29, pesquisa de campo, Vila de São Jorge, 2018.

Foi possível perceber que o turismo na Vila de São Jorge passou por transformações ocorridas desde a sua estruturação que o distanciaram da proposta inicial de base comunitária. A expansão urbana observada nos mapas 12 e 13, elaborados pelos moradores da Vila, caracteriza uma das transformações ocorridas no lugar a partir da atividade turística, sendo causada pela chegada de mais pessoas que vieram com novas ideias compor essa comunidade.

Mapas 12 e 13 - Vila de São Jorge (GO): Transformações ocorridas a partir da atividade turística



12



13

Fonte: Pesquisa de campo, mapas mentais elaborados pelos moradores da Vila de São Jorge, 2018.

Assim, os mapas mostram a parte tradicional da Vila, o centro, que passou a ser denominado de São Jorge Um com o crescimento e a configuração atual conforme relato de moradora:

- É porque São Jorge Um é o Centro, e lá em cima é São Jorge Dois, que foi criado depois. E mais pra frente agora tem outro loteamento, o povo tá falando que São Jorge Três. Pra ficar na sequência, né? (Moradora 17).

Voltando à questão da proposta inicial para o turismo na Vila de São Jorge, apresentada no Quadro 8, a comunidade não conseguiu executar ou dar continuidade às atividades planejadas no processo de discussão do desenvolvimento do turismo local e apesar do apoio da organização não governamental eles apontam que não tiveram apoio efetivo do poder público. Dessa forma, o desenvolvimento do turismo deixou de avançar nos aspectos voltados para a sustentabilidade, pois apesar de configurar garantia do sustento para seus membros tem comprometido a conservação do meio ambiente, a forma de organização e articulação da comunidade e a preservação da identidade local. Além disso, tem gerado conflitos relacionados às necessidades e à vontade da própria comunidade.

Nesse sentido, caberia uma nova proposta, conforme nos aponta a moradora 29: por ser o lugar que eles têm para viver junto de seu familiares, eles querem cuidar dali, fazer alguma coisa onde a comunidade local possa manter a sua qualidade de vida com todos inseridos no processo de desenvolvimento econômico, considerando o ser humano, essa questão humanitária.

Com relação à identidade cultural da comunidade da Vila o que podemos perceber é que desde o início da atividade turística, os ex-garimpeiros se sentiam constrangidos e sofreram pela forma como eram referenciados: ‘os destruidores’. Isso fez com que sentissem vergonha, escondessem a sua identidade e que até fossem perdendo essas referências.

Aos poucos a comunidade foi reconhecendo seu valor e se estruturando, como demonstra a seguinte colocação: *Por que a gente vai ter vergonha do que a gente foi? Nós não éramos marginais, trabalhávamos pra nossa sobrevivência, então eles têm que nos respeitar* (Moradora 29). Percebemos então, que o turismo está contribuindo para diluir a identidade local, pois apesar do garimpo estar na memória da comunidade remanescente de garimpeiros como uma forma de preservação de identidade, não é um ponto de afirmação.

Alguns moradores da comunidade da Vila de São Jorge ainda sonham com o Museu do Garimpeiro, pois acreditam que essa proposta ajudaria a recontar a história dos moradores originários como também ajudaria a internalizá-la e, conseqüentemente, incentivaria a luta pela sua preservação. Entretanto, observamos que a identidade local tem se transformado. Muitos moradores originários da Vila de São Jorge, aqueles das gerações que não viveram nessa época, possuem a memória herdada e a memória recente. Eles ouviram e ainda ouvem as histórias daquela época, mas trazem as referências do turismo. Por isso alguns moradores

defenderem que a identidade de São Jorge está vinculada à Chapadas dos Veadeiros, portanto à natureza. Além disso, acrescentam-se os traços urbanos da Vila à dificuldade de afirmação da identidade como é o caso da substituição de moradores.

A preservação da identidade local por meio de propostas criativas significa não perder essa singularidade, implica na organização e convivência do grupo, assegurando o bem-estar comum além da garantia da sobrevivência. Já a não inserção social da comunidade no processo seria uma forma de não agregar valor ao turismo, ou seja, um caminho contrário à proposta de experiência por meio de interação com comunidades, seus costumes, tradição, identidade cultural e lugares.

Observamos na Vila de São Jorge que a articulação da comunidade está comprometida pelo contexto apresentado, mas sabe-se que não é possível parar de lutar, pois é preciso criar sentido para esse espaço que a comunidade ocupa e que o engajamento se faz necessário para a construção coletiva de um turismo com oportunidades para todos, pelo bem comum e por um lugar melhor para viver.

Essa preocupação por parte de alguns está posta nos relatos, contudo pudemos perceber na pesquisa que apesar dos moradores se encontrarem incluídos nas associações já mencionadas, algumas propostas têm sido pensadas de forma isolada e, portanto não convergem para que possam atingir o propósito comum do coletivo, da comunidade. Nesse sentido argumentam os moradores:

- Nesse momento esses movimentos sociais estão um pouco prejudicados porque as pessoas que participam não têm tempo, a maioria está muito egoísta, olhando só pro seu umbigo e não preocupa muito com o coletivo, mas eu ainda tenho essa preocupação eu acredito muito na mudança e no crescimento quando você faz isso de forma coletiva, quando você coopera as coisas dão certo (Moradora 29).

- A comunidade é muito desunida aqui, não trabalha em conjunto, o que tem são as pequenas iniciativas mesmo espalhadas (Morador 7).

A falta de tempo mencionada no relato da moradora 29 nos remete a essa atividade que tem dado certo, pois não falta trabalho na Vila. Entretanto, nos chama a atenção para a desarticulação da comunidade que pode ser atribuída à falta de interesses comuns, conforme alega o morador 7. Já o morador 26 enfatiza que vê como um grande desafio sensibilizar as pessoas:

- Infelizmente, o que sensibiliza e mobiliza as pessoas é polêmica, mas para produzir: vamos cuidar do nosso lixo? Vamos todo mundo ver que a gente pode fazer? [...]. Eu mesmo ainda não consegui encontrar esse segredo de sensibilizar, mobilizar as pessoas, conseguir

implementar uma agenda bacana, é um desafio conseguir mobilizar esse território pequeno (Morador 26).

Afirma-se que o turismo tem dado certo na Vila de São Jorge e a pesquisa apresenta que o mérito desse resultado está na essência do lugar que se reproduz nas relações entre a comunidade local e a natureza. Daí articularmos que é preciso pensar o devir a partir do argumento do morador 24 acerca do que é da Vila de São Jorge.

- Essencialmente as pessoas porque independente de quem é de fora ou de dentro, o que é construído em São Jorge deriva tudo disso: pessoas diferentes. Sem essa harmonia que tem aqui de certa forma, apesar de ter muito conflito, não dava pra manter um lugar desses funcionando do jeito que funciona (Morador 24).

O diálogo com a gestão pública tem se dado por meio dos conselhos e fóruns regionais de turismo, mas as respostas e soluções para as demandas da comunidade, que deveriam seguir seus cursos normais, só têm chegado via Ministério Público. Por isso, quando essa comunidade se vê necessitada de uma cobrança mais efetiva, protagonizando a construção da sua própria história, essa consegue se organizar e protestar, apesar das posturas contraditórias dos membros da comunidade quanto à busca da concretização de seus direitos de cidadania.

Alguns moradores mais antigos alegam que o município já teve gestores muito engajados nessa questão do desenvolvimento por meio de programas e políticas públicas que beneficiem a população local e que agora é diferente, pois falta compromisso e interação por parte dos gestores:

- Quanto essa relação com a gestão pública, eu acho que é difícil o diálogo, mas eu vejo que eles acatam muitos protestos que as pessoas fazem aqui, [...] vários movimentos acontecem aqui de forma coletiva e voluntária (Moradora 34).

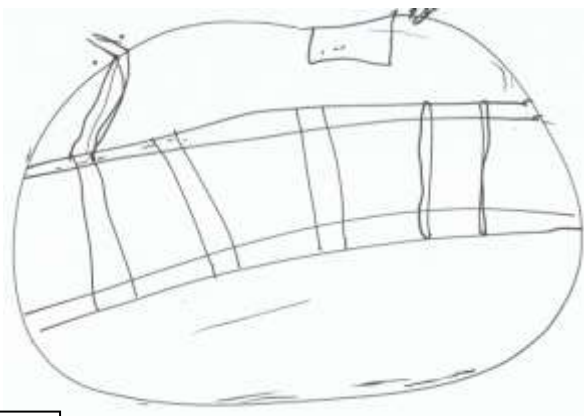
O que pode ser observado é que da mesma forma que a comunidade tem dificuldade de estabelecer as prioridades do coletivo, pois ora é interessante cobrar e ora não é, o poder público fica na sua própria zona de conforto e de acordo com seus interesses atende essa população.

O caso do calçamento da Vila, conforme exposto no capítulo 3, mostra essa realidade que é entendida pelos moradores como sendo um descuido, um esquecimento ou onde tudo se encontra fragmentado.

Mapas 14 e 15 - Vila de São Jorge (GO): desafios e soluções para o acesso e a acessibilidade na Vila



14



15

Fonte: Pesquisa de campo, mapas mentais elaborados pelos moradores da Vila de São Jorge, 2018.

Nos mapas 14 e 15 podemos observar pelo olhar da moradora a Vila já com o calçamento concluído, o que tem sido entendido como um desafio (mapa 14). Outro morador representou a Vila com entrada e saída única, passando pelo CAT e um rodoanel com estacionamento para que os carros não fiquem circulando dentro da Vila, pois alega que nos feriados e alta temporada todas as pessoas deveriam andar a pé (mapa 15). Além da questão do calçamento já discutida anteriormente tem-se uma representação do que poderia ser feito no âmbito do controle de quem entra na Vila e de solução para o fluxo de pedestres e veículos que disputam o mesmo espaço em épocas específicas. Assunto que certamente necessitaria além de um estudo incluindo as questões de acessibilidade, o mesmo entendimento de todos os envolvidos.

Se antes a associação dos moradores lutava para a comunidade não ficar de fora do processo do turismo, agora se ocupa de garantir às suas crianças por meio da cultura a afirmação da identidade local para que eles estejam preparados para enfrentar o que virá pela frente. E, segundo o morador 26, fica a cargo dos conselhos e fóruns regionais de turismo cobrar o desenvolvimento dos municípios por meio de programas e políticas públicas que beneficiem a população local. Entretanto, conforme apresentado no capítulo 3, sabemos da dificuldade de participação e de integração das instâncias de governança e da representação efetiva da comunidade nesse modelo de gestão compartilhada, no âmbito da regionalização do turismo, além da questão de manter ativos esses ambientes participativos.

- A associação dos moradores tem 30 anos, já passou por várias gestões e vários objetivos. De começo eu me coloquei muito nessa questão política de questionar a questão do lixo [...] daí eu fui sentindo que nessa questão política a gente não tem poder de decidir, a gente pode apontar, mas não tem o poder de fazer as coisas. Isso trouxe um aprendizado que não era

esse o caminho da associação e foi se abrindo a história da Arte e Educação, com a Turma Que Faz e o pessoal da recreação. Fui sentindo que o objetivo da associação hoje é educacional, é ser um espaço de educação, de convívio para as crianças [...]. Então a gente fez várias parcerias e conseguiu estabelecer uma agenda de todo dia ter atividade (Morador 26).

O respeito às pessoas faz parte dos costumes da Vila de São Jorge. Pode ser percebido que o lugar pela maneira singular e viva dos saberes e fazeres praticados no cotidiano, agregado de valores simbólicos pela comunidade, favorece ao indivíduo a reflexão acerca de sua relação com o mundo, as significações, a percepção e os valores ambientais a partir da compreensão de si mesmo. Dado isso, comparecem nas falas dos moradores a Topofilia apresentada por Tuan (2012), os laços afetivos das pessoas com a Vila, fazendo com que a compreendam como lugar humano, individualizado por sentidos positivos de pertencimento, proteção, segurança ou um território do ponto de vista da comunidade, conforme relato dos moradores 24 e 9.

- São Jorge se resolve, eu acho uma vila completa do ponto de vista do que se espera de uma cidade, tem muita falha, muita deficiência, mas essencialmente, os grandes problemas, do Brasil, eu não saberia apontar. São Jorge é um lugar que a criança pode ter mais qualidade de vida, que deixa as pessoas serem como elas são [...] (Morador 24).

- Esse mês a gente só vai deixar de botar café por enquanto que não tem reserva, no dia 20. [...] são hóspedes do mundo inteiro, tem um casal da Suíça aí, de Ibiza, outro dia tinha franceses, enfim... aqui vem gente do mundo inteiro e muito provável atrás dessa característica que aqui oferece, saúde e bem-estar, qualidade de vida (Morador 9).

Os relatos confirmam que o turismo como atividade construtora e modificadora dos espaços, pode produzir melhor qualidade de vida para os indivíduos. A Vila de São Jorge, apesar dos problemas relatados anteriormente, apresenta aspectos da qualidade de vida que podem ser percebidos pelos moradores e turistas nas relações sociais e ambientais, na minimização da vulnerabilidade social, na promoção de saúde e na atmosfera do lugar.

4.1 Trajetória, escolhas e meio de vida dos moradores da Vila de São Jorge

Na Vila de São Jorge, durante o trabalho de campo pudemos ouvir moradores contando suas trajetórias no lugar. Os relatos trazem memórias do período do garimpo e a transição para a atividade turística, além das experiências pessoais relacionadas à inserção desses moradores na atividade e o cotidiano na Vila. Dessa forma fomos montando um

mosaico do lugar por meio das relações sociais estabelecidas, suas práticas culturais e o significado do lugar para esses sujeitos.

- Sou filha de garimpeiro e também fui garimpeira durante a minha infância [...]. Quando iniciou a atividade de turismo eu fiz parte de todo esse processo e considero que fui bem ativa, nós estávamos muito sem direcionamento porque nós éramos extremamente pobres, não tínhamos nem condição de estudar, não tínhamos conhecimento. E mais uma vez vindo uma segunda opção de alternativa econômica e os moradores iriam ficar de fora desse processo por não ter dinheiro [...] e eu disse: nossa! Eu não posso também ficar fora disso, daí eu comecei. Com o tempo eu já construí o restaurante que eu tenho hoje, fruto desse trabalho e depois eu continuei a minha proposta, porque o meu desejo era ter a minha pousada (Moradora 29).

- Então, porque eu trabalho com pedras eu vim, descobri aqui na televisão. A televisão é fofoqueira, né? Aí pegava as pedra e pistava assim, derrubava na rede do capim e diz olha... aí eu vi Alto Paraíso, Cristal... digo vou pra lá. Aí eu vim a primeira vez em 87 e em 89 mudei pra cá, passei dois anos aqui no São Jorge trabalhando e no começo morei na casa de algumas pessoas daqui até que comprei minha loja aqui de uma viúva e estou até hoje (Morador 33).

Os relatos dos moradores que já viviam ali na época do garimpo nos fazem refletir acerca dos sentimentos dessa comunidade e da luta pela sobrevivência desde aquela época, pois mostram a transformação do espaço a partir de uma nova visão em prol da mudança de atividade econômica exercida pelos moradores locais e o processo de compreensão dessa produção, reformulação e consumo do espaço por meio do turismo.

- Vim pra cá transferido pelo IBAMA para trabalhar no parque como chefe administrativo acabei ficando, casando e tive filhos e estou até hoje aqui em São Jorge. Quando cheguei perguntei o que eu vou fazer? Ele falou “você tem que fazer tudo”, eu falei “o que tem pra mim fazer tudo aqui na Chapada dos Veadeiros?”, “você tem tudo, dinheiro, carro, material, você tem tudo e tirar os garimpeiros e indenizar o pessoal e fazer a cerca do parque e fazer o turismo”, que era abrir estrada, foi muito difícil e acabei me aposentando, mas adorei, sou apaixonado pelo parque [...] (Morador 11).

- Tenho 38 de São Jorge, quando eu cheguei por aqui já tinha escola e foi melhorando. Aos poucos o IBAMA fechou os garimpos e começou a ter turismo né, e aí foi todo mundo trabalhando com uma coisinha na Vila. E aí eu tô aqui, e eu gostei do turismo e gosto até hoje porque eu tenho o meu camping, eu já tenho uma galera certa né, que eles chegam e vem

gritando aí e já chama de tia, de mãe, de tudo quanto nome. É minha vida, tô aqui e daqui acho que não saio tão cedo, só quando Deus quiser levar (Moradora 18).

As histórias dos moradores se entrelaçam com a história do lugar e mostram que apesar das dificuldades vivenciadas pelos sujeitos restaram marcas de amizade, acolhimento e solidariedade, portanto confirmam que a atividade econômica direciona o modo de vida das pessoas e pode estar aliada a um estilo de vida. Por isso entendermos o turismo enquanto fenômeno de produção social que envolve indivíduos e relações de consumo, mas que tem na sua base de produção as relações sociais e ambientais, conforme apresentou Lemos (2005).

- Eu acho que a Vila me escolheu [risos]. Em 2014 eu ficava um mês em Goiânia e um mês em São Jorge até que eu falei “agora eu não volto mais” porque eu já tinha uma casa aqui, uma referência. O lugar vai inebriando as pessoas, como é o contexto de São Jorge de modo geral, essa proximidade, o aconchego que vai desde o início (Morador 24).

- Cheguei aqui pra passear em 1993, em um ano e meio já estava morando, foi como se fosse amor à primeira vista e intuí que aqui seria o meu lugar pra eu passar o restante dos meus dias. [risos]. Sabia que ia crescer bastante mesmo, poderia investir de olho fechado. Eu não sabia muito que fazer aqui pra sobreviver e a pousada foi uma ideia, depois de um tempo eu achei que ficou estressante, recebia 40 pessoas e eu fui me descobrindo aqui na Vila com o que eu faço hoje que são as terapias, aí fiz pousadas de oito quartos, quatro quartos, agora três quartos pra atender mais diretamente às pessoas, nesse trato mais terapêutico que eu acredito que é o que eu vim fazer aqui definitivamente (Morador 9).

Durante a pesquisa, nas leituras acerca dos temas relacionados e nos relatos dos sujeitos de maneira geral a palavra ‘movimento’ esteve inserida em seus diversos significados. Por isso a Vila de São Jorge pode ser caracterizada pelo deslocamento dos turistas, pelas ações dos moradores, pelas idas para outros lugares e vindas de tantos outros; momento de silêncio e de festa, transformações, pelo seu jeito peculiar de fazer e resolver as coisas. Assim, acreditamos que sempre será um campo de estudo interessante para as diversas áreas do conhecimento.

Para seus moradores, a Vila de São Jorge é caracterizada como um lugar ou vários lugares de acordo com seu cotidiano, com a circunstância ou com o seu significado para quem a define. Portanto, espaço concebido e apreendido em sua totalidade, por meio dos sentidos, que nos oportuniza experiências a serem vividas (Santos 2001; Tuan 2013) conforme o que demonstram as seguintes definições:

- Ah, é uma vila cosmopolita, ao mesmo tempo sertaneja, extremamente movimentada e, ao mesmo tempo totalmente calma, é paradoxal, mas ela é desse jeito, dependendo do que você

tiver pra fazer vai ter uma Vila de São Jorge. Na média é um lugar que funciona plenamente as coisas, o que não funciona é porque não tem jeito de funcionar do jeito que é tradicional e se inventa um jeito e isso serve tanto pra construção civil quanto pra hotelaria, sabe? (Morador 24).

- Ah, então, a gente pode caracterizar de várias vertentes. Uma delas é da tranquilidade, da paz, da não violência [...]. Essa vertente da qualidade de vida que eu acho que tá muito ligado a esses extremos, da violência nas cidades grandes que aqui não tem. E tem essa característica também do investimento, muitas pessoas vêm pra cá com essa busca também, de sobreviver do turismo, além dessa característica forte, histórica do garimpo antigo (Morador 9).

No contexto das partidas e chegadas encontramos a figura do anfitrião e esse papel tem sido desempenhado por alguns moradores da Vila que se apresenta como acolhedora, hospitaleira, mas que antes não era assim, alguns moradores precisaram de tempo para se adaptar. Foi possível constatar que essa hospitalidade além de sentida é aprendida e passa a ser praticada pelos moradores por meio do turismo, pelo fato de envolver as relações e as interações entre sujeitos que realizam esse deslocamento espacial e nesse sentido complementam os relatos:

- Quando nós começamos a vir aqui, a própria dona do restaurante que é líder comunitária nos recebia, ela era a relações públicas de São Jorge, que na verdade a maioria das pessoas era extremamente tímida, não falava com estranhos, se escondia ou então só observava a conversa, mas não dizia nada e ela foi a receptora, digamos assim, nos primeiros (...) (Morador 24).

- Como eu nasci aqui, né? Completei 22 anos no último dia 29 de agosto, então foram 22 anos de muitas histórias, muitas vivências então eu me vejo assim como anfitrião, eu quero ajudar a comunidade, então eu venho sempre me desenvolvendo, crescendo cada dia mais pra poder dar continuidade ao trabalho da comunidade (Morador 19).

A Vila tem significado e sentidos para seus moradores e a pluralidade encontrada ali não sobrepõe às particularidades do lugar. Percebemos que a comunidade teve o papel fundante na produção do espaço por meio do seu modo de vida e de suas relações com o lugar e com as pessoas que foram chegando. Agora essas pessoas compreendem e expressam seus pontos de vista sobre o lugar. Assim, pela receptividade das pessoas e as paisagens do lugar pode significar para eles um verdadeiro paraíso, a realização de um sonho ou um divisor de águas:

- *E sinto que encontrei meu lugar mesmo sabe, me sinto muito em casa, muito entusiasmo, muita disposição de cuidar desse lugar melhor (Morador 26).*

A Vila de São Jorge para seus moradores pode ser considerada como sendo um centro de significados, de acordo com a definição de Holzer (1999). Assim, lugar significante de uma cultura particular, cujas qualidades para seus moradores são fundamentais para servir às suas necessidades e por isso decidirem permanecer ali.

Os relatos dos moradores registram esses significados do espaço, que de acordo com Tuan (2013) é transformado pelas experiências constituídas de sentimento e pensamento, ou seja, significados do lugar: todo o conhecimento; uma mãe que recebe; um lugar que faz renascer; muito profundo de muitas descobertas; que tem um lado espiritual muito forte; família; uma escolha; que ainda dá para criar os filhos; trabalho; casa; lugar que quando se sai dali, dá vontade de voltar; ideal para passar o resto dos dias e que merece ser cuidado por todos que moram ali ou apenas visitam (Fotos 39 e 40). Dessa forma significa, de acordo com Carlos (2007), que a comunidade estabelece uma identidade com o lugar por meio de formas de apropriação para a vida.

Fotos 39 e 40 - Vila de São Jorge (GO): viver na Vila - vida cotidiana e conexões estabelecidas



Autora: Renata F. C. Roriz (2018).

Desde o início da caminhada nessa pesquisa nossa motivação esteve pautada na busca por respostas. Começamos a procurar, garimpar, para saber em que medida as práticas culturais e as relações sociais estabelecidas têm contribuído para o fortalecimento da identidade da Vila de São Jorge e a sustentabilidade da comunidade a partir das atividades do turismo? O que a comunidade da Vila de São Jorge tem a oferecer ao turista? A comunidade tem conseguido agregar valor, por meio das práticas culturais, aos serviços e atividades desenvolvidas? Até que ponto a Vila tem conseguido manter a tradição cultural evitando

descaracterizações com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros? Qual o papel da comunidade frente à atividade turística em experiências criativas.

Nesse processo foi possível entender: o que tem na Vila e o que é da Vila são os muitos lugares, os hábitos e costumes de seus moradores, pois a Vila se expande, apesar de não ter para onde crescer, alcança outros lugares. A impressão que ficou é que os atrativos do entorno pertencem à Vila e todos que moram no entorno se consideram ser da Vila de São Jorge, pois lá se sentem em casa. Nesse sentido, argumenta o Morador 24, que esse sentimento de pertencimento na Chapada dos Veadeiros vai se espalhando, pelo movimento das pessoas que se mudam de um lugar para outro e vão criando vínculos por meio dessas relações entre as pessoas, os lugares e as pessoas dos lugares, ampliando assim a rede:

A Vila tem as festas, tem blocos de carnaval, Festival de Cinema, de *Jazz*; histórias das pessoas dali, algumas já estão publicadas em livros; livros pra ler espalhados pela Vila para ir lendo; comida variada e sabor dali; varandas, jardins, artistas reconhecidos; Turma Que Faz e é premiada; arte em cerâmica, ruas para caminhar; artesanato, filtros do sonho feitos de cipó, linha e cristal e luminárias; práticas místicas, holísticas, raízes, chás, sucos medicinais, reza, “benzimento”, cristal e terapias, tem times de futebol e campeonatos. A Vila tem o “Jornal Acorda Dragão!” que conta diariamente a Vila: o céu, as nuvens, as flores do Cerrado; se o Preguiça está ou não para banho, córrego que é fonte de recordações e ponto de encontro segundo relato de moradora:

- Aqui na vila? Eu acho importante ali o Preguiça, que a gente antigamente ia pra lá, antigamente era longe, o Preguiça agora é pertinho, era, era longe... era mato, não tinha loteamento pra lá, a gente ia pra lá, que eu acho importante preservar (Moradora 17).

A Vila guarda as histórias de seus moradores e de suas épocas e propicia as experiências por meio da busca pela identidade de cada morador e a identidade da Vila (Quadro 9).

Quadro 9 - Vila de São Jorge (GO): O que tem e o que é do lugar

O que tem	O que é
O Cavaleiro de Jorge (Casa de Cultura)	Relação das pessoas com a natureza: cachoeiras e Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
Natureza	As pessoas, seus estabelecimentos, os artistas e as histórias: Bar do Bodinho, Bar do Seu Claro, Bar do Pelé que tem muita história hoje ainda; o artista Moacir. O cerrado, os quintais, o pessoal sempre buscando preservar bastante, muito passarinho.
Preguiça na época da chuva	A história da Vila (história que está no imaginário). As pessoas, os pioneiros que vieram: Téia, Moacir, Nenzinha, Dona Dita, outros.
Cotidiano variável	O projeto chamado Turma Que Faz
As pessoas	Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros; Acessibilidade e um <i>plus</i> que não é comum em outras cidades do interior.

Fonte: Pesquisa de campo, entrevistas com moradores (2018).

Às vezes ou desde sempre, o que a Vila tem se mistura com o que é de lá. Conclui-se que para os moradores o que é original são as conexões entre tudo que tem e as pessoas e o seu ritmo de vida, o desejo de quem mora ou visita vai definir como e o quanto usufruir de tudo isso, como demonstra as seguintes colocações:

- Eu acho que tem certa naturalidade, o Cerrado, a natureza, essa coisa meio roça, mas que tem uma conexão ainda boa com a natureza, a alegria, as músicas, as festividades que o pessoal mantém algumas acontecendo. A relação das pessoas com a natureza ainda acho que é o mais forte daqui, as relações familiares que destacam bem em São Jorge. A gente vê muita gente que veio sozinha como eu, que se sente reencontrando a família da gente, então acho que isso é daqui, desde a chegada dos garimpeiros e isso foi se mantendo (Moradora 34).

- Você escolhe como quer viver em São Jorge, tem todos as opções, as pessoas perguntam “você não tem tédio em São Jorge?”, eu falo “ali não dá tempo de ter tédio” porque se você se envolver com o que é São Jorge como um todo, não tem tempo realmente, por isso que aqui eu uso relógio, porque senão eu perco o tempo, exatamente por causa desse jeito específico de ser e dependendo de como você vive aqui. Também tem uma coisa misteriosa, tem muita gente que tenta ficar aqui e não consegue. São Jorge é cheio de surpresas e de passagens, mas também você tem que ter bom relacionamento, aí tem de tudo. Aqui pra mim é muito quem é do bem, é que essa natureza é distinta, não tem jeito, porque causa bem-estar mesmo, beleza o tempo todo aonde você vai, ela te pressiona pro lado da harmonia! (Morador 24).

A produção do espaço é determinada também pelas relações sociais e ambientais que compreendem as relações de poder, daí a importância da comunidade se manter fortalecida para a mediação de conflitos e a luta por garantia de direitos e no caso da Vila de São Jorge esse empoderamento da comunidade se faz necessário tendo em vista protagonizar o turismo local em prol da sustentabilidade.

Constatou-se que a comunidade percebe quando há uma distância na relação entre a gestão do PARNA e os moradores da Vila e reconhecem a importância de preservar essa aproximação por meio de seus representantes para garantir os espaços de diálogo, promovendo a integração da UC à vida econômica e social da comunidade, conforme podemos conferir de forma unânime nas falas dos moradores.

Aos poucos os vínculos têm sido criados pelas relações estabelecidas na Chapada dos Veadeiros pelo sentimento de pertencimento. Os moradores já não veem mais a distância entre a Vila de São Jorge e Alto Paraíso, pois se existiam barreiras, foram eliminadas com os

meios de informação, a estrada de 36 quilômetros que liga os dois destinos e outras modernidades. O relato do morador 24 comprova esse encurtamento de distâncias, a aproximação das pessoas e a criação de novos vínculos:

- Apesar de exigir tantos cuidados é muito próximo, é cultural e engraçado, tem gente que não usa cinto de segurança da Vila de São Jorge para Alto Paraíso, porque eles não consideram uma viagem normal. Então, morar em São Jorge não é só morar em São Jorge, mesmo porque hoje, o entorno inteirinho, descontando o lago do Parque Nacional é ocupado cada vez mais micro propriedades, cada vez vem mais moradores (Morador 24).

Na Chapada dos Veadeiros foi possível observar que as redes de relações sociais entre a comunidade com vistas à solidariedade estão presentes no modo de vida da comunidade, o que falta é estimular a constituição dessas estruturas na escala da atividade turística para consolidar a gestão participativa no destino, por exemplo, por meio das redes de interações entre os agentes sociais, pois segundo Haesbaert (2004) faz-se necessária a articulação através de múltiplas escalas.

A Associação da Chapada dos Veadeiros no que tange o âmbito do turismo surgiu com o intuito de divulgar a marca Veadeiros, identidade criada por meio do apoio do SEBRAE para fortalecer o destino, seus produtos e suas comunidades. Os desafios enfrentados atualmente pela associação e que nos foram apresentados no relato da Presidente da associação estão em dar continuidade aos projetos que desde 2015 sofrem os impactos de uma ruptura em sua diretoria e reestruturar ações que abarcam o turismo na região.

É fato que o destino está consolidado, mas o que vemos não é diferente do que ocorre nas outras associações sediadas na Vila de São Jorge, pois ainda existe a necessidade de uma maior articulação de seus membros em prol de um projeto único para o turismo. Assim, eles têm focado nos eventos culturais entendendo que seria um caminho para oferecer atrações em diferentes épocas do ano, ampliando a oferta cultural já consolidada e agregando valor ao turismo da região. Além disso, apresenta uma proposta de caminhar como o CONTUR na agenda vigente: cobrança de taxa de turismo no município; a regularização e legislação de atrativos, a importância do papel dos condutores locais e a efetiva participação da comunidade, entre outros assuntos necessários para o efetivo desenvolvimento dos municípios e do benefício de suas comunidades.

Entretanto, os resultados estão na iminência da consolidação do trabalho da associação que vá além da expectativa de seus membros, conforme afirma a Presidente da Associação Veadeiros e empresária do segmento de alimentação:

- Então tá todo mundo numa expectativa grande só que tem que ter ação também, e a gente tá caminhando vai dar trabalho, mas vai colher os frutos aí que a gente tanto precisa porque às vezes fica esperando muito o poder público e não é uma questão de Alto Paraíso, é uma questão do Brasil. Então a gente está, como ela começou aqui, todos eles foram chamados, mas não teve uma adesão dos municípios distantes. São Jorge e Alto Paraíso são bem atuantes porque foram os empresários que começaram, então hoje em dia a diretoria que tem tentado tocar para frente é meio Alto Paraíso e meio São Jorge e a partir do momento que fortalecer aqui, tiver bem estruturado, partir para as trocas de experiências.

Foi possível constatar que a Associação Veadeiros entende e almeja que o sentimento de comunidade presente nos destinos cujo foco está no bem estar social, nas questões ambientais e que oportuniza a partilha de experiências práticas voltadas para o turismo, quando integradas, articuladas em redes e se estendendo do local para o regional, no caso a Região da Chapada dos Veadeiros, pode propiciar a conexão dos territórios descontínuos e, portanto seu fortalecimento. O relato da moradora 34 apresenta uma prática local que tem repercussão na escala global:

- Agora mesmo a gente fez uma feira de sementes e mudas que foi bem linda, fizemos todos como voluntários, várias pessoas de vários lugares e todo mundo veio, foi incrível, eu fiquei super feliz porque o pessoal de São Jorge compareceu também. Eu acho que tem que ter o pessoal daqui para lá porque as coisas quase não chegam aqui. Gosto de fazer essa articulação também das coisas que estou envolvida lá em Alto Paraíso e inserir São Jorge, tipo lembrei de São Jorge, eu vou chamar o pessoal de São Jorge avisar, para não esquecer, para não ficarmos anulados (Moradora 34).

As relações dos moradores com os turistas, com os vizinhos e com os outros moradores se dão de forma natural e distinta, pelo fato de que onde existem grupos diversos, existem os diferentes significados e assim os diferentes comportamentos, tensões e conflitos e possibilidades para o consenso. Assim, a busca pelo equilíbrio haja vista as motivações que levam os turistas para a região e constatando que os moradores da Vila já compreenderam a importância de receber bem o turista e são reconhecidos por isso, realidade apresentada no capítulo 3, existem turistas frequentes na Vila.

O interessante nas relações entre moradores é que de forma unânime comparecem as manifestações de cordialidade, gratidão, solidariedade, de cuidar do outro, de não deixar a violência chegar, ajudar quando um vizinho precisa de um socorro; mas no exercício da atividade turística, existem as divergências, os grupos e seus respectivos interesses, nesse sentido argumenta:

- Olha, aqui é um lugar bem diferente, todo mundo cumprimenta todo mundo na rua e as pessoas que você vai conhecendo você vai trazendo pra família, vai convidando e todo mundo que vem aqui, os turistas aqui sempre querem voltar pelo fato de todo mundo ser amigo. Aqui é todo mundo família então, se alguém mexeu com um vai mexer com todos. Se você for reparar bastante, são três famílias grandes. Então se eu sair na rua aí acho um monte de primo (Moradora 27).

- São Jorge, se você não tiver relacionamento, não funciona, porque você depende muito das pessoas aqui, até tem uma regra, por exemplo, você funciona de banco de vez em quando, sua amiga funciona de lan house, de Uber, aí vai indo (Morador 24).

Se pensarmos que os garimpeiros foram proibidos de entrar no parque que antes extraíam cristais e que seus descendentes agora procuram sobreviver do turismo enquanto atividade econômica, talvez fique mais fácil compreender essa falta de coesão existente entre os moradores para pensar e praticar o turismo, pelo fato de que os garimpeiros trabalhavam muitas vezes de forma individual. Entretanto, quando pensamos turismo como fenômeno que envolve sujeitos e variáveis internas e externas e que escapam todo esforço de cristalização, de solidificação para atuação e avaliação, pois a mudança de postura, as adaptações se fazem necessárias. Nesse sentido argumenta a moradora 7: [...] *mas a gente precisa do turismo, né, então o turista tem que ser bem tratado (Moradora 7).*

O turista da Vila de São Jorge, conforme mostrado no capítulo 3, se sente acolhido e muitos deles manifestam o sentimento de gratidão pelas pessoas da comunidade e de acordo com Lemos (2005):

O homem inventou o turismo. Cabe a ele criar um sistema que seja sustentável. Nenhum sistema, no entanto, surge espontaneamente, de forma reativa a um problema social. No caso, o problema da transformação está na dinâmica mercantil que se instala nas localidades a fim de acumular capital independentemente das consequências negativas que possa causar a esse valor que o atraiu (LEMOS, 2005, p.151)

Cabe ao homem criar ou lapidar um sistema que seja sustentável e, portanto, para isso é preciso colocar a energia das pessoas para fazer acontecer considerando o tempo da Vila, a sazonalidade, a sensação de que o tempo passa devagar, a memória do extrativismo que ensinava que quando não dava para garimpar, plantava; além do tempo de experiência de cada indivíduo, o vai e vem das pessoas, o se instalar na Vila e a urgência da preservação da natureza e do lugar.

4.2 A comunidade e a busca pela identidade: práticas culturais como elementos singulares e a contribuição do turismo

A afirmação da identidade cultural da comunidade da Vila de São Jorge e o fortalecimento da cultura local tem se dado em quase tudo conforme argumenta a moradora 27. O que podemos perceber é que por meio do turismo, os ex-garimpeiros e seus descendentes, moradores da Vila de São Jorge estabeleceram seu novo modo de vida caracterizado por uma rotina voltada para o trabalho nesse momento relacionado à intensa atividade turística, mas que oportuniza o dominginho, para o descanso e passeios pela região. Cercados pela natureza eles se sentem contemplados e continuam lutando por condições melhores de vida e recebendo bem quem vem de fora para conhecer, trabalhar ou investir. Eles reclamam do alto custo de vida, mas pagam o preço e tentam se organizar em uma rede solidária para minimizar algumas dificuldades estruturais, entretanto divergem opiniões relacionadas às práticas turísticas não conseguindo estabelecer coesão.

Assim, tentam preservar a identidade do garimpo e a relação da integração da comunidade com o lugar. Eles clamam pelo museu, mas dialogam o tempo todo com os de fora: aqueles que quando de passagem pela Vila socializam sua cultura e oxigenam o local; com aqueles que chegam para ficar, mas querem ditar a própria cultura e aqueles que só querem “bamburrar”¹⁵, como acontecia na época do garimpo. Portanto, a busca pelo novo e a tensão para manter o que é dali também é cultural nesse lugar.

- Acho que os turistas vêm mais para cá por causa da cultura, apesar da gente seguir nossa cultura as pessoas aqui são bem antigas. A cultura aqui é da época do garimpo, mas a gente tenta trazer cultura de todos os lugares e no Encontro de Culturas, no mês de julho, vem cultura de vários lugares e a gente aprende a conviver, passa um pouco do conhecimento para todo mundo e isso acaba sendo bom para todos porque só assim você tem respeito, não só com as outras religiões, outras culturas, e assim todo mundo consegue viver em paz. Tem alguns turistas que às vezes chega aqui e fala, tipo, aqui muitas pessoas também são espíritas né, então as pessoas já chegam assim: “ai é macumba”? Depois eles veem que é só uma cultura e que é como qualquer um, cada um segue a sua religião (Moradora 27).

O turismo contribui com a identidade local quando valoriza o que é dali. A cultura do garimpo; as dimensões socioculturais e ambientais existentes a partir da implantação do PARNA; o desenho urbano da Vila, antes povoado que seguiu a lógica da época do garimpo

¹⁵ Bamburrar: enriquecer.

com a Capela que homenageia o padroeiro, as primeiras ruas, o centro, a venda, o bar; os encontros que trazem pessoas e culturas de vários lugares; os meninos da Turma Que Faz, descendentes de garimpeiros e outros mais; o acolhimento dado aos que chegam; o trabalho diário pela busca do sustento são referências à identidade local.

Se o turismo de base comunitária não prosperou, restaram à comunidade algumas experiências e a busca pela afirmação dessa identidade pelo turismo. Interessante refletir que simultaneamente a essa busca local, da comunidade, existem os sujeitos de outros lugares em busca de suas próprias identidades por meio das experiências e assim, vão contribuindo para essa afirmação, conforme relatos dos moradores e turistas, decorrentes dessa pesquisa e que convergem para as experiências ligadas à natureza, cultura e relações sociais. O que a moradora 4 nos diz, reforça essa realidade:

- Não sei exatamente o que acontece, é inexplicável toda essa sensação de você se sentir muito acolhida por um lugar, eu sinto assim em muitos dos lugares, eu viajo bastante, fui repórter de viagem, mas nunca tinha sentido o que eu senti quando vim para cá. Eu voltei para São Paulo eu tinha uma vida ótima lá, [...]. Só que alguma coisa chamava do tipo tem que ir pra lá e era muito ligado também ao Cavaleiro [...]. E aí eu vim de coração aberto, cheguei, fui morando numa casinha, sempre trabalhando aqui no Cavaleiro com todos os projetos e também já faço muito produção (moradora 4).

Conforme discutido no capítulo 1, o lugar só se estabelece e permanece se as pessoas continuarem em condições de defenderem as suas territorialidades e pelas suas práticas puderem não se sentir ameaçadas pelo novo, no caso, o turismo. Ademais, estudos apontam a importância do turismo para a troca de experiências, para o contato com as paisagens, pessoas e culturas diferentes, sendo alternativa econômica e de desenvolvimento social.

Está aí a contribuição do turismo para a afirmação da identidade cultural da comunidade da Vila de São Jorge, pois se tudo ou quase tudo ocorre em função do turismo e eles têm esperado acertar e permanecem ali preservando, buscando soluções para os problemas com foco no fortalecimento da cultura local, acreditamos que estão no caminho certo, pois estão inseridos nesse processo.

Re (lembrando), desenhando, contando o jeito de viver na Vila, histórias e as suas histórias, rindo. Assim foi a experiência da moradora da Vila de São Jorge ao expressar, por meio de desenho a caneta em papel, os pequenos cortes de azulejos que ajudaram a compor o mosaico da Vila de São Jorge:

- Eu não sei desenhar não, sinceramente! Minha rua (risada), aqui é o beco. Aqui é o pé de Tamarindo (risada). Aqui era cheio de pé de eucalipto também. Aqui tinha as bancadas, que

eram os bancos de madeira, ai aqui a gente sentava pra bater papo, tinha um aqui, tinha... Aqui tinha muita casa emendada, ainda tem até hoje, a venda do Seu Claro. A casa da Maria Chefe. Restaurante da Téia (risada), aqui é outra rua. Aqui onde é a casa do Seu Claro era a pensão de Dona Luzia. Aqui tinha o ferreiro, aqui pra baixo descendo tinha a Casa Fole, onde ele tinha o lugar de apontar as ferramentas [risos]. Eu nasci aqui, depois dessa casa. As estrelas que tem bastante [risos].

Mapa 16 - Vila de São Jorge encontros e tradições



Fonte: Pesquisa de campo, mapa mental elaborado pela moradora 29, Vila de São Jorge (GO), 2018.

O mapa mental, elaborado pela Moradora 29, representa um resgate das tradições e das características peculiares da Vila que estão na memória de seus moradores mais antigos. Muitas delas já se perderam com o tempo, devido à mudança dos hábitos e com a falta de tempo ocasionada pelo trabalho, já outras ainda são vivenciadas pelos moradores e agregadas ao turismo local: fogueira, cristais, bancos construídos embaixo das árvores, a primeira pensão da Vila, flores do cerrado, céu estrelado, brincadeira de roda. O vazio, nos leva a imaginar que representa o PARNA que cerca a Vila, é como se estivéssemos olhando a Vila de São Jorge de lá. Interessante foi o fato de termos sido procurados pela moradora, no dia seguinte à entrevista, com o pedido para a complementação do desenho. Ela nos relatou que

sonhou com o mapa e então lembrou que não tinha representado a fogueira e os cristais, agora bem representados.

A Vila respira natureza e cultura e daí surge um jeito ‘sãojorgino’ de viver, o qual pode ser relatado pelos moradores entrevistados, mas que devido à grande quantidade de detalhes não caberiam nesse capítulo:

- Eu gosto de tudo aqui, essa natureza toda em volta, energiza muito a gente, gosto do chão de terra, do acesso ao parque perto como se fosse o quintal de casa da gente. Eu gosto da gente estar perto um do outro assim, qualquer coisa que eu quero falar com alguém eu bato e uma volta que eu der na rua também. Eu acho que tem um choque meio cultural em relação a quem chega, porque existe uma cultura, e aí está acontecendo essa transição porque eles trazem a cultura deles e insere e acaba ofuscando um pouco a cultura local existente, mas não precisa ser ruim pode ser uma coisa legal. A gente tem que manter e pode unir as duas coisas, mas uma não pode anular outra (Moradora 34).

Observa-se então que a Vila de São Jorge enquanto espaço turístico pode ser também um espaço de representação tanto para a preservação da cultura local quanto para a inserção social, e que ligações culturais devem contribuir para um contexto, conforme está posto pelo IPHAN (2009), de preservação do patrimônio cultural local em territórios amplos, singularizados pelo dinamismo do patrimônio e pela interdependência entre natureza e cultura de forma a direcionar um caminho para tal preservação pelo fato de valorizar as produções simbólicas da comunidade no momento do garimpo e do turismo integrando no processo cultural e permitindo a interação dos bens materiais e imateriais.

Na Vila de São Jorge as festas e encontros acontecem com certa frequência e os motivos estão relacionados à celebração, confraternização e podem ser considerados como sendo oportunidade para experiências. Assim, o morador 24 sustenta que:

- O Vale do São Miguel é cheinho de propriedades, tanto de nativos como de outros proprietários [...]. Todo mundo ou tem uma carninha, um churrasco ou uma galinha caipira pra fazer. Aí esses eventos começam 10 da manhã de segunda e terminam 10 da noite. No mês de julho tem uns eventos, não só por causa do Encontro de Cultura, que acontecem em todas as ruas de São Jorge [...] não é só um lugar, um palco, um evento, é um momento de São Jorge inteiro, pra quem está, pra quem tá chegando, pra quem tá indo, então vira uma coisa genérica mesmo. Janeiro também é assim, final de ano é assim e os feriados prolongados [...](Morador 24).

A vida cotidiana e seu ritmo estão relacionados à atividade turística, a segunda-feira é chamada de ‘dominguinho’. É o dia em que moradores, principalmente quem trabalha em

pousadas e restaurantes, tiram folga para descansar e aproveitam para se encontrarem. Segundo relatos do morador 24 essa confiança e generosidade fazem muita diferença para quem quer se estabelecer na Chapada dos Veadeiros e na Vila de São Jorge. Assim, os espaços da Vila sejam esses naturais ou os espaços públicos são compartilhados tanto por moradores quanto por turistas e servem como base para as práticas sociais, para a convivência o que nos ajuda a compreender esse jeito ‘sãojorgino’ de viver.

4.3 Encontros e vivências culturais na Vila de São Jorge: comunidade, saberes e fazeres tradicionais e experiência

Conforme vem sendo apresentado, o potencial criativo da Vila de São Jorge inclui os aspectos místicos da região; a hospitalidade e a capacidade de concentração e aglutinação de pessoas que podem ser percebidos no lugar, em especial nas festas e encontros e que representa uma forma de criar vínculos com seus visitantes e novas oportunidades para seus moradores como pode ser percebido no relato da moradora 17:

- A festa de São Jorge é tradição, mas antes era mais tradição, a gente só comprava roupa nessa época, todas as famílias juntava dinheiro [...] a festa de São Jorge era um evento, vinha todo mundo de fora, da redondeza, todo mundo, era um evento mesmo, cê ficava o ano todo se preparando [...]. Hoje em dia já não é mais, porque antes era tradicional, todo dia 22 era levantada do mastro e dia 23 era a procissão, tinha a missa, a procissão, tinha umas brincadeiras aqui, tipo uma matinê, eles faziam pau de sebo, mas agora acabou, não tem mais a tradição, por quê? Eles mudam o dia da festa, o dia da festa agora é móvel [...] aí perdeu essa característica. Que antes não, como era todo dia 22, vinha todo mundo das redondeza (Moradora 17).

O calendário de eventos da Vila de São Jorge é extenso, entretanto, alguns marcam o destino Chapada dos Veadeiros e contribuem para a sua divulgação em nível nacional e internacional caso do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Por meio dos relatos de moradores e da experiência de participação, durante a pesquisa de campo, apresentaremos a caracterização dos eventos da Vila, um convite à experiência a partir da leitura de cada um: Festa de São Jorge (2017); Raízes: II Grande Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedeiras e Pajés da Chapada dos Veadeiros (2017) e o Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros e a sua casa, o Cavaleiro da Vila de São Jorge (2018).

A Festa de São Jorge é tradicionalmente realizada pela comunidade da Vila de São Jorge e pela igreja católica e culmina com o dia do santo padroeiro, no mesmo dia em que comemora o aniversário da Vila atualmente com 67 anos. O evento ocorre no mês de abril, entretanto devido à relação com as atividades turísticas do local tende a ser flexível para contemplar a participação dos turistas que buscam o destino nesse período, também marcado pelo feriado nacional em comemoração ao dia de Tiradentes, comprovando prática de turistificação.

Os preparativos iniciam com bastante antecedência pela comunidade: as ruas são enfeitadas com flores, fitas de papel e luminárias bandeiras vermelhas com estampas do santo, a Capela de São Jorge preparada para a realização da programação que abrange missas, procissão e quermesse onde são servidas comidas e bebidas típicas. Nos leilões e bingos foi possível constatar a interação entre as famílias da comunidade, empresários locais e fazendeiros da região e os turistas, fato que reforça a interação emocional e social com o ambiente visitado, com a comunidade e seu cotidiano.

Foi observada a importância do papel do pároco junto à comunidade nessa busca por manter as tradições, sendo nesse caso a articulação de uma programação que contemplasse o encontro das pessoas por meio da liturgia, a descontração e o envolvimento de mais apoiadores da festa.

Aspectos relacionados à organização do evento e aos ritos e tradições mostram a tendência à adaptação do tradicional para atender à demanda quando observamos que a levatada do mastro em frente à igreja, no quarto dia da festa, diverge do que comumente pode ser observado em festas de santo, quando o mastro é erguido no primeiro dia cujo significado é conectar a terra com o céu. Entretanto, a retirada do mastro da casa dos festeiros e sua condução à igreja pelos homens, passando pelas principais ruas da Vila segue a tradição, assim como: os homens que são chamados a ajudar a carregar o mastro; os festeiros seguindo à frente e segurando a bandeira; os participantes empunhando velas acesas e acompanhando os cânticos e orações feitas para São Jorge e Nossa Senhora ao som apenas de um violão; a fogueira acesa iluminando e aquecendo os participantes que ficam participando do bingo até o sorteio do último prêmio, já na madrugada, a procissão com o andor do guerreiro no último dia de festa; e o batizado dos devotos do santo.

Já outras questões relacionadas à organização do evento pelos festeiros e pela igreja podem ser melhoradas, pois existe falta de clareza do percurso para os participantes da procissão com o mastro e problemas com a sinalização devido aos obstáculos encontrados pelo caminho que foram sinalizados de forma improvisada por alguns devotos.

A hospitalidade é percebida durante toda a festa assim como faz parte do cotidiano da Vila. Antes das celebrações, na porta da igreja, a acolhida à comunidade e visitantes era feita pelos celebrantes e “coroinhas” enquanto os cânticos eram ensaiados no interior da igreja ao som de violões e com o apoio de moradores da cidade de Colinas do Sul, o que comprova a integração entre as comunidades vizinhas. Encontramos turistas vindos das cidades do Rio de Janeiro, Goiânia, Brasília, Anápolis participando da festa e outros visitantes vindos das Alemanha que compareceram costumeiramente. Quem não conseguia um lugar dentro da igreja durante a celebração acompanhava mesmo do lado de fora, pelas janelas da capela (Foto 41). Após a última missa foi realizado o sorteio dos novos festeiros responsáveis pela próxima festa, juntamente com a comunidade, e pela continuidade da tradição.

Foto 41 - Vila de São Jorge (GO): Festa de São Jorge (2017).



Fonte. Renata F. C. Roriz (2017)

Ampliam a programação oficial da festa encontros nas casas de moradores que têm por tradição oferecer café da manhã e almoço para todos que queiram participar marcando a hospitalidade local, a tradição e as experiências dos turistas. Além disso, constatamos que as comemorações se estendem para outros lugares da Vila como é o caso da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge que possui uma programação própria para homenagear o santo padroeiro por meio de apresentações de atividades culturais como shows, espetáculos de teatro e exibição de filmes valorizando artistas da região e oportunizando a participação de artistas de outros estados do País.

Concluimos que a Casa de Cultura tem o papel de valorizar e preservar a cultura e fomenta a participação da comunidade local nas atividades desenvolvidas. A casa agrega valor à oferta turística no período das festas e eventos que ocorrem na Vila, pelo fato de

comparecer como um lugar de encontro de pessoas e promoção da cultura como um todo, tanto nas apresentações relacionadas à cultura tradicional da Chapada dos Veadeiros que incluem os filhos de São Jorge, quanto em diversas apresentações culturais de outros lugares.

Dentre as atividades culturais realizadas destacamos a exibição do filme, produzido pelo Coletivo Brasileirando, que conta a história do antigo garimpeiro Seu Wilson, já falecido; o resgate da música raiz de pé de serra que trouxe o forró, tocado e dançado na Vila desde a época do garimpo, pelo Triô Buritis, de Alto Paraíso de Goiás e a apresentação do espetáculo Peña Folclórica da Turma Que Faz, além de outros ritmos universais.

As atividades culturais da Casa de Cultura agregam mobilizações da comunidade local para a solução de problemas existentes na Vila oportunizando espaço para os fóruns sociais, sendo que na oportunidade acompanhamos a discussão da mobilidade urbana e a gestão dos resíduos sólidos. Assim, a integração dessa atividade na programação da festa mostra a preocupação da comunidade com esses problemas que se intensificam a cada período de festividade e de alta temporada.

Paralelamente, durante o período dos festejos em comemoração ao padroeiro, outras atividades ocorrem na Vila de São Jorge: o Grande Torneio de Futebol Society; a Vivência indígena com o povo Fulni-ô de Águas Belas de Goiás na Aldeia Multiétnica. Percebe-se que as programações da festa apresentadas a cada ano aglutinam todos os participantes e contemplam as homenagens e devoção a São Jorge, o encontro entre as pessoas e a valorização da cultura local.

O Raízes: Grande Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedeiras e Pajés da Chapada dos Veadeiros tem o objetivo de oportunizar o compartilhamento dos saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais, aos benzimentos e às práticas xamânicas além da reflexão sobre a influência desses saberes na medicina científica e a manutenção da tradição desse ofício nas comunidades tradicionais. Constata-se que fatores ameaçadores como a falta de interesse dos mais novos em aprender, o preconceito e a mudança de religião têm comprometido a manutenção desses saberes tradicionais.

A primeira edição do encontro aconteceu durante a décima Aldeia Multiétnica, no Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos veadeiros, em 2016 e compunha uma das ações do Projeto “Raizeiros de Alto Paraíso: Saberes Ameaçados”. (Foto 42).

Foto 42 - Vila de São Jorge (GO): Raízes (2017).



Fonte. Renata F. C. Roriz (2017)

Seguindo a proposta de programação do primeiro encontro, a segunda edição proporcionou aos participantes momentos de trocas de experiência, como as rodas de conversa, as atividades de campo e as oficinas. As atrações culturais e a exposição fixa “Saberes ameaçados: Raizeiros, Parteiras e Benzedeiras da chapada dos Veadeiros”, da fotógrafa Melissa Maures, complementou a programação. As rodas de conversa contaram com todos os anciões sabedores desses conhecimentos tradicionais e seguiram com a temática sobre a necessidade da conservação do Cerrado. Na sequência da programação foi realizada uma saída de campo no parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, para reconhecimento de plantas medicinais do Cerrado, banho de rio, prosas e benzeções.

Observamos que o encontro atrai fitoterapeutas, estudantes e turistas interessados nos ensinamentos sobre as plantas, a nomenclatura popular de cada uma, os potenciais de suas partes (casca, folha e raiz) e os benefícios para a saúde, além dos usos e preparos para cura (remédio) de cada espécie do Cerrado e que a identificação das mesmas em campo promove uma vivência com raizeiros que complementa o saber. Assim, o raizeiro guiou os participantes ensinando sobre a diversidade das plantas do Cerrado e agregando suas experiências ao longo da vida.

Dentre os saberes tradicionais apresentados no encontro, compareceram trocas de saberes com parteiras da região sobre plantas amigas das mulheres, usadas nos períodos de gestação, parto, resguardo, puberdade e climatério. Constatamos nas falas das parteiras a preocupação com seu ofício, as dificuldades enfrentadas por elas e os aspectos complexos e

delicados acerca do nascimento de uma criança por meio do parto natural, pois conforme relato da parteira: “dar a luz a uma criança não é como ligar um lampião [...]”.

Uma parteira presente no encontro, que atualmente reside em Goiânia, disse: “aparei até 200 crianças que contei, aí esqueci porque não era obra minha, era de Deus. Eu me cobria com o manto de Maria. Tenho minhas ferramentas: tesoura, paninhos brancos contados e fervidos colocados dentro de um vidro [...], mas quando via que a mulher não tinha condição eu levava para o hospital e saía para arrecadar dinheiro para pagar. Na maioria dos relatos das parteiras, as quais já realizaram 200, 300 partos e até param de contar, Nossa Senhora do Bom Parto esteve presente e atendeu às súplicas dessas mulheres, dando força, coragem e proteção.

Finalizando os relatos, a parteira do Moinho reforçou: “temos que estar unido, aprendendo e ensinando. Vou trabalhar para formar três pessoas, pode ser parteiro, um parteiro é superior aos outros homens! Muitos são chamados, poucos são escolhidos.” Outra preocupação dela é com a preparação da parteira: “a parteira tem que ter um tempo para ela, tem que se cuidar, se preparar. É como uma pastora! Remédio aprende, parto é dom, já nasce parteira. Cê tem que amar o troço, sentar com a pessoa mais velha para conversar [...] eu não tô velha, tô usada [...] velho é estrada!”.

Certificamos que como mensagem final do encontro ficou a pergunta: Vamos deixar acabar? E uma espécie de encaminhamento, segundo as parteiras, para que esse ofício tradicional não acabe, além de passar os ensinamentos para os mais novos, o ideal seria unir parteiras com médicos. Um movimento ativista em prol do reconhecimento do ofício e recadastramento das parteiras tradicionais aguarda audiência pública, agendada no Senado, haja vista a importância e as especificidades do ofício, como por exemplo, o tempo para a realização de um parto natural, que às vezes requer mais de 12 horas de dedicação da parteira para a sua realização e o fato de que uma parteira pode ser responsável pela notificação de parto.

Na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge foram exibidos documentários sendo que dentre eles destacamos “Flor do Moinho” e ocorreu uma oficina com as “Caixeiras do Projeto Parinópolis” sobre violência obstétrica. Outra atividade realizada foi a palestra: raizeiros, parteiras e benzedadeiras no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). A noite cultural contou com a presença dos raizeiros, Kalungas e povos indígenas e foi animada com apresentações de Forró e Sussa, na casa de cultura. Já no último dia do encontro foi realizada, em Alto Paraíso, a Feira de Venda e Troca de mudas e sementes de plantas medicinais e produtos artesanais dos raizeiros, parteiras, povos indígenas, produtores locais e parceiros do evento.

Concluímos que os ensinamentos e trocas de experiência sobre as plantas que podem ser usadas pelas mulheres nos períodos de gestação, parto, resguardo, puberdade e climatério despertaram interesse de todos. Os destaques foram para as plantas que ajudam a aliviar a tensão pré-menstrual e que previnem a gravidez e as parteiras aconselharam as jovens sobre a importância da higiene da mulher. Além disso, entendemos que encontros como esse além de auxiliar na disseminação dos saberes tradicionais convergem para uma nova maneira de oferecer experiências aos turistas e podem revelar possibilidades de organização da comunidade para a utilização dos recursos existentes, conhecimentos e práticas tradicionais em prol do desenvolvimento sustentável.

Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros e a sua casa, o Cavaleiro da Vila de São Jorge

Neste relato optamos por mostrar além do Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros a importância e a força de uma ideia criativa para uma comunidade, destacando pontos relatados pelos moradores que caracterizam esse trabalho de muitos anos e que já tem sido amplamente divulgado, mas principalmente mostrando o que os envolvidos têm feito para alcançar a sustentabilidade no contexto atual:

- Então a Casa de Cultura existe há 21 anos, ela começou bem pequenininha com o idealizador do projeto, ele morava em Goiânia, veio para cá descobriu as comunidades tradicionais aqui da região e ela se formou com esses pequenos encontros de cultura, e começaram pequenos com quatro comunidades daqui da região da Chapada dos Veadeiros. [...] É depende muito de projetos, públicos, e às vezes não consegue, agora que a gente tá numa leva de, uma onda de sustentabilidade da Casa procurar meios de ser sustentável, então com uma loja ou vendendo pacote, vende show num sábado, tem um bar, uma lanchonete, então a gente tá procurando, buscando novos formar porque antes era só mesmo para o projeto. Só que não dá mais, tá muito difícil assim essa área no Brasil, principalmente pra cultura e comunidade tradicional eles não estão nem aí pra gente (Moradora).

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge promove as atividades com comunidades tradicionais de vários lugares sendo uma instituição sem fins lucrativos e possui verba reduzida. Os moradores da Vila, a denominam de ‘Cavaleiro’ que juntamente com o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, marcam toda a história cultural da Vila de São Jorge e são significativos para o lugar e para as pessoas. Entretanto, pelo que pudemos

perceber durante a pesquisa, o ápice desse encontro se deu na união de uma musicista e arte educadora com o produtor cultural que idealizou a casa de cultura. Daí surgiu a possibilidade de abrir para a comunidade uma escola para crianças e adolescentes: uma Turma Que Faz e que fez nessa edição do Encontro, na qual puderam mostrar os talentos da Vila de São Jorge para o mundo; e que hoje permanecem plantando sementes por meio da arte e da educação ambiental.

Alguns moradores da Vila são ‘ex-Turma Que Faz’ e nas entrevistas relataram que muitos deles hoje já se tornaram pais e mães com eterna gratidão por tudo o que aprenderam em cada aula e em cada encontro liderado pela musicista e arte-educadora, que escolheu a Vila para viver e trabalhar, como nos conta:

- Essa solidão, entendeu? Que a tecnologia, vamos dizer, avançada [risos], tá criando. Então a minha escola sempre se importou pro lado mais humano da coisa, pro lado mais sensível, né? Porque senão o homem não vai conseguir conviver com a natureza, e achei essa relação aqui, homem, arte, natureza. Aqui tem a ver nós gritarmos “não, não, não”, é um parque, aqui eu falo pra eles, “bicho, se nós não segurarmos aqui vou sair correndo pedindo socorro”, não é não? Aqui não é uma cidade, aqui não é uma fazenda, aqui é um parque, né? Então é isso que é a batalha da turma, vamo manter nosso parque, vamo convidar o mundo pra uma forma de economia, uma forma de sobreviver, traga o mundo pro parque! A turma aqui faz, abre a escola, a cabana, isso aqui nós chamamos de cabana, não de escola, abre a cabana, não é? Igual eles têm feito já, só que em vez de uma por mês, faça 5 por mês, não é não? É... 10 por mês dá pra eles fazerem, eles são uns 20 jovens que... que desenvolvem tudo aí, né? Foi isso que então... uniu a cultura do garimpo, a natureza e a Turma Que Faz (Moradora 14).

A Turma Que Faz é da Vila de São Jorge e é reconhecida e cuidada pelos seus moradores o que ajuda a superar a dificuldade encontrada para se manter e, além disso, tem em muitos de seus primeiros participantes a certeza de que vai continuar fazendo. No ano de 2018, ficou em segundo lugar na 13ª edição do Prêmio Itaú-Unicef, que premia iniciativas voltadas ao bem-estar de crianças e adolescentes em todo o Brasil, na categoria Organização da Sociedade Civil em ação.

Moacir é o artista da Vila e também tem participação no Encontro de Culturas, é ele que ilustra todo o material de divulgação do evento, mas há 30 anos expõe e divide sua arte na Vila: nos muros, troncos de árvores, rochas, telas e papéis; seu trabalho tem sido estudado por pesquisadores e já rendeu um filme, sendo que uma série de seus desenhos está exposta no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro (Foto 43).

Foto 43 - Vila de São Jorge (GO): Pinturas do artista Moacir na fachada e na pedra.



Fonte. Renata F. C. Roriz, 2018.

Paulo José (2018) homenageia Moacir no jornal local, *Acorda Dragão*¹⁶:

Sua arte já foi classificada de bruta, naïf, primitiva, onírica e ingênua, mas rótulos não lhe fazem diferença. Por seu estilo, espontaneidade e temática, alguns estudiosos já o relacionaram a artistas universais - como o brasileiro Artur Bispo do Rosário, o francês *Jean du Buffet* e o renascentista *Jeronymus Bosh*. Agora, aos poucos vai deixando de pintar - não porque quer, mas por questões de saúde [...]. Mesmo assim, sua casa-estúdio tornou-se há tempos e continua sendo um ponto de visitação na Vila e turistas encantados, espantados ou mesmo indignados se revezam entre entrar ou fugir do local (Paulo José, 2018).

O que fica além das experiências oportunizadas e socializadas com todos que se envolvem nessas práticas culturais da Vila de São Jorge é o desafio de manter tudo isso pelo fato de reconhecerem a contribuição substancial para a cultura local, o turismo e a identidade da Vila de São Jorge.

A gastronomia da Vila de São Jorge pode ser considerada um elemento a mais no processo de produção turística quando considerada sua oferta: diversidade, qualidade e valor agregado por meio da hospitalidade e das experiências. O estudo de Domiciano et. al (2019), mostrou que a comida da Vila de São Jorge teve influências da Bahia e do Sudeste.

Fabí Gonçalves e Paulo José, moradores da Vila, no livro *Claro Machado: história de um ícone da Chapada dos Veadeiros* traçam um paralelo entre a comida de garimpeiro e do

¹⁶ Jornal *Acorda Dragão*. Os 30 anos da arte de Moacir Soares. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pessoaslegaislugareslindos/>. Acesso em 15.02.2019.

folião, cardápio que esteve presente no cotidiano dos moradores da Vila na época do garimpo e nas festas tradicionais e que representamos no Quadro 10:

Quadro 10 - Vila de São Jorge (GO): Comida cotidiana e de festa

O prato do garimpeiro	O prato do folião
O prato do garimpeiro se dividia em dois: o sonhado e o real. O sonhado incluía, pela ordem, feijão, bife de carne bovina ou pedaços de carne bovina ou suína fritos, torresmo, pimenta malagueta, farinha de mandioca e talvez arroz. O feijão era a comida predileta, por causa do fácil acesso, mas a carne era o sonho número um de consumo.	O prato do folião varia de acordo com o local do pouso, pois é o dono que define o cardápio, mas na chapada dos Veadeiros a tradição define um mínimo: arroz, feijão tropeiro, carne bovina ou suína cozida, frango ao molho, guariroba, mandioca ou quibebe e farinha de mandioca. A bebida em geral resume-se a cachaça. Ao chegar à casa eles dizem: “que esta casa seja santa que esta mesa seja farta”.

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2018, p. 51 e 52).

Rememorando os tempos do garimpo, as pessoas afirmam que a alimentação era difícil, passavam dificuldade, se alimentavam do que plantavam, do que conseguiam caçar ou coletar no mato, assim como em outras localidades, o homem em busca do seu sustento cria uma relação muito forte com a natureza do lugar onde habita, pois todo o recurso necessário para sua sobrevivência provém daquele meio e, assim, desenvolve uma relação muito forte com a comida, com as formas de preparar os alimentos, com as ocasiões em que isso ocorre, com o lugar de onde ela vem (DOMICIANO et. al, 2019).

Na Vila, os serviços de alimentação representam fonte de renda para alguns moradores e para os de fora que escolhem esse segmento para investir na atividade turística configurando novas influências para a culinária local, conforme relato:

- Então aqui tem muita gente de fora, a maioria dos donos de pousada veio de fora, e trouxeram a cultura deles, comida, não tem uma coisa típica aqui de São Jorge. Tem assim, às vezes nos atrativos que você vai, aí come a galinha caipira, essas coisas, mas não tem coisa assim de São Jorge assim, que toda época do ano você vem e tem. Tem comida da Nenzinha que é tradicional, da Téia, mas não é um prato de São Jorge (Moradora 17).

No contexto das atividades turísticas, os serviços relacionados à alimentação cumprem o papel de atender o turista em sua necessidade básica de nutrição, a chamada oferta técnica. Ressaltamos que as preparações consumidas na época do garimpo e nas festas: arroz, feijão, carne cozida, frango ao molho, guariroba, mandioca e farinha de mandioca ainda compõem os cardápios atuais da Vila. Para atender aos novos hábitos alimentares que tendem a uma alimentação saudável e à necessidade de substituição de ingredientes para consumidores com alguma intolerância alimentar surgem complementações ao cardápio tradicional. Portanto, a oferta atual dos serviços de alimentação é voltada também para a culinária vegana, *ayurveda*,

licores, cachaça do ET feita com baru, doces e geleias de frutos do Cerrado, pães artesanais além do trivial agregado do tempero goiano (Foto 44).

Assim, podemos dizer que encontramos na gastronomia chapadeira o jeito goiano de temperar a diversidade, além de comida que promove a experiência do contato com a cultura local. A Matula servida no Rancho do Seu Waldomiro, às margens da GO-239, é uma iguaria da Chapada dos Veadeiros que já foi a comida dos garimpeiros e dos tropeiros que vinham para a região. É feita com feijão mulatinho, carne seca, linguiça, miúdos de porco e açafrão da terra e servida na folha de bananeira, acompanhada de arroz, carne de lata, abóbora e mandioca frita, conforme mostra a Foto 45, sendo que, na ocasião deste registro, tomate picado em rodela foi acrescentado aos acompanhamentos.

Fotos 44 e 45 - Vila de São Jorge e Rancho do Waldomiro, Chapada dos Veadeiros: cachaça do ET feita com baru, doces e geleias (esquerda), Matula do Seu Waldomiro (direita).



Fonte. Renata F. C. Roriz (2018 e 2017)

Um *site* de destinos turísticos¹⁷ sugere a degustação da Matula como o que fazer na volta do Parque e dá a dica do consumo dos licores artesanais feitos com frutas exóticas como o pequi, uma opção de digestivo. Herdeira do jeito de fazer do Seu Waldomiro conta sua experiência:

- E aí a gente continuou fazendo que é uma coisa que o pessoal não conhece, a carne mesmo era do tempo que não tinha energia, não tinha geladeira, então era o jeito que conservava. É, a gente teve que dar uma mudadinha, a palhoça de vez em quando o pessoal reclama porque trocou, outros acham bonito, mas a vigilância obrigou a gente trocar e é isso, adaptando no

¹⁷Férias Brasil: descubra, planeje, participe. Disponível em <www.feriasbrasil.com.br/go/altoparaísodegoias/saborearmatulaservidanobardovaldomiro.cfm>. Acesso em: 25 fev. 2015.

jeito deles né. Quem tem muita história para contar é ele mesmo, ele que trabalhou na época do garimpo, das tropas, e eu não tenho muita história, eu vim para cá ele já tinha aberto o restaurante e continuei. Aí ele foi obrigado a parar porque já foi ficando velho e eu tomei conta. E o turismo tem aumentado cada vez mais, na época dele era bem menos quando começou, começou mais caminhão fazendo transportes, e aí agora assim cada vez mais descobrindo cachoeira. Continuar com o nome dele, porque ele fez bem e o pessoal ainda procura muito por ele. Não deixar esquecer dele também né. A produção é toda local, as cachaças, essa parte aí também de licor a gente também, e as carnes também. Aqui a gente faz doce, tudo é a gente que faz, tudo artesanal mesmo (proprietária de atrativo 37).

A gastronomia de São Jorge reflete o jeito que essa comunidade se adaptou para atender à demanda, favorecendo a atividade turística local (Fotos 46 e 47).

Fotos 46 e 47 - Vila de São Jorge (GO): Diversidade dos serviços de alimentação oferecidos



Fonte: Renata F. C. Roriz, 2018.

Entretanto, em uma Vila democrática, como não podia deixar de ser é possível encontrar outros tipos de serviços de alimentação:

- Aí agora eu tenho uma loja de conveniência, bebida e comidas ensacadas. Tudo que é supérfluo, na verdade, né? (Morador 24).

Entretanto, uma proposta para a gastronomia local envolvendo a comunidade por meio de atividades criativas como: oficinas culinárias e de sustentabilidade e um *tour* gastronômico na Vila de São Jorge com histórias; poderiam agregar valor à oferta e fortalecer os estabelecimentos existentes, considerando que bares e restaurantes são conhecidos e indicados como lugares a serem visitados na Vila, pois de acordo com Azambuja (2001), “no âmbito

destes produtos turísticos, a gastronomia pode atuar como um elemento fundamental na sedimentação de um destino turístico, contribuindo, ainda, para dar espaço à população autóctone no mercado de trabalho”.

Há outros aspectos que vão além do alimento, o local onde o alimento é servido e o contato entre moradores e turistas. Esses espaços contribuem para a consolidação dos demais elementos da atividade turística da Vila de São Jorge. Na ocasião de uma visita ao Parque, realizada por um grupo de estudantes em 2012, a acolhida de uma proprietária de restaurante chamou a atenção dos visitantes, quando foi oferecido um *limãozinho panhado*¹⁸ no pé naquela hora, para temperar a comida.

- Eu tinha muita vontade de ter uma pousada, mas eu não tinha a condição de ter, mas aí eu pensei: poxa, mas eu tenho uma varanda lá em casa, tenho uma mesa, quatro cadeiras eu posso então cozinhar para as pessoas porque não tinha essa demanda por coisa mais chique, né? No carnaval de 88, eu iniciei fazendo comida, as pessoas passavam, encomendava, eu fazia e eles chegavam já tava pronto tinha um caderninho que eu anotava o nome das pessoas e isso começou. Nesse carnaval, eu tive dezoito clientes. Eu considerei muito bom deu pra pagar tudo que eu tinha comprado pra pagar depois e ainda me sobrou um dinheiro[...] (Moradora , Esse fato leva à reflexão de que o turismo oportuniza trabalhar com o turista essas especificidades, pois se reproduz daquilo que já existe, das comunidades locais, dos sujeitos culturalmente constituídos. Assim, relatos de como tudo começou nos mostra a importância dos serviços de alimentação para o turismo na Vila:

4.4 Contribuições para um novo contexto: turismo criativo na Vila de São Jorge, o papel dos sujeitos e os desafios

Atualmente, o turismo na Vila de São Jorge, assim como em outras localidades do país, requer adequações às atividades produtivas que servem à formação dos bens e serviços necessários à satisfação da necessidade turística com vistas à sustentabilidade da atividade, da comunidade e, portanto, do lugar. Assim, vale ressaltar que a comunidade receptora pode contribuir para esse processo de maneira particular, por meio da agregação de valor pela sua tradição e seu jeito de fazer, mas para isso eles precisam se reconhecer enquanto sujeitos no processo, manter saudáveis suas relações de integração com o PARNA, com os turistas, o poder público e as suas inter-relações no espaço vivido sem, contudo, perder seu lugar.

¹⁸ Limãozinho ‘panhado’, forma de dizer que fruto havia sido apanhado ou colhido.

Com a crise de identidade da comunidade advinda do fim da atividade de garimpo e das transformações ocorridas desde a implantação do PARNA da Chapada dos Veadeiros, ainda cabem ações para a afirmação da identidade da Vila de São Jorge por meio da cultura e do turismo, devido à sua importância para o processo de desenvolvimento local.

Constatamos que a comunidade da Vila de São Jorge tem se adaptado à atividade turística desde a implantação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros como forma de garantir sua sobrevivência, o que não deixa de ser um exercício para a afirmação desta identidade. Atualmente, o papel da comunidade pode ser compreendido como fundante e fundamental no processo, entretanto, ainda encontra dificuldade para se apropriar de um discurso coeso que fundamente e conduza as práticas criativas, pelo fato dessas ações se encontrarem isoladas e dispersas e assim enfraquecidas. Vale ressaltar que alguns moradores se encontram fragilizados diante do poder público.

As iniciativas culturais como manter vivas as festas tradicionais podem ser consideradas reforços potenciais da identidade do lugar e elas existem na Vila, porém falta afinar o discurso a partir da construção coletiva para discutir o patrimônio que é fonte dessa identidade local e por consequência significa coesão para a comunidade local.

Complementa os resultados o fato de que a identidade da Vila de São Jorge é fruto de uma história de pessoas que se encontraram e se encontravam na época do garimpo, daí imaginarmos um caminho por meio do potencial criativo local e das associações que associam os de fora, os sujeitos originários e os sujeitos da região. O contrário disso pode ser considerado um descaminho para o desenvolvimento local desse destino turístico, pois se depender apenas do poder público pode continuar sendo esquecido ou lembrado de acordo com os interesses políticos e não de uma política pública que garanta qualidade de vida e sustentabilidade. Daí “dar uma cutucada e fazer no coletivo, não ficar garimpando sozinho”, conforme relatos dos moradores.

Pudemos compreender na pesquisa que o turismo no PARNA da Chapada dos Veadeiros pela sua característica tem uma visão voltada à sustentabilidade e apresenta mudanças recentes no âmbito da gestão dos atrativos. Certificamos que a comunidade apoia as ações e espera resultados positivos, principalmente relacionados à postos de trabalho, tendo em vista a previsão de aumento da demanda daqui em diante. Além disso, o turismo e de experiência está latente na Chapada dos Veadeiros e essa atividade direciona o modo de vida das pessoas da Vila de São Jorge: antes garimpagem, agora turismo. Alguns moradores reclamam pelo tempo que eles não têm, devido ao excesso de trabalho para se sustentarem na Vila. Assim, falta tempo para se dedicarem aos coletivos:

- *Ao mesmo tempo que temos um custo de vida alto então a gente tem que trabalhar muito também. E isso atrapalha um pouco o processo da coletividade porque é caro aqui, um pode outro não, acho que mais coletividade mesmo para fortalecer, se tornar um lugar mais criativo. Tipo agora tivemos uns cursos bem legais que vieram para cá, que poderiam estar gerando outros movimentos e não deu certo porque as pessoas não conseguiam manter o compromisso de estar frequentando.*

As vozes dos moradores ecoam por criatividade na Vila, eles consideram que já fazem: “música de qualidade e sempre que tem alguma comemoração se viram e fazem alguma coisa” (morador 20); já as novas ideias criativas e os desafios estão apresentadas no Quadro 11. O que falta é organizar por meio dos coletivos e associações e dar continuidade:

Quadro 11 - Vila de São Jorge (GO): ideias criativas e desafios

Novas ideias criativas	Desafios
A coletividade faz uma diferença muito grande	Manter a Vila limpa
Aplicativo específico para pousadas e restaurantes: funcionamento, promoções, passeios; com cadastramento mediante contribuição para a ASJOR; Wi-fi geral	Poder preservar e garantir pras futuras gerações um local que seja equilibrado tanto na questão ambiental, social, econômica e protegido.
lugares públicos mais organizados, Vila limpa e cachoeiras preservadas; promover um estudo de programação visual para a Vila e melhorias para o CAT (atendimento, materiais de informação e divulgação).	Resgatar o passado pra a atual geração que existe, não como um saudosismo, mas como um aprendizado, pra novas gerações.

Fonte. Pesquisa de campo, entrevistas com moradores (2018).

Os espaços de diálogo ainda precisam ser efetivados inclusive para buscar alternativas para a capacitação profissional, o morador 9 sugere: “Ah, vamos fazer uma fogueira ali e vamos conversar junto”, uma forma a maneira dos ‘sãojorginos’ de encontrar para trocar ideia, sensibilizar e mobilizar:

- *Mas a vila tem muito desafio aí pra frente, a gente sabe que o turismo agora tá cada vez mais forte, e quanto mais dinheiro, mais especializado, e mais difícil pro pessoal se manter também, pra acompanhar esse ritmo de mudança, a gente sabe que agora, em poucos anos a Vila mudou bastante. São Jorge depois do asfalto vem trazendo muito mais turista, é acessibilidade, mas trouxe vários outros problemas junto, e eu acho que o desafio da vila, principal, é esse, é segurança e não continuar incluindo a comunidade no turismo (Morador 26).*

- *É, desde que eu entrei pra associação, eu vislumbrava que a vila poderia ser um modelo de ecoturismo conjugado com um modelo de sustentabilidade, por ser um lugar pequeno, próximo a uma unidade tão forte, o Parque Nacional; um modelo de cidade, né, ou no caso um distrito, onde tudo funcionasse, coleta de lixo seletiva, horta orgânica e comunitária,*

sempre com essa visão de que a gente poderia estar integrado com o poder público pra esse desenvolvimento do lugar com essa sustentabilidade que eu sempre imaginei que aqui pudesse acontecer [...]. Acho que a pressa das pessoas atrapalhou muitos projetos legais que tinham aqui, talvez a ganância também, enfim, muita coisa que eu vi que poderia ter sido feita por um outro caminho (Morador 9).

Essa preocupação com a sustentabilidade por parte de alguns moradores está posta nos relatos, contudo pudemos perceber na pesquisa que apesar dos moradores se encontrarem incluídos nas associações já mencionadas, algumas propostas têm sido pensadas de forma isolada e, portanto não convergem para que possam atingir o propósito comum do coletivo, da comunidade.

- Então eu quero muito cuidar desse lugar poder fazer alguma coisa onde a comunidade local possa manter a nossa qualidade de vida e todo mundo inserido nesse processo de desenvolvimento econômico, mas também essa questão do ser humano mesmo, essa questão humanitária ela ser valorizada de não se perder (Moradora 29).

Como está posto na conceituação do turismo criativo, o resultado de um trabalho coletivo por meio de propostas de atividades dinâmicas e flexíveis, livres e criativas, adaptadas à Vila de São Jorge tende a se configurar como um caminho potencial para o alcance dos desejos da comunidade que acreditamos estarem contemplados na fala dos moradores. Assim, um novo contexto para a Vila de São Jorge é idealizado pelos seus moradores:

- Eu idealizo uma vila assim: tudo com energia solar; captação de água da chuva, coleta seletiva 100 por cento, um local onde as crianças pudessem ser educadas de uma forma a receber as pessoas, contando, tendo paixão por esse lugar que ele mora. Onde eles pudessem sentir orgulho de poder receber, de ter um museu ali, contando a nossa história, de ser um local com acessibilidade, porque é possível fazer isso, a gente ter uma saúde voltada com as nossas ervas. Essas coisas que eu idealizo assim sabe? Ter uma cozinha comunitária onde a gente pelo menos uma vez por semana pudesse nos reunir, compartilhar uma comida junto, fazer um almoço, um jantar, alguma coisa sabe essas ações? Onde tem o coletivo as pessoas serem bem próximas, é isso que eu idealizo! [risos] É uma utopia, nada mais! (Moradora 29).

Se o turismo contribuiu de certa forma para a comunidade permanecer ali até hoje, fica o desafio de, por meio dessa atividade, sustentar essa comunidade em seu lugar, pois quem se identifica com o lugar quer permanecer nele, quer criar seus filhos, quer preservá-lo para seus netos, quer viver o resto dos seus dias ali e quer ficar na memória dos que darão continuidade a esse processo que é vivo.

- *Eu acho que se não tivesse o turismo não tinha a comunidade até hoje (Moradora 17).*

- *São Jorge, apesar de ter um monte de deficiência é um lugar que se auto resolve, eu não vejo outra solução pra melhorar se não for exatamente assim, pra quem que cê vai melhorar? Pra fora ou pra cá? Se você não melhorar pra cá, não tem justificativa, sabe? Porque aqui essa coisa de relacionamento é que têm que ser preservada, então, você traz estrutura, infraestrutura, tudo bem, precisa? Precisa, mas isso não é o fundamental porque esse tecido também que existe vai desmanchar e o turismo, digamos, cada vez mais caro, chega com outras pessoas, ideias e eles não têm um relacionamento com a comunidade como tem que ter, na verdade (Morador 24).*

Daí a importância de proteger a comunidade da Vila de São Jorge, de forma a ser fortalecida por meio da compreensão de sua identidade em meio à diversidade local. A criatividade está presente no lugar, os moradores se dizem satisfeitos em morar ali, mas querem melhorar seu lugar e sabem como fazer, buscam alternativas e tem a consciência do que precisam no momento atual tendo em vista a trajetória do garimpo, do recomeço, do início da atividade turística na Vila.

É consenso de todos os moradores que a comunidade precisa de união. Muitos dos moradores pretendem deixar um legado e a comunidade é responsável pelo equilíbrio entre as chegadas e partidas, pois permanecem ali, enquanto muitas pessoas que vêm de fora não se estabelecem por não se adaptarem às especificidades da Vila. Esse é o seu caminho para alcançar a sustentabilidade, mas os diálogos ainda precisam ser ampliados para contemplar a comunidade como um todo.

As ofertas das pousadas e restaurantes são singulares e personalizadas e o turista, geralmente, sai da Vila de São Jorge renovado, pois encontra o que estava buscando, aprende, reflete e transforma o seu “eu”. Ali teve tempo para pensar, o ócio criativo, que muitas vezes não nos é permitido nos grandes centros urbanos, daí ocorrer a mudança de atitude, de postura de hábitos alimentares e a conscientização para a produção de menos lixo.

Encontros, gastronomia, atrativos, espaços criativos e pessoas, portanto as especificidades dali, aglutinam, integram e ganham vida por meio da criatividade de sua comunidade e atraem turistas de vários outros lugares para seguir contando suas experiências com o lugar: a Vila de São Jorge. Solidariedade, sentimento de gratidão, humanização são palavras de ordem da Vila:

Humanização é o processo que confirma no homem traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, boa disposição para com o próximo, afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor, literatura que desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989, p. 117).

Essa relação entre a economia criativa, a cultura e o turismo pode ser um estímulo de conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural da Vila de São Jorge, além de contribuir com o bem-estar geral da comunidade sem, contudo ser ‘muito diferente’ do que a comunidade se propôs a fazer no início da atividade turística.

Conclusão Propositiva

Diante dos caminhos percorridos na pesquisa e tendo como base os principais temas que permearam a estrutura da tese, alcançamos alguns resultados que demonstram o cenário das práticas culturais e as relações sociais estabelecidas pela comunidade da Vila de São Jorge localizada no município de Alto Paraíso de Goiás (GO), na Chapada dos Veadeiros. Somam-se a isso ideias que abrem perspectivas de um novo contexto para a Vila e que são apresentadas nessa conclusão propositiva.

No empenho de responder aos questionamentos que orientaram o desenvolvimento da tese, pretendeu-se analisar a Vila de São Jorge por meio do modo de vida de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação da comunidade na prática da atividade turística, advinda da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Para isso, buscou-se estabelecer um diálogo entre a Geografia e o Turismo no contexto do desenvolvimento local de destinos turísticos; compreender a condição de comunidades receptoras frente à atividade turística em experiências criativas contemporâneas; caracterizar o modo de vida da comunidade da Vila de São Jorge considerando seus aspectos socioeconômicos culturais e identificar as políticas públicas surgidas com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. E, ainda, pretendeu-se identificar as transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade e o lugar, (co)relacionando os conhecimentos, as percepções e práticas e a construção de significados e sentidos presentes nos mapas mentais e relatos de moradores.

Evidencia-se que o turismo de experiência na Chapada dos Veadeiros está latente, tendo em vista que a região abriga o PARNA Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge, além de atrativos como o Vale da Lua e o Jardim de Maytrea. Devido às paisagens naturais singulares e a diversidade encontrada, a Chapada dos Veadeiros enquanto destino turístico não tem substituto dentro do Estado de Goiás e o turista está disposto a pagar pelo consumo, ou seja, para conhecer seus atrativos e experienciá-los.

Dentre os segmentos do turismo ofertados na Chapada dos Veadeiros, os dois maiores nichos são: o ecoturismo e o esotérico, ou seja, holístico, que trabalha na totalidade corpo, mente e espírito, mas não tem tradição e sabe-se ainda que não é possível desenvolver todos os segmentos do turismo ao mesmo tempo em um destino. O município de Alto Paraíso de Goiás é considerado um destino consolidado na Região da Chapada dos Veadeiros e possui

demanda internacional, sendo que o turismo local é articulado por associações, conselhos e fóruns.

Na Vila de São Jorge existem dificuldades, principalmente relacionadas à gestão pública e ao conflito de interesses dos envolvidos na atividade turística que impedem avanços e o desenvolvimento pleno e sustentável da atividade. Percebemos então que falta esse processo de agregação de valor, por meio da construção coletiva e seu acompanhamento, considerando existirem práticas criativas isoladas. E, que esse processo seja capaz de incluir todos os sujeitos, apropriando-se da vocação cultural da comunidade, considerando que a dinâmica mercantil instalada em um destino turístico tende a priorizar o acúmulo de capital em detrimento ao caráter socialmente coletivo da produção de valor turístico: seus atrativos e hospitalidade.

O município de Alto Paraíso ainda possui empreendimentos não cadastrados no CADASTUR, trabalhando na informalidade. Esse fator impacta diretamente o desenvolvimento da atividade considerando inclusive os investimentos, enquanto Pirenópolis é o município que gera mais renda para o Estado de Goiás, cuja avaliação está relacionada ao número de estabelecimentos cadastrados e que geram impostos. Em Alto Paraíso o diferencial é o místico, o misticismo está na paisagem, no clima, na energia do lugar que agrega valor ao turismo de aventura que também faz parte do contexto de outros lugares do Brasil e do mundo.

Vale ressaltar que Alto Paraíso e São Jorge são destinos que tendem à turistificação, pois no intuito de se adequarem ao mercado correm o risco de perderem suas origens, que seria um caminho contrário à proposta de experiência por meio de interação com comunidades, seus costumes, tradição, identidade cultural e lugares.

A Vila de São Jorge pela própria história ficou mais conservada e traz a memória da época do garimpo. Entretanto, tenta resgatar e afirmar sua(s) identidade(s), preservando seu território que apresenta limitações para o crescimento, pelo fato de seus limites estarem circundados por áreas de proteção total e permanente, portanto, cenário que ainda tem beneficiado o lugar e sua comunidade originária fazendo com que eles se mantenham ali. Assim, apesar de ser um dos destinos menos descaracterizado, não deixou de sofrer transformações desde a chegada de mais turistas após o fechamento das fronteiras do PARNA para ser configurado em uma Unidade de Conservação.

Interessante dizer que enquanto Cavalcante (GO), destino turístico da Região da Chapada dos Veadeiros oferta o turismo de silêncio, quase inexplorado, a Vila de São Jorge oferta movimento em um lugar vivo, limítrofe do PARNA. As soluções para os impactos da

atividade turística na Vila de São Jorge já estão postas, porém não estão internalizadas e conscientizadas: basta ver que turistas reclamam da *internet*, mas não se preocupam com o lixo deixado por eles mesmos quando vão embora; e, ainda, constata-se que devido ao conflito de interesses, moradores se encontram desarticulados, mesmo associados nas associações de moradores, guias de turismo e de empresários da Vila de São Jorge e da Chapada dos Veadeiros. Sua comunidade originária, remanescente de garimpeiros, desde sempre tem acolhido os de fora e tem se envolvido nas práticas culturais da Vila. Por isso, o que pode ser considerado autêntico na Vila de São Jorge são as pessoas e, a convivência com eles marca esse diferencial.

Dessa forma, um conjunto de particularidades que formam o lugar faz parte do cotidiano de seus moradores e pode ser experienciado pelo turista por meio de diferentes maneiras pelas quais se conhece, aprende a partir da própria vivência e constrói a realidade. Portanto, experiências particulares oportunizadas nos encontros, no café, nas trilhas, na lojinha, na jantinha, na fogueira, na compra de geleia, na encomenda do pão de abóbora, na troca de receitas, na visita à horta, em um pedido atendido, ao sentar embaixo de uma árvore na praça ou comer embaixo da árvore no restaurante; no oferecimento de um chá para curar o resfriado, no piquenique, no forró, na contemplação do cantar dos pássaros e na observação do céu e das flores do Cerrado.

Dado isso, o que ainda pode ser certificado na Vila é o desejo de seus moradores de passar para as futuras gerações como forma de perpetuar, o ‘jeito são jorgino de ser’, ou seja, a ‘jorgialidade’ que valoriza o que é deles e justifica a luta por isso, afinal valoriza a eles próprios, o que precisa ser permanentemente reafirmado. O resto tende à turistificação pelas pessoas de fora, sem pretensão de generalizar, pois tem morador que veio de fora que se considera um filho de São Jorge e cuida dali como sendo esse filho; mas talvez pela instalação de novos empreendimentos turísticos e seus proprietários que chegam de repente na Vila sem ao menos se apresentar à comunidade.

Para além do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que teve suas dimensões territoriais ampliadas com a Aldeia Multiétnica, e o Encontro Raízes em sua quarta edição, ainda existe a inconsistência de projetos voltados para o turismo cultural que inclua os aspectos místicos da região. Há ainda muito a ser feito, por meio do desenvolvimento de produtos turísticos que auxilie no incremento do fluxo de turistas e no aumento do tempo de permanência destes na Vila, dada sua capacidade de concentração e aglutinação de pessoas na época das festas, encontros e festivais.

A Vila de São Jorge já é criativa, as pessoas são criativas, tendo em vista a pousadeira fazer um buquê com as flores do Cerrado para atender ao pedido de um hóspede e, assim, consegue reforçar a identidade local e agregar seu conhecimento e criatividade; afinal trabalhou também com coleta de flores antes de trabalhar com turismo. O turismo criativo requer tempo, pois as experiências precisam ser degustadas devagar, pensadas, refletidas. Por isso, acreditamos que não dá para conhecer 40 destinos em 11 anos com qualidade, como podemos ver em *blogs* que relatam experiências em viagens, tendo em vista que estaríamos nos aproximando novamente do turismo de massa.

O que observamos e ouvimos, durante a pesquisa de campo, sobre as relações sociais e com o lugar nos leva a refletir e conscientizar sobre a importância dessas relações vividas, cotidianas ou excepcionais, que nos remetem à reflexão e compreensão do sentido de lugar pelo exercício do olhar, sentir, (re)pensar a realidade e a própria experiência. O conhecedor das pedras por meio do seu trabalho deixará legado para seus filhos, sua filha luta hoje pela creche e por uma Vila melhor, mais criativa; o agente cultural quer ser o anfitrião da Vila e será; a pousadeira percorre as ruas de mãos dadas com sua netinha até chegar ao jardim da pousada onde rega as plantas sempre no final da tarde e ali fica batendo papo com vizinhos, hóspedes ou quem mais chegar; a netinha vai aprendendo lições de hospitalidade com a avó.

Na pesquisa, os relatos e mapas mentais elaborados pelos moradores oportunizaram a identificação das transformações ocorridas quanto às práticas culturais e a relação existente entre a comunidade e a Vila de São Jorge. Assim, por meio da (co)relação dos conhecimentos, das percepções e práticas e da construção de significados e sentidos que produzem a identidade local e que estão relacionados ao território, à história e às histórias, à cultura, ao ambiente e às relações sociais e ambientais estabelecidas, encontramos as particularidades da Vila de São Jorge.

Essas particularidades incluindo o desejo de seus moradores de passar os ensinamentos para as futuras gerações, deixando um legado, a ‘jorgialidade’, o jeito de saber, fazer e sentir, a maneira própria deles; agregadas ao que eles já fazem e ao potencial criativo do lugar podem vir a favorecer o turismo criativo na Vila de São Jorge.

Dado isso propomos o “Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular” como forma de convidar o visitante a imergir na cultura local por meio de experiências de aprendizagem e de desenvolvimento de seu potencial criativo, sendo uma forma de criar vínculos com o lugar, sua cultura e seus residentes.

O estudo preliminar do mapa criativo reuniu a leitura que os moradores fizeram dos lugares, por meio de suas percepções e concepções, que indicaram novos caminhos tendo

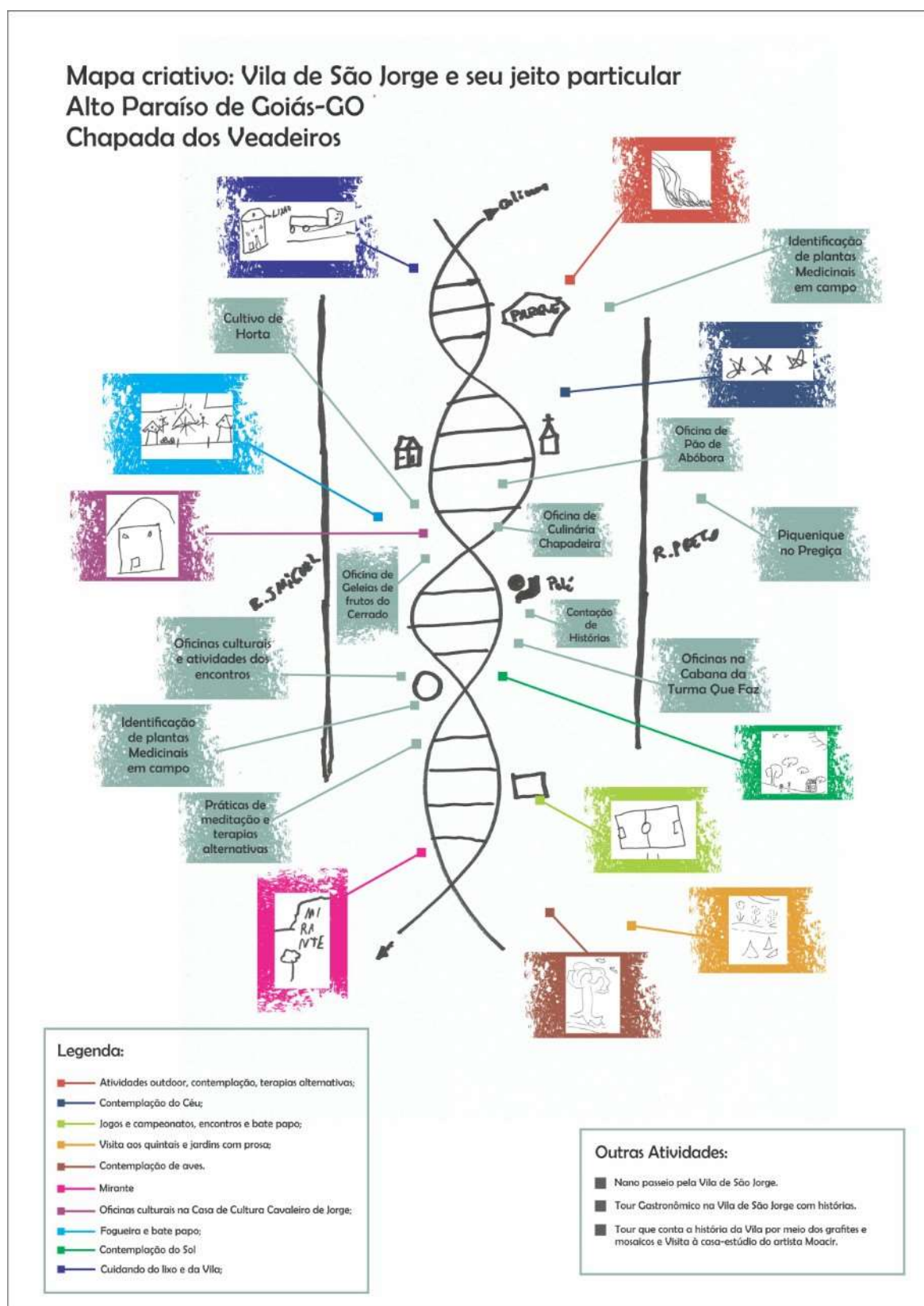
como base a afirmação da identidade da Vila: pessoas e suas histórias, ambiente natural e cultural e turismo. A intensão da proposta foi de reunir em um só mapa os lugares, as tradições, as pessoas apresentadas por eles e, a partir daí, inserir as atividades criativas, sendo que algumas já são realizadas e ofertadas na Vila de São Jorge. Aliado a isso, pudemos conhecer algumas ideias expostas nos relatos de moradores que nos serviram como referência para a sugestão de atividades criativas a serem relacionadas no mapa, ou seja, mapeadas com vistas à prática do turismo criativo na Vila de São Jorge.

Ressaltamos que se faz necessário um estudo complementar que contemple as questões relacionadas ao SISTUR, caracterizado pelas relações ambientais, as ações operacionais, relações entre oferta e demanda e a organização estrutural para o desenvolvimento dessa proposta e, ainda, que a mesma não garante a resolução dos problemas relacionados à infraestrutura da Vila de São Jorge.

Entretanto, compreendemos que uma proposta orientada para o turismo criativo poderia contribuir para uma melhor articulação entre as associações existentes, seus membros e demais moradores ampliando o diálogo com o poder público, pelo fato de representar uma forma de agregar valor às ações existentes no âmbito do turismo sustentável que em seus preceitos enfatiza a importância do envolvimento da comunidade local na geração de emprego e renda. E, que o papel da comunidade na apropriação dessa proposta, a partir da adequação da mesma pelo exercício da coletividade, como complemento e participação efetiva no processo é fundamental para que o turismo criativo se efetive na Vila de São Jorge.

Dessa forma foi elaborado um estudo preliminar, um esboço, do Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular (Mapa 17) partindo do mapa mental elaborado por um morador que representa a Vila como sendo um DNA, cujas moléculas trazem instruções genéticas, com ações inovadoras e criativas que fortalecem a experiência dos visitantes que já consomem o produto e ao mesmo tempo buscando novas demandas que apreciem um diferencial agregado às práticas já consolidadas. Torna-se relevante esclarecer que o mapa não é estático podendo sempre ser renovado de acordo com as transformações internalizadas pela comunidade.

Mapa 17 - Vila de São Jorge (GO): Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular



Fonte. Elaborado pela autora, 2019.

O Quadro 12 apresenta a proposta de atividades criativas que complementa o “Mapa criativo: Vila de São Jorge e seu jeito particular”, sendo que algumas delas já estão

consolidadas. Contudo, reforçamos o espaço aberto para adequação da proposta pela comunidade da Vila de São Jorge:

Quadro 12 - Vila de São Jorge (GO): proposta de atividades criativas na Vila de São Jorge e entorno

Experiência e outras mais	Atividades criativas
Equilíbrio: mente, espírito e natureza	Práticas de meditação; terapias alternativas; palestras e cursos; práticas alimentares.
Passeios e contemplações	Nano passeio pela Vila de São Jorge (consolidada); Passeio com Piquenique no Preguiça; Contemplação do céu (diurno e noturno); Contemplação do Sol (nascer e por do sol); Contemplação de aves.
Oficinas: arte, literatura, culinária e outras práticas	Pão de abóbora; Geleias de frutos do Cerrado; culinária vegana; Culinária Chapadeira; Cultivo de horta; Visita aos quintais e jardins com prosa; Fogueira e bate papo; Tecido, tambor, pintura, música, dança, teatro, literatura na Cabana da Turma Que Faz; Contação de histórias da Vila de São Jorge (Praças e Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge); Projeto Vá Lendo (projeto de incentivo à leitura: Cabana Flor do Candobá (consolidada) Oficinas de plantas medicinais - Horto Medicinal, ASJOR e PARNA Cuidando do lixo e da Vila – oficinas com materiais recicláveis e compostagem; Oficinas realizadas nos eventos já consolidados na Vila (Encontro de Culturas e Raízes); Identificação de plantas medicinais em campo (Encontro Raízes); Palestras (consolidada); Noites Culturais (consolidada); Exibição de documentários e filmes (consolidada).
Conhecendo atrativos criativos no entorno da Vila de São Jorge	Momentos de contemplação na Estrada-Parque: Jardim de Maytree; Rancho do Seu Waldomiro com Matula, cachaça e licor; Fazenda Volta da Serra com visita à produção e degustação de café e mel; Raizama com histórias dos garimpeiros; Vale da Lua; Vivências na Aldeia Multiétnica (consolidada).
<i>Tour</i> Gastronômico na Vila de São Jorge com histórias e comidinhas da Vila	Café Rio Preto: preparando para as trilhas - pão de abóbora; Restaurante da Téia: almojada e hospitalidade; Restaurante da Nenzinha: Culinária Chapadeira à sombra das árvores; Padaria da Vila: vida urbana simplificada e integrada à natureza - degustação de quitandas da Vila Bar do Pelé e Bar do Valtinho: histórias para não acabar mais - conversa com Valtinho, pastel e cerveja gelada do Pelé; Pizzaria do ET com Karaokê: conta e canta - cachaça do ET; Jantinha da Ione: repondo as energias para continuar - jantinha; Prosa na Varanda do Bar do Seu Claro; Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge: música e dança para nutrir o corpo e a alma - especialmente o Forró.
Eventos e Festivais	Festival de Cinema; Jazz; Coruja Eco Festival Outono: oficinas de energia solar e bioconstrução; plantas medicinais, terapias e benzimentos no <i>Camping</i> (consolidadas).
Vila de São Jorge pelos seus grafites e mosaicos; Arte na Vila	<i>Tour</i> que conta a história da Vila por meio dos grafites e mosaicos; Visita à casa-estúdio do artista Moacir.
Desenvolvimento de habilidades <i>outdoor</i>	Atividades para desenvolver relacionamentos interpessoais de grupos.
Outras propostas	Propostas a serem criadas e construídas no coletivo pela comunidade da Vila de São Jorge.

Fonte: Adaptado dos mapas mentais e entrevistas dos moradores, pesquisa de campo, Vila de São Jorge, 2018.

Retomando ao questionamento de como a comunidade poderia contribuir para uma Vila mais criativa comparece a urgência da unidade de propostas por meio do fortalecimento e empenho das associações existentes junto ao poder público para que a mesma se fortaleça em seus pontos a serem melhorados, pelo fato de que a comunidade tem papel fundamental no processo e precisa se apropriar de um discurso coeso que fundamente e conduza as práticas criativas, mantendo vivas as tradições como reforços potenciais da identidade do lugar: um caminho a seguir para desenvolvimento local que inclui desafios na inserção, participação e permanência da comunidade junto aos demais agentes partícipes no processo.

Acreditamos que o turismo por meio de experiências criativa na Vila de São Jorge contribuirá para a preservação da essência dos povos tradicionais da Chapada dos Veadeiros que se valem da terra, do Cerrado, do Planalto Central, do místico, da simplicidade. Sujeitos que assim como as árvores e frutos do Cerrado já foram vistos como falhas, tortas, fracas; sobreviveram e muitos ainda sobrevivem com pouco alimento e hoje conseguem mostrar sua resistência, por meio de seus valores culturais.

O turismo, fenômeno de produção social, muito além dos atrativos naturais se faz pela (re)lação das pessoas afinal, definindo o contexto de indivíduos autônomos e conscientes de si. Sendo sujeitos das próprias decisões para protagonizar o turismo relacionado com a luta pela defesa de seus territórios, preservação do ambiente e dos saberes e fazeres tradicionais em prol da afirmação identitária e a qualidade de vida da comunidade. Enfatizando que não se faz turismo sustentável sem “ouvir” os clamores da comunidade e as necessidades dos turistas, lembrando que tais necessidades também podem ser criadas e/ou desveladas superando as expectativas dos sujeitos.

Pretendemos apresentar os resultados dessa pesquisa às associações: dos moradores da Vila de São Jorge, dos empresários locais e dos condutores de visitantes para que em conjunto possamos elaborar uma proposta identificando o papel de cada um no processo e apresentá-la à gestão municipal com vistas à implantação. Esperamos que contribua efetivamente para a inserção da comunidade local nas práticas criativas como valor agregado às atividades turísticas já consolidadas e propomos a partir daí estudos futuros que poderiam aprofundar e/ou elucidar algumas questões que venham surgir: as políticas públicas; um estudo aprofundado da demanda; infraestrutura de apoio à comunidade para a realização das práticas; estudos de roteirização integrados com outros destinos da região entre outras.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Promoção turística de Brasília avança com o Plano Criativo**. 2018. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/12/08/promocao-turistica-de-brasilia-avanca-com-o-plano-criativo/>>. Acesso em 1 mar. 2019.

ARAÚJO, Wilson A. de; TEMOTEO, Joelma A. G.; ANDRADE, Maristela O. de; TREVISAN, Salvador D. P. Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão. **Interações**, Campo Grande: MS, v. 18, p.5-18, out/dez. 2017. <https://doi.org/10.20435/inter.v18i4.1392>

BARRETO, Margarita. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

BARROCO, Lize Maria S. **A cooperativa de lazer e turismo: alternativa para promover o desenvolvimento turístico de Itabuna**. 153 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), UESC, Itabuna, 2008.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 12ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2007.

BRANDÃO, Paulo André; BARRETO, Renata. Impactos ambientais do ecoturismo na Vila São Jorge, entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. In: STEINBERG, Marília (org.). **Territórios Turísticos do Brasil Central**. Brasília: LGE, 2009.

BRANDÃO, Carlos R. **A comunidade tradicional**. In: Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais dos sertões roseanos. Montes Claros: 2010 (Relatório de Pesquisa).

BRANDÃO, Amaurícia L. R. **O turismo convencional e o contra-hegemônico de Canoa Quebrada e Jericoacoara-CE**. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

BRASIL. Constituição Federal (1998), O patrimônio cultural brasileiro <http://www.normasbrasil.com.br/nomra/portaria-1272009_214271> acesso em: 28 jul 2018. BRASIL. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado do Esporte, Turismo e Lazer do DF. Secretaria Adjunta de Turismo. **Plano de Turismo Criativo de Brasília**. Brasil. – Brasília, DF: SEBRAE/DF, Escola de Criatividade, 2016. 121p.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR)**. Brasília, 2003. Disponível em <<http://www.integracao.gov.br/politica-nacional-de-desenvolvimento-regional-pndr>>. Acesso em 9 de set. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros**. Brasília, 2009. Disponível em: <www.icmbio.gov.br/parna_veadeiros> Acesso em 3 de jul 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **O que é a categorização**. Programa de Regionalização do Turismo. Secretaria Nacional de Estruturação do Turismo. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=262>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3 ed., Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 96p.

BRASIL. Poder Executivo. **Decreto Lei nº 6.040/07, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da república Federativa do Brasil, Brasília, DF: Poder Executivo, 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm> Acesso em: 21 ago. 2018.

BUENO, Cecília; et al. **Ecoturismo Responsável e seus Fundamentos**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: FESTER, Antonio Carlos. R., (Org.) Direitos Humanos e literatura. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Existe uma geografia do turismo?** In: Turismo: investigação e crítica / Susana Gastal et al. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTILHO, Denis. Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. **Revista Mirante**, vol. 2, n. 1. Pires do Rio-GO: UEG, 2007.

CORBARI, Sandra D.; BAHL, Miguel; SOUZA, Silvana do R. de. Impactos (turísticos ou não) nas comunidades indígenas brasileiras. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-25, set-dez, 2017. <https://doi.org/10.5380/tes.v10i3.55029>

CORRÊA. Roberto L. **Espaço: um conceito chave da Geografia**. In: Castro, Iná E. de; Gomes, Paulo Cesar da C.; Corrêa. Roberto L. (orgs.). Geografia: conceitos e temas. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CRUZ, Rita de Cássia. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

DALNOSO, Yoná S.; LOURENÇO, Júlia M.; REMOALDO, Paula C.; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Políticas, eventos e turismo**. In: PANOSSO NETTO, Alexandre e ANSARAH, Marília G. (editores). Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização. São Paulo: Manole, 2015.

DANTAS, Shirley Carvalho. **Turismo, produção e apropriação do espaço e percepção ambiental: o caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará**. 2003. 191 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos, S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed. ampliada - São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

DOMICIANO, C. S.; OLIVEIRA, J. I. Cartografia dos Impactos Ambientais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO). **Revista Mercator**, Fortaleza, n. 25, p. 179-199, 2012. <https://doi.org/10.4215/RM2012.1125.0014>

DOMICIANO, Ângelo Antônio S.; MENDES, Pedro Henrique; RORIZ, Renata F. C. **Gatromia como identidade local na Chapada dos Veadeiros (GO): a comida do lugar e o lugar da comida**. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Tecnologia em Hotelaria), IFG, Goiânia, 2016.

DOMICIANO, Carlos, S. et al. Os descaminhos do turismo: Estrada-Parque Prefeito Divaldo Rinco-GO-239. **Anais**. ISSN 2358-047X. Disponível em <<http://festivaldeturismocataratas.com/110-forum-internacional-de-turismo-do-iguassu/>> Acesso em 30 out. 2017.

DOMICIANO, Carlos, S. **Valores ambientais e desenvolvimento: um estudo de caso do Distrito de São Jorge e do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros**. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais), UFG/GO, Goiânia, 2014.

DUQUE, Fabricio. Crítica: Ser Tão Velho Cerrado. Um debate - embate ecológico. **Vertentes do cinema uma nova opinião sobre a 7ª arte**. Disponível em: <<https://vertentesdocinema.com/2018/08/09/critica-ser-tao-velho-cerrado/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

FARIAS, Domingos S. de. **Minhas aventuras na Chapada dos Veadeiros**. Goiânia: Kelps, 2009.

FONTELES, José Osmar. **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Marcela B., Sucupira, Regina L. e Alves, Cândida B. Cultura identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Revista Psicologia & Sociedade**, vol. 26, n. 1, Florianópolis-SC, 106-115, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100012>

GASTAL, Susana. **Turismo & Cultura**. In: _____. **Turismo: 9 propostas para um saber fazer**. Edição dos autores. 1998. 130 p.

GOIÁS TURISMO. Mapa Turístico de Goiás. Disponível em <www.goiasturismo.go.gov.br/goias-turismo/mapa-turistico-de-goias/> Acesso em 19 de out 2017.

GOMES, Paulo Cesar da C. espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192 p.

GONÇALVES, Fabí. Claro Machado: história de um ícone da Chapada dos Veadeiros/ Fabí e Paulo José. Alto Paraíso de Goiás, Aquarius Soul, Projeto VáLendo, 2018.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre A.; SPOSITO, Elias S.; SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

HILTEN, Lucy G. van. **Can a multidisciplinary approach to tourism tackle poverty and support sustainable development?** Elsevier Empowering Knowledge-Unusual, 2017. Disponível em: <<https://www.elsevier.com/connect/can-a-multidisciplinary-approach-to-tourism-tackle-poverty-and-support-sustainable-development>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, 67-78, jul/dez 1999.

HÜMMEL, Fernanda de Castro. **Turismo criativo: a experiência do turismo de galpão em Porto Alegre**. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

INÁCIO, JONNY F.; ANTUNES, SUZY G.; CARVALHO, GISELIA L. **Programa de Regionalização do Turismo: o processo atual de institucionalização das instâncias de governança no Estado de Goiás**. EnCOTurH: Interfaces entre política e a atuação profissional no turismo, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Alto Paraíso de Goiás- Panorama**. Rio de Janeiro. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alto-paraiso-de-goias/panorama>> Acesso em: set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio. **Unidades de Conservação**. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao-cerrado/2081-parna-da-chapada-dos-veadeiros> >. Acesso em: 20 jul. 2017.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. ICMBio. Sai edital de concessão de serviços no PARNA da Chapada dos Veadeiros. 2018. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral;10024-sai-edital-de-concessao-de-servicos-no-parna-da-chapada>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Instituto de Pesquisa Aplicada-IPEA/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (Brasil). **Texto para discussão**: Panorama da Economia Criativa no Brasil. Rio de Janeiro: RJ/Brasília: DF. 54 p. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS TURÍSTICAS DE GOIÁS (IPtur). **Inventário da oferta turística de Alto Paraíso**. Goiânia, 2012. Disponível em <<http://www.goiasturismo.org.br/download/inventario-da-oferta-turistica-alto-paraíso-go>> Acesso em 10 fev. 2017.

Instituto Sócio Ambiental-ISA, 2019. Projeto sobre onças da Amazônia une ciência e turismo de observação. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/uc/4111>>. Acesso em 6 fev. 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização. Brasília, DF, 2009. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf> acesso em: 28 jul 2018.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, Paisagens cariocas entre a montanha e o mar. <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/45/>> acesso em: 28 jul 2018.

JENSEN, Rolf. **The dream society**: how the shift from information to imagination will transform your business. McGraw-Hill Education, 1edition, 1999.

LEMOS, Leandro de. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph, 2005 - (Série Turismo). 256 p.

LOBO, Paulo N. M. O turismo comunitário como desafio ao desenvolvimento sustentável: o caso da Resex do Batoque, Aquiraz/CE. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 25-41, ago. 2017. <https://doi.org/10.18472/cvt.17n2.2017.1076>

MARTINS, Elias. **Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - 50 anos (1961-20110)**. Brasília: MMA/ICMBio, 2011.

MINISTÉRIO DO MÉIO AMBIENTE - MMA. **Publicada concessão de serviços em Veadeiros**. 2018. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informa/item/1570-publicado-edital-de-concess%C3%A3o-da-chapada-dos-veadeiros.html>>. Acesso em 23 out. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO (Brasil). **Papel do turismo na economia criativa é destaque em Brasília**. 2018. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/11455-papel-do-turismo-na-economia-criativa-é-destaque-em-brasil.html>>. Acesso em 1 mar. 2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO (Brasil). **Segmentação do Turismo**: marcos conceituais. Brasília, DF, 2006. 55 p. (Manual Técnico).

MINISTÉRIO DO TURISMO (Brasil). **Tour da Experiência**: cartilha (completa) material elaborado pelo Instituto Marca Brasil por solicitação do Ministério do Turismo e SEBRAE Nacional, 2010. 141 p. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/sites/default/turismo/o_ministerio/publicações/downloads_publicacoes/Estudo_de_Caso_Tour_Experiencia.pdf>. Acesso em 21 jul. 2017.

MOESCH, Marutschka M. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002. 140 p.

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**/Sérgio Molina; tradução Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003, (Série Turismo), 136 p.

NICOLAU, Ignacio. *El turismo sustentable como protección y revalorización de los recursos culturales y las formas de vida*. In: KRUMHOLZ, Daniel Meyer (Director de la investigación). **Turismo y desarrollo sostenible**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia. 2002. p. 271-282.

NÓR, Soraya. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. **Paisagem e ambiente: ensaios**. N.32, São Paulo, p. 119-128. 2013. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i32p119-127>

OBSERVATÓRIO DO MUNDO DO TRABALHO. MEC, IFG. **Estudos Microrregionais: estudos e pesquisas econômicas e educacionais sobre as microrregiões do Estado de Goiás – Microrregião da Chapada dos Veadeiros**, 1ª consolidação, Goiânia, 2014.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO. Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Conferência Geral da UNESCO, 1972.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (2015). **Turismo Cultural**. Disponível em <www.dadosefatos.turismo.gov.br> Acesso em: 27 de jun. 2016.

PANROTAS. **Airbnb se posiciona contra o turismo de massa; veja pesquisa**. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2018/06/airbnb-se-posiciona-contr-o-turismo-de-massa-veja-pesquisa_156100.html>. Acesso em: 9 fev. 2019.

PANROTAS. **Chapada dos Veadeiros (GO) terá serviços concessionados**. Disponível em: <http://www.panrotas.com.br/mercado/destinos/2018/12/chapada-dos-veadeiros-go-tera-servicos-concessionados_161157.html>. Acesso em: 22 dez. 2018.

PAULO JOSÉ. **História, memória e patrimônio cultural no Povoado de São Jorge-Chapada dos Veadeiros, Goiás**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural). PUC/GO, 2003.

PEREIRA, Maria Fernanda S. Nogueira. **Turismo em comunidades na busca do desenvolvimento à escala humana em Icapuí/CE**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão de Negócios turísticos) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio Luiz G. A experiência turística e o turismo de experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. **Turismo em Análise**, São Paulo: USP, vol. 26, nº 1, 165-187, 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i1p165-187>

PINE, B. Jiseph.& GILMORE, James.**The Experience Economy**: work is theatre and every business a stage. Boston: Havard Business School Press, 1999.

PORTUGUEZ, Anderson P. & OLIVEIRA, Letícia P. **A política nacional de regionalização do turismo e o ordenamento territorial do setor no Estado de Minas Gerais**. In:

PORTUGUEZ, Anderson. P. et al. (Org.). Geografia do Brasil Central: enfoques teóricos e particularidades regionais. Uberlândia: Assis Editora, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS. **Turismo**. Disponível em <<http://www.altoparaíso.go.gov.br/turismo.php>> Acesso em: 17 out. 2017.

QUEIROZ, Helder L. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: um modelo de alternativa viável para a proteção e conservação da biodiversidade na Amazônia. Dossiê Amazônia II-**Estudos Avançados**, São Paulo, v.19, n. 54, p. 183-203, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000200011>

RELPH, Edward. *Place and Placenessless*. London: Pion, 1976.

RIBEIRO, Marcelo. **Turismo comunitário: relações entre anfitriões e convidados**. In: PANOSSO NETTO, Alexandre e ANSARAH, Marília G. (orgs.). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. São Paulo: Manole, 2009.

RICHARDS, Greg. W.; RAYMOND, C. Creative tourism. **ATLAS News**, n. 23, p. 16-20, 2000.

RICHARDS, Greg; WILSON Julie. Developing creativity in tourist experiences: a solution to the serial reproduction of culture? **TourismManagement**, v. 27 ed. p. 1209-1223, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2005.06.002>

ROMEO, Nicolás. **El modelo Barcelona de espacio público y diseño urbano: turismo y su influencia en el diseño de espacio público y la regeneración urbana**. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belles Artes, Universitat de Barcelona, 2012.

SANTANA, Agustin. **Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, Aristides F. L. dos. **Construir, habitar, viajar: reflexões acerca da relação comunicação-turismo comunitário**. In: PANOSSO NETTO, Alexandre e GAETA, Cecília (orgs.). Turismo de experiência. São Paulo: Editora Senac, 2010.

SANTOS, Idevaldo José dos; GUZMÁN, Sócrates J. M. Turismo de experiência: uma alternativa para Itacaré (BA)? **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro-RJ, V. 14, n. 2, p. 117-132, aug. 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2001.

SANTOS, Milton. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau, 1996.

SANTOS, Milton. Território e Dinheiro. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. **Território, Territórios**. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p. 17-38.

SARAIVA, Regina C. F. Saberes, fazeres e natureza na voz das mulheres na Chapada dos Veadeiros-Goiás. **Revista História Oral**, v. 1, n. 15, p. 209-229, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br>> Acesso em: 07 fev. 2015.

SILVA, Cíntia Maria S. e; Ferreira, Kilner, Guilherme F.; Ferreira, Larisse Christine de O. Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: uma percepção da gestão ambiental acerca da sustentabilidade. In: **Encontro da ANPAD**, 32., 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C2139.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

SILVA, Lígia Gomes de Menezes. **A Vila do Estevão e a dinâmica do turismo em Canoa Quebrada**. 2013. 215 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

SOUZA, Marcelo, J. L. de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Geografia: conceitos e temas/ Iná Elias de Castro et al. (Org). 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

SPOSITO, Eliseu S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. <https://doi.org/10.7476/9788539302741>

SWARBROOKE, John e HORNER, S. **O comportamento do consumidor no turismo**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2002.

TONINI, Hernanda. Economia da experiência: o consumo de emoções na Região Uva e Vinho. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. v. 3, n. 1, p. 90-107, apr. 2009. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v3i1.138>

TRIGO, Luiz Gonzaga, G. **A viagem como experiência significativa**. In: PANOSSO NETTO, Alexandre e GAETA, Cecília (orgs.). Turismo de experiência. São Paulo: Editora Senac, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**/Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**/Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT-UNCTAD. **Creative Economy Report 2008**. The Challenge of assessing the Creative Economy: towards Informed Policy-making. United Nations, 2008. Disponível em: <https://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. -UNCTAD. **Creative Economy outlook**. Trends in international trade in creative industries 2002-2015. Country profiles 2005-2014. United Nations, 2018. Disponível em: <https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditcted2018d3_en.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

UNITED NATIONS EDUCACIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION-UNESCO. **Towards sustainable strategies for creative tourism, Discussion Report of the Planning Meeting for 2008**. International Conference on Creative Tourism, Santa Fe, New Mexico, USA, October 25-27, 2006. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000159811>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

_____-UNESCO. **As indústrias criativas impulsionam as economias e o desenvolvimento, Segundo o Relatório da ONU.** 2013. Disponível em: <https://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/singleview/news/creative_industries_boost_economies_and_development_shows_u/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____-UNESCO. **Rede de cidades criativas da UNESCO.** 2018. Disponível em: <https://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/singleview/news/unesco_creative_cities_network/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____-UNESCO. **Turismo sustentável: Patrimônio Mundial da UNESCO e Programa de Turismo Sustentável.** 2019. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/tourism/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____-UNESCO. **World Heritage and Sustainable Tourism Programme. WH+TS, Action Plan 2013-2015.** UNESCO/World Heritage Convention, 2012. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/tourism/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

XAVIER, Herbe. **A Percepção Geográfica do Turismo.** São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo). 106 p.

YARAK, Aretha. São Jorge: as aventuras do santo que nunca existiu. Revista **Superinteressante**. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/sao-jorge-as-aventuras-do-santo-que-nunca-existiu/>> Acesso em 30 set. 2017.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano.** São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICES

Apêndice A

PESQUISA COM TURISTAS DA VILA DE SÃO JORGE
CHAPADA DOS VEADEIROS, GO
COMUNIDADES TRADICIONAIS E O TURISMO DE EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS- ALCANCES E
DESAFIOS: A COMUNIDADE DA VILA DE SÃO JORGE, CHAPADA DOS VEADEIROS (GO)
Programa de Pós-Graduação em Geografia-Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Pesquisadora Renata Fleury Curado Roriz/62 98166 9223/renatafleury@hotmail.com

Objetivo: conhecer o perfil socioeconômico dos visitantes da Vila de São Jorge bem como as motivações que os levaram a escolher o destino, além de suas experiências vivenciadas no lugar como auxílio na análise da Vila por meio da vivência de seus moradores, suas relações com o lugar e condições socioeconômicas culturais frente à participação da comunidade na prática da atividade turística advinda da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Perfil do turista:

Residência permanente () Brasil () outro:

Estado:

Sexo: () masculino () feminino

Idade:

Profissão:

Renda mensal individual:

- a. De 1 a 5 salários mínimos
- b. De 6 a 10 salários mínimos
- c. Mais de 10 salários mínimos

1. Qual foi o principal motivo que o levou a viajar para a região da Chapada dos Veadeiros?
 - a. Lazer
 - b. Saúde (terapias e tratamentos alternativos; descanso, esparecimento e bem-estar)
 - c. Religião (misticismo, retiro, reflexão e autoconhecimento)
 - d. Cultura
 - e. Negócios/Trabalho
 - f. Estudos/Cursos
 - g. Outros
2. Se a lazer, qual foi o principal atrativo?
 - a. Espaços holísticos (templos, comunidades esotéricas, meditação)
 - b. Esportes (prática de atividades físicas)

- c. Atrativos culturais (arte, música, gastronomia, artesanato, eventos e vivências culturais)
 - d. Natureza/Ecoturismo (parques, cachoeiras e trilhas; atividades ao ar livre; excursões pela natureza de vida selvagem e passeios)
 - e. Diversão noturna
 - f. Outros
3. Além da Vila de São Jorge, quais lugares você visitou na Chapada dos Veadeiros?
- a. Alto Paraíso (distrito sede)
 - b. Cavalcante
 - c. Campos Belos
 - d. Colinas do Sul
 - e. Monte Alegre de Goiás
 - f. Nova Roma
 - g. São João D'Aliança
 - h. Teresina de Goiás
4. Você se hospedou na Vila de São Jorge?
- a. Sim
 - b. Não
5. Se sim, permaneceu lá por quanto tempo?
- a. De 1 a 3 dias
 - b. De 4 a 6 dias
 - c. Mais de 6 dias
6. Se você não se hospedou na Vila de São Jorge, onde se hospedou?
-
7. Você viajou para a Vila de São Jorge:
- a. Sozinho
 - b. Casal sem filhos
 - c. Casal com filhos
 - d. Grupo familiar
 - e. Amigos
 - f. Colegas de trabalho
 - g. Outros
8. Você já havia estado na Vila de São Jorge antes?
- a. Sim
 - b. Não
9. Se sim, por quantas vezes?
- a. 1 vez
 - b. 2 vezes
 - c. Mais de 2 vezes
10. Durante sua estada na Vila de São Jorge você participou de festas tradicionais ou encontros culturais como a Festa de São Jorge, o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros ou o Encontro Raízes?
- a. Sim
 - b. Não
11. O que você encontrou ou experimentou e o que se destaca na Vila de São Jorge?
-
12. Você voltaria à Vila de São Jorge?
- a. Sim
 - b. Não

Por quê? _____

13. Como você avaliaria de forma geral a infraestrutura (limpeza urbana, segurança, sinalização turística, internet) e os serviços turísticos (restaurantes, hospedagem, atrativos turísticos, diversão noturna, informações turísticas, preços praticados, guia de turismo) da Vila de São Jorge?
- a. Muito bom
 - b. Bom
 - c. Ruim
 - d. Muito ruim

14. Conte a experiência relevante que você vivenciou na Vila de São Jorge:

Apêndice B

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM MORADORES

Identificação do entrevistado

Nome:

Natural de:

Idade:

Conte um pouco da sua trajetória (história) na vila:

Onde mora na vila?

Mora na vila desde quando?

Como veio para a vila?

Por que escolheu a Vila para viver?

Qual é o seu meio de vida?

1. Como você caracteriza o lugar em que vive? (Vila, Distrito)
2. Como você percebe a vila em que vive? (percepções vividas)
3. Como é a vida na vila? (memória)
4. O que tem na vila?
5. O que é da vila? (hábitos, costumes, lugares, festas, histórias, comida- ingredientes, arte, artesanato, práticas místicas/holísticas- raízes, chás, reza-“benzimento”, cristal, terapias)
6. Quais são os cantos e recantos da vila? (o que você desejaria mostrar para o visitante?)
7. Em sua opinião qual ou quais seriam os destaques da vila? (um lugar, uma história, uma receita etc.)
8. Como você vê, ou seja, compreende a relação da comunidade da vila com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, com as pessoas que representam o parque?
9. Como você vê, ou seja, compreende a relação da comunidade da vila com os turistas, com o turismo? (Vila abriga o portão de entrada do parque)
10. Como tem se dado a interação na comunidade da vila? (relação com os vizinhos, com os outros moradores)
11. Em sua opinião até que ponto o turismo tem contribuído para a afirmação da identidade cultural da comunidade da vila? (tem contribuído para o fortalecimento da cultura local)
12. Em sua opinião há envolvimento da comunidade nas práticas culturais da vila? E nas práticas turísticas?

13. Quais foram as principais transformações ocorridas na vila nos últimos 30 anos (desde a chegada de mais turistas)?
14. Como a comunidade poderia contribuir (cooperar) para uma vila mais criativa?
15. O que você tem feito para contribuir para uma vila mais criativa enquanto cidadão?
16. Como você enquanto agente cultural tem contribuído (cooperado) para uma vila mais criativa? E como tem se dado a mediação (você tem mediado) entre o âmbito público e a comunidade da Vila de São Jorge?
17. Qual é o seu envolvimento com o poder público enquanto representante/líder de associação, profissional do turismo, agente cultural, empresário?
18. Qual é o significado da vila para você? (modo de viver, sentir, perceber e mostrar a vila)
19. Qual é o desafio da vila frente à realidade vivida? (a proteção do lugar: preservação ambiental, valorização cultural, desenvolvimento turístico, bem estar dos moradores etc.)
20. Como você concebe a vila em que vive? (idealiza)

Apêndice C

ROTEIRO PARA ENTREVISTA EQUIPE CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE

1. Conte um pouco da sua trajetória na Vila de São Jorge e da história da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge:
2. Qual é a proposta da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge?
3. Como você caracteriza e percebe a Vila de São Jorge?
4. Quanto às práticas culturais, o que tem, o que é e quais seriam os destaques da vila?
5. Como você vê, ou seja, compreende a relação da comunidade da vila com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e com as pessoas que o representam e a relação com os turistas e a atividade turística?
6. Em sua opinião até que ponto o turismo tem contribuído para a afirmação da identidade cultural da comunidade da vila (tem contribuído para o fortalecimento da cultura local) e se há envolvimento da comunidade nas práticas culturais da vila?
7. Quais foram as principais transformações, em especial as transformações culturais, ocorridas na vila nos últimos 30 anos (desde a chegada de mais turistas)?
8. Como a comunidade poderia contribuir (cooperar) para uma vila mais criativa?
9. Como a Casa de Cultura e sua equipe (idealizadora/gestora) tem contribuído (cooperado) para uma vila mais criativa? E como tem se dado a medição entre a casa de cultura/a comunidade da Vila de São Jorge e o âmbito público?
10. Qual é o significado da vila para você/casa de cultura? (modo de viver, sentir, perceber e mostrar a vila)
11. Qual é o desafio da vila frente à realidade vivida? Como você idealiza a Vila de São Jorge? (a proteção do lugar: preservação ambiental, valorização cultural, desenvolvimento turístico, bem estar dos moradores etc.)
12. Quais são os novos projetos da Casa de Cultura?

Apêndice D

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO CHAPADA DOS VEADEIROS (ALTO PARAÍSO)

1. Como está a estruturação da Associação da Chapada dos Veadeiros?
2. Quais são os objetivos da Associação da Chapada dos Veadeiros? Qual é ou quais são os produtos veadeiros?
3. Como tem sido o trabalho da Associação da Chapada dos Veadeiros frente à comunidade da vila, as demandas da Vila de São Jorge e o desenvolvimento local?
4. Como se dá e qual é a importância do papel da Associação da Chapada dos Veadeiros para a comunidade da Vila de São Jorge?
5. Quais são as principais ações da Associação da Chapada dos Veadeiros?
6. O que a atividade turística representa para a comunidade da Vila de São Jorge? Como a associação vê essa relação?
7. Há fundos de financiamento para o trabalho da associação? Existe uma aproximação da Associação com o poder público municipal?
8. Como se dá a participação dos associados?
9. Como a Associação tem articulado suas ações com o plano de turismo do município de Alto Paraíso/políticas públicas voltadas para o turismo no município?

Apêndice E

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM GESTORES DE TURISMO (SECRETARIA DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE ALTO PARAÍSO E GOIÁS)

1. Como está a estruturação do destino Alto Paraíso em relação aos aspectos da política de turismo?
2. Como funciona a estrutura administrativa responsável pelo turismo local- Secretaria Municipal de Turismo (com secretário), Secretaria de Cultura (com secretário) e o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da Vila de São Jorge (servidores) e quais são os aspectos de natureza administrativa mais relevantes na Vila de São Jorge?
3. Como se dá e qual é a importância do papel do administrador da Vila de São Jorge, representante do prefeito, junto às pessoas e à localidade?
4. Quais são os equipamentos urbanos da Vila de São Jorge? Qual é a sua capacidade de carga, qual é o número de meios de hospedagem e de leitos? Quais são as principais demandas da Vila de São Jorge?
5. O que a atividade turística representa para a comunidade da Vila de São Jorge?
6. Há fundos de financiamento público efetivo para a Região da Chapada dos Veadeiros? O que está destinado à Vila de São Jorge?
7. O fórum regional e o conselho de turismo estão em pleno exercício?
8. Há plano específico de turismo para o município de Alto Paraíso ou ações que se aproximem de uma política de turismo que venha do poder público municipal?
9. Existem programas e atividades voltadas para o Turismo Sustentável?
10. Existem programas e/ou ações voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo e do comércio local?
11. E quanto às ações de incentivo às artes, à cultura, às práticas esportivas e de proteção aos patrimônios culturais, históricos, artísticos e naturais do Município?
12. O que tem sido feito com relação à capacitação profissional, com objetivo de qualificar a mão de obra local, como forma de geração de emprego e renda?
13. Quantos turistas visitam a Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge?
14. Quais atrativos são mais procurados e visitados pelos turistas? O que os turistas dizem a respeito das experiências vivenciadas nos destinos turísticos da Chapada dos Veadeiros, em especial na Vila de São Jorge?

Apêndice F

Apêndice F - Vila de São Jorge (GO): Perfil dos entrevistados da Vila de São Jorge

Grupo 1: moradores da Vila de São Jorge (GO)	Entrevistado	Faixa etária	Gênero	Naturalidade	Atuação profissional
	1	61 a 70	Masculino	Volta da Serra (GO)	Guia de turismo, ex-garimpeiro e raizeiro
	2	21 a 30	Feminino	Cavalcante (GO)	Atendente de loja
	3	41 a 50	Masculino	Brasília (DF)	Guia de turismo e empresário (área de camping)
	4	31 a 40	Feminino	São Paulo	Jornalista trabalha na área da cultura
	5	31 a 40	Feminino	São Paulo	Bióloga desenvolve bioprodutos fitoterápicos e fitocosméticos e empresária (loja)
	6	51 a 60	Masculino	Vila de São Jorge (GO)	Ex-garimpeiro e trabalhador do comércio local (alimentação)
	7	41 a 50	Masculino	Brasília (DF)	Empresário (área de camping) e membro da Fundação Mais Cerrado
	8	51 a 60	Masculino	Brasília (DF)	Vereador e funcionário público
	9	51 a 60	Masculino	São Paulo	Empresário (pousada e serviço de saúde e bem-estar)
	10	41 a 50	Masculino	Alto Paraíso (GO)	Servidor público (Secretaria de Turismo) e guia de turismo
	11	61 a 70	Masculino	Itapuranga (GO)	Servidor público aposentado, ex-administrador da Vila, empresário (alimentação)
	12	71 a 80	Feminino	Bahia	Ex-garimpeira, costureira e empresária (alimentação)
	13	51 a 60	Feminino	Vila de São Jorge (GO)	Produtora de geleias e biscoitos
	14	61 a 70	Feminino	Minas Gerais	Artista popular, arte-educadora e musicista
	15	41 a 50	Masculino	Bahia	Encarregado de limpeza pública
	16	61 a 70	Feminino	Santa Catarina	Empresária (hospedagem) e membro da Associação dos Empresários de São Jorge ASSEJOR
	17	31 a 40	Feminino	Vila de São Jorge (GO)	Educadora e empresária (alimentação)
	18	61 a 70	Feminino	Bahia	Ex-garimpeira, cozinheira e empresária (área de camping)
	19	21 a 30	Masculino	Alto Paraíso (GO)	Agente cultural
	20	31 a 40	Masculino	Alto Paraíso (GO)	Ex-guia de turismo, representante comercial e empresário (loja)
	21	51 a 60	Masculino	Gama (DF)	Biólogo e educador
	22	61 a 70	Feminino	Brasília (DF)	Empresária (hospedagem) e membro ASSEJOR
	23	41 a 50	Feminino	Vila de São Jorge (GO)	Empresária (alimentação)
	24	51 a 60	Masculino	Goiânia (GO)	Jornalista, escritor e empresário (loja de conveniência e hospedagem)
	25	21 a 30	Feminino	Brasília (DF)	Agente cultural e educadora
	26	21 a 30	Masculino	São Paulo	Produtor cultural, Presidente da Associação de Moradores da Vila de São Jorge-ASJOR

	27	21 a 30	Feminino	Alto Paraíso (GO)	Atendente de loja
	28	31 a 40	Masculino	Brasília (DF)	Guia de turismo e Presidente da Associação de Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros-ACVCV
	29	51 a 60	Feminino	Vila de São Jorge (GO)	Ex-garimpeira, empresária (hospedagem e alimentação) e líder comunitária
	30	71 a 80	Feminino	Campo do Meio/Moinho (GO)	Ex-garimpeira, Empresária (alimentação)
	31	51 a 60	Feminino	Vila de São Jorge (GO)	Filha de ex-garimpeiros, agente cultural e empresária (alimentação)
	32	31 a 40	Feminino	Nova Iguaçu (GO)	Filha de ex-garimpeiro, recepcionista do PNCV e vendedora autônoma
	33	61 a 70	Masculino	Bahia	Ex- garimpeiro, empresário (alimentação), conhecedor e comerciante de pedras
	34	21 a 30	Feminino	Pernambuco	Atendente de restaurante
Grupo 2: não residentes da Vila de São Jorge (GO)	35	51 a 60	Masculino	Goiânia (GO)	Proprietário de atrativo turístico
	36	51 a 60	Masculino	Rio Grande do Sul	Proprietário de atrativo turístico e produtor rural
	37	31 a 40	Feminino	Alto Paraíso (GO)	Proprietária de atrativo turístico
	38	31 a 40	Feminino	Alto Paraíso (GO)	Presidente da Associação Veadeiros e empresária (alimentação)
	39	61 a 70	Masculino	Alto Paraíso (GO)	Secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Alto Paraíso (GO)